

UFMG - UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FALE – Faculdade de Letras
POSLIN - Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos

Cláudia Ribeiro Rodrigues

**ENSINO DA TEMPORALIDADE VERBAL NA PERSPECTIVA DA SEMÂNTICA
DA ENUNCIÇÃO**

**Propostas teórico-metodológicas para o trabalho com Língua Portuguesa nos anos finais
do ensino fundamental**

Belo Horizonte
2022

Cláudia Ribeiro Rodrigues

**ENSINO DA TEMPORALIDADE VERBAL NA PERSPECTIVA DA SEMÂNTICA
DA ENUNCIÇÃO**

**Propostas teórico-metodológicas para o trabalho com Língua Portuguesa nos anos finais
do ensino fundamental**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Estudos Linguísticos.

Área de concentração: Linguística Aplicada

Linha de pesquisa: 3D - Ensino de Português

Orientador: Prof. Dr. Luiz Francisco Dias

Belo Horizonte
2022

R696e

Rodrigues, Cláudia Ribeiro.

Ensino da temporalidade verbal na perspectiva da semântica da enunciação [manuscrito] : propostas teórico-metodológicas para o trabalho com Língua Portuguesa nos anos finais do ensino fundamental / Cláudia Ribeiro Rodrigues. – 2022.

1 recurso online (210 f. : il., tabs., color.) : pdf.

Orientador: Luiz Francisco Dias.

Área de concentração: Linguística Aplicada.

Linha de Pesquisa: Ensino de Português.

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 208-209.

Exigências do sistema: Adobe Acrobat Reader.

1. Língua portuguesa (Ensino fundamental) – Estudo e ensino – Teses. 2. Linguística aplicada – Teses. 3. Enunciação – Teses. 4. Livros didáticos – Avaliação – Teses. 5. Língua portuguesa – Verbos – Teses. I. Dias, Luiz Francisco. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD: 469.07



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

FOLHA DE APROVAÇÃO

ENSINO DA TEMPORALIDADE VERBAL NA PERSPECTIVA DA SEMÂNTICA DA ENUNCIÇÃO
Propostas teórico-metodológicas para o trabalho com Língua Portuguesa nos anos finais do ensino fundamental

CLÁUDIA RIBEIRO RODRIGUES

Tese submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Doutor em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, área de concentração LINGUÍSTICA APLICADA, linha de pesquisa Ensino de Português.

Aprovada em 24 de maio de 2022, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Luiz Francisco Dias - Orientador
UFMG

Prof(a). Silvia Rodrigues Vieira
UFRJ

Prof(a). Elke Beatriz Félix Pena
IFET-Ouro Preto

Prof(a). Aderlande Pereira Ferraz
UFMG

Prof(a). Adriane Teresinha Sartori
UFMG

Belo Horizonte, 24 de maio de 2022.



Documento assinado eletronicamente por **Adriane Teresinha Sartori, Professora do Magistério Superior**, em 25/05/2022, às 17:38, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Aderlande Pereira Ferraz, Professor do Magistério Superior**, em 25/05/2022, às 20:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Luiz Francisco Dias, Membro**, em 26/05/2022, às 07:38, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Silvia Rodrigues Vieira, Usuário Externo**, em 26/05/2022, às 19:19, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Elke Beatriz Felix Pena, Usuário Externo**, em 01/06/2022, às 10:21, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1411155** e o código CRC **F2D2BC85**.

Para os *Franciscos* que, em algum tempo, contribuíram com a produção desta pesquisa:

Meu marido, um presente que é meu futuro.

Meu pai, que juntamente com minha mãe, sempre me incentivaram a estudar.

Meu avô, que me mostrou a importância da Educação para a formação humana.

Meu sogro, que juntamente com minha sogra, são exemplos de sabedoria.

Meu orientador, que assim como seu primeiro nome, foi luz nesta pesquisa.

O Buarque, que é, para mim, fonte de inspiração e símbolo de resistência.

O de Assis, que teve a paz como projeto de vida.

AGRADECIMENTOS

À UFMG, lugar que produz ciência de forma responsável, contribuindo com o desenvolvimento da sociedade.

À Capes, pela bolsa e por fomentar a pesquisa no Brasil.

Ao Poslin, pelo acolhimento e presteza com que sempre fui atendida durante todo o curso.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Luiz Francisco Dias, por todo seu estudo que tanto engrandece a Ciência, em especial, a área da Linguística. Também agradeço por acreditar em meu projeto de pesquisa e pela orientação sempre tão assertiva.

A todos os professores que compuseram todas as bancas pelas quais esta pesquisa passou pelo olhar criterioso sobre o trabalho e pelas contribuições dadas.

Ao Grupo de Estudos Enunciar, que tanto colabora com discussões enriquecedoras para a Semântica da Enunciação.

Aos colegas da UFMG, que tanto contribuem para o desenvolvimento científico do país.

Ao Francisco, meu marido, que com sua serenidade me tranquiliza e torna minha vida mais leve e feliz.

À minha mãe, pelo apoio e pela compreensão das ausências e por ser exemplo de mulher forte que não sucumbe diante das dificuldades que se apresentam.

À minha irmã Érica, sempre tão interessada pelo desenvolvimento da pesquisa e sempre torcendo por mim.

À amiga Flávia Elisa Vargas Chamon, que me incentivou a fazer o Doutorado e me apoiou em todo esse percurso.

Ao amigo Marcelo de Castro, ponto de apoio nesse período, sempre tão disponível e gentil.

Às amigas Carol e Tércia, pela hospedagem sempre tão aconchegante que tornou minha vida acadêmica mais leve e prazerosa.

Aos meus alunos, com quem tanto aprendo e que são a inspiração para a busca de aperfeiçoamento e de estratégias para melhorar a qualidade do processo de ensino e de aprendizagem.

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.”

Paulo Freire

RESUMO

Desenvolvemos uma pesquisa de natureza qualitativa, no âmbito da Linguística Aplicada, com base nos princípios da Semântica da Enunciação, pautando-nos em Bally, Benveniste, Ducrot, Guimarães e Dias cujos estudos fornecem condições de observar como acontece a produção de sentido. Nessa perspectiva, a enunciação é um acontecimento histórico-social afetado pela interdiscursividade que permeia as práticas de linguagem do locutor. Durante esse acontecimento, o sujeito mobiliza as formas linguísticas e atualiza a memória dos dizeres, produzindo e direcionando efeitos de sentido. Nosso objeto de estudo é o ensino da temporalidade verbal. Com foco no tempo futuro do pretérito simples e composto, investigamos como o trabalho de análise do tempo linguístico em sala de aula é recomendado pela Base Nacional Curricular Comum (2018) e analisamos como esse tempo é tratado em gramáticas de língua portuguesa e em três coleções de livros didáticos destinados aos anos finais do ensino fundamental. Observamos uma discrepância entre o que recomenda o documento para o ensino da língua e o modo como esse trabalho é feito nos materiais didáticos. Desse modo, nosso objetivo com esta pesquisa foi proporcionar subsídios teóricos e metodológicos para o ensino da categoria dos verbos na educação básica, apontando um novo olhar para a constituição da temporalidade verbal e, conseqüentemente, contribuir para uma redefinição do trabalho de análise linguística com atividades que levem o aluno a refletir sobre os aspectos enunciativos da linguagem. Para tanto, apresentamos uma proposta de análise das formas verbais do futuro do pretérito, em seu formato simples ou composto, em situações reais de funcionamento da língua, por meio da observação de seus planos temporais. Desse modo, é possível visualizar os vários aspectos enunciativos expressos por essas formas verbais e entender o modo como elas colaboram com produção de sentido do enunciado e, como efeito, na construção do sentido global do texto. Ainda, propomos o ensino de análise linguística da categoria dos verbos em que as redes enunciativas, técnica desenvolvida por Dias (2018) que permite observar as dimensões orgânicas e enunciativas da língua, se configurem como ferramenta de ensino para que o aluno reconheça o tempo linguístico como fator semântico-enunciativo essencial na construção de sentido dos textos. Os resultados apontam que nossa proposta de análise e de ensino projeta elementos capazes de cobrir ou de amenizar o distanciamento entre teoria, diretrizes e práticas de ensino, contribuindo tanto com a parte teórica quanto com a parte metodológica para uma compreensão adequada do tempo verbal e para o desenvolvimento de habilidades de leitura e de escrita.

Palavras-chave: Semântica da Enunciação. Temporalidade verbal. Ensino de Língua Portuguesa. Redes enunciativas.

ABSTRACT

We developed a qualitative research, within the scope of Applied Linguistics, based on the principles of the Semantics of Enunciation, based on Bally, Benveniste, Ducrot, Guimarães and Dias, whose studies provide conditions to observe how the production of meaning takes place. From this perspective, the enunciation is a historical-social event affected by the interdiscursivity that permeates the speaker's language practices. During this event, the subject mobilizes linguistic forms and updates the memory of the sayings, producing and directing meaning effects. Our object of study is the teaching of verbal temporality. Focusing on the future tense of the simple and compound past tense, we investigate how the work of analyzing linguistic tense in the classroom is recommended by the National Common Curriculum Base (2018) and analyze how this tense is treated in Portuguese grammars and in three collections textbooks for the final years of elementary school. We observed a discrepancy between what the document recommends for language teaching and the way this work is done in teaching materials. Thus, our objective with this research was to provide theoretical and methodological subsidies for teaching the category of verbs in basic education, pointing a new look at the constitution of verbal temporality and, consequently, contributing to a redefinition of the work of linguistic analysis with activities that lead the student to reflect on the enunciative aspects of language. Therefore, we present a proposal for the analysis of the verb forms of the future tense, in their simple or compound format, in real situations of language functioning, through the observation of their temporal plans. In this way, it is possible to visualize the various enunciative aspects expressed by these verbal forms and understand the way in which they collaborate with the production of the utterance's meaning and, as an effect, in the construction of the global meaning of the text. Furthermore, we propose the teaching of linguistic analysis of the category of verbs in which the enunciative networks, a technique developed by Dias (2018) that allows observing the organic and enunciative dimensions of the language, are configured as a teaching tool for the student to recognize the linguistic time as an essential semantic-enunciative factor in the construction of meaning in texts. The results show that our analysis and teaching proposal projects elements capable of covering or softening the gap between theory, guidelines and teaching practices, contributing both the theoretical and the methodological parts to an adequate understanding of the verb tense and to the development of reading and writing skills.

Keywords: Semantics of Enunciation. Verbal temporality. Portuguese Language Teaching. Enunciative networks.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIACÕES

BNCC – Base Nacional Curricular Comum
E – Event
GT – Gramática Tradicional
LD – Livro Didático
ME – Momento do Evento
ME – Momento da Enunciação
MF – Momento da Fala
MR – Momento de Referência
NGB – Nomenclatura Gramatical Brasileira
NURC – Norma Urbana Culta
P – Página
PCN – Parâmetro Curricular Nacional
PNLD – Plano Nacional do Livro Didático
MA – Momento do Acontecimento
R – Reference
S – Speech

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Sistemas temporais linguísticos do português proposto por Fiorin	51
Figura 2 – Definição de verbo de acordo com LD1.....	71
Figura 3 – Definição de formas verbais de acordo com LD1.	72
Figura 4 – Atividade sobre tempo verbal – LD1.....	72
Figura 5 – Orientações ao professor e atividades para os alunos sobre tempo e modo verbais – LD 1.....	73
Figura 6 – Atividades sobre tempos e aspectos verbais – LD 1.....	74
Figura 7 – Atividades sobre tempos do futuro – LD1.....	74
Figura 8 – Definição e exemplificação dos tempos do futuro do modo indicativo – LD1.....	76
Figura 9 – Atividade sobre o tempos futuro do pretérito – LD1.....	77
Figura 10 – Definição de particípio – LD 1.....	78
Figura 11 – Formas nominais do verbo – LD 1.....	78
Figuras 12 e 13 – Definição e explicação de verbo da LD2	81
Figura 14 – Apresentação dos modos verbais na LD 2.....	84
Figuras 15 e 16 – Quadros com o paradigma de conjugação de verbos apresentados pela LD2... ..	85
Figura 17 – Definição de Futuro do Pretérito dada pela LD2	88
Figura 18 – Atividade sobre os tempos do futuro da LD2	90
Figura 19 – 2ª Atividade sobre os tempos do futuro da LD2	91
Figura 20 – Conceituação e atividade sobre verbos da LD 3.....	94
Figura 21 – Atividades sobre tempos verbais – LD3.....	95
Figura 22 – Paradigma de conjugação de verbos apresentado na LD3.....	96
Figura 23 – Revisão sobre verbos e tempos verbais da LD3.....	98

Figura 24 – Apresentação dos tempos do modo indicativo LD3	99
Figura 25 – Texto-base 1 para rede enunciativa	106
Figura 26 – Rede enunciativa 1 - Texto-base 1	107
Figura 27 – Rede enunciativa 2 - Texto-base 1	107
Figura 28 – Rede enunciativa 3 - Texto-base 1.....	107
Figura 29 – Texto-base 2 para rede enunciativa	108
Figura 30 – Rede enunciativa 1 - Texto-base 2	109
Figura 31 – Rede enunciativa 2 - Texto-base 2.....	109
Figura 32 – Rede enunciativa 3 - Texto-base 2	110
Figura 33 – Rede enunciativa 4 - Texto-base 2	110
Figura 34 – Enunciado “Como eu achava que estaria aos 27 anos. Como eu estou.”	113
Figura 35 – Enunciado 1 – 1ª rede enunciativa – “Você indicaria o meu trabalho?”	116
Figura 36 – Enunciado 3 – 1ª rede enunciativa: “Você tomaria café nesta casa humilde?”	118
Figura 37 – Enunciado 4 – 1ª rede enunciativa: “Você tomaria a vacina contra o Covid-19?”	118
Figura 38 – Enunciado 1 – 2ª Rede enunciativa – “Hoje eu completaria 1 ano sem beber se eu tivesse parado de beber 1 ano atrás.”	123
Figura 39 – Enunciado 2 – 2ª Rede enunciativa – “Se não tivesse acontecido a pandemia, onde você estaria agora?”	124
Figura 40 – Enunciado 3 – 2ª Rede enunciativa. “Se tivesse colocado uma mãe para cuidar disso, já estava todo mundo vacinado, de banho tomado, agasalhado e pronto para sair.”	125
Figura 41 – Enunciado 1 – 3ª Rede enunciativa – “Se o racismo acabasse HOJE, o que você faria?”	131
Figura 42 – Enunciado 2 – 3ª Rede enunciativa – “Se você ganhasse na loteria amanhã, qual seria a primeira coisa que você faria com o dinheiro?”	131
Figura 43 - Enunciado 3 – 3ª Rede enunciativa – “A humanidade seria muito melhor se as pessoas fossem mais tolerantes com as outras!”.....	131
Figura 44 – Enunciado 4 – 3ª Rede enunciativa – “Se eu tivesse um sorriso desse eu chorava rindo”	132
Figura 45 – Enunciado 5 – 3ª Rede enunciativa – “Se eu quisesse muitos seguidores a qualquer custo, jogava pedra em casa de marimbondo	133
Figura 46 – Enunciado 1 – 4ª Rede enunciativa – “Se tivesse combinado não teria dado certo”	139
Figura 47 – Enunciado 2 – 4ª Rede enunciativa – “O que você teria comprado se tivesse ganhado na Mega-Sena da Virada?”	140
Figura 48 – Enunciado 3 – 4ª Rede enunciativa – “Se tivesse tomado a vacina teria se salvado”	141
Figura 49 – Enunciado 1 – 5ª Rede enunciativa – “Se soubesse o que iria encontrar, não teria assumido o clube.”	146
Figura 50 – Enunciado 3 – 5ª Rede enunciativa “...Spider teria vencido Daniel Cormier se houvesse mais tempo de combate”	147
Figura 51 – Atividade reelaborada da coleção de LD1	155
Figura 52 – Trechos de páginas do LD1.....	156

Figura 53 – Conteúdo do LD1 reelaborado	158
Figura 54 – Atividade do LD1 reelaborada	161
Figura 55 – Texto para atividade sobre temporalidade verbal	162
Figura 56 – Conteúdo do LD1 reelaborado	158
Figura 57 – Texto para análise da temporalidade verbal	162
Figura 58 – Página 126 do LD2	169
Figura 59 – Página 144 do LD2	173
Figura 60 – Página 139 do LD2	177
Figuras 61 e 62 – trechos das páginas 244 e 245 do LD3	182

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Esquema da morfologia aspecto-temporal do modo indicativo	23
Quadro 2 – Formação do tempo futuro do pretérito simples	24
Quadro 3 – Formação do Futuro do Pretérito Composto	25
Quadro 4 – Tipologia do aspecto segundo Castilho	31
Quadro 5 – Estrutura das treze relações temporais, nove formas fundamentais e seis possibilidades usadas na língua inglesa	43
Quadro 6 – Teoria Verbal do português proposta por Corôa (2005)	47
Quadro 7 – Habilidades previstas na BNCC relacionadas à categoria verbal	66
Quadro 8 – Coleções analisadas e número de livros do aluno adotados em 2020	68
Quadro 9 – Plano temporal do enunciado “Como eu achava que estaria aos 27 anos. Como eu estou.”	115
Quadro 10 – 1ª Rede enunciativa: plano temporal do enunciado 1	119
Quadro 11 – 1ª Rede enunciativa: plano temporal do enunciado 2	119
Quadro 12 – 1ª Rede enunciativa: plano temporal do enunciado 3	119
Quadro 13 – 1ª Rede enunciativa: plano temporal do enunciado 4	120
Quadro 14 – 1ª Rede enunciativa: plano temporal do enunciado 5	120
Quadro 15 – 2ª Rede enunciativa: plano temporal do enunciado 1	125
Quadro 16 – 2ª Rede enunciativa: plano temporal do enunciado 2	126
Quadro 17 – 2ª Rede enunciativa: plano temporal do enunciado 3	126
Quadro 18 – 2ª Rede enunciativa: plano temporal do enunciado 4	126
Quadro 19 – 2ª Rede enunciativa: plano temporal do enunciado 5	127
Quadro 20 – 3ª Rede enunciativa: plano temporal do enunciado 1	133
Quadro 21 – 3ª Rede enunciativa: plano temporal do enunciado 2	134
Quadro 22 – 3ª Rede enunciativa: plano temporal do enunciado 3	134
Quadro 23 – 3ª Rede enunciativa: plano temporal do enunciado 4	134
Quadro 24 – 3ª Rede enunciativa: plano temporal do enunciado 5	135
Quadro 25 – 4ª Rede enunciativa: plano temporal do enunciado 1	141
Quadro 26 – 4ª Rede enunciativa: plano temporal do enunciado 2	142
Quadro 27 – 4ª Rede enunciativa: plano temporal do enunciado 3	142

Quadro 28 – 4ª Rede enunciativa: plano temporal do enunciado 4	142
Quadro 29 – 4ª Rede enunciativa: plano temporal do enunciado 5	143
Quadro 30 - 5ª Rede enunciativa: plano temporal do enunciado 1	147
Quadro 31 – 5ª Rede enunciativa: plano temporal do enunciado 2	148
Quadro 32 – 5ª Rede enunciativa: plano temporal do enunciado 3	148
Quadro 33 – 5ª Rede enunciativa: plano temporal do enunciado 4	148
Quadro 34 – 5ª Rede enunciativa: plano temporal do enunciado 5	149
Quadro 35 – Planos temporais expressos pelas formas verbais no futuro do pretérito nos enunciados analisados nas cinco redes	151
Quadro 36 – Plano temporal do enunciado com o futuro do pretérito “mudaria”	157
Quadro 37 – Plano temporal do enunciado com o futuro do pretérito “manteria” e “continuará”	159
Quadro 38 – Plano temporal do enunciado com o futuro do pretérito “mandava/mandaria”..	162
Quadro 39 – Plano temporal do enunciado com o futuro do pretérito “acordava/acordaria”..	163
Quadro 40 – Plano temporal do enunciado com o futuro do pretérito “mandaria”	164
Quadro 41 – Plano temporal do enunciado com o futuro do pretérito “acordaria”	164
Quadro 42 – Plano temporal do enunciado com o futuro do pretérito “teria notado”	167
Quadro 43 – Plano temporal do enunciado com o futuro do pretérito “teria”	171
Quadro 44 – Plano temporal do enunciado com o futuro do pretérito “construiria”	174
Quadro 45 – Plano temporal do enunciado com o futuro do pretérito “contaria”	179
Quadro 46 – Plano temporal do enunciado com o futuro do pretérito “faria”	180
Quadro 47 – Plano temporal do enunciado com o futuro do pretérito “estaria”	180
Quadro 48 – Plano temporal do enunciado com o futuro do pretérito “escolheria”	181
Quadro 49 – Plano temporal do enunciado com o futuro do pretérito “faria tudo de novo” ..	185
Quadro 50 – Plano temporal do enunciado com o futuro do pretérito “seria uma injustiça”..	185
Quadro 51 – Plano temporal do enunciado com o futuro do pretérito “teria morrido na cama”	195
Quadro 52 – Plano temporal do enunciado com o futuro do pretérito “teria morrido”	196
Quadro 53 – Plano temporal do enunciado com o futuro do pretérito “teria acontecido”	196
Quadro 54 – Plano temporal do enunciado com o futuro do pretérito “não encontraria”	198
Quadro 55 – Plano temporal do enunciado com o futuro do pretérito “procuraria”	201
Quadro 56 – Plano temporal do enunciado com o futuro do pretérito “faria com o dinheiro”	202
Quadro 57 – Plano temporal do enunciado com o futuro do pretérito “casaríamos”	202

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1 – A TEMPORALIDADE VERBAL NA PERSPECTIVA GRAMATICAL E NA PERSPECTIVA SEMÂNTICO-ENUNCIATIVA	20
1.1 A Abordagem temporal nas gramáticas de língua portuguesa	20
1.1.2 Tempos suporte: pretérito imperfeito e pretérito mais-que-perfeito do modo subjuntivo	38
1.1.3 Futuro do futuro: um desdobramento do futuro do pretérito	39
1.2 A Interpretação semântica dos tempos verbais	40
1.2.1 A Perspectiva de Reichenbach	40
1.2.2 A Perspectiva de Corôa	45
1.2.3 A Perspectiva de Fiorin	49
1.2.4 A Perspectiva de Abraçado	53
1.3 A Língua na Perspectiva da Semântica da Enunciação	54
CAPÍTULO 2 – O ENSINO DA TEMPORALIDADE VERBAL NO NÍVEL FUNDAMENTAL II	62
2.1 O que diz a BNCC a respeito do ensino da temporalidade verbal	62
2.2 A temporalidade verbal nos livros didáticos destinados ao ensino fundamental... ..	67
2.2.1 Panorama dos livros didáticos	53
2.2.2 LD1: Tecendo Linguagens	70
2.2.3 LD2: Se Liga na Língua: Leitura, Produção de Texto e Linguagem	80
2.2.4 LD 3: Geração Alpha Língua Portuguesa	92
2.3 As coleções analisadas	100
CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA – REDES ENUNCIATIVAS	102
3.1 Atividades epilinguísticas	103
3.2 Redes enunciativas	105
3.2.1 Exemplos de redes enunciativas	106
3.3 As redes enunciativas e a BNCC	111
CAPÍTULO 4 – FUTURO DO PRETÉRITO SIMPLES E COMPOSTO: SITUAÇÕES SOCIAIS DE USO E ANÁLISE DA TEMPORALIDADE SEGUNDO METODOLOGIA DAS REDES ENUNCIATIVAS	112
4.1 Situações sociais de uso do futuro do pretérito	113
4.1.1 1ª Rede - Futuro do pretérito simples em período simples	116
4.1.2 2ª Rede - Futuro do pretérito simples + pretérito mais-que-perfeito do modo subjuntivo	123

4.1.3 3ª Rede - Futuro do pretérito simples + pretérito imperfeito do modo subjuntivo (futuro do futuro)	130
4.1.4 4ª Rede - Futuro do pretérito composto + pretérito mais-que-perfeito do modo subjuntivo	139
4.1.5 5ª Rede - Futuro do pretérito composto + pretérito imperfeito do modo subjuntivo	145
4.2 Síntese da análise das situações de uso social do futuro do pretérito	151

CAPÍTULO 5 – ENSINO DA TEMPORALIDADE VERBAL NA SALA DE AULA .154

5.1 Reelaboração das atividades do LD1: Tecendo Linguagens	155
5.1.1 1ª Atividade do LD1 reelaborada	156
5.1.2 2ª Atividade do LD1 reelaborada	158
5.1.3 3ª Atividade do LD1 reelaborada	161
5.1.4 4ª Atividade do LD1 reelaborada	165
5.2 Reelaboração de atividades do LD 2: Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem	169
5.2.1 1ª Atividade reelaborada do LD2	169
5.2.2 2ª Atividade reelaborada do LD2	173
5.2.3 3ª Atividade reelaborada do LD2	177
5.3 Reelaboração de atividades do LD 3: Geração Alpha Língua Portuguesa	182
5.3.1 1ª Atividade do LD3 reelaborada	182
5.3.2 Atividade para introduzir e conceituar o tempo futuro do pretérito	184
5.3.3 Atividade para comparar os efeitos de sentido gerados pelo uso da forma verbal simples ou composta do futuro do pretérito	186
5.3.4 Atividade para diferenciar os efeitos de sentido gerados pelo uso do futuro do pretérito sozinho de sua associação com tempos do modo subjuntivo	187
5.3.5 Atividade para trabalhar o futuro do futuro	197

CONSIDERAÇÕES FINAIS	204
-----------------------------------	------------

REFERÊNCIAS	208
--------------------------	------------

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa situa-se no âmbito da Linguística Aplicada e fundamenta-se nos princípios da Semântica da Enunciação, ciência da linguagem que busca explicar a construção dos sentidos dos enunciados. Nosso objeto de estudo é o ensino da temporalidade verbal. Pela inconstância que lhe é inerente, interessa-nos o tempo futuro do modo indicativo do português, em específico, o futuro do pretérito simples e composto. Apesar de haver diversos trabalhos em diferentes áreas relativos ao tempo, as questões concernentes a esse tema sob o viés linguístico são muito vastas e complexas. O tempo da linguagem não se prende à ordem cronológica dos calendários, do passado rumo ao futuro. Ele é ancorado em uma situação de enunciação que estabelece correlações temporais com outras situações de comunicação, gerando diferentes efeitos na produção dos sentidos do texto.

No caso do futuro do pretérito, embora seja considerado um dos tempos verbais do modo indicativo da língua portuguesa, em muitos enunciados, a forma verbal que o representa não aloja a noção de tempo ou o faz de forma periférica, destacando-se mais a informação aspectual, modal ou discursiva. Ainda, em determinadas situações sociais de comunicação, não apresenta temporalidade condizente com a nomenclatura que recebe, futuro do pretérito, pois não expressa um futuro em relação a um passado. Em alguns enunciados, a temporalidade expressa por essa forma verbal é de futuro do futuro, conforme mostraremos ao longo desta tese.

Mesmo assim, a tendência geral das gramáticas de língua portuguesa, dos livros didáticos e de outros materiais pedagógicos voltados para o ensino da língua portuguesa é desconsiderar os usos sociais dessas formas verbais e limitar-se à apresentação de normatizações linguísticas com definições gerais, exemplos isolados de situações de uso real da língua, paradigmas de conjugação dos tempos verbais, sempre associando a categoria dos verbos à expressão de tempo. Ainda é comum encontrar nos materiais didáticos proposições de atividades que solicitam identificação e classificação de tempos verbais, o que não colabora para que os alunos percebam como as formas linguísticas se articulam para expressar a temporalidade na língua, tampouco os aspectos enunciativos advindos dessas articulações.

Muitos estudiosos do tema, como Reichenbach (1947) e Corôa (2005), buscaram uma interpretação semântica das formas verbais e apresentaram a visão tridimensional do tempo. Ao considerar os três pontos temporais, a saber, ponto da referência, ponto da fala e ponto do

evento, esses estudos representaram um grande avanço na interpretação temporal das línguas naturais. No entanto, essas teorias demonstram uma visão absolutista do tempo como se este fosse uma mera ordenação dos eventos, pois, na tentativa de concretizar o tempo linguisticamente, foram estabelecidos esquemas e fórmulas lógicas para seu enquadramento, o que não condiz com a fluidez da língua e não dá conta de toda a complexidade que envolve o tempo linguístico.

Assim, a opção por trabalhar com análise linguística da categoria dos verbos em material didático do ensino fundamental II partiu de minha observação, enquanto professora de língua portuguesa na educação básica, de que o modo como esse fato gramatical é apresentado pelo material didático aos alunos não lhes dá condições de desenvolver as habilidades linguísticas e discursivas conforme preconizado pela Base Nacional Curricular Comum, doravante BNCC. Esse é o documento oficial que prescreve as diretrizes para ensino da língua e traz, numa perspectiva enunciativo-discursiva de linguagem, orientações em relação ao trabalho com a análise linguística para que este seja feito a partir do texto com vistas ao desenvolvimento das habilidades linguísticas e discursivas. Dentre as suas diretivas, lê-se:

A meta do trabalho com a Língua Portuguesa, ao longo do Ensino Fundamental, é a de que crianças, adolescentes, jovens e adultos aprendam a ler e desenvolvam a escuta, construindo sentidos coerentes para textos orais e escritos; a escrever e a falar, produzindo textos adequados a situações de interação diversas; a apropriar-se de conhecimentos e recursos linguísticos – textuais, discursivos, expressivos e estéticos – que contribuam para o uso adequado da língua oral e da língua escrita na diversidade das situações comunicativas de que participam.

O **texto** é o centro das práticas de linguagem e, portanto, o centro da BNCC para Língua Portuguesa [...] (BRASIL, 2018, p. 63, destaque do documento).

No entanto, como já afirmado, nos livros didáticos, doravante LD, o principal material didático de apoio do processo de ensino e de aprendizagem, percebemos que o percurso metodológico desenvolvido não conduz satisfatoriamente os alunos a refletirem e a se apropriarem dos recursos linguísticos de modo a desenvolverem habilidades necessárias para o uso proficiente da língua. Acreditamos que essa falta de articulação entre as dimensões orgânicas da língua e as dimensões textuais e discursivas da atividade de linguagem se deve principalmente ao modo como o conteúdo gramatical é apresentado nos LD: descrições normativas e exemplificações. Nos exemplos trazidos por esse material, ora retirados de textos, ora criados pelos autores, não há clareza do papel da aprendizagem da gramática para a compreensão pelo aluno do uso social da língua.

Em sua maioria, os exemplos apresentados pelos LD são o que Dias (2006) chama de “exemplos-ilha”. De acordo com o autor, esses exemplos sofrem um processo de singularização que os separa dos demais “perdendo a capacidade de ganhar generalidade e se tornar demonstração, justamente o papel que dele se espera quando se torna um exemplo na gramática” (DIAS, 2006, p. 46). Com isso, ainda segundo o autor, os exemplos apresentados pelos materiais didáticos constituem um paradoxo, já que são segmentos isolados, inscritos em discursos específicos, presos a condições de enunciação significativas na origem, mas que, no livro didático, adquirem valor geral e são tomados como regra. Essa situação vai de encontro ao que recomenda a BNCC, já que o documento se contrapõe a atividades de natureza teórica e metalinguística tomadas com fim em si mesmas e defende práticas metodológicas que provoquem a reflexão dos alunos sobre os recursos linguísticos de modo que ampliem o domínio deles sobre a língua.

Essa lacuna entre BNCC e LD torna-se ainda mais evidente quando se trata do ensino da categoria verbal. Em grande parte dos livros didáticos, o tratamento dado ao verbo limita-se à exposição de modelos de conjugação, com todas as formas temporais e modais, sem que se explique, por exemplo, por que alguns verbos permitem certas construções e outros não. Os exemplos apresentados restringem a “ilustrar” o verbo conjugado. Não são discutidas questões como: as marcas que o sujeito deixa de si mesmo ao utilizar as formas verbais para expressar-se, o que ele pretende dizer ao seu interlocutor e como quer que este interprete o que foi dito a partir da seleção lexical feita. Enfim, não há um trabalho de acordo com o que prescrevem os documentos oficiais em que as práticas de leitura e de escrita oportunizem ao aluno a reflexão sobre a língua, sobre as linguagens, sobre os efeitos de sentido que as formas linguísticas usadas podem suscitar.

Diante dessa problemática, a pergunta que nossa pesquisa buscou responder foi: como discutir o tempo verbal nos anos finais do ensino fundamental de modo que os aspectos enunciativos das formas verbais sejam compreendidos como participantes da construção de sentidos do texto? Assim, nosso trabalho justifica-se pela necessidade de se empreender mais estudos sobre o tempo denominado futuro do pretérito e seus usos na língua a fim de compreender melhor a temporalidade verbal para que a categoria dos verbos possa ser discutida em sala de aula de forma que contribua para uma efetiva reflexão sobre os fatos linguísticos. É preciso estudar as expressões de linguagem em situações reais de uso da língua, observando a construção de

sentidos obtidos por meio dos diversos eventos de interação social que acontecem por meio das várias semioses.

Sentimos a necessidade de uma abordagem gramatical “capaz de explicar o funcionamento da língua, trabalhando a relação entre a configuração orgânica e suas projeções de acionamento enunciativo” (DIAS, 2005, p. 121). Acreditamos que é possível desenvolver um processo de ensino da categoria verbal que esteja vinculado às práticas de linguagem e que permita ao aluno compreender as formas verbais enquanto indicadores de marcas do sujeito no discurso e do direcionamento que ele pretende dar ao leitor.

Em virtude do exposto, nosso estudo tem como objetivo geral fornecer subsídios teóricos e práticos para o ensino da categoria dos verbos na educação básica, em especial nos anos finais do ensino fundamental, apontando um novo olhar para a constituição da temporalidade verbal. Como objetivos específicos, pretendemos contribuir para uma redefinição do trabalho de análise linguística com atividades que levem o aluno a refletir sobre os aspectos enunciativos da linguagem; colaborar com o processo de ensino e de aprendizagem de nossa língua por meio da semântica, auxiliando a formação de professores, as suas práticas em sala de aula; evidenciar a diferença entre o trabalho voltado para o exercício metalinguístico do trabalho direcionado para o epilinguismo, avaliando os impactos no ensino e na aprendizagem de conhecimentos linguísticos.

Para o alcance de tais objetivos, em específico sobre nosso objeto de estudo, propomos que o estudo das formas verbais do futuro do pretérito seja feito por meio da análise dos planos temporais dos enunciados que elas integram. Assim, ao invés de apresentar logo uma definição e exemplificação vagas, como fazem os LD, propomos que, primeiramente sejam construídas redes enunciativas expondo o plano temporal de enunciados. Nossa primeira hipótese é a de que, por meio dessa metodologia, é possível contemplar os diversos valores expressos pelas formas verbais no futuro do pretérito: possibilidade, hipótese, polidez, tempo. É possível ainda mostrar que, quando essas formas verbais indicam tempo, este nem sempre é sequencial conforme dizem as gramáticas tradicionais, doravante GT, e as teorias que apresentam uma visão absolutista do tempo. A análise linguística das formas verbais do futuro do pretérito nessa perspectiva contribui para compreender como elas colaboram na construção do sentido do texto.

A análise linguística por meio das redes enunciativas será mostrada detalhadamente no quarto capítulo, mas sucintamente, nessa metodologia, uma média de cinco enunciados que usam o futuro do pretérito do modo indicativo devem ser agrupados para que se possa estabelecer uma comparação entre eles. Em seguida, são construídos quadros em que os três planos que compõem os enunciados se tornam visíveis para o aluno. No primeiro plano, é possível visualizar a perspectiva de base que evidencia o evento anterior (pretérito) que sustenta o uso da forma verbal no futuro do pretérito. No segundo plano, apresenta-se a perspectiva central do enunciado em que se aloja o uso da forma verbal no futuro do pretérito. No terceiro plano, expõe-se pertinência enunciativa, o plano em que o enunciado produz relações com a memória de outros dizeres e torna compreensível, coerente, aceitável socialmente.

Como mostraremos, a relação de temporalidade entre esses planos pode se dar de diferentes formas, dependendo do enunciado que integram e isso acarreta mudanças nos efeitos de sentido gerados pelas formas verbais no futuro do pretérito. Por isso, reforçamos que não se pode trabalhar com análise linguística em sala de aula, a partir de definições gerais e exemplos isolados de seu uso real, pois a língua deve ser observada e estudada em funcionamento. Logo, outra hipótese que norteia nossa pesquisa é a de que a metodologia que estamos propondo é capaz de cobrir ou pelo menos amenizar essa lacuna existente entre o trabalho com o ensino da língua apresentado pelos LD e o seu uso social no que se refere ao ensino da temporalidade verbal.

Nesse sentido, os pressupostos teórico-metodológicos da Semântica da Enunciação podem direcionar e subsidiar as práticas docentes de modo que atendam as recomendações dadas pela BNCC. Teoricamente, contribuem na medida em que ajudam a compreender o acontecimento da produção de sentidos em situações reais de uso da língua, observando a parte visível e explicitando a parte não visível dos enunciados. Assim, oferecem embasamento para que as formas verbais designadas como futuro do pretérito possam ser estudadas no acontecimento da produção de sentido.

Metodologicamente, as redes enunciativas, técnica desenvolvida por Dias (2018) para demonstração das relações de sentido de um enunciado, em que os planos temporais do enunciado são evidenciados, permitem que o professor possa trabalhar a análise da língua de forma que o aluno entenda como as articulações entre as formas linguísticas contribuem para a construção do sentido global do texto. Logo, a proposição de uma rede enunciativa

evidenciando os planos temporais dos enunciados e os aspectos enunciativos das formas verbais colabora para que o texto seja compreendido em sua totalidade deixando de ser usado apenas como pretexto para estudos metalinguísticos.

Para essa investigação, analisamos como a categoria verbal é tratada nas gramáticas de língua portuguesa e em três coleções de livros didáticos do componente curricular Língua Portuguesa, destinadas ao ensino fundamental II, que normalmente são elaboradas com base em parâmetros gramaticais. Esse material didático foi aprovado no PNLD¹ de 2018, passou a ser adotado em 2020 e será válido até 2023. Analisamos se o tempo verbal em foco é abordado e, em caso afirmativo, avaliamos se essa abordagem leva os alunos a refletirem e a perceberem os aspectos enunciativos da língua. A partir dessas análises e dos estudos já desenvolvidos nessa área, pretendemos contribuir com o ensino da língua, apontando metodologias que podem levar os alunos à compreensão das dimensões enunciativas da linguagem.

Além disso, investigamos a constituição da temporalidade em enunciados do ambiente digital em que aparecem as formas verbais denominadas futuro do pretérito com o objetivo de confrontar os usos sociais dessa forma verbal com as definições dadas pelos materiais didáticos e verificar se estas contemplam os usos do futuro do pretérito em situações reais de comunicação. Esses enunciados foram coletados em portais de notícias e em diversas redes sociais do ambiente virtual como *Facebook*, *Whatsapp*, *Instagram*, *Twitter*, que estão entre as mais populares no Brasil² e no mundo. Portanto, são enunciados que alcançam grande circulação social.

A fim de cumprir os objetivos propostos, nosso estudo está organizado em cinco capítulos. No primeiro, fizemos uma revisão de literatura, observando como a temporalidade verbal é tratada nas GT, já que estas servem de apoio para a maioria dos materiais didáticos. Em seguida,

¹ PNLD, Programa Nacional do Livro Didático, é um programa do governo federal cujo objetivo é distribuir livros didáticos e outras obras aos alunos da educação básica de escolas públicas. A cada três anos, é lançado um edital, as editoras inscrevem suas obras e estas passam pela avaliação do MEC, Ministério da Educação. Após a análise das obras, é lançado o Guia do Livro Didático com resenhas sobre os livros aprovados e este é disponibilizado para as escolas de todo o país para que façam a escolha dos livros didáticos a serem usados no triênio seguinte.

² De acordo o Ministério das Comunicações, pesquisa feita pelo IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, mostra que 82,7% dos domicílios brasileiros têm acesso à internet.

apresentamos as teorias do tempo que tratam do tema em uma perspectiva semântico-enunciativa. Ainda nesse capítulo, apresentamos os fundamentos teóricos que subsidiam a Semântica da Enunciação, perspectiva a que nosso estudo se filia.

No segundo capítulo, investigamos o que prescreve a diretriz de ensino, a BNCC, para o eixo de análise linguística, em especial a temporalidade verbal, nos anos finais do ensino fundamental, e avaliamos o modo como os livros didáticos de três coleções destinadas a esse nível da educação básica trabalham o fato gramatical em análise.

Destinamos o terceiro capítulo à apresentação da ferramenta rede enunciativa, que estamos propondo como método de ensino na perspectiva semântico-enunciativa.

No quarto capítulo, centramo-nos na análise dos planos temporais de enunciados coletados em ambiente digital e também criados por nós por meio de redes enunciativas. Observamos e analisamos a temporalidade verbal expressa pelas formas verbais simples e compostas denominadas futuro do pretérito em usos sociais da língua por meio da constituição de redes enunciativas.

No quinto capítulo, propomos atividades para o trabalho em sala de aula com base nos princípios da Semântica da Enunciação a partir da reestruturação de atividades trazidas pelos livros didáticos analisados no segundo capítulo.

Em síntese, o desenvolvimento desta pesquisa cumpriu as seguintes etapas: a) revisão da literatura a respeito do objeto de estudo; b) apresentação dos pressupostos teóricos que embasam a perspectiva da semântica enunciativa; c) análise de livros didáticos de língua portuguesa dos anos finais do ensino fundamental a fim de verificar como a temporalidade verbal é trabalhada nesse nível da educação básica; d) análise dos aspetos enunciativos expressos pela forma verbal classificada como futuro do pretérito em enunciados que circulam socialmente; e) proposição de estratégias de ensino que considerem a perspectiva enunciativa da língua para que os alunos compreendam o uso dos tempos verbais como parte constituinte da produção de sentido.

Em seguida, nossa tese apresenta as considerações finais sobre o estudo realizado bem como sobre os resultados obtidos.

CAPÍTULO 1

A TEMPORALIDADE VERBAL NA PERSPECTIVA GRAMATICAL E NA PERSPECTIVA SEMÂNTICO-ENUNCIATIVA

Na primeira seção deste capítulo, apresentaremos uma revisão crítica da literatura existente acerca do tema abordado, a temporalidade verbal, com foco nos tempos verbais alvos deste estudo: *o futuro do pretérito simples e composto*, nomenclatura usada nas gramáticas, mas que, no nosso estudo, em alguns enunciados, será tratado como *futuro do futuro* por motivos que explicitaremos no decorrer do capítulo.

Primeiramente, analisaremos como a temporalidade verbal é tratada em algumas das gramáticas de língua portuguesa. As obras de Bechara (2019), Castilho (2001, 2010), Cunha e Cintra (2016), Mateus *et al.* (2003), Neves (2018) e Perini (2005, 2016) serão analisadas nessa parte. Também, nesta seção, faremos a exposição de tempos verbais do modo subjuntivo que integram enunciados formados com as formas verbais do futuro do pretérito e, ainda, vamos explicitar o tempo verbal que estamos nomeando futuro do futuro, sendo este um desdobramento do futuro do pretérito.

Em seguida, traremos a perspectiva de teóricos que tratam do tema em uma perspectiva semântico-enunciativa, a saber, Reichenbach (1947), Corôa (2005), Fiorin (2016) e Abraçado (2020).

Na terceira seção, apresentaremos os fundamentos da Semântica da Enunciação, perspectiva a qual este estudo se filia, com base nas obras de Bally (1965), Benveniste (2006), Ducrot (1987), Ducrot e Carel (2010), Dias (2002, 2006, 2018, 2021) e Guimarães (2002, 2017).

1.1 A ABORDAGEM DA CATEGORIA VERBAL NAS GRAMÁTICAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

A maioria das GT atribuem principalmente à categoria verbal a tarefa de indicar o tempo da situação de comunicação. As gramáticas de cunho normativo³ restringem-se a definições e classificações dessa categoria em modo, tempo, número e pessoa, estabelecendo paradigmas de conjugação seguidos de exemplos-ilha (DIAS, 2006), aqueles criados apenas para ilustrar as definições feitas ou retirados de textos isolados de suas condições enunciativas de origem. Por isso, não conseguem contemplar os acontecimentos enunciativos da língua, limitando-se a estabelecer parâmetros pouco precisos dos usos dos verbos. Aquelas que se dedicam a descrever o funcionamento linguístico procuram abordar o verbo em vários aspectos e no uso. Apresentam conceitos reformulados e procuram analisá-los, buscando respostas para questões referentes a tipos de construção possíveis e a função desses elementos, o modo e as condições de usos, com o objetivo de identificar todas as formas de expressão existentes.

Não é objetivo do nosso trabalho expor as especificidades dos tipos de gramática. Por isso, vamos nos deter em mostrar se os tempos verbais futuro do pretérito simples e composto do modo indicativo são tratados em algumas das gramáticas de língua portuguesa e, se tratados, como essa abordagem é feita. Adiantamos que, em nenhuma das gramáticas analisadas, há referências sobre o futuro do futuro que estamos tratando aqui. Em todas elas, os tempos do futuro são tratados com a nomenclatura tradicional. No caso do nosso objeto de estudo, ele é tratado como futuro do pretérito simples e futuro do pretérito composto.

Conforme as GT, conjugar um verbo é flexioná-lo sistematicamente em todas as formas em que pode ser empregado. Estas correspondem à flexão do verbo, que apresenta variações de número, de pessoa, de modo, de tempo, de aspecto e de voz. Na maioria das gramáticas, a temporalidade é colocada como uma questão intrínseca ao verbo. Na gramática de Cunha e Cintra (2016, p. 393), essa categoria é definida como a “palavra de forma variável que exprime o que se passa, isto é, um acontecimento representado no tempo”. Consideramos que esta é uma definição vaga, já que não explicita adequadamente o que de fato o verbo exprime: “o que se passa”. Trata-se de uma concepção de verbo muito ancorada no movimento, na ação e, como se sabe, nem toda forma verbal expressa algo “que se passa” ou um evento. Em sentenças como: “*O homem é mortal.*” e “*Fique em casa.*”, essa definição não se aplica, pois não há um acontecimento

³ Não é nossa intenção estabelecer uma distinção pormenorizada entre as gramáticas chamadas normativas e as chamadas descritivas, apenas contrastá-las com outras escritas com base em pesquisas linguísticas atuais. Sucintamente, as gramáticas de cunho normativo são os compêndios de caráter prescritivo, que seguem a tradição gramatical, buscando a padronização da língua por meio da apresentação de exemplos considerados como o ideal a ser seguido. Já as gramáticas descritivas envolvem aquelas que analisam o conjunto das regras da língua, considerando suas variações, sem julgar o que é certo ou errado no sistema linguístico.

representado no tempo. Em relação às variações a que se referem, os autores esclarecem que se trata das flexões de número, pessoa, modo, tempo, aspecto e voz que o verbo apresenta. Para o recorte dado ao nosso estudo, interessa-nos mais especificamente três dessas variações: o modo, o tempo e o aspecto verbal.

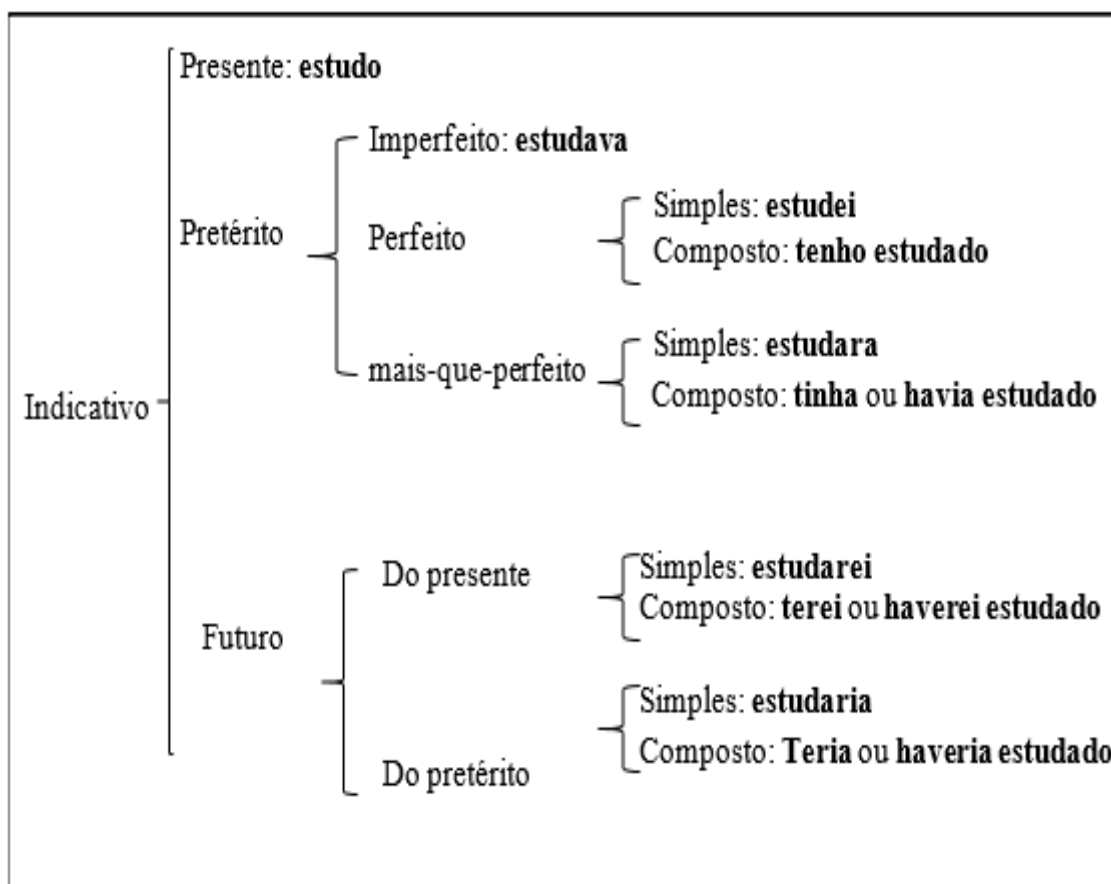
São três os modos verbais estabelecidos pelas gramáticas: indicativo, subjuntivo e imperativo, de acordo com a atitude (de certeza, de dúvida, de hipótese, de ordem, de pedido) do locutor em relação ao enunciado. O modo indicativo, do qual fazem parte os tempos em estudo, “exprime, em geral, uma ação ou um estado considerados na sua realidade ou na sua certeza, quer em referência ao presente, quer ao passado ou ao futuro. É fundamentalmente o modo da oração principal” (CUNHA; CINTRA, 2016, p. 462). Para os autores, o modo subjuntivo expressa uma atitude completamente diversa do indicativo, pois o fato enunciado é expresso como incerto, duvidoso, eventual. Já o modo imperativo, explicam os gramáticos que esse emprego acontece quando “temos o intuito de exortar o nosso interlocutor a cumprir uma ação indicada pelo verbo” (CUNHA; CINTRA, 2016, p. 491). Essas concepções ratificam a visão da categoria verbal sustentada pela ideia de ação que nem sempre se aplica, conforme mostrado nos exemplos do parágrafo anterior.

Sobre o tempo, os autores explicam que, no idioma português, há três tempos chamados naturais – o passado, o presente e o futuro – que designam, respectivamente, fatos ocorridos antes, durante após o momento em que se fala. O presente, segundo eles, é indivisível, mas o pretérito e o futuro apresentam modalidades diversas e seus tempos podem se apresentar na forma simples, quando representados por uma só palavra ou na forma composta quando expressos por duas ou mais palavras, sendo um verbo auxiliar e um verbo principal.

Os autores usam a Nomenclatura Gramatical Brasileira⁴, doravante NGB, e apresentam a classificação tradicional dos tempos verbais em português, que, na verdade, é um esquema da morfologia aspecto-temporal, já que são mencionadas as questões de perfectividade e imperfectividade dos tempos. Como em nosso estudo focamos tempos do modo indicativo, vamos reproduzir apenas o esquema referente a esse modo.

⁴ A Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), oficializada pelo Governo brasileiro em 1959, buscou uniformizar as denominações usadas pelas gramáticas e livros didáticos publicados no Brasil. Antes da Nomenclatura, um mesmo fato gramatical costumava ser denominado com termos diferentes, segundo a preferência dos autores.

Quadro 1 – Esquema da morfologia aspecto-temporal do modo indicativo.



Fonte: Gramática de Cunha e Cintra, 2016, p. 395.

No nosso estudo, conforme já mencionado, restringiremos ao estudo do tempo futuro do pretérito simples e composto. Os tempos compostos, conforme os autores, são “aqueles que são constituídos de formas do verbo *ter* (ou, mais raramente, *haver*) com o particípio do verbo que se quer conjugar” (CUNHA; CINTRA, 2016, p. 416). Assim, é preciso tratar também da perífrase verbal (locução verbal) que inclui as construções em que se usa um verbo auxiliar com um verbo principal na forma nominal. No futuro do pretérito composto, teremos os auxiliares *ter* ou *haver* juntamente com o particípio do verbo principal. De acordo com os autores, os auxiliares *ter* e *haver* são empregados juntamente com o particípio do verbo principal para formar os tempos compostos da voz ativa, denotando um fato acabado, repetido ou contínuo. Nessas locuções, conjuga-se apenas o auxiliar, pois o verbo principal fica na forma nominal. Tais construções são amplamente utilizadas como recurso expressivo da língua.

Em relação ao aspecto, Cunha e Cintra (2016, p. 396) declaram que ele “designa uma categoria gramatical que manifesta o ponto de vista do qual o locutor considera a ação expressa pelo

verbo”. O fato enunciado pode ser considerado como concluído, uma ação já terminada, que é expressa pelas formas verbais classificadas como perfeitas ou mais-que-perfeitas; ou como não concluído, ainda em processo até o momento da fala, que é expressa pelas formas imperfeitas. Os autores ressaltam que, ao conceito de aspecto, podem ser incluídos valores semânticos pertinentes ao verbo e à situação de comunicação e que, “de modo geral, pode-se dizer que as perífrases construídas com o particípio exprimem o aspecto acabado, concluído” (CUNHA; CINTRA, 2016, p. 397).

Sobre a formação, os autores indicam que o futuro do pretérito simples se forma a partir do infinitivo impessoal com o acréscimo de desinências verbais e apresentam um quadro com o modelo de conjugação de verbos pertencentes a conjugações diferentes.

Quadro 2 – Formação do tempo futuro do pretérito simples.

	1ª conjugação	2ª conjugação	3ª conjugação
Infinitivo impessoal	Cantar	Vender	Partir
Futuro do pretérito	cantar-ia cantar-ias cantar-ia cantar-íamos cantar-íeis cantar-iam	vender-ia vender-ias vender-ia vender-íamos vender-íeis vender-iam	partir-ia partir-ias partir-ia partir-íamos partir-íeis partir-iam

Fonte: Gramática de Cunha e Cintra, 2016, p. 407.

O futuro do pretérito composto é definido como o tempo “formado do futuro do pretérito simples do verbo *ter* (ou *haver*) com o particípio do verbo principal” (CUNHA; CINTRA, 2016, p. 417), e é empregado para designar ações posteriores à época de que se fala. Ainda de acordo com os gramáticos, esse tempo serve para indicar que um fato teria acontecido no passado, mediante certa condição: *Teria avisado sobre o curso, se soubesse que tinha interesse em fazê-lo*; para exprimir a possibilidade de um fato passado: *Ele teria me avisado*; e para indicar a incerteza sobre fatos passados, em certas frases interrogativas retóricas: *Teria ele matado a vítima?* Em seguida, os autores apresentam um quadro com o paradigma de conjugação desse tempo gramatical:

Quadro 3 – Formação do Futuro do Pretérito Composto.

Teria cantado	Teria vendido	Teria partido
Terias cantado	Terias vendido	Terias partido
Teria cantado	Teria vendido	Teria partido
Teríamos cantado	Teríamos vendido	Teríamos partido
Teríeis cantado	Teríeis vendido	Teríeis partido
Teriam cantado	Teriam vendido	Teriam partido

Fonte: Gramática de Cunha e Cintra, 2016, p. 417.

Já em relação ao participípio, os autores ressaltam que essa forma nominal do verbo se caracteriza por não exprimir por si nem o tempo nem o modo. O seu valor temporal e modal está sempre em dependência do evento de fala em que aparece. O participípio apresenta o resultado do processo verbal e desempenha papel importante no sistema do verbo como permitir a formação dos tempos compostos que exprimem o aspecto conclusivo, acabado.

Portanto, na gramática de Cunha e Cintra (2016), percebemos uma perspectiva descritiva voltada para o uso da norma padrão escrita da língua portuguesa, que limita seu estudo estabelecendo parâmetros pouco precisos de uso dos verbos, enfatizando os paradigmas morfológicos e, muitas das vezes, desconsiderando a semântica verbal. Nas perspectivas seguintes, veremos que há uma maior valorização dos usos da língua com o objetivo de descrever as suas manifestações.

Nos estudos de Perini (2005), por exemplo, observam-se mais elementos teóricos que a perspectiva anterior sem a preocupação de estabelecer normas de uso padrão dos verbos. Há uma maior discussão sobre os fatos da língua, o que envolve o conceito de tempo e os eventos de uso dos tempos verbais. São estabelecidas noções básicas da categoria verbal que é definida com base nos traços morfológicos da palavra: “Verbo é a palavra que pertence a um lexema⁵ cujos membros se opõem quanto a número, pessoa e tempo” (PERINI, 2005, p. 320). O autor ainda distingue tempo verbal, categoria morfológica formal, do tempo semântico, categoria de significado, em que trata do aspecto dos tempos verbais. O tempo semântico não se confunde com o tempo cronológico, registrado pelos relógios e calendários, mas estabelece uma relação

⁵ Lexema, de acordo com o autor, é o conjunto de palavras que se distinguem através de flexão; assim, *corro*, *correr*, *corríamos* fazem parte de um lexema; *casa*, *casas* fazem parte de outro. Mas *casa* e *casebre* não fazem parte do mesmo lexema, porque se distinguem por derivação, e não por flexão (PERINI, 2005, p. 320).

com ele tal como entendido extralinguisticamente: ou o tempo real ou o tempo convencionado em uma narração. Portanto, trata-se de uma categoria dêitica, já que a referência do tempo de um enunciado depende da situação em que ele ocorre.

De acordo com Perini (2016), há três tempos semânticos básicos: presente, passado e futuro a partir dos quais os eventos se relacionam. O autor ainda alerta que

Sobre esse esquema simples a língua constrói um sistema muito mais rico, incluindo a relação temporal entre dois eventos igualmente do passado (um antes do outro); a representação de um evento passado como tendo ocorrido apenas uma vez ou repetidamente, ou durante um período extenso de tempo; a visão de um evento presente como habitual ou como momentâneo (simultâneo com o momento da fala) e assim, por diante. Tecnicamente, nem todas as relações são de “tempo” (algumas são de aspecto”), mas aqui vão ser tratadas com o tempo, já que o aspecto e o tempo não têm representação formal distinta em português (PERINI, 2016, p. 317-318).

Portanto, em Perini (2016) há consideração da referência não-temporal em sentenças como: *A Terra é redonda*, pois, esse caso, não se trata semanticamente nem de presente, nem de passado, nem de futuro, mas de uma verdade comprovada e válida para qualquer tempo. O autor chama atenção ainda para o fato de que, além de seu caráter dêitico (referência, mais ou menos direta, ao tempo cronológico), o tempo de um verbo em português pode ser definido em relação ao tempo de outro verbo da mesma oração, ou de outra oração do discurso, como em: “*Francisco teria aceitado o convite se você lhe pedisse para vir.*” em que a referência de “teria aceitado” se define em relação ao evento “pedir”. Os dois eventos, “aceitar” e “pedir”, aconteceram no passado, mas o ato de aceitar ocorreu após o ato de pedir.

Segundo esse autor, “a categoria semântica de tempo é altamente codificada em português” (PERINI, 2005, p. 255). Isso porque a língua possui formas próprias para exprimir essa categoria, a saber, os tempos verbais, assim como certas construções perifrásticas. Até mesmo quando o tempo semântico é marcado por outros elementos léxicos, como os advérbios de tempo, é exigida do verbo a marcação do tempo. Com isso, em sentenças como: *Ontem ele já havia solicitado o resgate, quando o vizinho lhe socorreu*, ainda que se tenha o advérbio *ontem* denotando semanticamente o tempo passado, os verbos encontram-se também no passado, marcando o tempo. No entanto, contrariando essa asserção do autor, é muito comum na linguagem cotidiana sentenças do tipo “*Amanhã eu vou aí.*”, em que o verbo não marca semanticamente o tempo futuro expresso pelo advérbio “amanhã”. Ele se restringe a indicar a atividade que será executada e não exprime a noção temporal condizente semanticamente.

Sobre as formas simples e perifrásticas do verbo, Perini (2016) acredita que, do ponto de vista sintático e semântico, elas não se distinguem e, portanto, são equivalentes. Por isso, o paradigma de conjugação de um verbo deve incluir as formas simples e compostas, pois, formas como “falaria” e “teria falado” desempenham papéis semânticos análogos. Contudo, de acordo com nossa investigação, a forma simples e composta do futuro do pretérito, quando associadas a outra oração no imperfeito ou mais-que-perfeito do modo subjuntivo, não têm o mesmo sentido. Apesar de manter a mesma função sintática, a noção temporal e aspectual são diferentes. Aqui está o problema de muitos manuais didáticos que, para exemplificar os usos da língua, usam frases isoladas em que essa diferença não é evidenciada e o estudo dos tempos verbais fica restrito à decoração de paradigmas de conjugação.

Em relação ao aspecto, Perini (2016) ressalta que, apesar de ele não ter representação formal, ele se diferencia do tempo e consiste nas diferentes maneiras de perceber a constituição interna de uma situação de comunicação. Há sentenças cujo verbo apresenta um aspecto perfectivo e outras em que apresenta aspecto imperfectivo. Para se ter um exemplo da perspectiva aspectual desse autor, em uma sentença como *Francisco estava lendo quando eu entrei*, o evento *entrar* não é passível de divisão, só se realiza de uma vez, é pontual. Portanto, o aspecto é perfectivo. Já o evento *estava lendo* denota uma ação em processo. Logo, apresenta aspecto imperfectivo. A interpretação semântica inclui a ideia de que eu *entrei* durante o desenvolvimento da ação de *ler*, praticada por Francisco. Em síntese, o autor define o aspecto perfectivo como “a expressão de um fato globalmente considerado, sem análise de suas fases, nem ênfase sobre uma ou outra dessas fases; já o imperfectivo inclui consideração das diversas fases, e por isso compreende várias modalidades” (PERINI, 2005, p. 256).

Especificamente no que concerne aos tempos tratados em nosso estudo, no que diz respeito ao futuro do pretérito, que o autor denomina “condicional”, ele define: “O condicional é usado para expressar um evento que poderia ocorrer sob certas condições (expressas ou subentendidas). O condicional nesses casos em geral se interpreta como contendo uma afirmação não factual” (PERINI, 2016, p. 323). O autor menciona ainda que esse tempo é usado para expressar um evento futuro em relação a um evento passado e, com verbos que expressam desejo, confere um tom de polidez ao discurso: “Eu gostaria de entender melhor a situação”. Acrescenta ainda que esse tempo aparece com certa frequência no português brasileiro mas que, principalmente na linguagem coloquial, o futuro do pretérito tem sido substituído pelo pretérito imperfeito do modo indicativo: “Ela disse que entregava ainda hoje”.

Em Perini (2005, 2016), notamos uma sinalização para o tratamento dos aspectos enunciativos da linguagem, o que configura uma inovação em relação às GT. No entanto, isso se resume a comentários esparsos, não generalizando uma abordagem enunciativa mais ampla. Outro estudioso que defende um ensino de língua baseado na linguagem usada diariamente pelos falantes nas variadas situações comunicativas é Bechara (2019), para quem a língua se faz continuamente.

Ao se dedicar ao estudo do tempo e aspecto verbais, esse autor afirma que eles costumam estar relacionados no português, seja nas formas simples ou nas perifrásticas e também estabelece diferenças entre essas categorias. Na visão do autor, o verbo e o tempo estão fortemente associados, já que o tempo verbal assinala a posição temporal do acontecimento no percurso do tempo cronológico, isto é, se o evento ocorreu antes, durante ou depois do momento da enunciação. O aspecto, por sua vez, diz respeito à maneira de considerar a ação no tempo: acabada, inacabada, em curso, pontual, durativa, podendo assim ser perfeito, quando conclusivo e imperfeito, quando não conclusivo.

As categorias de “tempo” e “aspecto” costumam andar geralmente ligadas no português e nas demais línguas românicas, quer se trate de formas simples, quer também de formas perifrásticas, também chamadas locuções verbais. A pura definição temporal e o *tempo* aludem à posição da ação verbal no percurso; a determinação aspectual alude à maneira de considerar a ação verbal no tempo (BECHARA, 2019, p. 235).

Com base em Coseriu, linguista romeno, Bechara (2019) estabelece subcategorias de tempo e de aspecto. Para o nosso estudo, faz-se necessário compreendê-las. São elas: (i) Nível de tempo ou simplesmente nível – há uma estrutura temporal dupla no verbo românico, um plano que coincide com a linha do tempo mediante o nível atual (presente) e outra paralela onde se situam as ações que não dizem respeito com essa linha do tempo, seria o nível não atual (imperfeito), porém, nem sempre é atual, com relação ao presente é interpretado como pertencente ao passado, como nas expressões de polidez; (ii) a perspectiva primária que consiste na posição do falante em relação à ação verbal, que pode entendê-la como anterior, concomitante ou posterior ao momento da fala; (iii) a perspectiva secundária refere-se ao fato de que cada espaço temporal da perspectiva primária pode ser disposto outra vez seguindo o mesmo princípio. Assim, o futuro do pretérito composto é uma nova disposição no espaço temporal de um fato visto como posterior em relação a um ponto de referência (faria = teria feito). Portanto, esse autor, como Perini (2016), considera os tempos futuro do pretérito simples e composto como

equivalentes semanticamente; (iv) Duração – A ação pode ser durativa, momentânea ou intermitente; (v) Repetição – é em português uma categoria sem forma de expressão própria. Só a repetição única dispõe de perífrases, como “volto a dizer”, ou procedimentos de formação de palavras, como “redizer”; (vi) Conclusão – uma ação pode ser considerada conclusa, inconclusa ou sem traço de conclusão. A conclusão pode ser subjetiva ou objetiva, na dependência de ter o sujeito levado a ação a um final objetivo ou não. O Gramático chama terminativa a conclusão subjetiva, e completiva, a objetiva; (vii) Resultado – uma ação pode ser assinalada como resultativa ou não-resultativa. O resultado pode ser subjetivo ou objetivo; (viii) – Visão – é a categoria segundo a qual o falante pode considerar a ação verbal em seu todo ou parcialmente; (ix) – Fase – É a relação entre o momento da observação e o grau de desenvolvimento da ação verbal observada.

No que envolve as locuções verbais, Bechara (2019) ressalta que o auxiliar pode emprestar um matiz semântico ao principal, originando o aspecto verbal. No caso dos tempos do futuro, o autor ressalta que implica também a modalidade condicional. Assim, ao invés de três modos verbais conforme estipulam as GT, Bechara (2019, p. 242) estabelece cinco modos verbais, “conforme a posição do falante em face da relação entre a ação verbal e seu agente”, dentre eles o modo condicional “em referência a fatos dependentes de certa condição: cantaria.” (BECHARA, 2019, p. 243). Esse modo, portanto, abrange os tempos do futuro em questão.

Em relação aos tempos compostos, o autor explica que o futuro do pretérito perifrástico é o tempo que refere a uma ação que ainda vai se realizar, cujo emprego denota um fato que acontecerá dependendo de certa condição. Os verbos auxiliares *ter* e *haver* são empregados na oração condicional em relação ao futuro do pretérito posto na oração principal: *Ele estudaria se tivesse sido orientado.*

Podemos perceber em Bechara (2019) uma abertura para o caráter enunciativo da língua que procura correlacionar as formas linguísticas e seus significados em um plano textual-discursivo, mas observamos também que esses usos são remetidos a um segundo plano, firmando-se um perfil normativo e estruturalista em sua obra. Os aspectos enunciativos da língua são vistos com maior tratamento em Castilho (2010), pesquisador do português falado no Brasil, que entende a língua como um multissistema cujo estudo precisa considerar o léxico, a semântica, a gramática e o discurso. O autor defende que, na língua falada, há situações em o léxico sofre

alterações semânticas discursivamente motivadas e, com isso, perde algumas propriedades gramaticais e adquire outras.

Assim, para Castilho (2010), o verbo deve ser abordado nesse sentido. Gramaticalmente, o verbo é analisado considerando seus elementos mórficos e visto como a classe que dispõe de um radical e de morfemas flexionais específicos. Do ponto de vista semântico, a classe dos verbos expressa o estado das coisas como as ações, os estados, os eventos. Discursivamente, o verbo é considerado o léxico responsável por inserir os interlocutores no texto, qualificando-os e ainda contribuindo para a formação dos gêneros discursivos por meio da alternância de tempos e modos verbais.

Esse estudioso concebe tempo e aspecto como propriedades semânticas do verbo, mas estabelece distinção entre eles, sendo o primeiro pertencente ao campo linguístico dêitico e o segundo ao campo linguístico simbólico. “Tempo é uma propriedade da predicação cuja interpretação tem de ser remetida à situação de fala. É assim que pode representar a anterioridade, a simultaneidade e a posterioridade. Só podemos entender essas fatias do tempo tomando como referência o sujeito falante” (CASTILHO, 2010, p. 418). O autor ressalta ainda que o tempo depende da noção de intervalo ou de duração entre um ponto e outro, ou seja, o tempo pressupõe o aspecto.

A categoria do *tempo* localiza o processo num dado momento; servindo-se de pontos de referência em número de três: o próprio falante, o momento em que se desenrola outro processo e o momento em que idealmente se situa o falante, deslocando-se em pensamento para o passado ou para o futuro (CASTILHO, 2001, p. 15, destaque do autor).

Já em relação ao aspecto, o autor caracterizou sua importância semântica e o definiu como “uma propriedade da predicação que consiste em representar os graus de desenvolvimento do estado de coisas aí codificado, ou seja, as fases que ele pode compreender” (CASTILHO, 2010, p. 417). O aspecto, ao contrário do tempo, é uma categoria autônoma, não depende de intervalos, de ponto primário na linha do tempo, sem referência ao falante e ao evento da fala. Trata-se de uma visão espacial do processo.

Esse autor cita quatro tipologias aspectuais principais, sendo as de face qualitativa o imperfectivo e o perfectivo e as de face quantitativa o iterativo e o semelfactivo, que correspondem respectivamente à duração, ao complemento, à repetição e à singularidade. Mais

detalhadamente, o imperfectivo indica a duração, é semanticamente marcado e expressa uma temporalidade interna, como um fragmento de tempo que se desenrola. O perfectivo indica uma ação decursa, isto é, a ação já determinada ou marcada de alguma forma em sua temporalidade e não é marcada semanticamente. O iterativo é intermediário dos dois aspectos anteriores e indica a frequência, a repetição do ato que é uma ação habitual. O semelfactivo, por sua vez, aponta para uma ocorrência singular, pontual. O autor ressalta que a relação do aspecto lexical do verbo deve ser sempre considerada dentro de uma situação de comunicação, pois um mesmo verbo pode admitir diferentes leituras aspectuais dependendo do predicado como um todo. Nesse sentido, o aspecto do verbo “correr”, por exemplo, poderia ser classificado como imperfectivo em “*Francisco corre todos os dias*”; ou como perfectivo em “*Francisco correu ontem*”.

Castilho (2010) observa ainda que cada ocorrência verbal pode assumir mais de uma face e, por isso, representa o quadro aspectual de forma pluridimensional conforme exposto a seguir.

Quadro 4 – Tipologia do aspecto segundo Castilho.

FACE QUALITATIVA DO ASPECTO		FACE QUANTITATIVA DO ASPECTO
IMPERFEITO	PERFEITO	SEMELFACTIVO
Inceptivo	Pontual	
Cursivo	Resultativo	ITERATIVO
Terminativo		Imperfectivo/perfectivo

Fonte: Castilho, 2010, p. 420.

Em se tratando de perífrases verbais, de acordo com Castilho (2010), o aspecto verbal manifesta-se mais claramente no gerúndio e participípio. Tomemos o último que integra os nossos estudos. As perífrases com participípio, de acordo com o autor, favorecem a emergência do aspecto perfectivo do subtipo resultativo, que tem as seguintes propriedades: “(1) ocorre nas predicções estático-dinâmicas, associando uma ação a um estado; (2) a ação, necessariamente tomada no passado, é pressuposta; (3) o estado presente decorre dessa ação; (4) há relações entre o resultativo e a voz passiva [...]” (CASTILHO, 2010, p. 425). Os auxiliares aspectuais são os verbos que mais contribuem para a formação de perífrases aspectuais. Como exemplo temos o verbo *ter*, formador dos tempos compostos. Em relação aos tempos do futuro, Castilho (2010, p. 417) considera que eles “parecem bloquear o aspecto”, mas pondera que isso precisa ser melhor estudado.

Ainda sobre o tempo verbal, o autor ressalta que as formas temporais são usadas em três situações. A primeira delas é para determinar a cronologia dos estados de coisa no tempo real, isto é, no tempo determinado pelos relógios e calendários: passado, presente e futuro. A segunda é quando as formas temporais são usadas pelos falantes de modo metafórico para transitar pela linha do tempo de acordo com suas demandas comunicativas, refugiando-se no tempo imaginário. É o tempo fictício. A terceira situação envolve o uso atemporal das formas verbais em que o falante se desloca para um domínio vago, impreciso.

Após esse esclarecimento, Castilho (2010), com base nessa tríade temporal, apresenta a mesma definição para o futuro do pretérito simples e composto, no tempo real, como sendo aquele usado para indicar posterioridade problemática em relação a um ato de fala anterior: *Se soubesse que gostava de doces, traria/teria trazido goiabada para você*. No tempo metafórico, de acordo com Castilho (2010), é usado para expressar uma opinião de forma mais reservada, polida: *Eu responderia/teria respondido de outra maneira*.

Sobre os modos verbais, o autor avalia que há três *modus* no português brasileiro: o indicativo, o subjuntivo e o imperativo que dizem respeito à “avaliação que o falante faz sobre o *dictum*, considerando-o real, irreal, possível ou necessário (CASTILHO, 2010, p. 437). Para ele, os três modos têm em comum a propriedade discursiva de representar um ato de fala. Sendo assim, a opção por um dos modos não é motivada apenas sintaticamente.

Cada *dictum* vem associado a um ato de fala. O *modus* evidencia do que o ato de fala se trata: o dos “conteúdos que se realizam no mundo” (indicativo), o das “situações imaginárias que não precisam corresponder ao que acontece no mundo” (subjuntivo) e o da “ordem”, bem diferente da asserção e da suposição (imperativo) (CASTILHO, 2010, p. 438).

Esse autor avalia ainda que essa consideração dos aspectos semânticos dos modos verbais é muito importante porque observa não apenas a sentença enunciada, mas a situação de enunciação. Essa perspectiva apresentada pelo autor traz elementos fortes da semântica da enunciação ancorada nos pressupostos de Bally, conforme será mostrado na seção que embasa teoricamente nosso estudo. A teoria multissistêmica de língua que encontramos em Castilho (2010) faz com que encontremos em sua obra uma visão de língua diferente das gramáticas anteriores que se pautam na língua escrita com exemplos prioritariamente retirados de textos literários. Os exemplos dados pelo autor são retirados de trechos da língua oral do que ele chama

de norma urbana culta/NURC⁶. A visão sobre norma culta deste gramático é uma questão que diferencia muito da visão de Cunha e Cintra (2016) que usam como parâmetro a língua escrita formal.

Percebemos que Castilho volta-se para as questões de uso da língua, considerando as demandas comunicativas dos falantes. Por isso, sua perspectiva traz muito fortemente elementos da enunciação. O tempo é tratado não como aquele da temporalidade rígida, da sucessão de fatos, mas como o tempo da representação do sujeito. No entanto, apesar de levantar vários elementos enunciativos, ainda falta a essa perspectiva uma abordagem integrada à enunciação no sentido de constituir um arcabouço teórico para tratar a temporalidade. A mesma situação ocorre na próxima obra analisada.

Em Mateus *et al.* (2003), registra-se que a categoria verbal serve para situar os eventos (situações dinâmicas) ou estados (situações não dinâmicas) expressos nos enunciados e que a forma mais usual de marcar a localização das situações comunicativas é por meio dos tempos verbais. Portanto, há o entendimento de que nem sempre o verbo está associado a movimentos, a ações como em Cunha e Cintra (2016), mas o verbo ainda está relacionado à temporalidade. Um evento se localiza temporalmente em relação a um outro tempo que pode ser o mesmo da enunciação ou um outro tempo. Para as autoras, os tempos gramaticais se articulam em três domínios, o passado, o presente e o futuro, permitindo-nos falar de uma relação de anterioridade, simultaneidade ou posterioridade do tempo relativamente a um momento escolhido como o de referência e que normalmente é o da enunciação.

Como se disse, a localização temporal é relativa e nessa medida há três momentos essenciais: o ponto da fala (F) que coincide com o momento da fala (ou da enunciação), o ponto do evento (E), que diz respeito ao tempo do acontecimento descrito pela frase, e o ponto de referência (R) que serve como ponto intermédio a partir do qual se pode situar o evento (ou estado) descrito (MATEUS *et al.*, 2003, p. 131).

Nessa obra, apesar de encontrarmos uma visão enunciativa da língua, que inova em relação às outras, propondo que a localização temporal dos eventos ou estados deve considerar três

⁶ NURC – Norma Urbana Culta – é um projeto liderado por Castilho e outros pesquisadores e “tem como objetivo estudar os aspectos organizacionais, estruturais, linguísticos e discursivos que envolvem a **oralidade** e temas a ela conexos ou paralelos, a norma linguística urbana culta, e demais variedades que com ela têm contato, praticada pelos usuários da cidade de São Paulo. O ponto de partida para todo o trabalho é a interação dos falantes e a produção de sentidos que se faz quando eles falam.”

momentos essenciais, ainda é uma perspectiva enunciativa aquém de um arcabouço geral da teoria enunciativa. A enunciação aqui é tomada como evento de fala, isto é, como o simples ato de proferir os fatos do mundo sem considerar o sentido histórico social, conforme postula a Semântica da Enunciação cujos pressupostos serão explanados mais detalhadamente na nossa fundamentação teórica.

As autoras dizem ainda que os tempos verbais no português trazem informações aspectuais, impedindo que a distinção entre tempo e aspecto possa ser feita morfologicamente. Esse último é definido por Mateus *et al.* (2003, p. 129) como a categoria que “fornece informações sobre a forma como é perspectivada ou focalizada a estrutura temporal interna de uma situação descrita pela frase, em particular, pela sua predicação”. Sendo assim, ainda que tempo e aspecto sejam categorias que não possam ser distinguidas fundamentalmente, elas têm diferenças, já que o tempo linguístico é uma categoria relacional, dêitica, enquanto o aspecto centra-se na perspectiva interna do enunciado sem se relacionar com outros elementos. As noções aspectuais, de acordo com as autoras, distribuem-se pelos afixos, que também apresentam informações temporais, pelas construções com verbos auxiliares, além dos advérbios e da natureza sintático-semântica dos sintagmas nominais.

Mateus *et al.* (2003) apontam diversos tipos de aspectos. Primeiro, ressaltam que a diferença começa quando se trata de eventos e de estados. Os primeiros podem ser *télicos*, com duração aspectual concluída, culminada, ou *atélicos*, isto é, o aspecto é processual, não concluído. Já os estados também são *atélicos*, por não serem delimitados e não admitirem intervalos, mas não são dinâmicos como os eventos. Por outro lado, podem ser faseáveis, quando indicam uma situação temporária, ou não faseáveis, quando indicam um estado permanente.

Sobre os tempos gramaticais em análise neste estudo, que Mateus *et al.* (2003) nomeiam “Futuro do Passado” ou “Condicional”, ressaltam as autoras que ora expressam valor temporal, ora apresentam valor modal. “Este tempo comporta-se como tal desde que o ponto de perspectiva temporal seja passado. Se esse ponto for um tempo futuro, então adquire um valor modal (MATEUS *et al.*, 2003, p. 158). Nessa visão, em uma sentença como: “*Eles se casariam dois anos após o início do namoro*”, temos um ponto de referência no passado (o início do namoro), portanto, o evento do casamento é futuro em relação a esse ponto de perspectiva temporal. Assim, o verbo “casariam” comporta-se como futuro do pretérito. Já em uma sentença como: “Ela te convidaria para a festa se te conhecesse melhor”, em que o ponto de

referência(conhecer) é futuro em relação ao ponto da fala, o verbo “convidaria”, conjugado no futuro do pretérito, adquire um valor modal, não factual.

Em relação à forma composta, as autoras asseguram que ela “mantém estas duas possibilidades de leitura, embora a modal seja mais frequente do que a temporal” (ibidem, p. 165), pois, na maioria das vezes, esse tempo é usado para exprimir situações que denotam possibilidades, não factualidades, como na sentença: “*Acho que ele teria decidido isso naquela época.*”, em que não se pode afirmar com certeza que o evento de *decidir* aconteceu e, em caso afirmativo, se foi decidido na época referida. Nesses casos, apresenta aspecto perfectivo e pode ser substituído pelo pretérito mais-que-perfeito composto sem alterações semânticas significativas: “*Acho que ele tinha decidido isso naquela época.*”. Já em sentenças como: “*Não casou porque a jovem não teria aceitado o pedido de casamento*”, os verbos expressam o caráter temporal, já que se tem um tempo posterior a um passado.

Em síntese, o Condicional Composto é um tempo gramatical que apresenta características muito evidentes de modalização, podendo em alguns casos ser substituído pelo Mais-que-Perfeito Composto sem alterações significativas, se o contexto é claramente modal, e com perda de modalização noutros contextos. Pode, no entanto, ainda revelar informação temporal em certos casos, não sendo possível comutar com o Mais-que-Perfeito Composto. Quanto aos efeitos de perfectividade, parecem só ocorrer nos casos em que é possível a comutação dos tempos referida e nestes casos é semelhante ao que se passa com o Mais-que-Perfeito Composto, atribuindo o Condicional também modalização (MATEUS *et al.*, 2003, p. 166).

Em função desses valores ora modais ora temporais que as formas verbais designadas como futuro do pretérito apresentam, Neves (2018), cuja obra é voltada para o estudo da gramática em textos, apresenta uma perspectiva de análise do tempo futuro do pretérito na mesma direção da obra anterior e esclarece que, na gramática do português, esse tempo verbal já foi considerado como modo condicional, sendo ainda considerado modo em outras línguas.

O que há é a predominância de um ou de outro valor nos diversos enunciados, daí a possibilidade de uma denominação temporal (futuro do pretérito), a mais recente no português, ou de uma denominação ligada ao MODO VERBAL (modo condicional), a mais antiga, no português (e corrente em outras línguas).

Na verdade, outros valores chamados futuro do pretérito (seja o **simples**, seja o **composto**), embora mantenham uma localização no tempo, são muito evidentemente modais (de “hipótese”, de “suposição”) e com fortes implicações discursivo-interacionais [...] (NEVES, 2018, p. 179-180, destaques da autora).

Em seção dedicada à categoria dos verbos, essa autora considera que os verbos apresentam diferentes tipos semânticos que representam as cenas nos eventos do mundo, podendo ser dinâmicos, aqueles que expressam ação ou processo, ou não dinâmicos, os que indicam estado.

Em relação aos tempos verbais, Neves (2018) reconhece a existência dos três tempos básicos, passado, presente e futuro, e considera esta uma categoria dêitica, pois está relacionada com a enunciação, isto é, com um eu, um aqui, e um agora da situação de fala. Assim como na gramática anterior, ela defende que os tempos verbais sejam interpretados na relação entre o momento de fala, o momento da referência e o momento do evento.

Os tempos VERBAIS se interpretam, exatamente, pela relação entre:

- a) o tempo/momento da fala, ou da enunciação: é o “agora” do “eu” que fala;
- b) o tempo/momento da referência: pode ser simultâneo e não simultâneo (e anterior ou posterior) ao momento da enunciação;
- c) o tempo/momento do evento, do acontecimento, do estado das coisas, processo ou estado: pode ser simultâneo e não simultâneo (e anterior ou posterior) ao momento da referência (NEVES, 2018, p. 167, destaques da autora).

Especificamente sobre o tempo futuro do pretérito, a autora define tanto sua forma simples quanto a composta, pela correlação entre os três momentos acima. Segundo ela, o futuro do pretérito simples refere-se a um evento ou estado de coisas posterior ao momento de referência. A exemplificação é feita com o trecho: “**Nessa mesma tarde**, o coronel **confessou** que **faria** as pazes, se José lhe estendesse a mão. (FR-R)” (NEVES, 2018, p. 175, destaques da autora). Nessa situação, o momento de referência é parte em que o coronel faz a confissão e o evento “fazer as pazes”, em que aloja a forma verbal “faria” no futuro do pretérito, é posterior a ele.

Já a forma composta também indica um evento ou estado de coisas posterior ao momento de referência, mas anterior a algum outro momento. No exemplo dado, “Se eu tivesse ido ao seu velório, **poderia ter descoberto** tudo. **Teria olhado** tanto para o semblante de Zina, **teria segurado** suas mãos, **teria beijado** o seu rosto. (ANA-R)” (NEVES, 2018, p. 176, destaques da autora), Neves aponta três momentos na seguinte ordem: primeiro, o momento da referência passado, ir ao velório; segundo, olhar para o semblante de Zina, segurar suas mãos, beijar seu rosto; e por último, descobrir tudo. Logo, para ela, o uso da forma composta do futuro do pretérito no segundo momento justifica-se por ele ser posterior ao momento da referência e anterior a outro momento. Essa visão trata de uma das temporalidades expressas pela forma composta do futuro do pretérito. Porém, não contempla todas as situações sociais de uso dessa forma verbal.

Apesar das definições e exemplificações dadas, Neves (2018) alerta que as relações temporais estabelecidas pelas formas verbais são muito mais complexas do que quando observamos

apenas trechos, já que o próprio momento de enunciação pode sofrer desdobramentos no decorrer da situação de comunicação, alterando as correlações temporais do enunciado. “Lembre-se de que o tempo da linguagem é ancorado na situação de comunicação (um “hoje”, um “aqui”, um “agora”) e, além disso, no enunciado, vão se estabelecendo outras situações de enunciação (NEVES, 2018, p. 169).

Assim como na gramática de Mateus *et al.*, esta obra representa um avanço nos estudos gramaticais sobre os tempos verbais por considerar seus aspectos semânticos, por valer-se de textos ou pelo menos parte deles para discutir o tempo linguístico, por considerar as implicações discursivo-interacionais na produção dos sentidos. No entanto, também não constitui um instrumental necessário para sustentar o ensino com base nos princípios semântico-enunciativos.

Após esse apanhado sobre o que dizem as gramáticas de língua portuguesa a respeito dos tempos verbais em análise, alguns pontos de convergência entre elas podem ser estabelecidos. O primeiro deles é que, em todas elas, em algumas mais, em outras menos, a categoria verbal é insistentemente associada à marcação do tempo em um enunciado. O tempo é visto como uma categoria intrínseca ao verbo. Visão da qual discordamos, pois, como já falado, em uma sentença como “*Seja feliz!*”, em que consiste a temporalidade verbal? Segundo, em todos os compêndios, os autores concordam que o tempo cronológico é marcado linearmente do passado em direção ao futuro, sendo que esses dois tempos apresentam subdivisões. O passado apresenta três tempos de acordo com o aspecto de perfectividade ou imperfectividade, sendo que, nos tempos em estudo, todas as gramáticas consideram-nos de aspecto perfectivo. O futuro subdivide-se em dois tempos, ora apresentando noção de tempo, ora com valor modal.

Na gramática de Cunha e Cintra (2016), obra de caráter descritivo/prescritivo e que serve de referência para diversos livros didáticos, há uma ênfase na exposição da morfologia aspecto-temporal, de acordo com a norma padrão da língua em que as explicações sobre o sentido dessas flexões são simplistas e não são suficientes para que se tenha uma visão semântico-enunciativa do papel dos tempos verbais na construção do sentido do texto.

Nas demais gramáticas avaliadas, consideradas como descritivas, percebemos, ainda que de forma moderada, uma atitude prescritiva com uso de exemplos isolados, em sua maioria retirados de clássicos literários, já que tomam como referência a norma de prestígio social.

Nessas obras, percebemos ainda uma preocupação em explicitar o real funcionamento da flexão aspecto-temporal nos eventos de uso dos verbos. No entanto, são comentários esparsos e carecem de sistematização. Bechara (2019), Castilho (2010) e Perini (2016) sinalizam para isso, mas não estabelecem parâmetros temporais precisos que permitam explorar os aspectos semânticos-enunciativos dos verbos e das perífrases verbais.

Mateus *et al.* (2003) e Neves (2018) mencionam e explicam os três parâmetros temporais, a saber, o momento do evento, o momento da referência e o momento da fala, buscando uma interpretação semântica para os tempos verbais, o que é um grande avanço em relação às gramáticas normativas. No entanto, em nenhuma das gramáticas, há um arcabouço teórico-metodológico que oriente o ensino dessa categoria voltado para os aspectos enunciativos da língua, em especial, para os aspectos enunciativos advindos das formas verbais do futuro do pretérito.

1.1.2 Tempos suporte: pretérito imperfeito e pretérito mais-que-perfeito do modo subjuntivo

Nos acontecimentos enunciativos da língua portuguesa, tanto nas situações de uso formal quanto nas de uso informal, os tempos futuro do pretérito, seja na forma simples ou composta, em sua maioria, aparecem em uma oração principal de um período composto cuja oração subordinada apresenta um verbo no tempo pretérito imperfeito ou mais-que-perfeito do modo subjuntivo. Portanto, entendemos esses tempos verbais como tempos suporte aos tempos do futuro em estudo.

Como explicitado na seção anterior, os tempos do modo subjuntivo, em geral, são apontados pelas GT como aqueles utilizados para expressão de desejos, probabilidades e acontecimentos que estão condicionados por outros. Em relação ao pretérito imperfeito do subjuntivo, ele é apresentado, em Cunha e Cintra (2016), como aquele formado pelas terminações *sse*, *sseis*, *ssemos*, *sseis*, *ssem*, como em *gostasse*. Já o pretérito mais-que-perfeito é descrito por esses mesmos autores como o tempo verbal formado pelos verbos auxiliares *ter* ou *haver* no pretérito imperfeito do subjuntivo com o particípio do verbo principal como em *tivesse/houvesse gostado*.

Já em obras de caráter descritivo, tanto o tempo pretérito imperfeito quanto o pretérito mais-que-perfeito são descritos como tempos que expressam valores modais de incerteza,

probabilidade, possibilidade, sendo que o primeiro expressa uma anterioridade problemática e o segundo expressa uma anterioridade remota (CASTILHO, 2010).

1.1.3 Futuro do futuro: um desdobramento do futuro do pretérito

Como constatado, em nenhuma das gramáticas analisadas, houve menção à temporalidade expressa pelo futuro do pretérito como um futuro em relação a outro evento também futuro. Porém, no nosso entender, em uma sentença em que a forma verbal designada futuro do pretérito do modo indicativo aparece associada ao pretérito imperfeito do modo subjuntivo, ela pode se referir a um evento posterior a outro evento que também é posterior ao tempo da enunciação. Em uma sentença como: “Eu compararia uma casa para você se eu ganhasse o prêmio da loteria no próximo sábado.”, a forma verbal “compraria”, classificada como futuro do pretérito, na verdade, refere-se a um evento que é futuro em relação a outro evento que também é futuro, pois o evento “ganhar na loteria” é futuro em relação ao momento da fala, conforme ratificado pela expressão adverbial “no próximo sábado”. Conseqüentemente, o evento “comprar uma casa para alguém” é futuro em relação a esse evento, já que “ganhar o dinheiro na loteria” é condição prévia para a realização da compra da casa. Logo, a designação de futuro do pretérito para a forma verbal “compraria” não condiz com a temporalidade expressa por ela, mas sim de futuro do futuro.

Ainda que não houvesse a locução adverbial que permitisse assegurar a posterioridade dos dois eventos, ganhar e comprar, em relação ao momento da fala e a sentença fosse “Eu compraria uma casa para você se eu ganhasse o prêmio da loteria.”, não poderíamos dizer que “compraria” é futuro em relação a um fato passado, visto que o evento “ganhar na loteria” poderia continuar sendo posterior ou ser concomitante ao momento da fala: “ganhasse na loteria agora”. Nesse último caso, o evento “comprar uma casa” não é futuro a um pretérito, mas a um presente.

Diante do exposto, defendemos o ensino da temporalidade verbal com base na perspectiva da Semântica da Enunciação, pois, ao avaliarmos e evidenciarmos os aspectos enunciativos da língua, temos condições de entender o seu funcionamento bem como os efeitos de sentido obtidos pela seleção lexical feita pelo locutor. Por isso, na próxima seção, apresentaremos uma análise das teorias que propuseram uma interpretação semântica dos tempos verbais.

1.2 A INTERPRETAÇÃO SEMÂNTICA DOS TEMPOS VERBAIS

Na primeira seção, analisamos como os tempos verbais futuro do pretérito são apresentados nas gramáticas de língua portuguesa. Mostramos que, em grande parte delas, a categoria verbal é tratada de forma muito limitativa e as discussões sobre o tempo restringem-no a um antes, um durante e um depois. Desse modo, as práticas de ensino dos tempos verbais em salas de aula se baseiam em um modelo estrutural e não propiciam aos alunos a compreensão das propriedades semântico-enunciativas da língua, acarretando defasagens na aprendizagem deles como: incoerências textuais em suas produções, utilizações inadequadas dos tempos verbais e dificuldades com a interpretação textual. Em consonância com Corôa (2005, p. 17),

estaremos longe de uma interpretação temporal adequada às orações do português se apenas nos ativermos a esses paradigmas oferecidos pelas gramáticas sem questionar as noções semânticas – mais especificamente, o conceito de tempo – que se manifestam nas formas verbais.

Para entendermos algumas destas propriedades semânticas, e conseqüentemente, aplicá-las ao ensino da língua portuguesa, precisamos ver o que contemporaneamente se discute em linguística referente a expressões de tempo. Em estudo, vamos apresentar as teorias de Reichebach (1947), Corôa (2005), Fiorin (2016) e Abraçado (2020).

1.2.1 A perspectiva de Reichenbach

Ao perceber que as relações temporais existentes nas línguas não se limitam às noções de passado, presente e futuro, o cientista alemão Hans Reichenbach, estudioso das propriedades lógicas das línguas naturais, estabeleceu um sistema mais complexo para estudo da categoria verbal e compreensão dos tempos e aspectos verbais. Para ele, os tempos verbais determinam o tempo em relação à referência e ao ponto do discurso do enunciado. Partindo desse pressuposto, o autor levantou o problema geral da ordem do tempo e representou-o tridimensionalmente, condicionando o estudo do verbo a três pontos da enunciação: o ponto da fala, o ponto da referência e o ponto do evento⁷. O primeiro, (*S - speech time*), é o momento em que o discurso é produzido, ou seja, o tempo presente, que é o eixo temporal discursivo. O ponto do evento, (*E - event time*), é o momento em que o evento referido pelo predicado da sentença acontece em relação ao ponto do discurso: anterior, simultâneo ou posterior. O ponto

⁷ A simbologia original usada por Reichenbach (1947) em que S significa ponto da fala (*speech point*), R, o ponto da referência (*reference point*) e E, o ponto do evento (*event point*) foi mantida neste estudo.

de referência, (*R - reference time*), por sua vez, consiste no tempo entre o ponto do evento e o ponto do discurso, isto é, trata-se da perspectiva de tempo que o locutor transmite em relação ao ponto do evento. Ao estabelecer o ponto de referência, Reichenbach (1947) coloca a ideia relativa de tempo na língua e isso nos permite falar de passado e futuro em relação ao presente. A argumentação de Reichenbach aponta para a necessidade de estabelecimento desses três pontos para que se possa ter parâmetros para a definição e delimitação dos tempos verbais.

De acordo com essa teoria, os tempos verbais ordenam as três entidades temporais acima de variadas maneiras. Assim, S, R, E (em que a vírgula significa coincidência ou superposição) representa o tempo presente, isto é, o tempo em que o momento da enunciação coincide com o tempo de referência e com o tempo do evento; o tempo futuro é representado por S – R, E (o travessão representa anterioridade ou posterioridade), ou seja, o tempo da enunciação precede o tempo de referência que, por sua vez, coincide com o tempo do evento. O tempo passado é representado por E – R, S ou por E, R – S, já que o evento é anterior ao tempo da enunciação e o ponto da referência pode ser simultâneo ao evento ou à fala.

Em uma sentença fora das condições enunciativas como “*Li vários livros.*”, a forma verbal, no pretérito perfeito do indicativo, conforme a nomenclatura usada na GT, revela a posição do ponto do evento (momento da leitura do livro) como anterior em relação ao ponto do discurso (momento presente). Já o ponto da referência é o próprio momento da fala. Na terminologia usada por Reichenbach (1947), o tempo verbal da frase anterior seria representado da seguinte forma: E – R, S.

Vale ressaltar que, como afirma o autor, em frases isoladas, o ponto da referência não é claro, a sua determinação depende da situação enunciativa. Assim, quando não há referência temporal explicitada textualmente, o ponto da fala e da referência são simultâneos.

In an individual sentence [...] it is not clear which time point is used as the point of reference. This determination is rather given by the context of speech. In a story, for instance, the series of events recounted determines the point of reference which in this case is in the past, seen from the point of speech; some individual events lying outside this point are then referred, not directly to the point of speech, but to this point of reference determined by the story (REICHENBACH, 1947, p. 288).⁸

⁸ Em uma frase individual [...] não está claro qual ponto do tempo é usado como ponto de referência. Esta determinação é dada pelo contexto da fala. Em uma história, por exemplo, a série de eventos recontados determina o ponto de referência que, neste caso, está no passado, visto do ponto de vista da fala; alguns eventos individuais situados fora desse ponto são então referidos, não diretamente ao ponto de fala, mas a esse ponto de referência determinado pela história (REICHENBACH, 1947, p. 288) (Tradução nossa).

Já em uma sentença em espaço enunciativo, é possível determinar os três pontos de forma mais clara. Na passagem do conto *Missa do Galo*, de Machado de Assis, por exemplo, em que o narrador-personagem espera a meia-noite da véspera de Natal: “Os minutos voavam, ao contrário do que costumam fazer, quando são de espera; ouvi bater onze horas, mas quase sem dar por elas, um acaso”⁹, temos o ponto do evento determinado no passado (ouvi), ou seja, anterior ao ponto da fala (presente, em que o narrador enuncia). O ponto da referência, momento em que o narrador ouve as batidas do relógio, é simultâneo ao do evento e, portanto, anterior à fala. Assim, de acordo com a teoria em questão, a simbologia que representa a ocorrência temporal nesse trecho é: E, R – S.

Como já dito, o tempo presente, por sua vez, apresenta os três pontos simultâneos. Em uma sentença como “Sobreviventes voltam a Auschwitz, na Polônia, 75 anos depois da libertação”¹⁰, o evento “voltar” acontece no tempo presente, simultaneamente ao ponto da fala e da referência. O fato se apresenta como atual, convergindo com o momento em que o enunciado e coincidindo com o ponto da referência, já que podemos intuir que o evento acontece no “agora”. Portanto, essa convergência entre os três pontos propostos por Reichenbach (1947) permite-nos classificar o tempo verbal da sentença como presente que, em sua teoria, ficaria assim representado: E, R, S.

Já em uma oração com a forma verbal no tempo futuro, o ponto do evento encontra-se após o ponto da fala. Tomemos a manchete de uma outra notícia: “*Governo brasileiro anuncia que enviará alimentos e medicamentos à Venezuela*”¹¹. Nesse enunciado, há uma situação que é posterior ao ponto da fala (enviará), cujo ponto de referência (data da veiculação da notícia) é simultâneo à fala. Por disposição da teoria em questão, a simbologia S, R – E representa a sentença acima.

Os estudos de Reichenbach (1947) são direcionados para o sistema verbal do inglês, mas podem ser estendidos às demais línguas, pois, em todas elas, é possível determinar o ponto da fala, o ponto da referência e o ponto do evento, embora o arranjo entre esses três momentos seja

⁹ Disponível em: <http://www.soleis.com.br/machadodeassis/MachadodeAssis-141.htm> Acesso em: 22 fev. 2020.

¹⁰ Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/01/27/sobreviventes-voltam-a-auschwitz-na-polonia-75-anos-depois-da-libertacao.ghtml> Acesso em: 27 jan. 2020.

¹¹ Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/02/19/governo-anuncia-forca-tarefa-para-enviar-alimentos-e-medicamentos-a-venezuela.ghtml> Acesso em: 27 jan. 2020.

variável. Apesar de serem estabelecidos para a língua inglesa apenas seis tempos verbais, o autor esquematiza nove fórmulas fundamentais, conforme quadro a seguir, destacando que a totalidade de suas combinações nunca ocorre em uma língua natural. Isso, de acordo com Corôa (2005), acontece porque as reais combinações de cada língua desenvolvem-se historicamente, embora mantenham relações lógicas com essa tripartição de pontos.

Quadro 5 – Estrutura das treze relações temporais, nove formas fundamentais e seis possibilidades usadas na língua inglesa.

Structure	New name	Traditional name
E – R – S	anterior past	past perfect
E, R – S	simple past	simple past
R – E – S R – S, E R – S – E	posterior past	---
E – S, R	anterior present	presente perfect
S, R, E	simple present	Presente
S, R – E	posterior present	simple future
S – E – R S, E – R E – S – R	anterior future	future perfect
S – R, E	simple future	simple future
S – R – E	posterior future	---

Fonte: Reichenbach, 1947, p. 297.

Ao analisar o quadro, percebemos que, em relação ao ponto da fala, o ponto de referência pode ser anterior, simultâneo ou posterior. Isso resulta em três possibilidades, indicadas pelas palavras *past*, *present* e *future*. O ponto do evento também pode ser anterior, simultâneo ou posterior ao momento da referência, o que é indicado pelas palavras *anterior*, *simple* e *posterior* e acarreta mais três possibilidades. O arranjo entre as três possibilidades de ponto de referência e as três possibilidades de ponto do evento resulta em nove formas, chamadas por Reichenbach de formas fundamentais.

As demais diferenças aparecem somente quando a posição do evento em relação ao ponto da fala é considerada e, de acordo com o autor, essa posição é irrelevante normalmente. A forma S – E – R pode ser distinguida de S, E – R; resta a relação entre S e R na primeira e E e R na segunda. Essas duas formas não diferem, podendo ser representadas pela mesma fórmula. Portanto, a teoria propõe que qualquer arranjo entre as três entidades seja dividido em duas

relações distintas, uma entre R e S e outra entre E e R. Dessa maneira, não há relação direta entre E e S, sendo esta sempre mediada por R.

Segundo Reichenbach (1947), esses três pontos não são considerados pelas gramáticas tradicionais quando sistematizam a categoria do verbo. Conseqüentemente, os livros didáticos também desconsideram esses pontos já que, em sua maioria, quando se trata do eixo de conhecimentos linguísticos, baseiam-se nas gramáticas normativas. Segundo o autor, o ponto de referência, ao qual o enunciado está ancorado, é desconsiderado nesses materiais e isso origina a dificuldade de explicar e de o aluno entender os tempos e aspectos da categoria verbal.

The history of language shows that logical categories were not clearly seen in the beginnings of language but were the results of long developments; we therefore should not be astonished if actual language does not always fit the schema which we try to construct in symbolic logic. A mathematical language can be coordinated to actual language only in the sense of an approximation (REICHENBACH, 1947, p. 298).¹²

Por isso, reiteramos a necessidade de trabalhar os conhecimentos linguísticos em seus espaços enunciativos de origem para que se possa dar condições ao educando de estabelecer as relações semânticas das formas linguísticas. Desse modo, as habilidades de leitura e de escrita poderão ser desenvolvidas de forma mais efetiva, evitando as defasagens na aprendizagem dos alunos citadas anteriormente, dentre elas, as incoerências textuais geradas pelo emprego indevido dos tempos verbais.

Esse sistema lógico de representação do tempo desenvolvido por Reichenbach (1947) significou um grande avanço na interpretação temporal das línguas naturais ao considerar três pontos teóricos na linha do tempo, permitindo representá-lo tridimensionalmente. No entanto, em virtude de suas influências pela teoria da relatividade de Einstein e também de seus estudos na área das ciências exatas, trata-se de uma visão absolutista do tempo como se este fosse uma mera ordenação dos eventos. Mesmo que ele tenha alertado que a linguagem real nem sempre se encaixa no esquema lógico proposto por ele, consideramos que sua teoria supervaloriza os recortes temporais, considerados no absoluto, em relação ao papel variável da temporalidade.

O autor estabelece um esquema lógico rígido para encaixar os tempos verbais, pois entende a temporalidade como algo fixo e insiste em encaixar o tempo em um esquema lógico. Há uma

¹² A história da linguagem mostra que categorias lógicas não eram claramente vistas no início da linguagem, mas eram os resultados de longos desenvolvimentos; portanto, não devemos nos surpreender se a linguagem real nem sempre se encaixa no esquema que tentamos construir na lógica simbólica. Uma linguagem matemática pode ser coordenada com a linguagem real apenas no sentido de uma aproximação (tradução nossa).

tentativa de encaixar no tempo presente a fórmula E, R, S. Isso é tratar o tempo como absoluto. Assim, essa teoria não dá conta das construções em que o tempo não é marcado no verbo, como na sentença “*Eu viajo amanhã*”, em que a marcação do tempo está definida no advérbio de tempo e não no verbo ou quando a forma verbal é afetada por uma perspectivização: “Eu queria sorvete.”, em que o verbo expressa um desejo e não isola uma temporalidade.

Em nossa perspectiva, a temporalidade é entendida como uma construção flexível de acordo com a enunciação. Desse modo, se nos basearmos na teoria reichenbachiana para o ensino da temporalidade verbal, corremos o risco de apenas trocar os paradigmas de conjugação das GT por fórmulas absolutistas que pouco contribuirão para que o aluno perceba os aspectos enunciativos da língua. A seguir, veremos como essa teoria de Reichenbach (1947), feita para a língua inglesa, foi adaptada para o português brasileiro.

1.2.2 A perspectiva de Corôa

No Brasil, fundamentada nos estudos de Reichenbach (1947), Corôa (2005) buscou uma análise semântica do tempo nos verbos do português. Para isso, ela retomou teorias do campo da filosofia, da física e lógica e explicou os tempos verbais a partir das categorias de tempo e de aspecto, sendo o primeiro considerado uma categoria dêitica e o segundo uma categoria não-dêitica. O tempo é considerado uma “categoria dêitica por relacionar o tempo da ação, estado ou evento referido na sentença ao tempo enunciação, isto é, ser ao mesmo tempo propriedade da sentença e da enunciação” (CORÔA, 2005, p. 16). Sendo assim, o tempo é uma categoria dêitica que expressa relações de anterioridade ou simultaneidade entre três momentos: o da fala, o do evento e o da referência. Isso pressupõe identificação com o momento da enunciação. Já o aspecto refere-se à constituição temporal interna do enunciado e sem referência ao momento da fala. É uma categoria não dêitica, já que é propriedade apenas da sentença e quantifica o evento expresso pelo verbo ou exprime a constituição interna dos momentos ou intervalos de tempo que se fazem parte desse evento.

Há três tipos de teorias baseadas em três visões diferentes de mundo que buscam definir o tempo que, de acordo com Corôa (2005), foram esclarecidas por Reichenbach (1947). São as teorias de tempo absoluto, de tempo relacional e de tempo relativo. No primeiro, o tempo flui naturalmente, pois existe fora dos eventos sem relação com algo externo a ele. Com isso, há dois tipos de entidades temporais: os momentos e os eventos. Os momentos são as posições

temporais independentes dos eventos. Estes, apesar de estarem separados dos momentos, acontecem necessariamente neles. As teorias de tempo relacional negam a existência da entidade do tempo e consideram apenas os eventos. A relação entre esses eventos é que constitui o tempo que pode ser ordenado pela relação de anterioridade, simultaneidade e posterioridade a eles. Já a teoria do tempo relativo propõe que a relatividade está na percepção dos eventos que, por sua vez, estão relacionados aos referenciais. Os dois se distinguem mutuamente em relação ao ponto temporal de referência.

Corôa (2005, p. 34) ressalta que, apesar das definições vagas e imprecisas da categoria verbal dadas pelas gramáticas, em quaisquer delas, “os verbos estão sempre associados à noção temporal”, conforme constatamos na primeira seção deste capítulo. No ensino da língua portuguesa, a categoria verbal sempre está associada ao tempo da sentença. Os enunciados relatam um determinado acontecimento no espaço-temporal, sendo o verbo o principal responsável pela expressão sistemática do tempo em português. Segundo a autora, isso é resultado da sistematização que as gramáticas tradicionais fazem ao estabelecer os paradigmas de conjugação que ela julga serem insuficientes para captar toda a significação do relacionamento entre tempo e verbo. “Estaremos longe de uma interpretação temporal adequada se nos ativermos a esses paradigmas fornecidos pelas gramáticas sem questionar as noções semânticas – mais especificamente, o conceito de tempo – que se manifestam nas formas verbais” (CORÔA, 2005, p. 17).

Diante disso, a autora propõe uma definição única para cada tempo¹³ verbal, considerando a interpretação fornecida pelo morfema modo-temporal. Partindo das possibilidades combinatórias dos três pontos temporais reichenbachianos, ela define três momentos relevantes para diferenciar os *tempora* de uma língua natural: o momento do evento, o momento da fala e o momento da referência, doravante, ME, MF e MR respectivamente. O primeiro é o tempo da predicação, diz respeito ao momento em que o evento ocorre. O segundo é o tempo em que ocorre a enunciação, ou seja, o presente, pois toda enunciação se dá no tempo presente. Já o tempo da referência é a perspectiva de tempo que o locutor transmite em relação ao momento do evento que pode ser de anterioridade, simultaneidade ou de posterioridade. De acordo com a autora,

¹³ Corôa (2005) usa terminologias distintas para diferenciar os tipos de tempo. A palavra *tempo* é usada para se referir ao tempo não linguístico, isto é, o tempo cronológico, físico e psicológico. A forma latina *tempus* (com o plural *tempora*) é usada para se referir ao tempo gramatical. Neste estudo, respeitamos as terminologias usadas pela autora.

Dos três momentos, é o ME que se manifesta mais concretamente por ter um referente definido e captar mais objetivamente o intervalo de tempo em que decorre o processo, evento, ação ou estado descrito. É, como diz Ilari (1981) o tempo da realização do predicado. O MF, por estar ligado mais diretamente ao ato de comunicação e à pessoa do discurso, tem seus limites um pouco mais ambiguamente colocados [...]. Entretanto, é o MR o mais complexo desses construtos. Sua natureza quase que estritamente teórica faz com que esteja mais afastado do ato de comunicação do que o MF e que seus contornos sejam ainda menos concretamente percebidos (CORÔA, 2005, p. 38-39).

Assim, Corôa (2005) adaptou o esquema de Reichenbach para a língua portuguesa e expôs a Teoria Verbal também a partir de definições lógicas, apresentando as seguintes sistematizações, em que, como na perspectiva anterior, as vírgulas indicam simultaneidade e os traços, anterioridade ou posterioridade.

Quadro 6 – Teoria Verbal do português proposta por Corôa (2005).

As formas do presente	Presente	ME, MF, MR
As formas do pretérito	mais-que-perfeito	ME – MR – MF
	Imperfeito	ME, MR – MF
	Perfeito	ME – MF, MR
As formas do futuro	do presente	MF, MR – ME
	do pretérito	MR – MF – ME
	do presente composto	MF – ME – MR

Fonte: sistematização com base em Corôa (2005).

Ao observar o esquema, percebemos que, nos tempos absolutos (presente, perfeito e futuro do presente), Corôa (2005) atribui simultaneidade a MF e MR. No perfeito, a autora afirma que isso é possível porque contemplamos o resultado do evento expresso pelo verbo e o sistema de referência se distancia então do momento de realização desse evento, aproximando-se do presente, do momento da fala. Já no futuro, MF é simultâneo a MR porque o evento é visto da perspectiva do MF, embora se realize posteriormente.

Para o recorte do nosso estudo, vamos nos deter na análise dos tempos foco da nossa pesquisa. Mas é importante ressaltar a observação feita por Corôa (2005) em relação aos *tempora* do passado, em que o ME sempre é anterior ao MF. Dessa forma, eles permitem uma afirmação mais concreta e objetiva dos eventos, visto que já ocorreram e podem ser melhor percebidos pelos locutores e seus interlocutores. Ao contrário dos *tempora* do passado, as formas do futuro são menos explícitas por expressarem possibilidades de um mundo imaginado, suposto, já que

se referem a um tempo ainda não existente. Portanto, o futuro se configura sempre como uma possibilidade e as formas de expressá-lo são sempre matizadas pela modalidade. Por outro lado, diferentemente dos *tempora* do modo subjuntivo que se baseiam na condição, o futuro do modo indicativo expressa “sempre um pensamento que parte do possível para a certeza” (CORÔA, 2005, p. 56). A partir disso, a autora formula as possibilidades lógicas de tempo para o futuro, em que o ME é sempre posterior ao MF. O futuro do pretérito, objeto de nosso estudo, é assim definido: “é o *tempus* em que o MR é anterior ao MF que, por sua vez, é anterior ao ME” (CORÔA, 2005, p. 12). A representação estabelecida para esse tempo é MR – MF – ME.

Essa possibilidade compreende sentenças como “Francisco compraria o carro”, o chamado futuro do pretérito do indicativo na GT. Nesse *tempus*, o evento que ainda não ocorreu (comprar o carro) era previsto em um momento antes do MF, mas futuro em relação a um MR, que está antes do MF. Corôa (2005) ressalta que, no discurso indireto, essa possibilidade fica mais evidente. Assim, em “Francisco disse que compraria o carro”, considera-se a ação de “dizer” de Francisco como o MR que é anterior ao MF. O ato da compra do carro é visto como futuro em relação ao MR. A autora não menciona a forma composta do futuro do pretérito, levando-nos a entender que ambas possuem a mesma interpretação semântica. Como no exemplo dado acima, em uma sentença como: “Francisco *teria comprado* o carro se ele estivesse em boas condições”, o ME “comprar o carro”, é posterior ao MR “carro estar em boas condições”, que precede também o MF.

Com isso, verifica-se uma lacuna na obra da autora, pois ela afirma que, em todos os tempos do futuro, o ME está sempre precedido pelo MF. Essa afirmativa passível de contestação, pois, ao observarmos as frases usadas pela autora para exemplificar o tempo futuro do pretérito, “O garoto viria mais cedo” e “José disse que viria mais cedo”, não há elementos que comprovem que o evento “vir” aconteceu e, se aconteceu, se foi antes ou depois do MF.

O que percebemos nessa perspectiva, novamente, é uma tentativa de encaixar o tempo futuro que, como a própria autora alertou, é atravessado pela modalidade, em uma estrutura formal, ou seja, uma tentativa de encaixar o tempo relativo no tempo absoluto com “possibilidades matemáticas” (CORÔA, 2005) inspiradas no modelo de Reichenbach (1947). Ambos os teóricos propõem uma “caixa de força” tão fechada para enquadrar a temporalidade da língua que faltam elementos correspondentes tanto na língua inglesa quanto na portuguesa para representar todas as fórmulas apresentadas por eles. Não se pode querer aplicar à linguagem,

fórmulas matemáticas pelo caráter mutável próprio da língua, que deve sempre ser analisada em função do acontecimento enunciativo.

1.2.3 A perspectiva de Fiorin

Fiorin (2016, p. 26), com base em Benveniste, define a enunciação como a “colocação em funcionamento da língua por um ato individual de utilização”. Assim, para esse autor, quando se aborda a enunciação, é preciso, dentre outros aspectos, considerar as competências necessárias para a produção do enunciado que são de várias ordens: linguística, discursiva, textual, interdiscursiva, intertextual, pragmática, situacional. Ou seja, são as competências compartilhadas entre locutor e enunciatário que garantem a compreensão dos enunciados produzidos. Portanto, o autor reafirma a tese de Benveniste de que o homem só existe *na* língua e *pela* língua e de que a linguagem é uma atividade subjetiva em que o locutor se propõe como sujeito do seu discurso. Em sua perspectiva, o sujeito é tomado como ponto de referência, pois, ao enunciar, todo espaço e todo tempo organizam-se em torno dele. Trata-se de uma proposta bastante ampla. Por isso, em nosso estudo, tomaremos apenas o que Fiorin (2016) discorre acerca da categoria de tempo, em especial, sobre como o sistema temporal do português organiza os tempos verbais e como estes se projetam no discurso.

O autor diferencia três tipos de tempo: o físico, o cronológico e o linguístico. O primeiro refere-se ao intervalo entre os eventos; o segundo indica o momento do tempo físico, a partir do qual se estabelece a sucessão entre os eventos; o último diz respeito à categoria linguística pela qual os acontecimentos são localizados em função do momento da enunciação. Ao assumir o tempo linguístico, Fiorin (2016, p. 124) afirma que a “temporalização manifesta-se, na linguagem, na discursivização das ações, isto é, na narração, que é o simulacro da ação do homem no mundo”, uma vez que ações já passadas, em processo ou futuras se atualizam na linguagem. Acrescenta ainda que “O tempo é uma categoria da linguagem, pois é intrínseco à narração, mas cada língua manifesta-o diferentemente” (FIORIN, 2016, p. 125). O autor defende o conceito de tempo demarcado e, nessa perspectiva enunciativa do tempo, reafirma os autores anteriores, defendendo que o centro temporal da linguagem se organiza a partir da fala, tendo como eixo o momento da enunciação: “O discurso instaura um *agora*, momento da enunciação. Em contraposição ao *agora*, cria-se um *então*. Esse *agora* é, pois, o fundamento das oposições da língua” (FIORIN, 2016, p. 126, destaques do autor). Portanto, para o autor, o tempo linguístico

é gerado no discurso e sua especificidade é de se ordenar em relação ao momento da enunciação em um movimento de anterioridade, simultaneidade ou posterioridade.

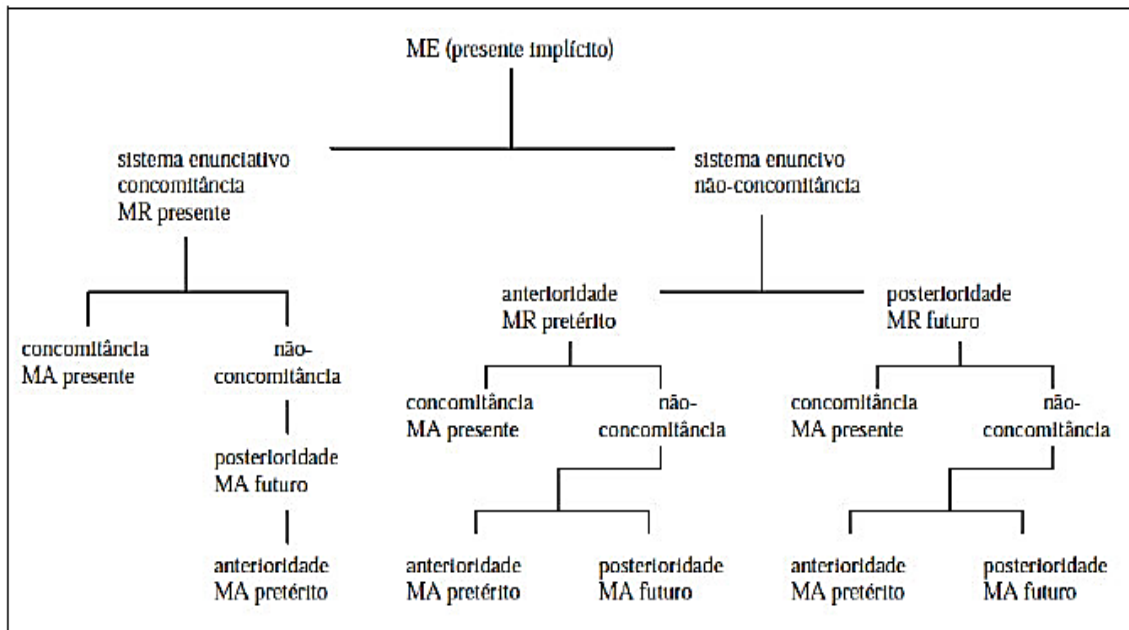
Para Fiorin (2016), o uso dessa categoria topológica de simultaneidade X não simultaneidade ao momento da enunciação permite dar conta do fato de que existem na língua dois sistemas temporais distintos, denominando o primeiro de enunciativo e o segundo de enuncivo. O primeiro está relacionado à enunciação e expressa coincidência entre ME e MR. O segundo relaciona-se a um MR instalado no enunciado e expressa não concomitância entre MR e ME, podendo o MR ser anterior ou posterior em relação ao da enunciação.

Diante disso, o autor discute três momentos estruturalmente relevantes na constituição do sistema temporal dos enunciados, os quais ele nomeia *momento de referência*, *momento de acontecimento*, *momento de enunciação*, doravante MR, MA e ME¹⁴ respectivamente, considerados os dois possíveis sistemas temporais existentes no discurso. Assim como Reichenbach (1947) e Corôa (2005), Fiorin (2016) entende que o momento da enunciação é o eixo fundamental de ordenação temporal da língua. O momento da referência está relacionado ao momento da enunciação e pode ser anterior, concomitante ou posterior a ele.

Conforme o autor, se o MR for concomitante ao ME, para se definir o MA como anterior, simultâneo ou posterior, usa-se como baliza o ME. O MR presente só é explicitado em situações em que há distanciamento espacial e temporal entre os enunciatários. Em uma carta, por exemplo, quando se usa o dêitico *hoje*, é preciso se ancorar na referência da data em que a carta foi escrita para significar esse *hoje*. No entanto, se for usado um dos verbos do sistema enuncivo, em que o MR é anterior ou posterior ao ME, o MR deve ser explicitado no enunciado para que se possa estabelecer a relação de anterioridade, concomitância ou posterioridade do MA.

¹⁴ Fiorin (2016) não sistematiza a relação entre os três momentos constitutivos do sistema temporal como fizeram os outros autores. Para organização do nosso estudo, decidimos fazê-lo a fim de estabelecer uma melhor compreensão e comparação da teoria deste autor com as de Reichenbach (1947) e Corôa (2005). Assim como nas perspectivas anteriores, o travessão significa anterioridade ou posterioridade. Vírgulas não serão usadas na representação dos tempos objeto de estudo, visto que, em nenhum deles, ocorre simultaneidade entre os três momentos.

Figura 1 – Sistemas temporais linguísticos do português proposto por Fiorin.



Fonte: Fiorin, 2016, p. 130.

O quadro sistematiza o que ocorre no discurso: as informações, os acontecimentos se organizam em relação aos três momentos de referência: o presente, o pretérito e o futuro. O momento do acontecimento, por sua vez, pode acontecer de forma anterior, concomitante ou posterior em relação a cada um desses três momentos da referência. No idioma português, há tempos verbais para expressar a anterioridade, a concomitância e a posterioridade dos acontecimentos em relação a cada um dos momentos de referência.

Aplicando a proposta de Fiorin (2016) aos tempos verbais em estudo, podemos considerá-los como pertencentes ao sistema enuncivo, já que, em nenhum deles, ocorre concomitância entre MR e ME. No futuro do pretérito, tempo que, segundo o autor, tem caráter de uma antecipação imaginária com valor hipotético, o MA é posterior ao MR, ficando sistematizado da seguinte forma: MR – MA – ME. O autor ressalta diferenças aspectuais em relação à forma simples e a forma composta do tempo futuro do pretérito. A primeira apresenta aspecto imperfectivo e a forma perifrástica é perfectiva. Além disso, a forma composta, como a simples, marca um fato posterior a um MR anterior ao ME, mas indica um fato anterior a outro acontecimento futuro, já que, na maioria das vezes, aparece associado ao pretérito imperfeito do subjuntivo ou a outro momento que não é o da referência. Assim, “[...] para o uso do futuro do pretérito composto, levam-se em conta dois momentos de referência: ele é posterior a um e anterior a outro” (FIORIN, 2016, p. 143).

O tempo futuro do futuro é abordado por Fiorin (2016), mas não como um desdobramento do futuro do pretérito, conforme nossa perspectiva. Na concepção desse autor, o futuro do futuro refere à forma verbal no futuro do presente simples após outro evento também futuro, ou seja, o acontecimento é posterior ao MR que também é posterior em relação ao ME, isto é, ME – MR – MA. A sentença: “Ele se formará e será um bom professor”, a forma verbal “será”, é um exemplo do futuro do futuro exposto pelo autor, pois o evento “ser um bom professor” acontecerá após a formatura que também é um evento futuro. Explica o autor que

A posterioridade em relação a um momento de referência futuro é indicada pelo futuro do presente simples, que será nesse caso, um futuro do futuro. Esse futuro estará correlacionado a outro(s) futuro(s) do presente simples. A ulterioridade de um em relação a outro será marcada, implícita ou explicitamente pela palavra *depois* ou um parassinônimo (FIORIN, 2016, p. 144, destaque do autor).

Apesar de cada MR apresentar um tempo verbal capaz de sinalizar o posicionamento do MA em relação ao ME, Fiorin (2016) ressalta que é necessário estar atento às astúcias da enunciação, uma vez que, muitas das vezes, o locutor, visando atingir determinado efeito de sentido, subverte o tempo linguístico e não faz uso do tempo verbal de acordo com os parâmetros gramaticais.

Ora, quando se neutralizam termos da categoria do tempo, o efeito de sentido que se produz é o de que o tempo é pura construção do locutor, que presentifica o passado, torna o futuro presente, etc. Assim, com esse procedimento, passa-se da ilusão enunciativa da naturalidade dos tempos do dizer e do dito, da quimera de que o tempo linguístico é o tempo do mundo para a certeza de que o tempo é efeito de sentido produzido pela enunciação (FIORIN, 2016, p. 172).

Nesse caso, o locutor usa um tempo verbal com o valor de outro. O autor cita, dentre outros, o uso do futuro do pretérito, que indica posterioridade no subsistema enuncivo da anterioridade, no lugar do presente, que indica concomitância no sistema enunciativo, com o objetivo de fazer o acontecimento expresso que está em curso parecer imaginário, não confirmado. Uma situação como essa pode ser percebida em sentenças como: “Estou aqui desde cedo. A espera é longa. Já não *teria* mais fome a essa altura”. O MR de *teria* é concomitante em relação ao ME. No entanto, não é usado o presente e sim o futuro do pretérito, desconstruindo a certeza do fato, tornando-o hipotético.

Portanto, diante dessa observação de Fiorin (2016) sobre a necessidade de dar uma interpretação temporal adequada às orações do português, considerando as noções semânticas, reafirmamos a importância de trabalhar os aspectos enunciativos da linguagem no processo de ensino da

língua materna. O percurso didático para trabalho com os tempos verbais em sala de aula deve conduzir o aluno a um processo de reflexão sobre os sentidos atribuídos ao texto por uma ou outra forma linguística.

1.2.4 A perspectiva de Abraçado

Outra estudiosa a se debruçar sobre a questão do tempo linguístico foi Abraçado (2020). A autora reconhece que, no português, a expressão linguística do tempo pode ser feita de diversas formas, sendo que, em termos gramaticais, os verbos constituem a principal delas. Além disso, reitera os teóricos anteriores afirmando que a localização de uma situação ocorre em função do momento presente da enunciação. A partir desse centro dêitico do discurso, formam-se os tempos verbais, tanto os simples quanto os compostos, no âmbito do passado, do presente e do futuro, indicando respectivamente realidade passada, realidade imediata e realidade potencial. Ainda sobre os tempos linguísticos, a autora alerta que eles não exprimem apenas noção de tempo, mas também de modalidade e de aspectualidade, além de informação discursiva.

Em relação aos tempos do futuro em estudo, Abraçado (2020) traz para a discussão a concepção de Langacker (1991) para quem “no futuro, a relação intrínseca se estabelece com a modalidade, uma vez que a realidade potencial abarca a realidade projetada em que são situados eventos programados, previsíveis e esperados” (ABRAÇADO, 2020, p. 62). Diante disso, o que a autora propõe é que, ao nos depararmos com uma situação, damos a ela um estatuto de realidade, localizamo-la no tempo e construímos uma perspectiva sobre ela.

A pesquisadora explica que a “modalidade, portanto, diz respeito à expressão da atitude do falante em relação ao seu próprio enunciado, explicitando sua atitude psíquica em face da situação a que se refere” (ABRAÇADO, 2020, p. 72). Assim, ela considera que o locutor usa o modo verbal indicativo quando avalia a situação a que se refere como factual, real e vale-se do modo subjuntivo quando entende a situação como duvidosa, hipotética.

Reforçando o que afirma Corôa (2005) sobre a instabilidade inerente aos tempos do futuro, já que ele não faz parte de nossas experiências, a autora ressalta que não podemos prescindir de lidar com as complexidades desse tempo verbal em relação à modalidade, pois, um enunciado no futuro vem sempre carregado de expectativas, suposições, desejos. Assim, as formas verbais futurizadas estão estreitamente relacionadas à modalização.

Como vimos, diferentemente do passado e do presente, o futuro nos remete a uma realidade potencial não conhecida, e, em função disso, a referência a situações futuras está inerentemente relacionada à avaliação epistêmica que envolve graus de certeza em relação à realização da situação em questão (ABRAÇADO, 2020, p. 113).

Essas peculiaridades do tempo futuro apontadas por Abraçado (2020) e pelos outros teóricos reforçam a necessidade de observarmos a temporalidade dentro do acontecimento enunciativo conforme entendido pela Semântica da Enunciação, cujos pressupostos teóricos serão expostos na próxima seção.

1.3 A LÍNGUA NA PERSPECTIVA DA SEMÂNTICA DA ENUNCIÇÃO

Nosso estudo tem por fundamento os princípios da Semântica da Enunciação que busca entender como as formas linguísticas apreendem os sentidos socio-históricos construídos pela sociedade ao longo do tempo e como se dá o modo de construção da significação pela língua. Como há várias teorias da enunciação, surgidas em diferentes momentos, faz-se necessário explicar que nossa perspectiva se filia à Semântica do Acontecimento, desenvolvida no Brasil por Guimarães (2002) e, posteriormente, por Dias (2018) com base nos fundamentos de Bally, Benveniste e Ducrot. O uso do termo acontecimento em lugar de enunciação se deve ao fato desta ser concebida “como um acontecimento no qual se dá a relação do sujeito com a língua (GUIMARÃES, 2002, p. 8).

Apesar da existência de diversas teorias enunciativas, ao analisá-las, é possível estabelecer alguns princípios comuns a elas que subjazem a perspectiva da Semântica da Enunciação. Por isso, antes explanarmos sobre seus fundamentos, vamos apresentar as abordagens cujos pressupostos teóricos deram origem a ela.

Bally (1965), referência para os estudiosos da enunciação, afirma que enunciar não é formular propriedades para a realidade, mas demonstrar uma reação a ela. Essa perspectiva acentua a relação entre o sujeito falante e o enunciado. Para o autor, não há neutralidade na enunciação, pois, toda vez que alguém produz um enunciado (*dictum*), manifesta um julgamento, uma perspectiva (*modus*) sobre o conteúdo dito. Sendo assim, o enunciado é um flagrante da reação do locutor diante do evento referido. Através do *modus*, a representação formal da frase é atualizada e ganha sentido pelo falante. Para reforçar a tese de Bally, Dias (2018, p. 58) afirma que ao produzirmos um enunciado, “nós concebemos de uma maneira ou de outra as entidades

e as situações do mundo referido. Por isso, transmitir um conhecimento é tão somente o aspecto comunicativo da enunciação. Quando enunciamos, nós assumimos uma visão sobre aquilo que estamos dizendo”.

Enunciar, portanto, é produzir uma perspectiva, um direcionamento para a significação. Segundo Dias (2018, p. 59), “a ideia de mobilidade para Bally, aparece nas diversas possibilidades que nós temos de conceber uma entidade ou situação nos nossos enunciados (isso que Bally chama de *modus*)”. Nesta perspectiva de conceber a enunciação, o “conteúdo” (o *a-dizer*) não pode ser desvinculado de uma concepção na formulação em língua.

Benveniste (2006), contrariando a linguística centrada na forma, estabelece o domínio do discurso e defende que as palavras mantêm micro relações que só fazem sentido quando se relacionam no discurso. Assim, a enunciação é definida pelo autor como “este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (BENVENISTE, 2006, p. 82). A enunciação acontece, portanto, quando a língua passa da instância do possível para a instância discursiva. Antes do discurso, a língua carrega um conjunto de formas linguísticas repleto de possibilidades de dizer. Isso significa que os signos particularizam no uso da língua e, a partir do momento em que o sujeito se apropria das palavras, ele produz seu discurso e acontece a enunciação. Desse modo, a enunciação consiste na conversão do semiótico para o semântico em que a palavra é retirada da generalidade e adquire um sentido específico.

Posteriormente, o linguista francês Ducrot (1987) reforça e amplia a perspectiva de Bally (1965) em relação à presença do sujeito locutor e formula a teoria da polifonia, explicitando a existência simultânea de várias vozes no interior de um único enunciado. No entender do autor, o enunciado é constituído não só por um locutor, o ser responsável pelo enunciado, mas por uma pluralidade de sujeitos falantes, que representam os pontos de vista constituintes do posicionamento de quem produz o enunciado.

Ducrot pontua ainda que a enunciação é um acontecimento histórico em que as palavras sempre se atualizam e adquirem referentes específicos. Portanto, têm caráter irrepetível e único já que adquirem especificidades no acontecimento enunciativo. No seu entender, todo dizer é argumentativo e uma palavra significa quando enunciamos numa determinada direção e a mobilidade está justamente nessas orientações e direcionamentos do dizer.

Juntamente com Carel, em 2010, Ducrot atualizou a teoria da polifonia, integrando-a à argumentação e desenvolveram a Teoria dos Blocos Semânticos, afastando ainda mais da concepção referencialista da linguagem. Nessa nova teoria, as palavras adquirem significação quando são associados discursos a elas, sendo estes os doadores de sentido e o lugar de definição dos termos que se empregam. Os autores defendem que há encadeamentos argumentativos na própria significação das palavras e dos enunciados com os quais os discursos são produzidos. Todas as palavras são afetadas por discursividades e a língua é naturalmente argumentativa. Há um “já enunciado” que se instala no acontecimento da enunciação e o sentido é construído pelo encadeamento nas construções linguísticas.

Tomando por base as perspectivas anteriores, no Brasil, desde a década de 1980, Guimarães desenvolveu sua teoria chamada Semântica do Acontecimento cujo objeto de análise é o enunciado. Trata-se de “uma semântica que considera que a análise do sentido da linguagem deve focalizar-se no estudo da enunciação, do acontecimento do dizer” (GUIMARÃES, 2017, p. 9). Para o autor, a enunciação é um acontecimento histórico-social afetado pela interdiscursividade que permeia as práticas de linguagem do locutor e ocorre quando produzimos individualmente enunciados determinados por sentidos socio-históricos. Logo, a significação é histórica já que a história é constituída do presente da enunciação.

A Semântica do Acontecimento considera, além do sistema linguístico, historicidades que se consubstanciam na língua. Para Guimarães, a significação tem origens na exterioridade da língua e a construção do sentido depende de vários fatores: o acontecimento, a temporalidade, o sujeito locutor, o interlocutor com quem interage, o espaço enunciativo.

Assim como Benveniste, o autor entende que a enunciação, enquanto acontecimento de linguagem, se faz pela colocação da língua em funcionamento. No entanto, em relação à temporalidade, diferentemente do linguista francês, para quem o locutor constitui centro do tempo da enunciação ao enunciar, permitindo a organização de um passado e um futuro, Guimarães (2017) defende que quem temporaliza o enunciado é o acontecimento e não o sujeito. Este é tomado na temporalidade do acontecimento.

Considero que algo é acontecimento enquanto diferença na sua própria ordem. E o que caracteriza a diferença é que o acontecimento não é um fato no tempo. Ou seja, não é um fato novo enquanto distinto de qualquer outro ocorrido antes no tempo. O que o caracteriza como diferença é que o acontecimento temporaliza. Ele não está num presente de um antes e de um depois no tempo. O acontecimento instala sua própria temporalidade: essa a sua diferença (GUIMARÃES, 2017, p. 16).

Portanto, esse autor considera que o sentido de um enunciado são os efeitos de sua enunciação, segundo as condições histórico-enunciativas em que aparece. O sujeito falante se posiciona nos espaços sociais em que ele atua. No entender de Guimarães, a enunciação é a língua posta em funcionamento pelo interdiscurso do acontecimento que resulta da relação do presente do dizer com a memória do já dito e as regularidades sintáticas que definem a ordem das relações que determinam as circunscrições dos modos de enunciar constituídos na memória do dizer. “Enunciar é estar na língua em funcionamento. E a língua não funciona no tempo, mas pelas relações semiológicas que tem. A língua funciona no acontecimento, pelo acontecimento e não pela assunção de um indivíduo” (GUIMARÃES, 2017, p. 30).

Assim, um enunciado faz sentido à medida que conecta com dimensões anteriores, contemporâneas e posteriores a ele. Anterior a ele, é preciso acionar o passado memorável em que se ancoram as formas linguísticas, pois uma palavra significa no presente pelo que ela já significou no passado. No presente, é preciso observar as regularidades da língua às quais as formas linguísticas devem se submeter. A linguagem, nessa perspectiva, é compreendida como um fenômeno histórico que funciona segundo um conjunto de regularidades estabelecidas socialmente e que dão consistência interna ao enunciado. Conforme o autor, “quanto a uma língua, diríamos que ela é uma dispersão de regularidades linguísticas que a caracteriza, necessariamente, como fenômeno social e histórico” (GUIMARÃES, 2002, p. 17). Essas evocações dos significados das palavras no passado atualizadas no acontecimento enunciativo repercutem e desencadeiam pontos de vista posteriores à enunciação.

Para Guimarães (2017), o acontecimento da enunciação se dá em um espaço de divisão de línguas que ele chama *espaço de enunciação*.

Os espaços de enunciação são os espaços de funcionamento de língua, que se dividem, redividem, se misturam, desfazem, transformam, por disputa incessante. São espaços “habitados” por falantes, ou seja, por sujeitos divididos por seus direitos ao dizer e aos modos de dizer. São espaços constituídos pela equivocidade própria do acontecimento: da deontologia que organiza e distribui papéis, e de conflito, indissociado desta deontologia, que redivide o sensível, os papéis sociais. O espaço de enunciação é um espaço político (GUIMARÃES, 2017, p. 25).

O espaço de enunciação é concebido, portanto, não como um espaço físico, mas como um espaço político por ser marcado por disputas pelas palavras e pelas línguas. Para o autor, “o político é um conflito entre uma divisão normativa e desigual do real da língua e uma redivisão pela qual os desiguais afirmam seu pertencimento” (GUIMARÃES, 2017, p. 22). Sendo assim,

o político não é algo exterior à língua e sim parte do seu funcionamento, já que nele a linguagem funciona expondo-se ao real sobre o qual fala, significando-o. Retomando as afirmações do autor,

O acontecimento de linguagem por se dar nos espaços de enunciação é um acontecimento político. Ou seja, a constituição da temporalidade do acontecimento se faz pelo funcionamento da língua enquanto numa relação com línguas e falantes regulada por uma deontologia global do dizer em uma certa língua (GUIMARÃES, 2017, p. 24).

Desse modo, os falantes de uma língua não são as pessoas que falam o idioma de forma individual ou subjetiva. São essas pessoas determinadas pela língua que falam. A esses sujeitos da língua constituídos pelo espaço da língua e falantes, Guimarães chama de espaço de enunciação. Portanto, no entender do autor, o falante não é uma figura física, psíquica, empírica, mas uma figura agenciada politicamente, constituída pelo espaço de enunciação e que assume a palavra nesse espaço.

Ao ser agenciado politicamente, o falante constitui a cena enunciativa, que são espaços específicos de enunciação em que ocorrem modos específicos de acesso às palavras em função da relação dos falantes com as formas da língua. Isso significa que o acontecimento da enunciação produz sentido ao constituí-la.

A cena enunciativa é assim um espaço particularizado por uma deontologia específica de distribuição dos lugares de enunciação no acontecimento enunciativo. Os lugares enunciativos são configurações específicas do agenciamento enunciativo para “aquele que fala” e “aquele para quem se fala”. Na cena enunciativa “aquele que fala” ou “aquele para quem se fala” não são pessoas mas uma configuração do agenciamento enunciativo. São lugares constituídos pelos dizeres e não pessoas donas do seu dizer.

A distribuição de lugares se faz pela temporalização própria do acontecimento. Neste sentido a temporalidade é o fundamento para a cena enunciativa. (GUIMARÃES, 2017, p. 31).

Seguindo a linha da Semântica do Acontecimento, Dias (2002, p. 53) entende a enunciação como “acontecimento histórico relativo à produção do enunciado”. Para esse autor, os sentidos são construídos pelo modo como concebemos o mundo. Como a sociedade não é homogênea, este é visto sob várias perspectivas, por diversos olhares sociais e, dessa forma, diferentes interpretações são produzidas. Ao enunciarmos, tomamos parte dessas perspectivas para direcionarmos nosso discurso. Ao produzir um texto, seja ele oral, escrito, multissemiótico, fazemos uso da linguagem em seu sentido social. Logo, o significado é socio-histórico, porque

os sentidos individuais são construídos com base nos sentidos sociais. O texto é individual, mas sua constituição é social, pois usa palavras sociais e parte de perspectivas sociais.

Para começar, temos um nome para o acontecimento da produção do enunciado: enunciação. Trata-se de um ponto de vista para “enxergar” o enunciado com base na sua parte não visível, isto é, o acontecimento da sua produção.

Porque nós falamos em “acontecimento”? Porque todo acontecimento é assim. Algo acontece quando, por exemplo, uma situação, um objeto, uma pessoa, um animal, um conceito, se tornam pertinentes para nós, e assim nos provocam reações. Assim é o acontecimento da produção de um tapete, assim é o acontecimento da produção dos nossos enunciados (DIAS, 2021, p. 4, no prelo).

A linguagem, portanto, é que revela o modo como concebemos o mundo socialmente. A língua é que dá forma aos sentidos socio-históricos que são construídos e é responsável por registrar os eventos do mundo, convertendo-os em acontecimentos da enunciação. Isso significa que, nessa perspectiva, eventos são diferentes de acontecimentos. Os primeiros dizem respeito aos fatos que se sucedem no mundo. Já os acontecimentos consistem no sentido socio-histórico atribuído aos eventos. Desse modo, para fazer sentido, é necessário que os eventos sejam transformados em acontecimentos. Para Dias (2018, p. 62), “O acontecimento enunciativo é de ordem social, e envolve necessariamente a relação entre falantes”. Estes são entendidos como sujeitos da enunciação já que assumem a linguagem de acordo com os fatores socio-históricos. Reitera ainda o autor que

Na medida em que um enunciado se constitui como uma forma que faz sentido, esse sentido se dá nas relações entre uma dimensão anterior ao seu proferimento, a dimensão presente ao proferimento, em que a forma do enunciado obedece às regularidades da língua e uma dimensão futura, dado que o dizer repercute no espaço de enunciação. Dessa maneira, faz parte do acontecimento um antes e um depois do proferimento efetivo do enunciado: ele extrapola o tempo em que o enunciado foi efetivamente realizado (data, hora, lugar específico etc.) (DIAS, 2018, p.64).

Enunciar na concepção de Dias (2018) é significar. Para isso, é preciso observar o sentido no acontecimento enunciativo, considerando o domínio de mobilização, ou seja, “as articulações de sentido socialmente configuradas que determinam as formas expressivas na constituição de uma unidade significativa (DIAS, 2018, p. 17). Em outras palavras, o domínio de mobilização consiste nas motivações sociais para significar em uma determinada direção. A enunciação é tomada como operações que regulam a retomada e a circulação do discurso e considera a constituição histórica do sentido para que o enunciado adquira pertinência social que diz respeito à “relação que um enunciado mantém com as cenas que nos acionam a dizer algo na instância do presente do enunciar” (DIAS, 2018, p. 103).

O enunciado adquire pertinência enunciativa no presente do dizer porque se ancora em dizeres anteriores, os quais constituem o seu referencial histórico. No entendimento de Dias (2018), o enunciado se torna pertinente na comunicação cotidiana quando produz relações com a memória de outros dizeres. Esse memorável é parte do referencial histórico, pois “é constituído nas relações de ancoragem entre o campo de memória e de atualidade do acontecimento enunciativo, fundamentos do conceito de domínio de mobilidade” (DIAS, 2018, p. 189). Ainda nas palavras do autor,

Se há uma palavra na língua, é porque há um interesse social para a sua existência. Esse interesse social traduz o que chamamos de referencial histórico. E se há uma necessidade social que determina a existência de uma palavra, há as possibilidades dessa palavra ser pertinente nos nossos enunciados, isto é, um interesse para que ela integre textos de relevância nas nossas vidas (DIAS, 2021, p. 14, no prelo).

A significação, portanto, “nunca é algo pronto, definitivo, algo que as formas de expressão apenas reproduzem. As formas de expressão não retratam somente aquilo que já está significado. Ao contrário, o homem precisa significar o tempo todo” (DIAS, 2018, p. 13). Desse modo, a significação é sempre construída com base em referenciais sociais e os modos de expressar são determinados historicamente e condicionados a um determinado tempo e espaço. É com base nesse referencial histórico que o enunciado contrai pertinência enunciativa. Conforme ressalta Dias (2018, p. 37), “uma forma linguística constitui-se como tal na conformação de unidades às regularidades da língua, tendo em vista o seu acionamento enunciativo”.

Em função desse aporte teórico, reiteramos nossa afirmação de que os materiais didáticos destinados ao ensino da língua não podem se valer de definições rígidas, de exemplos isolados de seus espaços enunciativos de origem ou simplesmente serem criados pelos autores desses materiais para ilustrar as definições feitas sobre os fatos linguísticos. As práticas de ensino da classe verbal devem ser voltadas para levar o aluno a reconhecer essas categorias como fatores essenciais na construção dos sentidos do texto e saber usar de forma adequada os mecanismos linguísticos na produção de discursos nas diversas situações de interação social, conforme recomendado pelos documentos oficiais que orientam o ensino de língua.

Todo o arcabouço teórico aqui apresentado fundamenta a visão de como deve ser trabalhada a análise linguística em sala de aula, que, conforme as diretrizes de ensino, não deve se pautar

em atividade de metalinguagem, mas sim, em atividades que favoreçam a reflexão dos alunos sobre os usos da língua e o desenvolvimento habilidades linguísticas e discursivas.

Mas, e as escolas? Como a temporalidade verbal é trabalhada nas salas de aula? Como a categoria verbal é apresentada e trabalhada com os alunos? O que dizem os documentos orientadores do ensino? Como os livros didáticos abordam esse conteúdo? Todos esses tópicos serão abordados e avaliados no próximo capítulo a fim de se ter um panorama do ensino e de como os aspectos enunciativos da linguagem podem ser trabalhados de modo a assegurar uma aprendizagem que de fato contribua para as práticas de reflexão sobre a língua e possibilitem aos alunos ampliarem suas habilidades linguísticas e discursivas.

CAPÍTULO 2

O ENSINO DA TEMPORALIDADE VERBAL NO ENSINO FUNDAMENTAL II: O QUE DIZ A BNCC E COMO É TRABALHADO NOS LIVROS DIDÁTICOS

Este capítulo é dedicado à investigação do ensino da temporalidade verbal nas salas de aula. Para isso, tomaremos a BNCC (2018), documento normativo que orienta a elaboração dos currículos escolares e propostas pedagógicas, estabelecendo as competências gerais e específicas a serem desenvolvidas em cada ano da educação básica.

Além disso, faremos a análise dos livros didáticos pertencentes a três coleções destinadas aos anos finais do ensino fundamental usadas na atualidade, observando como desenvolvem esse conteúdo, já que são um dos principais materiais didáticos de apoio ao trabalho do professor. Todos os livros avaliados foram aprovados no PNLD¹⁵ 2020 – Programa Nacional do Livro Didático –, para serem usados de 2020 a 2023.

Nosso objetivo é verificar se o trabalho com a temporalidade verbal é orientado e trabalhado de modo a desenvolver no aluno a percepção enunciativo-discursiva da língua portuguesa, o que implica levar o aluno a compreender que a língua é um instrumento de pertencimento ao mundo e que, ao acioná-la seja lendo ou produzindo textos, estamos em contato com enunciados nascidos de diversas relações e que desencadeiam outras.

2.1 O QUE DIZ A BNCC A RESPEITO DO ENSINO DA TEMPORALIDADE VERBAL

Primeiramente, faz-se necessário compreender a perspectiva pela qual esse documento se orienta. A BNCC norteia-se pela concepção sociointeracionista da língua, concebendo-a como um conjunto de práticas sociais e cognitivas historicamente situadas, sendo as interações entre os indivíduos fundamentais para o desenvolvimento e aprendizagem do ser humano. Nessa perspectiva, o texto é tomado como a centralidade do trabalho com a linguagem, pois acredita-

¹⁵ De acordo com o Guia do PNLD 2020, do qual as coleções analisadas neste estudo fazem parte, nesta edição, para o componente curricular de Língua Portuguesa, foram inscritas 17 coleções, sendo uma invalidada por não atender aos critérios da fase de validação. Das 16 coleções restantes, apenas seis delas foram aprovadas, o que corresponde a 37,5% de aprovação.

se que este representa as práticas de linguagem em sua totalidade, permitindo ao aluno reflexões em situações significativas de interação social.

Tal proposta assume a centralidade do **texto** como unidade de trabalho e as perspectivas enunciativo-discursivas na abordagem, de forma a sempre relacionar os textos a seus contextos de produção e o desenvolvimento de habilidades ao uso significativo da linguagem em atividades de leitura, escuta e produção de textos em várias mídias e semioses (BRASIL, 2018, p. 67, destaque no documento).

Esse excerto permite-nos dizer que o conceito de texto na BNCC foi ampliado em relação aos PCN, Parâmetros Curriculares Nacionais, diretriz de ensino de 1998, que vigorou até a implementação da BNCC, em que o texto, apesar de já ser defendido como o centro do ensino de língua, era entendido apenas como o verbal oral ou escrito.

Uma vez que as práticas da linguagem são uma totalidade e que o sujeito expande sua capacidade de uso da linguagem e de reflexo sobre ela em situações significativas de interlocução, as propostas didáticas de ensino de Língua Portuguesa devem organizar-se **tomando o texto (oral ou escrito) como unidade básica de trabalho**, considerando a diversidade de textos que circulam socialmente (BRASIL, 1998, p. 58-59, destaque nosso).

As linguagens não verbais passaram a ser contempladas pela BNCC, já que o avanço das TDIC, tecnologias digitais de informação e comunicação, permitiu não só uma maior interação entre as pessoas como também o uso de uma maior diversidade de linguagens no processo de comunicação. Isso acarretou mudanças na área de linguagens e o conceito de texto precisou ser ampliado para dar conta de todas as formas de interação. Assim, ele passou a ser compreendido também como multimodal/multissemiótico, que se manifesta através de gêneros textuais tanto impressos quanto digitais. “Não se trata de deixar de privilegiar o escrito/impresso nem de deixar de considerar gêneros e práticas consagrados pela escola, [...] próprios do letramento da letra e do impresso, mas de contemplar também os novos letramentos, essencialmente digitais” (BRASIL, 2018, p. 67).

Em relação ao eixo de análise linguística, A BNCC orienta que o trabalho deve ser desenvolvido em uma perspectiva enunciativo-discursiva de linguagem e que este seja feito a partir do texto com vistas ao desenvolvimento das habilidades linguísticas e discursivas. Neste documento, encontram-se os seguintes trechos:

Cabe ressaltar, reiterando o movimento metodológico de documentos curriculares anteriores, que **estudos de natureza teórica e metalinguística** – sobre a língua, sobre a literatura, **sobre a norma padrão e outras variedades da língua** – **não devem nesse nível de ensino ser tomados como um fim em si mesmo**, devendo estar

envolvidos em práticas de reflexão que permitam aos estudantes ampliarem suas capacidades de uso da língua/linguagens (em leitura e em produção) em práticas situadas de linguagem (BRASIL, 2018, p. 71, destaques nossos).

Os conhecimentos grafofônicos, ortográficos, lexicais, morfológicos, sintáticos, textuais, discursivos, sociolinguísticos e semióticos que operam nas análises linguísticas e semióticas necessárias à compreensão e à produção de linguagens estarão, concomitantemente, sendo construídos durante o Ensino Fundamental. Assim, as práticas de leitura/escuta e de produção de textos orais, escritos e multissemióticos oportunizam situações de reflexão sobre a língua e as linguagens de uma forma geral, em que essas descrições, conceitos e regras operam e nas quais serão concomitantemente construídos: comparação entre definições que permitam observar diferenças de recortes e ênfases na formulação de conceitos e regras; comparação de diferentes formas de dizer “a mesma coisa” e **análise dos efeitos de sentido que essas formas podem trazer/ suscitar**; exploração dos modos de significar dos diferentes sistemas semióticos etc. (BRASIL, 2018, p. 81, destaques nossos).

O documento é enfático ao orientar que o ensino gramatical no ensino fundamental II deve ser vinculado às práticas de linguagem, para que o aluno perceba as relações linguísticas enquanto constituintes de uma unidade de sentido. Assim, as atividades de análise linguística propostas aos alunos devem despertar neles a reflexão sobre o funcionamento da língua, levando-os ao entendimento de como os recursos linguísticos e semióticos colaboram para gerar efeitos de sentido e formar as cenas enunciativas. Por isso, a necessidade de se trabalhar a partir de textos, pois é neles que se pode perceber toda a dimensão enunciativa da linguagem. Em textos multissemióticos, por exemplo, é preciso levar os alunos a compreenderem como o não verbal se integra à estruturação linguística, sintática e enunciativa de maneira constitutiva, complementando e interferindo na construção do sentido global dos textos. Enfim, é necessário, explorar os efeitos de sentido decorrentes de fenômenos léxico-semânticos no texto para que os alunos possam ampliar suas possibilidades de participação na sociedade.

Logo, as concepções da Semântica da Enunciação vão ao encontro do documento oficial, uma vez que também entendemos a língua como uma atividade humana relacionada a uma temporalidade e à produção de sentido, mas com diferenças em relação ao lugar da história e ao lugar da dimensão interativa, que acreditamos serem anteriores à comunicação. Entendemos a língua em uma relação interdiscursiva, em que o sentido é construído na relação entre memória e acontecimento. Assim, o processo comunicativo é resultado da transformação do social para o individual. Desse modo, na visão da Semântica da Enunciação, as formas linguísticas não adquirem significado somente a partir da interação entre os usuários da língua. Ao serem acionadas, elas já trazem uma significação dada pelo referencial histórico que os alocutários têm delas na memória. Portanto, só é possível compreender o enunciado presente

se interpretar o que as formas linguísticas que o constituem já significaram no passado. Nessa atualização é que elementos linguísticos se articulam na constituição da significação do texto.

No entender de Guimarães (2011, p. 27), o texto é uma unidade de sentido que integra enunciados que “reportam sempre a enunciados de outras enunciações anteriores de outros textos”. Logo, para o autor, ao interpretar um texto, não basta decodificá-lo. É preciso considerar a língua em funcionamento nas situações em que os acontecimentos enunciativos se realizam. Devemos, pois, levar em consideração que os enunciados que integram o texto são constituídos por formas linguísticas que relacionam entre si, que obedecem às regularidades da língua e que colaboram com a produção do sentido global dos textos. Desse modo, elas devem ser tomadas como objeto de estudo com vistas à compreensão do modo como participam do funcionamento semântico na construção de sentidos.

Em consonância com a BNCC e com Guimarães (2011), defendemos que o ensino da língua portuguesa nos anos finais do ensino fundamental deve proporcionar aos alunos experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos, de modo a possibilitar-lhes a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais de uso das linguagens. Na era das TDIC, o trabalho voltado para esse sentido torna-se ainda mais necessário, já que as novas tecnologias permitem a produção de textos cada vez mais multissemióticos que atingem uma circulação ainda mais ampla nas diversas esferas sociais e proporcionam uma maior interação entre os usuários de diferentes línguas. Para isso, todo o trabalho em sala de aula deve estar centrado em textos e todo o conhecimento desenvolvido sobre gêneros textuais, sobre as normas linguísticas, sobre as diversas linguagens deve contemplar a heterogeneidade das práticas sociais de leitura, escrita, uso da língua/linguagens.

Na BNCC, especificamente em relação ao ensino da categoria dos verbos, as seguintes habilidades¹⁶ são relacionadas para serem desenvolvidas no decorrer dos anos finais do ensino fundamental:

¹⁶ Cada habilidade prevista na BNCC é identificada por um código alfanumérico cujas siglas, no quadro 7, têm os seguintes significados: EF = Ensino Fundamental; Os números logo após o EF designam o ano ou os anos de escolaridade em que a habilidade deve ser trabalhada. Assim, 67, por exemplo, significa que a habilidade deve ser trabalhada no 6º e no 7º ano; 08 indica que é uma habilidade a ser trabalhada no 8º ano; 69 representa uma habilidade que deve ser contemplada nos quatro anos finais do ensino fundamental. LP = Língua Portuguesa, o componente curricular a que a habilidade está vinculada. O número final indica a ordem em que a habilidade aparece no documento.

Quadro 7 – Habilidades previstas na BNCC relacionadas à categoria verbal.

(EF69LP04) Identificar e analisar os efeitos de sentido que fortalecem a persuasão nos textos publicitários, relacionando as estratégias de persuasão e apelo ao consumo com os recursos linguístico-discursivos utilizados, como imagens, **tempo verbal**, jogos de palavras, figuras de linguagem etc., com vistas a fomentar práticas de consumo conscientes (BRASIL, 2018, p. 139, destaque nosso).

(EF69LP17) Perceber e analisar os recursos estilísticos e semióticos dos gêneros jornalísticos e publicitários, os aspectos relativos ao tratamento da informação em notícias, como a ordenação dos eventos, as escolhas lexicais, o efeito de imparcialidade do relato, **a morfologia do verbo**, em textos noticiosos e argumentativos, reconhecendo marcas de pessoa, número, tempo, modo, a distribuição dos verbos nos gêneros textuais (por exemplo, **as formas de pretérito em relatos; as formas de presente e futuro em gêneros argumentativos**; as formas de imperativo em gêneros publicitários), o uso de recursos persuasivos em textos argumentativos diversos (como a elaboração do título, escolhas lexicais, construções metafóricas, a explicitação ou a ocultação de fontes de informação) e as estratégias de persuasão e apelo ao consumo com os recursos linguístico-discursivos utilizados (**tempo verbal**, jogos de palavras, metáforas, imagens) (BRASIL, 2018, p. 143, destaques nossos).

(EF69LP42) Analisar a construção composicional dos textos pertencentes a gêneros relacionados à divulgação de conhecimentos: título, (olho), introdução, divisão do texto em subtítulos, imagens ilustrativas de conceitos, relações, ou resultados complexos (fotos, ilustrações, esquemas, gráficos, infográficos, diagramas, figuras, tabelas, mapas) etc., exposição, contendo definições, descrições, comparações, enumerações, exemplificações e remissões a conceitos e relações por meio de notas de rodapé, boxes ou links; ou título, contextualização do campo, **ordenação temporal** ou temática por tema ou subtema, intercalação de trechos verbais com fotos, ilustrações, áudios, vídeos etc. e reconhecer traços da linguagem dos textos de divulgação científica, fazendo uso consciente das estratégias de impessoalização da linguagem (ou de pessoalização, se o tipo de publicação e objetivos assim o demandarem, como em alguns podcasts e vídeos de divulgação científica), 3ª pessoa, **presente atemporal**, recurso à citação, uso de vocabulário técnico/especializado etc., como forma de ampliar suas capacidades de compreensão e produção de textos nesses gêneros (BRASIL, 2018, p. 153, destaques nossos).

(EF69LP47) Analisar, em textos narrativos ficcionais, as diferentes formas de composição próprias de cada gênero, os recursos coesivos que constroem a passagem do tempo e articulam suas partes, a escolha lexical típica de cada gênero para a caracterização dos cenários e dos personagens e **os efeitos de sentido decorrentes dos tempos verbais**, dos tipos de discurso, **dos verbos de enunciação** e das variedades linguísticas (no discurso direto, se houver) empregados, identificando o enredo e o foco narrativo e percebendo como se estrutura a narrativa nos diferentes gêneros e os efeitos de sentido decorrentes do foco narrativo típico de cada gênero, da caracterização dos espaços físico e psicológico e dos tempos cronológico e psicológico, das diferentes vozes no texto (do narrador, de personagens em discurso direto e indireto), do uso de pontuação expressiva, palavras e expressões conotativas e processos figurativos e do uso de recursos linguístico-gramaticais próprios a cada gênero narrativo (BRASIL, 2018, p. 157, destaques nossos).

(EF06LP04) Analisar a função e as flexões de substantivos e adjetivos e de **verbos nos modos Indicativo, Subjuntivo e Imperativo: afirmativo e negativo** (BRASIL, 2018, p. 169, destaque nosso).

(EF08LP10) Utilizar, ao produzir texto, conhecimentos linguísticos e gramaticais: **modos e tempos verbais**, concordância nominal e verbal, pontuação etc (BRASIL, 2018, p. 171, destaque nosso).

(EF08LP16) Explicar os efeitos de sentido do uso, em textos, de estratégias de modalização e argumentatividade (sinais de pontuação, adjetivos, substantivos, expressões de grau, **verbos e perífrases verbais**, advérbios etc.) (BRASIL, 2018, p. 181, destaque nosso).

Fonte: BRASIL, 2018.

A BNCC é enfática ao preceituar que as práticas de ensino devem garantir o desenvolvimento das habilidades de leitura e de produção de textos, de modo que os alunos consigam fazer uso consciente, crítico, ético e democrático da língua por meio de diferentes mídias, em múltiplas linguagens e em diferentes campos de atividades humanas. Isso não significa que o professor não possa sistematizar o conteúdo gramatical, mas que, antes de fazê-lo, trabalhe o desenvolvimento do domínio sobre os aspectos enunciativos da língua e não apenas a memorização de conceitos, normas e classificações. Desse modo, na próxima seção, vamos investigar se a forma como os livros didáticos abordam essa temática está condizente com o proposto pela BNCC.

2.2 A TEMPORALIDADE VERBAL NOS LIVROS DIDÁTICOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II

Tomaremos para análise livros didáticos impressos pertencentes a três das coleções aprovadas no PNLD 2020, destinadas aos anos finais do ensino fundamental, do componente curricular Língua Portuguesa, que foram as mais adotadas pelas escolas públicas e serão usadas nos anos de 2020 a 2023. Como já explicamos, nossa opção por esse material se deve primeiramente à sua grande adoção nas escolas brasileiras, sendo que, muitas das vezes, é a principal ferramenta¹⁷ didático-pedagógica de que professores e alunos dispõem para auxílio no processo de ensino e de aprendizagem. Já a opção pelos volumes destinados a essa etapa da educação

¹⁷ De acordo com os dados estatísticos do FNDE, Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação, em 2020, para os anos finais do ensino fundamental, 10.197.262 de alunos foram beneficiados com o livro didático.

básica justifica-se pelo fato de ser nesse período que a categoria dos verbos é trabalhada enfaticamente, especialmente nos 6º e 7º anos.

Cabe ainda ressaltar que, para nossa análise, serão tomados os manuais do professor, pois é neles que se encontram orientações teórico-metodológicas e indicação de trabalhos que possam concretizar o processo de ensino e de aprendizagem. As coleções a que pertencem os livros didáticos avaliados nesta pesquisa estão listadas a seguir, numeradas de 1 a 3, doravante, referidas como LD1, LD2, LD3, em ordem decrescente de acordo com a quantidade de livros do aluno adotada pelas escolas.

Quadro 8 – Coleções analisadas e número de livros do aluno adotados em 2020.

Coleção	6º ano	7º ano	8º ano	9º ano
LD1: <i>Tecendo Linguagens</i> , de Tania Amaral Oliveira, Lucy Aparecida Melo Araújo. 5ª edição. Editora IBEP, 2018.	852.037	794.962	731.453	687.298
LD2: <i>Se Liga Na Língua: Leitura, Produção De Texto E Linguagem</i> , de Wilton de Souza Ormundo, Cristiane Siniscalchi. Editora Moderna, 2018.	661.045	610.613	555.271	521.624
LD3: <i>Geração Alpha Língua Portuguesa</i> , de Cibele Lopresti et al. Editora SM, 2018.	487.323	456.095	415.188	383.284

Fonte: Site do FNDE. Disponível em: <https://www.fnde.gov.br/index.php/programas/programas-do-livro/pnld/dados-estatisticos> Acesso em: 17 set. 2020.

Para a elaboração dos LD a serem usados de 2020 a 2023, os autores já tiveram a orientação da BNCC. De acordo com o guia do PNLD 2020,

Esse documento [a BNCC] tem por objetivo ser um marco de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo das aprendizagens essenciais que o (a) estudante deve aprender ao longo da sua escolaridade, constituindo-se como direitos de aprendizagem e desenvolvimento do(a) estudante, que devem ser assegurados pelos diferentes agentes educacionais, tal como preceituado pelo Plano Nacional de Educação. Assim sendo, entre outras finalidades, a BNCC orienta e normatiza a produção de materiais didáticos. Considerando esse aspecto, para serem aprovados, esses livros e materiais precisaram contemplar as competências gerais, as competências específicas da área de linguagem e do componente de Língua Portuguesa e as habilidades previstas pela BNCC para o Ensino Fundamental Anos Finais (Guia PNLD 2020, p. 3- 4).

Portanto, as atividades dessas obras serão discutidas na perspectiva enunciativa proposta pela BNCC. A partir da análise desses livros, procuraremos fazer nossas reflexões e considerações, com o intuito de contribuir para o aperfeiçoamento do ensino de língua portuguesa no ensino fundamental. Faremos primeiramente uma análise geral dos livros e, posteriormente, avaliaremos separadamente o eixo Análise Linguística de cada uma das coleções, mostrando como cada uma expõe e orienta o trabalho com a temporalidade verbal.

2.2.1 Panorama dos livros didáticos das coleções analisadas

Antes de fazermos o estudo separadamente de cada coleção didática, faremos uma apreciação descritivo-analítica acerca da estrutura e do trabalho desenvolvido por elas. No geral, podemos observar que as concepções de língua e linguagem que embasam as abordagens pedagógicas presentes nas coleções de Língua Portuguesa aprovadas no PNLD 2020 condizem com os avanços da Linguística, pois se pautam em uma visão sociointeracionista de linguagem. Constatamos que as coleções apresentam um trabalho pedagogicamente adequado no que se refere aos eixos de Leitura e de Produção de Textos. São trabalhados diversos gêneros textuais, advindos de práticas sociais de uso da leitura e da escrita, inclusive aqueles próprios do ambiente digital, que contemplam as multissemióticas e são adequados ao nível e faixa etária dos alunos. Assim, são oportunizadas a eles práticas de leitura e de produção textual relevantes para o desenvolvimento de habilidades linguísticas e discursivas nos vários campos de atuação e objetos de conhecimento estabelecidos pela BNCC.

Já em relação ao eixo Análise Linguística, o que mais nos interessa por alocar o objeto de nossa investigação, verificamos que o trabalho desenvolvido nesses materiais não atende satisfatoriamente ao que recomenda a BNCC. Conforme já exposto, o documento orienta que as atividades que visam à exploração dos recursos linguísticos da língua devem partir de textos e ser conduzidas de modo a levar o alunos à compreensão dos efeitos de sentido de modo que ampliem suas capacidades de uso social da língua. No entanto, nas coleções aprovadas e analisadas, em grande parte das atividades que trabalham os aspectos gramaticais, verificamos o uso do texto apenas como pretexto para estudos de natureza teórica e metalinguística tomados como fim em si mesmo. Ao invés de traçar um percurso didático integrado a partir do texto que inicia o capítulo, explorando também os recursos linguísticos e os efeitos de sentido decorrentes de seu emprego, nas três coleções analisadas, o eixo de análise linguística é trabalhado

separadamente em outra seção, em que são acrescentados outros textos, em sua maioria dos gêneros tirinha e charge, para trabalhar conceitos gramaticais, seguidos do que Dias (2010) nomeia exemplos-ilha, e com atividades que solicitam identificação e classificações morfológicas das formas linguísticas.

A partir de agora, analisaremos separadamente cada uma das três coleções selecionadas para nossa pesquisa, com foco na temporalidade verbal, para expor o modo como esse conteúdo é trabalhado em cada uma delas. Antes, faremos uma descrição da estruturação de cada uma das obras. Como já explicado, as obras serão apresentadas em ordem decrescente de acordo com o número de volumes adotados de cada uma pelas escolas públicas brasileiras.

2. 2. 2 Coleção de LD 1: Tecendo Linguagens

Os livros da coleção Tecendo Linguagens para os anos finais do ensino fundamental estão organizados em quatro volumes de acordo com os anos de escolaridade desse nível. No manual do professor, antes de iniciar a proposição de atividades, os autores asseguram que a obra está em consonância com a BNCC e há muitas orientações em relação à estrutura da coleção. São citadas as diretrizes, as competências e as habilidades prescritas pelo documento nacional e são explicitados os pressupostos teórico-metodológicos que embasam a obra. Também, são indicadas possibilidades de realizar trabalhos interdisciplinares e feitas considerações sobre o processo de avaliação dos alunos, sendo esta defendida não como um conjunto de instrumentos para medir a aprendizagem, mas como uma postura diante do processo de ensino e de aprendizagem em que os sujeitos envolvidos nesse processo atuam juntos. A obra traz ainda um quadro com os conteúdos de língua portuguesa trabalhados em cada ano de escolaridade. Em seguida, iniciam-se as atividades propostas aos alunos com orientações específicas dispostas em formato de U, pois estão nas bordas laterais e inferiores das páginas. Nessa parte, há uma listagem das habilidades da BNCC contempladas em cada atividade bem como indicações de ações que podem ser adotadas pelo professor para concretizar a aprendizagem dos alunos.

Ainda sobre a estrutura da obra, na parte disponível também aos alunos, cada volume é dividido em quatro unidades cujos temas são pertinentes para a idade dos alunos a que se destinam. Em cada uma das unidades, há dois capítulos, totalizando oito. Eles são organizados contemplando os eixos de leitura, oralidade, análise linguística e produção de texto. Nessa coleção, as questões

de análise linguística são tratadas na seção “Reflexão sobre o uso língua” e desenvolvidas na subseção “Aplicando conhecimentos”.

A categoria dos verbos começa a ser discutida no volume destinado ao 6º ano. A princípio, o objetivo é fazer com que o aluno já compreenda a definição de verbo e sua variação em tempo e modo. Para introduzir o conteúdo, é retomada a manchete e o primeiro parágrafo de uma notícia, cuja leitura já foi trabalhada no livro, e solicitado aos alunos que identifiquem as palavras que expressam ações. Em seguida, é inserida a informação de que “As palavras que exprimem ações que acontecem em determinado tempo fazem parte de uma classe gramatical chamada verbo” (OLIVEIRA; ARAÚJO, 2018, p. 148). Já nessa definição, podemos ratificar o que afirmamos no primeiro capítulo desta tese sobre a forte tendência das GT e LD em apresentar a categoria dos verbos sempre associando-a à noção de ação e tempo.

Figura 2 – Definição de verbo de acordo com LD1.

REFLEXÃO SOBRE O USO DA LÍNGUA

Verbos – definição, tempos e modos verbais

Definição

1. Releia o título da notícia a seguir.

Após Réveillon, garis retiram 290 toneladas de lixo de Copacabana

• Nesse título, que palavra indica a ação realizada pelos garis? *A palavra retiram.*

2. Releia o trecho a seguir, extraído do primeiro parágrafo da notícia “Após Réveillon, garis retiram 290 toneladas de lixo de Copacabana”.

A festa de Réveillon na praia de Copacabana deixou mais de 285 toneladas de lixo, recolhidas por 3 mil garis que se revezaram em uma operação que começou no domingo (31) e terminou na segunda-feira (1^ª) antes das 10h, segundo a Comlurb (Companhia Municipal de Limpeza Urbana).

• Nesse trecho, quais palavras exprimem ações? *Deixou, revezaram, começou e terminou.*

As palavras que exprimem ações que acontecem em determinado tempo fazem parte de uma classe gramatical chamada **verbo**.

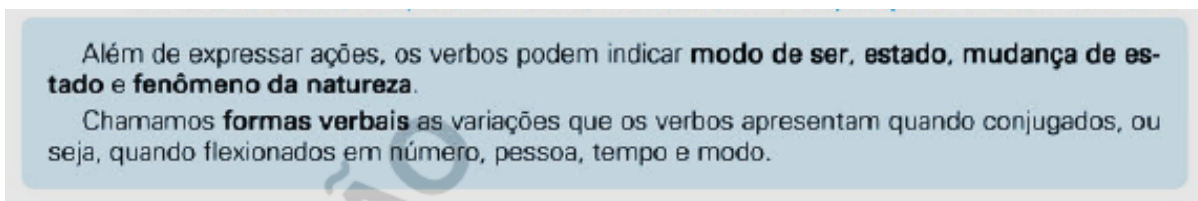
diminuição de lixo em Copacabana está presente somente no depoimento de Rubens Teixeira.

4. b) Resposta pessoal. Espera-se que os alunos relacionem essa contradição ao papel social exercido por Rubens Teixeira, que, como presidente da Comlurb, seria o de mostrar os aspectos positivos do trabalho realizado.

Fonte: OLIVEIRA; ARAÚJO, 2018, v. 6º ano, p. 147-148.

Posteriormente, é retomada mais uma parte da notícia com alguns verbos destacados e o aluno é questionado sobre os valores expressos pelas formas verbais. Logo após, a definição de verbo iniciada acima é complementada:

Figura 3 – Definição de formas verbais de acordo com LD1.



Fonte: OLIVEIRA; ARAÚJO, 2018, v. 6º ano, p. 148.

Dando continuidade ao ensino do verbo, o tempo é abordado. Novamente a manchete da notícia trabalhada anteriormente é apresentada e é solicitado ao aluno que identifique o tempo em que o fato é relatado e que expresse por que, na opinião dele, esse tempo teria sido usado.

Figura 4 – Atividade sobre tempo verbal – LD1

Tempo verbal

1. Releia o título:

Após Réveillon, garis retiram 290 toneladas de lixo de Copacabana

a) Observe o tempo do verbo *retiram*. O fato ocorrido na praia de Copacabana foi relatado no tempo presente, passado ou futuro? Foi relatado no tempo presente, apesar de ter ocorrido no passado.

b) Em sua opinião, por que foi empregado esse tempo verbal?
O emprego do tempo presente na forma verbal *retiram* expressa o acontecimento na atualidade, reforçando que se trata de um fato recente.

148

Fonte: OLIVEIRA; ARAÚJO, 2018, v. 6º ano, p. 148.

Na página seguinte, é exposto mais um trecho de outra notícia em que os alunos devem identificar o verbo e os tempos em que estão conjugados. Nessa etapa, são mencionados apenas os tempos absolutos: passado, presente e futuro. Adiante, é dada a definição de locução verbal: “Quando dois ou mais verbos são unidos para expressar uma ideia” (OLIVEIRA; ARAÚJO, 2018, p. 149), com exemplos isolados de seus espaços de origem, seguidos de três trechos das notícias lidas anteriormente para os alunos identificarem as locuções verbais.

Mais adiante, o livro apresenta um quadro com o paradigma de conjugação do verbo “retirar”, contido na manchete da notícia trabalhada anteriormente, nos tempos passado, presente e futuro e chama a atenção dos alunos para as mudanças ocorridas nas desinências verbais, que já se

encontram destacadas, de acordo com a pessoa, o número e o tempo do verbo. Nas orientações dadas à margem do livro do professor, fala-se que o objetivo da atividade é fazer com que os alunos entendam que o verbo é uma classe variável e recomenda-se que o professor ressalte as modificações ocorridas nas desinências verbais. É proposta também uma outra atividade em que os alunos devem identificar os verbos, os tempos em que estão conjugados e os efeitos de sentido gerados pelo uso da primeira ou terceira pessoa. Ou seja, trata-se de um trabalho voltado para a parte estrutural dos verbos em detrimento dos efeitos de sentido de seus usos.

Figura 5 – Orientações ao professor e atividades para os alunos sobre tempo e modo verbais – LD 1.

Atividade
4. Espere-se que os alunos observem que, assim como outras classes gramaticais estudadas, o verbo é variável. Deve-se ressaltar que as terminações verbais (desinências) modificam-se de acordo com a pessoa (primeira, segunda e terceira), o número (singular e plural) e o tempo verbal.

Modos verbais

Atividade
1a. Oriente os alunos na compreensão do significado do termo *possibilidade*, no contexto da frase, como condição do que é possível, de algo que pode acontecer.

4. Observe, no quadro a seguir, a conjugação no modo indicativo do verbo *retirar*, empregado no título da notícia "Após Réveillon, garis retiram 290 toneladas de lixo de Copacabana".

NÚMERO	PESSOA	TEMPO		
		PRESENTE	PRETÉRITO (PASSADO)	FUTURO
Singular	Eu	retiro	retirei	retirarei
	Tu	retiras	retiraste	retirarás
	Você	retira	retirou	retirá
	Ela/ela	retira	retirou	retirá
Plural	Nós	retiramos	retiramos	retiraremos
	Vós	retirais	retirastes	retirareis
	Vocês	retiram	retiraram	retirão
	Eles/Elas	retiram	retiraram	retirão

- O que você observou em relação às terminações que aparecem em destaque nos verbos conjugados? *As terminações mudam de acordo com a pessoa, o número e o tempo. São variáveis.*

5. Leia mais alguns trechos da primeira notícia.

A faxina após um jogo também foi destaque na Arena Mordovia, na cidade de Saransk. Por lá, os japoneses repetiram as cenas vistas na Copa do Mundo de 2014, no Brasil, e na Olimpíada do Rio, em 2016, entre outros grandes eventos.
[...]
Essa organização dos japoneses para deixar tudo limpo nas arenas esportivas surpreende muitos estrangeiros. [...] Esse é um hábito que os japoneses adquirem desde a infância.

a) Transcreva todas as formas verbais empregadas nesses trechos.
Foi, repetiram, vistas, surpreende, deixar, é e adquirem.

b) Quais dessas formas verbais foram empregadas no presente? E no pretérito?
As formas verbais surpreende e adquirem foram empregadas no presente e as formas verbais foi e repetiram no pretérito.

c) As formas verbais empregadas nesses tempos estão em primeira ou em terceira pessoa? Que efeito de sentido a escolha dessa pessoa do discurso pode produzir na notícia?
Estão em terceira pessoa. A escolha da terceira pessoa do discurso confere objetividade e maior precisão no relato da informação.

Modos verbais

Fonte: OLIVEIRA; ARAÚJO, 2018, v. 6º ano, p. 150.

Após conceituar os modos do verbo conforme nomenclatura e definições das GT, na subseção “Aplicando conhecimentos”, o livro traz um texto do gênero cartaz de campanha em que solicita a identificação de verbos no modo imperativo, chama a atenção para os objetivos do locutor ao usar esse modo e também ao usar o modo indicativo.

Feita essa primeira explicação sobre a categoria verbal, ela volta a ser abordada mais adiante no livro, com ênfase nos tempos verbais do modo indicativo. Novamente, a atividade usa trechos de textos para trabalhar o conteúdo. A partir de manchetes e de trechos de notícias, são apresentadas questões que visam à identificação e à classificação dos verbos e chamam a atenção para o aspecto das formas verbais no pretérito perfeito e no pretérito imperfeito.

Figura 6 – Atividades sobre tempos e aspectos verbais – LD 1.

Faça a associação, conforme o sentido expresso pela ação verbal.

a) A falta de água ou racionamento e a piora da qualidade da água dos mananciais de abastecimento **favorecia** o aumento da ocorrência de doenças...

b) A falta de água ou racionamento e a piora da qualidade da água dos mananciais de abastecimento **favoreceu** o aumento da ocorrência de doenças...

Tempo pretérito perfeito – ação passada e concluída. **b**

Tempo pretérito imperfeito – ação passada e constante. **a**

Fonte: OLIVEIRA; ARAÚJO, 2018, v. 6º ano, p. 177.

Apesar de chamar a atenção para o uso do tempo verbal predominante em determinado gênero textual e para o efeito de sentido, não foi feito um percurso didático a fim de que os alunos reflitam e compreendam como as formas linguísticas, no caso os verbos conjugados em determinado tempo, são usadas para enunciar produzindo determinados direcionamentos ao discurso. A maioria das questões cobra a identificação e a classificação dos verbos quanto ao tempo e ao modo.

Especificamente sobre os tempos do futuro que estamos investigando, estes também são trabalhados a partir de trechos de textos do capítulo e as autoras fazem adaptações dos tempos verbais encontrados nesses fragmentos para exemplificar os tempos do futuro.

Figura 7 – Atividades sobre tempos do futuro – LD1.


REFLEXÃO SOBRE O USO DA LÍNGUA
Verbos – Indicativo – futuro do presente e futuro do pretérito

1. Leia o trecho a seguir, extraído da reportagem “O que é que as moquecas têm? Veja as diferenças entre a baiana e a capixaba”, e observe os termos destacados.

Dá para usar outros tipos de panela, o tempo de cocção **é** o mesmo e o sabor não **vai mudar** muito.

- a) As formas verbais *dá* e *é* expressam a ideia de passado, presente ou futuro?
 b) A locução verbal “vai mudar” pode ser substituída por qual forma verbal?
Expressam a ideia de presente.
 c) Que tempo essa forma verbal expressa?
Mudará.
2. Leia as duas frases abaixo:
Expressa a ideia de futuro.

Se usar outro tipo de panela, **o sabor não mudará muito.**

Se usasse outro tipo de panela, **o sabor não mudaria muito.**

Responda:

- a) Em qual dessas frases o verbo *mudar* indica uma ação que poderia ter acontecido posteriormente a uma situação no passado? *Na segunda frase.*
 b) Em qual das duas frases esse verbo expressa uma ação futura em relação ao momento presente? *Na primeira frase.*

Fonte: OLIVEIRA; ARAÚJO, 2018, v. 6º ano, p. 237.

Após extrair um trecho da reportagem trabalhada no capítulo, são propostas questões que objetivam fazer o aluno entender a diferença entre os dois tipos de tempos do futuro normatizados pelas GT: o futuro do presente e o futuro do pretérito. Para isso, são criadas duas sentenças com a mesma estrutura sintática, porém, a primeira apresenta uma associação do verbo no futuro do presente com o futuro do subjuntivo e a segunda apresenta o verbo no futuro do pretérito associado ao pretérito imperfeito do subjuntivo. Em seguida, são colocadas questões com a pretensão de levar os alunos a compreenderem qual verbo indica ação ocorrida após uma situação no passado e qual expressa ação futura em relação ao presente.

Na página seguinte, há um box com a definição dos tempos do futuro com exemplos criados pelas autoras a partir da adaptação de trechos da mesma reportagem. Há também um quadro com a conjugação do verbo “mudar”, o verbo que aparece no trecho da reportagem analisado anteriormente. O tempo futuro do pretérito é definido como aquele que “expressa uma ação futura que ocorreria no passado” (OLIVEIRA; ARAÚJO, 2018, v. 6º ano, p. 238), seguido do exemplo “A panela de barro manteria o calor e o caldo continuaria borbulhante” (ibidem).

Mais uma vez, a definição dada nesse material reforça nossas constatações expostas no primeiro capítulo desta tese sobre ideia de movimento e de tempo estar fortemente associada aos verbos. Além disso, não contempla todas as situações sociais de uso desse tempo conforme será visto no quarto capítulo. Avaliamos ainda que o conceito dado é vago e pode soar paradoxal ao aluno, já que não fica claro como uma ação futura ocorreria no passado e o exemplo usado não representa a definição dada. Ao analisarmos o texto do qual o exemplo foi adaptado, a reportagem trabalhada no capítulo, encontramos o enunciado original “A escolha da panela é importante: a de barro mantém o calor e o caldo continua borbulhante depois de sair do fogo” (OLIVEIRA; ARAÚJO, 2018, v. 6º ano, p. 233). Ou seja, para exemplificar, o momento de referência passado “depois de sair do fogo” que permitiria ao aluno entender o porquê do futuro em relação ao pretérito foi desconsiderado na exemplificação.

Há ainda uma observação para consultar o apêndice disponível ao final do livro para saber mais sobre o assunto. Ao consultá-lo, o que se encontra são mais quadros com os tradicionais paradigmas de conjugação de outros verbos em todos os tempos e modos.

Figura 8 – Definição e exemplificação dos tempos do futuro do modo indicativo – LD1.

Há dois tempos verbais no modo indicativo que expressam a ideia de futuro: o **futuro do presente** e o **futuro do pretérito**.

- **Futuro do presente:** expressa uma ação que ocorrerá em um momento posterior ao que se está vivenciando. Observe o exemplo:
A panela de barro **manterá** o calor e o caldo **continuará** borbulhante.
- **Futuro do pretérito:** expressa uma ação futura que ocorreria no passado, como pode ser visto no exemplo abaixo.
A panela de barro **manteria** o calor e o caldo **continuaría** borbulhante.

Veja a conjugação do verbo *mudar* no futuro do presente e no futuro do pretérito do modo indicativo.

FUTURO DO PRESENTE	FUTURO DO PRETÉRITO
Eu mudarei	Eu mudaria
Tu mudarás	Tu mudarias
Ele mudará	Ele mudaria
Nós mudaremos	Nós mudaríamos
Vós mudareis	Vós mudaríeis
Eles mudarão	Eles mudariam

Saiba mais sobre esse assunto consultando o **Apêndice**.

Logo após, são abordadas as locuções verbais que, de acordo com as autoras, são informais e substituem os tempos simples do futuro na fala cotidiana. Porém, as locuções verbais do tempo futuro do pretérito não são mencionadas nessa parte. Em outra atividade, chama-se a atenção dos alunos para o uso do pretérito imperfeito do indicativo em uma cantiga quando o tempo mais indicado seria o futuro do pretérito. Há uma questão que provoca a reflexão dos alunos sobre a troca do tempo verbal na cantiga, mas, nas orientações dadas ao professor ao lado da atividade, sugere-se que a troca dos tempos verbais se deu em consequência da falta de conhecimento da norma culta por parte do autor da cantiga, já que as duas formas verbais estão no passado. Ainda, é sugerido ao professor que, ao fazer a correção da atividade com o alunos, retome o conceito de flexão verbal e ressalte as variações do verbo em tempo, modo, número e pessoa.

Figura 9 – Atividade sobre o tempos futuro do pretérito – LD1.

2. O texto seguinte é uma estrofe de uma cantiga de roda popular. Leia-a atentamente.

Se esta rua, se esta rua fosse minha
Eu mandava, eu mandava ladrilhar
Com pedrinhas, com pedrinhas de brilhante
Para o meu, para o meu amor passar.

Domínio público.

- a) Observe a forma verbal *mandava*. Em que tempo e modo ela está?
Pretérito imperfeito do indicativo.
- b) Que tempo e modo seriam os mais indicados nesse contexto?
Futuro do pretérito do modo indicativo: *mandaria*.
- c) Levante uma hipótese: Por que houve a troca do tempo verbal na cantiga?

6. Leia as frases abaixo. Preste atenção à grafia das formas verbais em destaque.

b) Sugestão de resposta: Apesar da semelhança na pronúncia das duas formas verbais, e de ambas terem sido conjugadas na terceira pessoa do plural (*eles/elas*), o verbo no pretérito perfeito termina em **-am** e no futuro do presente termina em **-ão**.

Os fogos **causaram** queimaduras.
Os fogos **causarão** queimaduras.

c) Sugestão de resposta: Por se tratar de uma cantiga popular, não sabemos quem a compôs, mas é possível que essa pessoa não tivesse acesso à norma-padrão ou não estivesse preocupado com ela e trocou o futuro do pretérito pelo pretérito imperfeito, provavelmente porque as duas formas verbais referem-se ao passado. Discuta com os alunos as hipóteses que apresentarem e, ao fazer a correção dessa atividade, retome com eles o conceito de flexão verbal, ressaltando que os verbos flexionam em pessoa, número, tempo e modo.

Como se vê, não foi feito um percurso didático nem tampouco o professor foi orientado a fazê-lo para provocar uma reflexão na sala de aula sobre os aspectos enunciativos do uso dos tempos verbais. Nesse momento, há oportunidade para se discutir sobre o efeito de sentido gerado pelo uso dos verbos no passado, que permitem uma visão mais concreta e objetiva dos eventos que já ocorreram e sobre o caráter modal dos tempos do futuro, uma vez que se referem a um tempo que ainda está por vir e expressam possibilidades. A nosso ver, as atividades propostas não contribuem efetivamente para ajudar os alunos a analisarem os efeitos de sentido decorrentes do uso de recursos linguístico-discursivos, no caso os tempos verbais.

No volume destinado ao 7º ano, encontra-se a mesma organização estrutural do livro e a categoria verbal é retomada com o estudo das formas nominais do verbo. Essa parte nos interessa, pois envolve o particípio, forma usada juntamente com o auxiliar para formar os tempos compostos em estudo na nossa pesquisa. Seguindo o padrão anterior, após retomar um trecho da crônica já trabalhada e destacar os verbos nas formas nominais, chamando atenção para os aspectos verbais, é apresentado um quadro com a definição e exemplificação das formas nominais. O particípio é assim apresentado:

Figura 10 – Definição de particípio – LD 1.

O **particípio** indica uma ação acabada e pode ter função de adjetivo, caracterizando o substantivo. Na função de verbo, também vem acompanhado de um verbo auxiliar, como em *tinha/havia fechado, tinha/havia montado*. No particípio, os verbos terminam em **-ado** ou **-ido**.

Fonte: OLIVEIRA; ARAÚJO, 2018, v. 7º ano, p. 33.

Nas atividades seguintes, não há questões que abordem o uso do particípio, tampouco os tempos verbais compostos dos quais ele faz parte. No volume do 8º ano, a perífrase verbal é retomada, mas não há menção à formação dos tempos compostos do futuro. Ao final do livro, no apêndice, esse conteúdo é sistematizado, mas, novamente são expostas as formas nominais do verbo com exemplos de seus usos. O particípio é apresentado como verbo de aspecto acabado, concluído, relacionado a fatos passados e formador de tempos compostos. Os exemplos que sucedem são os que Dias (2006) nomeou exemplos-ilha por serem isolados de seus espaços enunciativos e nenhum deles exemplifica o tempo futuro do pretérito.

Figura 11 – Formas nominais do verbo – LD 1.

Formas nominais

Infinitivo impessoal

louv-ar	vend-ar	part-ir	p-ôr
---------	---------	---------	------

Infinitivo pessoal

louv-ar eu	vend-er eu	part-ir eu	p-ôr eu
louv-ares tu	vend-eres tu	part-ires tu	p-ores tu
louv-ar ele	vend-er ele	part-ir ele	p-ôr ele
louv-amos nós	vend-ermos nós	part-irmos nós	p-ormos nós
louv-ardes vós	vend-erdes vós	part-irdes vós	p-ordeis vós
louv-arem eles	vend-erem eles	part-irem eles	p-orem eles

Gerúndio

louv-ando	vend-endo	part-indo	p-ondo
-----------	-----------	-----------	--------

Particípio

louv-ado	vend-ido	part-ido	p-osto
----------	----------	----------	--------

Emprego das formas nominais

Formas nominais do verbo: infinitivo, gerúndio e particípio.

Essas formas verbais indicam simplesmente o fato, de maneira vaga, imprecisa, impessoal.

Chamam-se formas nominais porque podem desempenhar as funções que são próprias dos nomes (substantivos e adjetivos).

Exemplos: O **jantar**, água **fervendo** (fervente), vaso **quebrado**.

Particípio

Recebe esse nome por participar do verbo e ter a função de adjetivo também.

1. Indica um fato concluído, uma ação relacionada com o passado.

Exemplos: Livro **rasgado**, folha **partida**.

2. É usado na conjugação dos tempos compostos dos verbos.

Exemplos: Tinha **estudado**, havia **imprimido**, tinha sido **alertado**.

3. Entra na formação da voz passiva dos verbos.

Exemplos: O professor elogiou a turma.

A turma foi **elogiada** pelo professor. (voz passiva)

Fonte: OLIVEIRA; ARAÚJO, 2018, v. 8º ano, p. 281.

Ao analisar a forma de expor o conteúdo gramatical dessa coleção bem como as questões dadas, observamos um viés tradicionalista e normativista em que os textos usados, na maioria das vezes, são apenas pretextos para exercícios de metalinguagem, pois, apesar de usar textos ou fragmentos de textos, a análise linguística é feita a partir de frases soltas, em que são solicitadas atividades de identificação e classificação gramatical. Nas questões em que se direciona para o efeito de sentido gerado pelas formas verbais, não se estabelece um percurso que conduza o

aluno à reflexão e ao entendimento de que a opção por uma ou outra forma linguística pode suscitar. Assim, essas atividades não permitem efetivamente aos alunos ampliarem suas capacidades de uso da língua conforme preceitua a BNCC.

2.2.3 LD 2: Se Liga na Língua: Leitura, Produção de Texto e Linguagem

Essa coleção também é composta por 4 volumes. Cada um deles é destinado a um dos anos finais do ensino fundamental. O manual do professor, além de explicitar a organização da coleção, apresenta os princípios teórico-metodológicos de perspectiva sociointeracionista que norteiam a obra e sua proposta didática alinhada à BNCC, esclarecendo como cada um dos eixos previstos no documento é trabalhado. Em outra parte do material, há uma relação das seções de cada capítulo do livro com sugestões de ações para o professor a fim de orientar o trabalho em sala de aula. Ainda, o livro traz orientações específicas para cada bimestre do ano letivo. São estabelecidos os conteúdos específicos para cada ano de escolaridade bem como na relação de objetivos a serem alcançados no decorrer do trabalho. Também são disponibilizadas na íntegra as tabelas da BNCC relacionadas às competências gerais para a educação básica e as específicas para a área de linguagem e de língua portuguesa dos anos finais do ensino fundamental.

Após essas orientações iniciais para o trabalho docente, o manual do professor apresenta a parte em comum com o livro do aluno. São oito capítulos cujas bordas laterais e inferiores trazem mais instruções para o desenvolvimento das atividades em sala de aula. São indicações das habilidades pré-requisito e das que são contempladas no tópico trabalhado, sugestões de práticas pedagógicas para desenvolver as atividades, de conteúdos a serem relacionados e de formas de avaliar o desempenho dos alunos. Nessa coleção, os capítulos contemplam os eixos de Leitura/escuta, Produção de texto, Oralidade, Análise Linguística/Semiótica. Entre os três primeiros eixos, há uma correlação entre as atividades propostas. Já este último é trabalhado de forma dissociada dos demais em seção denominada “Mais da Língua”.

A categoria dos verbos é introduzida no volume remetido ao 6º ano de escolaridade com continuidade no volume do 7º ano. Como já mencionado, o eixo de Análise Linguística é abordado de forma desarticulada com os eixos de leitura e de produção, pois é trabalhado separadamente dos textos iniciais do capítulo em que o foco do trabalho é a leitura e a produção de textos.

Logo no início da seção em que se começa o estudo sobre a categoria dos verbos, há a seguinte introdução que é uma tentativa de integrar o eixo de leitura com a análise linguística, mas que, na prática, torna mais evidente a falta de articulação entre os eixos os referidos eixos e confirma nossa observação no primeiro capítulo desta tese de que os LD se pautam muito nas definições gramaticais tradicionais em que as categorias e tempo e ação são relacionadas ao verbo.

Neste capítulo, você conheceu algumas peças da campanha publicitária governamental que estimula a doação de órgãos. Ela destaca uma **ação** importantíssima do futuro doador: avisar os familiares de sua intenção. A realização de ações associadas a um tempo é expressa por **verbos**, assunto da seção que se inicia (ORMUNDO; SINISCALCHI, 2018, v. 6º ano, p. 190, destaques dos autores).

Para iniciar o estudo, o professor é orientado a expor uma pintura para os alunos e, a partir dela, solicitar que eles descrevam a obra, produzindo frases com verbos que indiquem ação, estado, fenômenos naturais. De acordo com a orientação, a atividade deve ser encerrada apresentando o conceito de verbo aos alunos. Em seguida, é trabalhada a interpretação de uma tirinha e observado que, para dar as respostas, foram usadas palavras que expressam ação, fenômenos da natureza e estado e que “todas essas palavras são verbos e, por isso, relacionam-se com a noção de tempo” (ORMUNDO; SINISCALCHI, 2018, v. 6º ano, p. 191). Mais uma vez, essa observação confirma a constatação que fizemos ao analisar as gramáticas e mostramos que, em todas elas, a noção de tempo está fortemente associada ao verbo. Como os livros didáticos são produzidos com base nas gramáticas, naturalmente também trarão essa ideia. Adiante, é feita a sistematização do conceito de verbo e de locução verbal.

Figuras 12 e 13 – Definição e explicação de verbo da LD2.

Assuntos trabalhados na parte de linguagem deste capítulo:

- Flexões do verbo;
- Modos verbais;
- Modelos de conjugação verbal;
- Acentuação gráfica em palavras monossílabas, oxítonas e proparoxítonas (revisão).

Mais da língua e Isso eu já vi

CG: 1, 2, 3, 4, 7, 9, 10

CEL: 1, 2, 3, 4

CELP: 1, 2, 4, 5

Habilidades: EF06LP04, EF06LP06, EF67LP32, EF69LP03 EF69LP05

Para iniciar o estudo, faça um aquecimento. Mostre aos alunos a pintura *Caçadores na neve*, de Pieter Bruegel (1565, Museu de História da Arte, Viena), e peça que construam frases como "Os pássaros voam" e "As roupas são escuras". Eles devem descrever a cena detalhadamente. Enquanto falam, anote os verbos e as locuções verbais na lousa usando a forma do infinitivo. Se necessário, induza-os, com perguntas, a usar verbos que expressem estado e fenômenos da natureza. Encerre a atividade apresentando o conceito de verbo. Para acessar a pintura, use a Wikipédia e aproveite o recurso do zoom.

Mais da língua

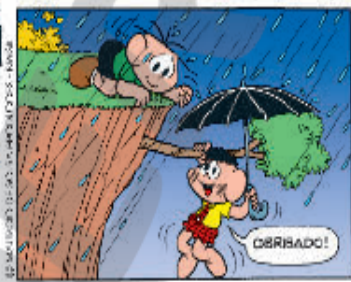
Verbo

Neste capítulo, você conheceu algumas peças da campanha publicitária governamental que estimula a doação de órgãos. Ela destaca uma ação importantíssima do futuro doador: avisar os familiares de sua intenção. A realização de ações associadas a um tempo é expressa por verbos, assunto da seção que se inicia.

Pra começar

Leia a tirinha com os personagens Cascão e Cebolinha.

Turma da Mônica



Maurício de Sousa

© 2010 MURICILLO DE SOUSA EDITORA LTDA

Reprodução proibida. Art. 17º do Código Penal e Art. 181º do Código de Processo Penal.

- 1 O que, provavelmente, aconteceu antes da cena retratada no primeiro quadrinho? *Sugestão: Cascão estava caminhando, não percebeu o abismo e só não caiu nele porque ficou pendurado em um galho de árvore.*
- 2 Como Cascão procura resolver seu problema? *Grita pedindo socorro.*
- 3 No segundo quadrinho, o personagem sente que a situação vai piorar. O que ele percebe? *Percebe que começará a chover.*
- 4 O humor da tirinha é provocado por uma solução inesperada para o problema de Cascão. Qual? *Cebolinha providencia um guarda-chuva para Cascão.*
- 5 Por que Cebolinha entendeu que essa era a solução mais adequada? *Porque, conhecendo Cascão, sabe que ele tem mais medo da água do que de*
- 6 Que relação existe entre Cebolinha e Cascão? *uma possível queda. Cascão e Cebolinha são amigos.*
- 7 Como Cascão ficou após a ação de Cebolinha? *Cascão ficou grato e sentiu-se aliviado.*

Para responder às questões, você deve ter usado palavras que descrevem ações: *andar, caminhar, cair, pendurar, segurar, gritar, pedir, providenciar* etc. E também termos que indicam fenômenos da natureza, como *chover* ou *trovejar*. É provável, ainda, que tenha utilizado vocábulos que expressam estado quando tratou da relação entre os personagens (*Eles são amigos*) ou mudança de estado ao descrever os sentimentos de Cascão (*Ele ficou grato*).

Todas essas palavras são verbos e, por isso, relacionam-se com a noção de tempo. Observe essa relação nos exemplos a seguir.

Cascão *está* preocupado.

O verbo indica um **estado** que se apresenta no mesmo momento da fala.

Choverá por muitas horas.

O verbo expressa um **fenômeno da natureza** que ocorrerá em um momento posterior à fala.

Cascão *estava caminhando* quando *caiu*.

Os verbos sugerem **ações** ocorridas em um momento anterior à fala.

Neste último exemplo, duas formas verbais foram empregadas com a função de uma. Veja.

Cascão *estava* *caminhando*. → Cascão *caminhava*.

↓ ↓
verbo auxiliar verbo principal

O verbo auxiliar acompanha o verbo principal, que apresenta a ideia central. Juntos, formam uma **locução verbal**. Os principais verbos auxiliares são: *ser*, *estar*, *ter*, *haver*, *ficar*, *continuar*, *querer*, *dever* e *ir*.

Verbo é uma palavra que expressa ação, fenômeno da natureza ou estado, associados à noção de tempo. **Locução verbal** é uma expressão formada por dois ou mais verbos.

Dica de professor

Não basta que dois verbos estejam juntos para formar uma locução verbal. Em "Ouvi tocar seu celular", há duas ações diferentes, portanto não se forma uma locução.

Fonte: ORMUNDO; SINISCALCHI, 2018, v. 6º ano, p.190-191.

Por meio de um texto do gênero anúncio publicitário, são levantadas questões que procuram levar o aluno a perceber as flexões verbais que são posteriormente sistematizadas. Em relação à flexão de tempo, os autores explicam-na da seguinte forma: "Flexão de tempo: informa se uma ação é simultânea (presente), anterior (pretérito) ou posterior (futuro) à fala" (ORMUNDO; SINISCALCHI, 2018, v. 6º ano p. 192). Trata-se de uma definição falha, já que menciona "uma ação" e o próprio livro informa que, além da ação, a categoria verbal expressa estado e fenômeno natural.

Na sequência, na subseção intitulada "O verbo na prática", são propostas atividades a partir dos gêneros tirinha, cartum e anúncio publicitário. As questões que se seguem, apesar de sinalizarem para o aspecto verbal e para o tempo verbal em referência ao momento da fala, não conduzem o aluno a essa reflexão. Não é feito um percurso didático que o leve à compreensão do uso dos tempos verbais como parte integrante da enunciação. A maioria das questões exige a identificação, a transcrição e a classificação das formas e das locuções verbais.

Ao trabalhar os modos verbais, o mesmo roteiro é seguido. Inicia-se o conteúdo com um texto e, após questões que objetivam sua compreensão, por meio de trechos retirados desse texto,

procura-se levar os alunos a perceberem como as formas verbais e seus respectivos modos revelam o ponto de vista do locutor em relação ao que enuncia. Em seguida, os três modos verbais são sistematizados conforme as GT e exemplificados por meio de frases criadas pelos autores.

Figura 14 – Apresentação dos modos verbais na LD 2.

- 5** A oração "Que o dia seja tão bom" expressa uma hipótese, um desejo, uma ordem ou uma percepção? *Um desejo.*
- 6** E o que expressa a oração "quanto minha cama estava": uma hipótese, uma afirmação, um desejo ou um convite? *Uma afirmação.*

A forma verbal *seja*, na primeira oração, revela que o produtor do texto não sabe como será o dia. Ele espera algo bom, mas não está certo de que isso acontecerá. Já a forma verbal *estava*, na segunda oração, expressa uma certeza. Chamamos de **modo verbal** essa possibilidade de expressar a maneira como encaramos o processo verbal na própria forma da palavra. São três os modos verbais.

- **Modo indicativo** – expressa certeza, convicção:
Chove muito em janeiro.
Choverá em poucos minutos.
- **Modo subjuntivo** – expressa hipótese, dúvida:
Tomara que não chova.
Se chover, ficarei em casa.
- **Modo imperativo** – expressa recomendação, ordem, pedido, conselho, orientação:
Evite a chuva.
Não saia na chuva.

Fonte: ORMUNDO; SINISCALCHI, 2018, v. 6º ano, p.197.

Após essa sistematização, com o título de “Modelos de conjugação verbal”, são expostos quadros com o paradigma de conjugação de verbos de diferentes conjugações em todos os seus tempos simples nos modos indicativo e subjuntivo. Ao final, é feita uma observação de que “Sabendo conjugar esses verbos típicos, basta aplicar o mesmo **modelo** para flexionar outros verbos regulares da mesma conjugação” (ORMUNDO e SINISCALCHI, 2018, p. 199, destaque nosso).

Figuras 15 e 16 – Quadros com o paradigma de conjugação de verbos apresentados pela LD2.

Modelos de conjugação verbal

Como você estudou na primeira parte da seção, os verbos se agrupam em três conjugações. Conheça a seguir os modelos de conjugação verbal no modo indicativo e no modo subjuntivo.

1ª conjugação: cantar – Modo Indicativo					
Presente	Pretérito			Futuro	
	perfeito	Imperfeito	mais-que-perfeito	do presente	do pretérito
canto cantas canta cantamos cantais cantam	cantei cantaste cantou cantamos cantastes cantaram	cantava cantavas cantava cantávamos cantáveis cantavam	cantara cantaras cantara cantáramos cantáreis cantaram	cantarei cantarás cantará cantaremos cantareis cantarão	cantaria cantarias cantaria cantaríamos cantaríeis cantariam

1ª conjugação: cantar – Modo subjuntivo		
Presente	Pretérito Imperfeito	Futuro
cante cantes cante cantemos cantéis cantem	cantasse cantasses cantasse cantássemos cantásseis cantassem	cantar cantares cantar cantarmos cantardes cantarem

2ª conjugação: vender – Modo Indicativo					
Presente	Pretérito			Futuro	
	perfeito	Imperfeito	mais-que-perfeito	do presente	do pretérito
vendo vendes vende vendemos vendéis vendem	vendi vendeste vendeu vendemos vendestes venderam	vendia vendias vendia vendíamos vendíeis vendiam	vendera venderas vendera vendêramos vendêreis venderam	venderei venderás venderá venderemos venderéis venderão	venderia venderias venderia venderíamos venderíeis venderiam

2ª conjugação: vender – Modo subjuntivo		
Presente	Pretérito Imperfeito	Futuro
venda vendas venda vendamos vendais vendam	vendesse vendesses vendesse vendéssemos vendésseis vendessem	vender venderes vender vendermos venderdes venderem

3ª conjugação: <i>partir</i> – Modo Indicativo					
Presente	Pretérito			Futuro	
	perfeito	imperfeto	mais-que-perfeito	do presente	do pretérito
parto partes parte partimos partis partem	parti partiste partiu partimos partistes partiram	partia partias partia partíamos partiels partiam	partira partiras partira partiramos partireis partiram	partirei partirás partirá partiremos partireis partirão	partiria partirias partiria partiriamos partiriels partiriam

3ª conjugação: <i>partir</i> – Modo subjuntivo		
Presente	Pretérito Imperfeito	Futuro
parta partas parta partamos partais partam	partisse partisses partisse partissemos partissels partissem	partir partires partir partimos partirdes partirem

Dica de professor

Sabendo conjugar esses verbos típicos, basta aplicar o mesmo modelo para flexionar outros verbos regulares da mesma conjugação. Exemplo: *esquadrinhar* se conjuga como *cantar*.

Fonte: ORMUNDO; SINISCALCHI, 2018, v. 6º ano, p.198 - 199.

A proposição de um “modelo de conjugação” bem como a “dica de professor” dada ao final revelam uma visão tradicionalista do ensino da língua em que os aspectos gramaticais são desvinculados de seus usos reais, colocados de forma fragmentada, desconsiderando os sujeitos locutores, as cenas enunciativas e não contribuem significativamente para o desenvolvimento das competências comunicativas dos alunos. Um ensino que se pauta apenas na descrição, na categorização com indicação de modelos a seguir utilizando-se nomenclaturas constitui um mero processo de metalinguagem contrariando o que recomenda a BNCC.

Apesar de, na subseção “Modos verbais na prática”, por meio de trechos de narrativas e tirinhas, serem propostas questões que sinalizam para os aspectos dos tempos verbais e dos efeitos e sentido de seu uso, não é construído um percurso didático no intuito de fazer o aluno compreender as propriedades enunciativas do uso de um ou de outro tempo verbal, tampouco são dadas atividades que contemplem o tempo verbal futuro do pretérito.

A categoria verbal é retomada no volume destinado ao 7º ano. Nas orientações para o professor nas bordas laterais e inferiores do livro, os autores esclarecem:

No volume do 6º ano, dedicamos uma das seções “Mais da língua” para estudo da flexão dos verbos regulares, com vistas à concordância verbal, e dos valores impressos no discurso pelos diferentes modos verbais. Para completar essa abordagem, propomos aqui o estudo dos verbos irregulares e dos valores dos tempos verbais no modo indicativo. Lembramos que o estudo da flexão tem como fim permitir ao aluno apropriar-se das regras da norma-padrão que lhe permitirão participar das práticas sociais diversas como prevê a CELP2, antes citada, a habilidade EF69LP56. Já o estudo dos tempos verbais contribuirá para o aprimoramento da leitura e da produção de textos de gêneros diversos como indicam as habilidades EF69LP17 e EF67LP10 (ORMUNDO e SINISCALCHI, V. 7º ano, 2018, p. 128)¹⁸.

Desse modo, nessa etapa, são trabalhados mais enfaticamente os tempos verbais do modo indicativo. É feita uma revisão sobre as flexões do verbo já vistas no volume anterior, estabelecido o paradigma de conjugação de verbos irregulares e sistematizados apenas os seis tempos simples do modo indicativo prescritos pelas GT. Antes da sistematização, é apresentada uma tirinha e são colocadas questões que chamam a atenção para os tempos e aspectos verbais. Em seguida, há uma explicação sobre os tempos verbais chamados pelos autores de básicos: o

¹⁸ Conforme já explicado, as habilidades previstas na BNCC são identificadas por um código alfanumérico cujas siglas têm os seguintes significados: CE = Competência Específica; EF = Ensino Fundamental; LP = Língua Portuguesa. Os números designam o ano ou os anos de escolaridade em que a habilidade deve ser trabalhada. Assim, 67, por exemplo, significa que a habilidade deve ser trabalhada no 6º e no 7º ano. O número final indica a ordem em que a habilidade aparece no documento. As habilidades citadas pelos autores no excerto acima são:

CELP2 Apropriar-se da linguagem escrita, reconhecendo-a como forma de interação nos diferentes campos de atuação da vida social e utilizando-a para ampliar suas possibilidades de participar da cultura letrada, de construir conhecimentos (inclusive escolares) e de se envolver com maior autonomia e protagonismo na vida social (BRASIL, 2018, p. 83).

(EF67LP10) Produzir notícia impressa tendo em vista características do gênero – título ou manchete com verbo no tempo presente, linha fina (opcional), lide, progressão dada pela ordem decrescente de importância dos fatos, uso de 3ª pessoa, de palavras que indicam precisão –, e o estabelecimento adequado de coesão e produzir notícia para TV, rádio e internet, tendo em vista, além das características do gênero, os recursos de mídias disponíveis e o manejo de recursos de captação e edição de áudio e imagem (BRASIL, 2018, p. 161).

(EF69LP56) Fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações de fala e escrita nas quais ela deve ser usada (BRASIL, 2018, p. 157).

(EF69LP17) Perceber e analisar os recursos estilísticos e semióticos dos gêneros jornalísticos e publicitários, os aspectos relativos ao tratamento da informação em notícias, como a ordenação dos eventos, as escolhas lexicais, o efeito de imparcialidade do relato, a morfologia do verbo, em textos noticiosos e argumentativos, reconhecendo marcas de pessoa, número, tempo, modo, a distribuição dos verbos nos gêneros textuais (por exemplo, as formas de pretérito em relatos; as formas de presente e futuro em gêneros argumentativos; as formas de imperativo em gêneros publicitários), o uso de recursos persuasivos em textos argumentativos diversos (como a elaboração do título, escolhas lexicais, construções metafóricas, a explicitação ou a ocultação de fontes de informação) e as estratégias de persuasão e apelo ao consumo com os recursos linguístico-discursivos utilizados (tempo verbal, jogos de palavras, metáforas, imagens) (BRASIL, 2018, p. 141).

presente, o passado e o futuro e uma observação de que eles apresentam subdivisões e particularidades que as diferenciam.

Especificamente sobre o tempo futuro do pretérito em análise no nosso estudo, há a seguinte explicação:

Figura 17 – Definição de Futuro do Pretérito dada pela LD2.

Algumas gramáticas, como a de Celso Cunha & Lindley Cintra, já descrevem a preferência pela locução na língua falada. Outros estudos indicam que não há estigmatização em relação a ela. Aproveite para reforçar a ideia de que a língua, em geral, oferece várias possibilidades de construção e se modifica para atender às necessidades de seus usuários.

Futuro do pretérito

1. Indica uma ação futura em relação a um fato do passado:
*Ontem Pedro me **disse** que **traria** o material.*
trazer é uma ação futura em relação ao ato de dizer
2. Descreve uma ação futura improvável, porque dependente de uma condição de difícil realização:
*Se ela **tivesse** dinheiro, **viajaria** para Fernando de Noronha.*
condição

Conta de luz vai subir 17,2% no Rio a partir de sábado

Disponível em: <<https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2015/11/05/conta-de-luz-vai-subir-172-no-rio-a-partir-de-sabado.htm>>. Publicado em: 6 nov. 2015. Acesso em: 12 jun. 2018.

Nesse título de notícia, a locução verbal *vai subir* substitui a forma simples *subirá*. Na linguagem coloquial, mas também em muitas situações formais, os falantes do português, no Brasil, têm preferido as locuções verbais para a expressão do futuro do presente e do futuro do pretérito.

140

Fonte: ORMUNDO; SINISCALCHI, 2018, v. 7º ano, p. 140.

Ao analisarmos as definições feitas sobre o tempo futuro do pretérito, constatamos que, além de não contemplarem todos os valores e temporalidades que podem ser expressos pelas formas verbais do futuro do pretérito, há algumas inconsistências e incoerências. A primeira delas é que, apesar de mencionarem o momento da fala ao definir a flexão de tempo, os autores não fazem menção a esse momento quando expõem sobre o tempo futuro do pretérito. Este é definido de forma vaga e arbitrária com base na definição das GT, inclusive citada na lateral da página, e seguido de exemplos isolados criados pelos autores, os exemplos-ilha (DIAS, 2006). Outra arbitrariedade está no uso da palavra “ação” nas duas definições apresentadas, associando sempre o verbo à ideia de movimento, uma vez que, na definição de verbo dada no volume anterior, menciona também os fenômenos da natureza e estados. Além disso, ao compararmos a definição de modo indicativo dada nesta coleção, como aquele que expressa certeza e convicção, com a segunda definição dada ao tempo futuro do pretérito, como aquele que

descreve um ação futura improvável, constatamos outra incoerência, pois, sendo o futuro do pretérito pertencente a um modo que expressa certeza, como pode expressar uma improbabilidade? Essas discrepâncias entre os conceitos apresentados, além de confundir o aluno, não consideram os aspectos enunciativos-discursivos da língua. Não há uma metodologia que mostre ao aluno a relação temporal entre os eventos da primeira sentença tampouco da segunda que, por sinal, são relações diferentes.

Na sentença dada como exemplo, “Ontem Pedro me disse que traria o material.”, de fato o evento de “trazer” se dá após o evento de “dizer”, mas poderia ter sido explorada a modalidade do tempo futuro do pretérito em relação ao evento “trazer”, pois, não há uma certeza de que Pedro trouxe o material até o instante em que o enunciado adquire pertinência social. Já na segunda sentença “Se ela tivesse dinheiro, viajaria para Fernando de Noronha.”, em que o verbo “viajaria”, classificado como futuro do pretérito, aparece associado ao verbo “tivesse”, conjugado no pretérito imperfeito do subjuntivo, não há essa mesma relação temporal entre os eventos. O evento “viajar” ocorreria em um tempo posterior ao evento de “ter dinheiro” e este último poderia ser concomitante ou também posterior ao momento da enunciação. Se considerado posterior ao momento da enunciação, a forma verbal “viajaria” é o que estamos chamando de futuro do futuro, já que se refere a um evento posterior a outro evento que é posterior ao plano em que o enunciado adquire pertinência social.

Após essas definições e exemplificações da forma simples, há também uma referência à perífrase verbal dos tempos do futuro, que segundo os autores, é a predileta dos falantes do português no Brasil. Apesar de mencionarem que essa forma do verbo também é usada em situações formais de uso da língua, o uso dessa perífrase verbal é considerado por eles como marca da coloquialidade. Na orientação na lateral do livro, os autores citam a gramática de Cunha e Cintra, de cunho descritivo-normativo, para se embasarem sobre a preferência pelas locuções verbais na língua falada. Isso, mais uma vez, confirma a influência que as gramáticas têm sobre a elaboração dos materiais didáticos.

Logo após a explanação, seguem atividades que partem sempre de textos como tirinhas ou trechos de narrativas com questões que ora apresentam uma perspectiva metalinguística, com questões que exigem a pura identificação e classificação dos tempos verbais, ora apresentam uma perspectiva textual e discursiva, buscando levar o aluno a compreender os efeitos de sentido gerados pelo escolha do tempo e do aspecto verbal. No entanto, não se apresenta uma

metodologia de ensino que colabore para que ele compreenda as relações linguísticas e os efeitos enunciativos advindos das escolhas lexicais.

Vamos analisar algumas das atividades propostas no livro destinado ao 7º ano do ensino fundamental.

Figura 18 – Atividade sobre os tempos do futuro da LD2.

Tempos verbais NA PRÁTICA

1 Leia uma tirinha com o personagem Calvin.



BILL WATTERSON. *O mundo é mágico: as aventuras de Calvin e Haroldo*. 2. ed. Trad. Luciano Vieira Machado. São Paulo: Conrad do Brasil, 2010. p. 94.

- a) Como a palavra *ancoragem* foi pronunciada por Haroldo?
- b) Como essa pronúncia é indicada ao leitor?
- c) Por que Haroldo falou desse jeito?
- d) A primeira fala de Calvin revela que ele: vai construir uma jangada, não tem certeza se vai construir uma jangada ou desistiu de construir uma jangada?
- e) Reescreva a fala trocando *mas não* por *se*. Faça as alterações necessárias.
- f) Reescreva a mesma fala, agora trocando *construiria* por *construirei* e *mas não* por *quando*. *Eu construirei uma jangada para este lago quando tiver onde ancorá-la.*
- g) Em qual das formulações a construção da jangada é indicada como algo possível: na fala de Calvin, na que usa *se* ou na que usa *quando*? *Na que usa quando.*

2 Leia o trecho de notícia a seguir.

- 1b. As sílabas aparecem em destaque, com letras mais escuras e inclinadas.
- 1c. Para provocar Calvin, produzindo um jogo de palavras a fim de sugerir que o menino não é corajoso, ou seja, é desprovido de coragem ("sem ancoragem").
- 1d. Desistiu de construir uma jangada.
- 1e. Eu construiria uma jangada para este lago se tivesse onde ancorá-la.

Fonte: ORMUNDO; SINISCALCHI, 2018, v. 7º ano, p. 141.

Como se pode observar nessa atividade, a partir da letra d, as questões objetivam chamar a atenção do aluno para os diferentes efeitos de sentido gerados pelo uso dos tempos do futuro do pretérito e futuro do presente. No entanto, isso é feito sem traçar uma linha de raciocínio que ajude o aluno a perceber como os tempos verbais colaboram para criar esses efeitos de sentido e, sobretudo, entender a correlação dos tempos verbais para a coesão e a coerência textuais que permite a brincadeira do personagem Haroldo com a palavra "ancoragem".

Conforme já mencionamos, o eixo de análise linguística deve auxiliar os alunos a dominar recursos linguísticos e a refletir como as formas linguísticas e estratégias discursivas podem ser mais ou menos adequadas para a construção do texto, auxiliando na ampliação das capacidades de leitura e na produção textual dos alunos. É preciso fazer o aluno compreender como as formas verbais ajudam na construção dos sentidos do texto, integrando o eixo de análise linguística com o de leitura e, conseqüentemente, contribuindo para que, ao produzir textos, o aluno utilize conhecimentos linguísticos e gramaticais de maneira proficiente.

Figura 19 – 2ª Atividade sobre os tempos do futuro da LD2

- 5** Leia o início de uma crônica escrita em 1970 pelo jornalista acriano Armando Nogueira (1927-2010), por ocasião do 20º aniversário do estádio do Maracanã, no Rio de Janeiro.

Menino-que-chega

Paulinho (seis anos) está na maior felicidade deste mundo: pela primeira vez na vida ele vai hoje ao Maracanã. Vai hoje, com o pai, ver o futebol de estádio grande.

Festejemos em Paulinho um sopro de vida que remoça o Maracanã, no ano de seus vinte anos. Esse é o glorioso destino do estádio: cada menino que chega é grama nova que floresce no campo.

Cada menino que chega, alento fresco no grito doce-aflito da multidão.

Se Paulinho pudesse me ouvir, eu contaria a ele, hoje, a história dos vinte anos do Maracanã. Repetiria o que já andei contando em breve escrito, sobre essa gigantesca panela de pressão – para usar uma feliz imagem de meu velho amigo **Nilton Santos**.

[...]

ARMANDO NOGUEIRA et al. *O mundo é uma bola: crônicas, futebol & humor*. São Paulo: Ática, 2006. p. 8. (Quero Ler: Crônicas).

5a. Um novo visitante do Maracanã, que se tornará um frequentador.

- Nesse contexto, o que seria um "menino-que-chega"?
- O trecho "ele vai hoje ao Maracanã" expressa a noção de presente, de passado ou de futuro? *De futuro.*
- Que flexão do mesmo verbo poderia traduzir a noção de tempo expressa no trecho? *Irá.*
- Em que modo está a forma verbal *festejemos*? Justifique seu uso.
- Releia o trecho "Se Paulinho pudesse me ouvir, eu **contaria** a ele [...]". Em que tempo está a forma verbal destacada? *No futuro do pretérito do indicativo.*
- O uso do tempo indicado no item e, associado à forma verbal *pudesse*, sugere que a ação é improvável. Reescreva o trecho em outro tempo verbal para indicar que a ação é possível e informe que tempo é esse. *Se Paulinho puder me ouvir, eu contarei a ele. O tempo é o futuro do presente.*



Nilton Santos: um dos principais jogadores do Brasil nas Copas do Mundo de 1958 e 1962.

Biblioteca cultural

Armando Nogueira foi um dos cronistas esportivos mais populares do país. Você pode conhecer algumas crônicas, inclusive a engraçada "O justo", pesquisando em fontes confiáveis na internet.

5d. No modo imperativo, usado porque o verbo traduz um convite, um apelo.

Fonte: ORMUNDO; SINISCALCHI, 2018, v. 7º ano, p. 143.

Nessa atividade, a questão proposta na letra e) solicita a classificação do tempo verbal destacado cuja resposta é indicada como futuro do pretérito. Trata-se de uma atividade cujo texto é apenas um pretexto para trabalhar classificação de tempos verbais. Se fosse usada uma frase

desvinculada de seu texto de origem, teria o mesmo efeito, isto é, seria uma atividade cujo fim é trabalhar a metalinguagem. Ao desconsiderar o texto, há um equívoco em relação à temporalidade verbal do trecho em análise. Não se trata de um futuro (contaria) em relação a um passado (pudesse ouvir), mas de um futuro em relação a uma situação que pode ser presente (Se Paulinho pudesse me ouvir “agora”) ou poderia ser futuro também (Se Paulinho pudesse me ouvir daqui a pouco), mas não há como definir um tempo exato. O narrador do texto narra a história antes de Paulinho ir ao estádio. Isso é o que acontece quando se insiste em criar fórmulas e engessar a língua sem considerar a situação de enunciação.

Na questão da letra f), direciona-se para o efeito de improbabilidade gerado pela associação do pretérito imperfeito do subjuntivo “pudesse” com o futuro do pretérito “contaria” na sentença “Se Paulinho pudesse me ouvir, eu contaria a ele [...]”. Em seguida, solicita-se que o trecho seja reescrito com outro tempo verbal de modo que expresse a ideia de um ação possível e ainda que o aluno informe qual o tempo verbal que desfaz a improbabilidade. Ao analisar a resposta sugerida pelo livro, “Se Paulinho puder me ouvir, eu contarei a ele. O tempo verbal é o futuro do presente.”, mais uma vez, observamos um equívoco, pois, na resposta sugerida e esperada dos alunos, a troca do verbo no futuro do pretérito pelo futuro do presente não desfaz a improbabilidade que continua sendo gerada pelo uso da oração condicional. Poderia ter sido feito um trabalho para mostrar o uso do futuro do pretérito como forma de expressar as possibilidades imaginadas pelo locutor ao se encontrar com Paulinho.

Portanto, na obra analisada, notamos uma insistência em impor ao verbo a temporalidade quando a relação com modalidade inerente aos tempos futuros é muito mais explícita. Apesar das orientações da BNCC que os autores de LD tiveram para a elaboração dos livros em análise, ainda há uma persistência na exercitação da metalinguagem com atividades voltadas à memorização da gramática normativa. Acreditamos que isso aconteça por falta de uma metodologia capaz de ajudar na construção de uma prática que motive uma reflexão organizada sobre as formas linguísticas e seus efeitos enunciativos.

2.2.4 LD 3: Geração Alpha Língua Portuguesa

Assim como as coleções anteriores, a obra é composta por 4 volumes, um para cada ano de escolaridade dos anos finais do ensino fundamental. O manual do professor apresenta os pressupostos teórico-metodológicos que embasam a proposta didática que, segundo os autores,

está aliada à BNCC e com as práticas de linguagem contempladas em cada eixo previsto no documento. A organização da estrutura do livro do aluno é exposta, explicitando como as unidades e capítulos estão ordenados, como foi feita a distribuição dos conteúdos em cada seção da coleção, relacionando aos objetos de conhecimento e às habilidades de Língua Portuguesa da BNCC. Estas são disponibilizadas integralmente logo em seguida em quadros organizados por cores de acordo com o campo de atuação e com o ano ou anos de escolaridade em que devem ser trabalhadas.

Além desses esclarecimentos iniciais, ao longo da parte em comum com o livro do estudante, em formato U, o manual do professor traz sugestões de atividades com respostas, orientações didáticas, competências e habilidades abordadas que darão suporte aos exercícios. Também, há dicas de leitura para o professor e para os alunos, textos complementares e sugestões de atividades interdisciplinares. Em relação à organização do livro do aluno, este é composto por 8 unidades que apresentam de 2 a 3 capítulos cada. Eles são estruturados em torno de um gênero textual a partir do qual se desenvolvem as seções e subseções. O eixo de Análise Linguística/Semiótica é trabalhado de forma dissociada dos outros nas seções “Língua em Estudo” e “A Língua na Real”. De acordo com os autores, na primeira, é introduzida uma reflexão sobre um conteúdo gramatical com base em um trecho do texto que inicia o capítulo ou de um texto do mesmo gênero em estudo. Na segunda seção, os conceitos gramaticais são apresentados em diferentes situações de uso na perspectiva semântico-discursiva, visando à ampliação dos conceitos gramaticais estudados.

O nosso objeto de estudo, a temporalidade verbal, é introduzida no livro do 6º ano, no capítulo que tem o gênero biografia, que, nas atividades de análise linguística, mais uma vez, é usado como pretexto para atividades de metalinguagem. Nas orientações didáticas, o professor é instruído a revisar os conceitos de pessoas do discurso, a noção de flexão, a trabalhar com a ideia de tempo com base na localização da pessoa em seu ponto de enunciação. É ainda orientado a mostrar ao alunos que algumas ações são pontuais e que outras se prolongam no tempo. Na introdução do conteúdo, é transcrito um trecho de uma biografia trabalhada no início do capítulo e o aluno é questionado sobre as palavras que indicam ação, estado ou fenômenos da natureza. Logo em seguida, é sistematizado o conceito de verbo e de locução verbal bem como citadas e exemplificadas as formas nominais do verbo.

Figura 20 – Conceituação e atividade sobre verbos da LD 3.

RESPOSTAS E COMENTÁRIOS

- a) A palavra *estudou*.
b) A ação de contratar um maestro para dar aulas para Chiquinha.
- A palavra *estava*.
- A palavra *chover*.
- A expressão *quero passar*. Não. No contexto, um verbo depende do outro para formar o sentido.
- a) O verbo *utilizar*.
b) O verbo *escolher*.

DE OLHO NA BASE

Competência específica de Língua Portuguesa

(CELPO1) A seção *Língua em estudo* possibilita que os alunos compreendam a língua como fenômeno variável e sensível aos contextos de uso.

Habilidades

(EF06LP04) A seção propõe a análise da função e das flexões de verbos nos modos indicativo, subjuntivo e imperativo.

(EF06LP08) As atividades da seção *Língua em estudo* solicitam aos alunos que identifiquem, na biografia lida, orações como unidades constituintes em torno de um núcleo verbal e períodos como conjunto de orações.

LÍNGUA EM ESTUDO

VERBO

1. Releia o trecho a seguir, retirado da biografia de Chiquinha Gonzaga.

Estudou escrita, leitura, cálculo, francês, história, geografia, catecismo e latim, em casa, com um cônego que era professor. Para dar-lhe aulas de piano, o Major Basileu contratou um maestro.

- a) Na primeira frase, que palavra indica a ação realizada por Chiquinha Gonzaga?
b) No trecho, é indicada uma ação realizada por Major Basileu. Que ação é essa?
2. Ao ler "Aos dezesseis anos, Chiquinha estava casada com um noivo escolhido por seu pai", que palavra indica a situação que ela vivia naquele momento?
 3. Leia a frase: "Se chover, não poderemos sair no bloco de carnaval". Qual é o termo que indica um fenômeno da natureza?
 4. Releia os versos: "Ó abre alas / Que eu quero passar".
 - Que expressão presente nesses versos indica vontade? Seria possível obter o mesmo sentido se utilizasse somente um verbo? Explique.

ANOTE AÍ!

Os **verbos** são palavras que indicam **ação**, **estado**, **modo** e **fenômenos da natureza**. A expressão formada por dois ou mais verbos é chamada de **locução verbal** (*quero passar*). As locuções verbais são compostas por um ou mais **verbos auxiliares** (*quero*) e um **verbo principal** (*passar*), que sempre será o último da locução.

Na locução verbal, só os verbos auxiliares são conjugados; os principais vêm em uma das formas nominais. Conheça as **formas nominais** do verbo.



CONJUGAÇÃO

Fonte: COSTA; MARCHETTI, 2018, v. 6º ano, p. 210.

Em sequência, são apresentadas as conjugações e as flexões do verbo em tempo, pessoa e número. Em um trecho da mesma biografia trabalhada anteriormente, os alunos devem identificar o verbo e o tempo em que está conjugado. Nas respostas à margem do livro, há informações de que os tempos verbais passado, presente e futuro têm como referência o momento da fala e que, portanto, a forma verbal "trazia", contida no trecho em análise, encontra-se no tempo passado, já que a ação ocorreu em um tempo anterior ao momento da fala. No entanto, para o aluno, não há um percurso metodológico que o faça associar os tempos verbais ao momento da fala. Essa associação é mencionada na sistematização do conteúdo em que são expostas as definições dos tempos passado, presente e futuro exemplificadas com frases criadas pelos autores.

Logo após, são conceituados os modos verbais e é feita uma importante observação: "Os verbos podem expressar atitudes ou percepções do falante sobre o que diz. Os modos verbais são as diferentes formas que o verbo assume para indicar a atitude da pessoa que fala em relação ao que enuncia" (NOGUEIRA, MARCHETTI, CLETO, 2018, p. 211). Apesar de ter fundamentos enunciativos e remeter à teoria de Bally, exposta no primeiro capítulo, de que todo *dictum* revela um *modus* de dizer, os modos verbais são expostos de acordo com as definições das GT e

também exemplificados com frases autorais. As atividades dadas em seguida partem de textos biográficos e ora procuram despertar a reflexão sobre os fatos linguísticos e a compreensão dos efeitos de sentido gerados pelas formas linguísticas, ora reproduzem o trabalho das GT solicitando a identificação e a classificação dos tempos e modos verbais.

Figura 21 – Atividades sobre tempos verbais – LD3.

ATIVIDADES	RESPOSTAS E COMENTÁRIOS
<p>1. A seguir, leia um trecho de uma biografia que relata a vida de Leonardo da Vinci.</p> <div style="border: 1px solid #ccc; padding: 5px; margin: 5px 0;"> <p>Milhões de pessoas conhecem Leonardo da Vinci como o artista italiano que pintou a <i>Mona Lisa</i>, o quadro mais famoso do mundo.</p> <p>Milhões de outras pessoas o veem como um gênio, muitos anos-luz à frente de seu tempo em matéria de ciência, matemática e engenharia. Leo imaginou helicópteros, tanques de guerra e submarinos (sem falar num banheiro incrivelmente organizado que desenhou) alguns séculos antes de esses inventos se tornarem realidade.</p> <p>[...]</p> <p>Há também aqueles que se lembram dele como músico. Leonardo construía os próprios instrumentos e escrevia as composições que ele mesmo executava para um público admirado.</p> <p>E, acredite ou não, ainda há outros que se recordam de Leo como arquiteto, cartógrafo e urbanista! [...]</p> <p>O mais incrível mesmo é que <i>toda</i> essa gente tem razão! Leonardo foi <i>isso tudo</i> e muito mais! [...]</p> </div> <p style="font-size: small; text-align: center;">Michel Cox. <i>Leonardo da Vinci e seu supercérebro</i>. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Seguinte, 2016, p. 5-7.</p> <p>a) Qual é a finalidade do texto?</p> <p>b) As formas verbais destacadas estão flexionadas em que tempo? Por quê?</p> <p>b) As formas verbais destacadas estão flexionadas em que tempo? Por quê?</p> <p>2. Leia agora um trecho que faz parte da introdução de um livro sobre Leonardo da Vinci.</p> <div style="border: 1px solid #ccc; padding: 5px; margin: 5px 0;"> <p>Você vai encontrar neste livro um monte de fatos extraordinários e histórias incríveis sobre um dos homens mais geniais e criativos de todos os tempos.</p> </div> <p style="font-size: small; text-align: center;">Michel Cox. <i>Leonardo da Vinci e seu supercérebro</i>. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Seguinte, 2016, p. 7.</p> <p>a) No caderno, reescreva esse trecho, trocando a locução verbal por um verbo com o mesmo sentido e no mesmo tempo e modo.</p> <p>b) Ao trocar a locução verbal por um verbo, que alteração pode ser observada?</p> <p>c) Essa biografia foi escrita para um público infantojuvenil. Que relação pode ter esse fato com as escolhas linguísticas presentes no texto da atividade 1?</p> <p>3. Duas frases do trecho da biografia de Leonardo da Vinci revelam que, assim como milhões de pessoas, o biógrafo vê o artista como um gênio.</p> <p>a) Transcreva essas frases no caderno.</p> <p>b) Cada uma dessas frases é um período. Quantas orações há em cada um desses períodos? Justifique.</p> <p>c) Como é classificado cada um desses períodos?</p> <p>d) Em que modo estão flexionadas as formas verbais de cada um dos períodos? Esse modo verbal indica que o biógrafo percebe o que diz como certeza, hipótese ou ordem?</p>	<p>1. a) A finalidade é apresentar aos leitores a biografia de Leonardo da Vinci.</p> <p>b) Estão no passado ou pretérito. Porque elas se referem à atuação de Leonardo da Vinci.</p> <p>2. a) Você <i>encontrará</i> neste livro um monte de fatos extraordinários e histórias incríveis sobre um dos homens mais geniais e criativos de todos os tempos.</p> <p>b) Ao utilizar um só verbo, o texto ficou mais formal.</p> <p>c) Para se aproximar do público infantojuvenil, é provável que tenham sido escolhidas expressões mais informais, o que é percebido pelo uso de “Leo” para se referir a Leonardo da Vinci, entre outras expressões como: “sem falar num”, “acredite ou não”, “o mais incrível mesmo”.</p> <p>3. a) “O mais incrível mesmo é que <i>toda</i> essa gente tem razão!” / “Leonardo foi <i>isso tudo</i> e muito mais!”</p> <p>b) Em “O mais incrível mesmo é que <i>toda</i> essa gente tem razão!”, há duas orações (duas formas verbais: <i>é</i> e <i>tem</i>) e, em “Leonardo foi <i>isso tudo</i> e muito mais!”, há uma oração (somente a forma verbal <i>foi</i>).</p> <p>c) O período em que há duas orações é chamado de período composto e o período em que há somente uma oração é chamado de período simples.</p> <p>d) As formas verbais <i>é</i>, <i>tem</i> e <i>foi</i> estão no modo indicativo e expressam certeza por parte do biógrafo.</p>

Fonte: COSTA; MARCHETTI, 2018, v. 6º ano, p. 210.

O modo indicativo é retomado mais adiante no mesmo volume e, nessa parte, há um trabalho mais enfático com os tempos verbais desse modo. Após orientar o professor a retomar o que eles já sabem sobre o conteúdo e selecionar situações concretas de uso dos tempos verbais para conversar com os alunos, o livro propõe, a partir de um trecho de texto do gênero propaganda, questões que procuram fazer o aluno identificar os verbos, o tempo e o modo em que estão

conjugados. Em seguida, é feita uma observação de que a flexão verbal revela os detalhes do que é dito, ajudando na compreensão do momento em que ocorre o fato relatado, de como esse fato é percebido pelo falante e na identificação da pessoa do discurso a que se refere. Na subseção “Anote aí”, os tempos verbais básicos do modo indicativo são citados com a observação de que os tempos pretérito e futuro apresentam subdivisões e sentidos diferentes.

Assim como nas coleções anteriores, é exposto um quadro com o paradigma de conjugação de três verbos de diferentes conjugações em todos os tempos verbais do modo indicativo em sua forma simples, ressaltando-se as desinências verbais. A maioria das definições apresentadas seguem aquelas dadas pelas GT, remetendo a face temporal e aspectual do verbo, com exemplos isolados de situações de uso real da língua e, muitas das vezes, sem referência ao momento da fala. O tempo futuro do pretérito é explicado como aquele que “expressa a ideia de uma ação futura que ocorreria desde que certa condição fosse cumprida” (COSTA; MARCHETTI, 2018, p. 223) e é exemplificado com uma frase criada pelos autores: “Eu correria todos os dias, se tivesse companhia.” Nessa definição, novamente, percebemos uma insistência em associar movimento ao verbo, que nem sempre expressa ação, que fica aquém da própria definição de verbo dada pelo livro: “**Verbos** são palavras que indicam **ação, estado, modo e fenômenos da natureza**” (COSTA; MARCHETTI, 2018, p. 210, destaque dos autores).

A segunda questão a ser discutida é o condicionamento do tempo futuro do pretérito ao cumprimento de uma condição. Apesar de, na linguagem cotidiana, encontrarmos várias ocorrências desse tipo de construção linguística, nem sempre verbos no chamado futuro do pretérito aparecem em um período composto associados a uma condição. Em sentenças como “Gostaria de mais informações sobre o assunto”, além de não estar vinculado a uma condição, o verbo “gostaria”, que, de acordo com as GT, está conjugado no futuro do pretérito, não expressa ideia temporal ou integra um evento que está condicionado a outro, mas foi usado em tom de polidez, como forma de fazer um pedido de modo indireto.

Figura 22 – Paradigma de conjugação de verbos apresentado na LD3

Observe o quadro a seguir com os tempos verbais do modo indicativo.

MODO INDICATIVO			
Tempos verbais	1ª conjugação: verbos terminados em -ar Cantar	2ª conjugação: verbos terminados em -er e -or Correr	3ª conjugação: verbos terminados em -ir Partir
<p>Presente</p> <p>1. Expressa um fato que ocorre no mesmo momento em que se fala. Exemplo: O dia está chuvoso.</p> <p>2. Expressa um fato que sempre acontece ou uma ação habitual. Exemplo: Eu corro todos os dias no parque ao lado de casa.</p> <p>3. Indica ações permanentes ou dadas como verdades universais. Exemplo: A Terra gira em torno do Sol.</p>	<p>Eu canto Tu cantas Ele canta Nós cantamos Vós cantais Eles cantam</p>	<p>Eu corro Tu corres Ele corre Nós corremos Vós correis Eles correm</p>	<p>Eu parto Tu partes Ele parte Nós partimos Vós partis Eles partem</p>
<p>Pretérito perfeito</p> <p>Expressa um fato que já ocorreu e está perfeitamente acabado. Exemplo: Eu corri ontem no parque.</p>	<p>Eu cantei Tu cantaste Ele cantou Nós cantamos Vós cantastes Eles cantaram</p>	<p>Eu corri Tu correste Ele correu Nós corremos Vós correstes Eles correram</p>	<p>Eu parti Tu partiste Ele partiu Nós partimos Vós partistes Eles partiram</p>
<p>Pretérito imperfeito</p> <p>Expressa um fato que acontecia no passado com frequência, de forma contínua. Exemplo: Eu corria todos os dias de manhã, mas agora não posso mais ir ao parque nesse horário.</p>	<p>Eu cantava Tu cantavas Ele cantava Nós cantávamos Vós cantáveis Eles cantavam</p>	<p>Eu corria Tu corrias Ele corria Nós corríamos Vós corríeis Eles corriam</p>	<p>Eu partia Tu partias Ele partia Nós partíamos Vós partíeis Eles partiam</p>
<p>Pretérito mais-que-perfeito</p> <p>Expressa um fato passado, anterior a outro fato também passado. Exemplo: O pai correra no parque antes de buscar o filho na escola.</p>	<p>Eu cantara Tu cantaras Ele cantara Nós cantáramos Vós cantáreis Eles cantaram</p>	<p>Eu corra Tu correras Ele corra Nós corríamos Vós corríeis Eles correram</p>	<p>Eu partira Tu partiras Ele partira Nós partíramos Vós partíreis Eles partiram</p>
<p>Futuro do presente</p> <p>Expressa um fato que ocorrerá em um momento posterior à fala. Exemplo: A partir da próxima semana, nós correremos juntas todos os dias.</p>	<p>Eu cantarei Tu cantarás Ele cantará Nós cantaremos Vós cantareis Eles cantarão</p>	<p>Eu correr Tu correrás Ele correrá Nós correremos Vós correréis Eles correrão</p>	<p>Eu partirei Tu partirás Ele partirá Nós partiremos Vós partireis Eles partirão</p>
<p>Futuro do pretérito</p> <p>Expressa a ideia de uma ação futura que ocorreria desde que certa condição fosse cumprida. Exemplo: Eu correria todos os dias, se tivesse companhia.</p>	<p>Eu cantaria Tu cantarias Ele cantaria Nós cantaríamos Vós cantaríeis Eles cantariam</p>	<p>Eu correria Tu correrias Ele correria Nós correríamos Vós correríeis Eles correriam</p>	<p>Eu partiria Tu partirias Ele partiria Nós partiríamos Vós partiríeis Eles partiriam</p>

Fonte: COSTA; MARCHETTI, 2018, v. 6º ano, p. 210.

As atividades propostas adiante seguem a metodologia das anteriores: usam textos ou partes de textos para propor questões de natureza textual-discursiva, mas também atividades de natureza metalinguística que requerem identificações, transcrições, classificações. Nas questões propostas nessa parte do livro, não encontramos nenhuma que trabalhasse os tempos verbais em análise em nosso estudo, tampouco em sua forma composta.

No volume destinado ao 7º ano de escolaridade, o estudo da categoria dos verbos é retomada.

Figura 23 – Revisão sobre verbos e tempos verbais da LD3.

RESPOSTAS E COMENTÁRIOS

1. a) O verbo *ver*.

b) A forma verbal *é* liga o vento a uma característica dele (é um vento nordeste) e a locução verbal *vai tangendo* indica a ação do vento de mover as espumas do mar.

c) As formas verbais *marcham* e *morrem* expressam ações das espumas; já a forma verbal *é* relaciona a onda a uma característica dela (ser verde).

LÍNGUA EM ESTUDO

REVISÃO: VERBO

FLEXÕES VERBAIS

1. Leia este trecho da crônica "Homem no mar".

De minha varanda vejo, entre árvores e telhados, o mar. Não há ninguém na praia, que respande ao sol. O vento é nordeste, e vai tangendo, aqui e ali, no belo azul das águas, pequenas, espumas que marcham alguns segundos e morrem, como bichos alegres e humildes; perto da terra a onda é verde.

a) Nesse trecho, que verbo expressa a ação realizada pelo cronista?

b) Identifique a forma verbal que liga o vento a uma característica dele e a locução verbal usada para indicar sua ação.


c) Observe o que se diz a respeito das espumas e das ondas. Quais formas verbais são usadas para indicar suas ações? E quais formas verbais ligam esses elementos às suas características?

Verbos são palavras que indicam **estado** (ou característica), **ação** ou **fenômeno**. Por pertencerem a uma classe de palavras variáveis, os verbos sofrem modificações para expressar informações sobre **modo**, **tempo**, **pessoa** e **número** de acordo com a necessidade de quem escreve e do falante no ato da comunicação. Tais modificações são chamadas de **flexões verbais**.

Quanto ao tempo, o verbo pode situar o processo a que se refere no passado, no presente ou no futuro em relação ao momento da fala. Quanto à pessoa, o verbo se flexiona de acordo com a 1ª, a 2ª ou a 3ª pessoa do discurso. Quanto ao número, pode estar no singular ou no plural.

No quadro abaixo, reveja as flexões de modo, tempo, número e pessoa que os verbos podem sofrer.

I. MODO	Indicativo	Subjuntivo
II. TEMPO	Presente Pretérito perfeito Pretérito imperfeito Pretérito mais-que-perfeito Futuro do presente Futuro do pretérito	Presente Pretérito imperfeito Futuro
III. NÚMERO	Singular Plural	
IV. PESSOA	1ª pessoa (quem fala) 2ª pessoa (com quem se fala) 3ª pessoa (de quem / do que se fala)	



Fonte: COSTA; NOGUEIRA; MARCHETTI, 2018, v. 7º ano, p. 88.

É feita uma revisão sobre as flexões verbais e, ao expor sobre o modo indicativo com seus respectivos tempos, apesar de usar outras palavras, é dada a mesma definição ao tempo futuro do pretérito com exemplo-ilha conforme feito no volume destinado ao 6º ano de escolaridade. O tempo em questão é definido como aquele que “expressa uma ação que aconteceria com certeza ou como hipótese, se outra ação acontecesse” (COSTA; NOGUEIRA; MARCHETTI, 2018, p. 89). Como exemplo, foi adaptado um trecho da crônica trabalhada no início do capítulo: “O homem *alcançaria* o telhado vermelho se continuasse nadando no mesmo ritmo” (ibidem). Novamente, a visão de verbo como palavra que expressa tempo e ação é reforçada e não há um movimento didático no sentido de fazer com que o aluno compreenda a definição dada, que como dissemos, trata-se de um exemplo fora de suas condições enunciativas de origem, adaptado apenas para ilustrar a definição feita. Além disso, é uma definição que vai de

encontro à definição de modo indicativo dada na mesma página, que assegura que “O modo indicativo é o modo que expressa **certeza** do falante sobre algo que acontece, aconteceu ou acontecerá” (COSTA; NOGUEIRA; MARCHETTI, 2018, p. 89). Sendo assim, ao situar tempo futuro do pretérito no modo indicativo e defini-lo como aquele que pode indicar certeza ou hipótese pode gerar confusão de conceitos para os alunos, pois, se ele se enquadra em um modo que expressa certeza, como pode indicar hipótese?

Figura 24 – Apresentação dos tempos do modo indicativo LD3.

Os modos verbais expressam diferentes atitudes do falante em relação ao que diz. Veja algumas possibilidades de **flexão de modo**.

MODO INDICATIVO

2. Releia mais um trecho da crônica “Homem no mar”.

Mas percebo um movimento em um ponto do mar; é um homem nadando. Ele nada a uma certa distância da praia, em braçadas pausadas e fortes; nada a favor das águas e do vento, e as pequenas espumas que nascem e somem parecem ir mais depressa do que ele. Justo: espumas são leves, não são feitas de nada, toda sua substância é água e vento e luz, o homem tem sua carne, seus ossos, seu coração, todo seu corpo a transportar na água.

a) Que forma verbal indica o momento exato em que um homem nadando no mar captura a atenção do cronista? Pela flexão dessa forma, o cronista indica que escreve depois de ver a cena, durante a cena ou antes dela?

b) O que mais faz o cronista, além de descrever o homem nadando?

c) As imagens nesse trecho da crônica e as avaliações sobre elas expressam dúvida ou certeza do narrador?

d) A palavra *nada* é usada no parágrafo com dois sentidos diferentes. Quais?

e) Que efeito de sentido o narrador pretende promover ao detalhar a sequência dos acontecimentos da cena?

Existem várias maneiras de apresentar um fato, porém, dependendo da orientação dada ao sentido do texto, opta-se por um modo verbal ou outro.

ANOTE AÍ!

O modo indicativo é o modo verbal que expressa a **certeza** do falante sobre algo que acontece, aconteceu ou acontecerá.

Confira as possibilidades de **flexão de tempo** do modo indicativo e exemplos.

MODO INDICATIVO	
Presente: indica que a ação verbal ocorre no momento da fala. Indica também fatos habituais e verdades incontestáveis.	O homem <i>nada</i> a certa distância da praia.
Pretérito perfeito: expressa uma ação que, no momento da fala, já foi concluída.	<i>Cumpriu</i> o meu dever, e ele <i>cumpriu</i> o seu.
Pretérito imperfeito: indica uma ação ocorrida repetidas vezes, habitual ou com um tempo de duração indeterminado no passado.	Quando o vi, ele já <i>estava</i> nadando.
Pretérito mais-que-perfeito: exprime uma ideia de ação ocorrida no passado, mas anterior a outra ação também já passada.	Quando olhei novamente, minha visão já <i>havia sido</i> encoberta pelo telhado.
Futuro do presente: indica algo que ainda acontecerá em relação ao momento atual.	O homem <i>nadará</i> até o telhado vermelho e isso <i>será</i> perfeito.
Futuro do pretérito: expressa uma ação que acontecerá, com certeza ou como hipótese, se outra ação ocorrerse.	O homem <i>alcançaria</i> o telhado vermelho se continuasse nadando no mesmo ritmo.

■ Não escreva no livro. 89

RESPOSTAS E COMENTÁRIOS

2. a) A forma verbal *percebo*. A flexão indica que o cronista escreve durante a cena.

b) Além de descrever o homem nadando, o cronista compara a velocidade do homem e a das espumas e percebe que as espumas são mais rápidas.

c) As imagens e as avaliações expressam certeza.

d) A palavra *nada* expressa tanto a ação do homem no mar (ele se desloca na água movendo braços e pernas) quanto faz parte de uma expressão que indica que as espumas *não são feitas de nada* (equivalente a *coisa nenhuma*).

e) O narrador pretende deixar claro tudo o que ocorreu, tudo o que ele observou na cena.

Fonte: COSTA, NOGUEIRA, MARCHETTI, 2018, v. 7º ano, p. 89.

As formas nominais do verbo são apresentadas mais adiante na subseção “Anote aí”, mas não há uma associação de seu uso com os verbos auxiliares e a formação dos tempos compostos dos verbos. A explicação dada sinaliza para a noção aspectual dessas formas, mas também para sua identificação e classificação. Nas orientações dadas ao professor, há recomendações para que o trabalho seja desenvolvido com vistas aos efeitos de sentido dos tempos verbais, mas, em muitas das atividades propostas, verificam-se questões voltadas para a identificação e

classificação das formas verbais. No caso dos verbos em estudo em nossa pesquisa, não há atividades sobre eles.

Diante do exposto, no âmbito da prática de linguagem da Análise Linguística, embora sejam discutidas as variedades linguísticas, é uma coleção que valoriza as concepções da língua padrão e tende para uma abordagem metalinguística dos conhecimentos gramaticais. A temporalidade verbal não é explorada de forma adequada para que os alunos reconheçam as relações de sentidos gerados pelas escolhas lexicais feitas pelo locutor.

2.3 As coleções analisadas

Nossa análise teve como foco as seções das coleções didáticas destinadas aos anos finais do ensino fundamental já que o livro didático é uma das principais ferramentas de apoio ao processo de ensino e de aprendizagem atualmente. Procuramos observar como a temporalidade verbal é tratada nesse material em especial, os tempos verbais do futuro do pretérito, tanto teórico quanto metodologicamente. Após essa análise descritiva e crítica dessas três coleções de LD, podemos dizer que gramáticas tradicionais normativas ainda exercem grande influência a elaboração dos materiais didáticos para ensino da língua portuguesa, inclusive na organização dos conteúdos que, em sua maioria, partem da fonologia, passam à morfologia, à sintaxe e às questões de semântica.

Além disso, observamos também nas coleções analisadas que todas elas seguem um mesmo roteiro de abordagem dos conteúdos. A apresentação dos verbos se dá de forma recorrente. Primeiramente, é feita uma breve introdução do objeto de estudo a fim de levantar os conhecimentos prévios e suscitar uma discussão e logo o conteúdo é sistematizado com base nas definições das GT. Em seguida, são dadas atividades que pretendem dar um sentido prático ao que conteúdo em estudo. No entanto, em todas as obras, no eixo de análise linguística, foi observado um viés tradicional acerca do ensino da língua, pautado na metalinguística, que implica em uma análise sistemática dos fatos gramaticais, em que o texto figura apenas como pretexto para trabalhar nomenclaturas, conceitos e atividades que pouco contribuem para uma reflexão e domínio dos usos sociais da língua.

Evidenciamos também que, atualmente, o ensino da categoria verbal, tanto nas GT quanto nos LD, ainda é orientado através da memorização de paradigmas verbais. O processo de ensino

dos tempos verbais está baseado em um modelo estrutural que não permite ao aluno observar as propriedades semânticas da língua. O estabelecimento de um modelo de conjugação verbal não dá conta de toda sua complexidade que envolve o tempo linguístico nos usos sociais da língua. Isso repercute na aprendizagem dos alunos que passam a considerar o estudo do verbo como algo sem sentido já que não conseguem reconhecer os efeitos de sentido dos recursos linguísticos e acarreta defasagens em sua aprendizagem como: utilização inadequada dos tempos verbais, incoerências textuais, dificuldades com a interpretação textual etc.

Conforme afirmamos na introdução desta tese, acreditamos que essa falta de alinhamento entre o trabalho proposto nos LD e as recomendações da BNCC para o trabalho com a língua em sala de aula são resultantes da falta de um embasamento teórico-metodológico mais estruturado que possa auxiliar os autores de materiais didáticos. Dias (2010, p. 193) afirma que pesquisas sobre a integração dos estudos gramaticais com os estudos do texto e do discurso “ainda não adquiriram uma estabilidade suficiente, principalmente no Brasil, para que possam fornecer segurança aos autores de manuais didáticos” e fornecer-lhes condições de explicar os fatos gramaticais e seus efeitos enunciativos da linguagem.

Por isso, defendemos a necessidade de se trabalhar os tempos verbais inseridos em situações reais de funcionamento da língua, em seus espaços de enunciação, considerando não apenas os aspectos estruturais, como também, os aspectos semântico-enunciativos. Acreditamos que atividades epilinguísticas possam suprir essa demanda metodológica, já que viabilizam reflexões sobre a linguagem potencializando seu domínio pessoal e social.

Por isso, no próximo capítulo, vamos expor a metodologia das redes enunciativas de ensino, atividade de caráter epilinguístico, com que pretendemos trabalhar nossas análises e propor atividades.

CAPÍTULO 3

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: REDES ENUNCIATIVAS

Este capítulo destina-se a apresentar a metodologia que estamos propondo para o trabalho com a análise linguística das formas verbais do futuro do pretérito: as redes enunciativas. Antes, cabe ressaltar que se trata de uma pesquisa de natureza qualitativa interpretativista em Linguística Aplicada, pela interface da Semântica do Acontecimento proposta por Guimarães (2002) e Dias (2006), conduzida pelos caminhos da investigação participante e da pesquisa documental. Esta última é inerente a qualquer reflexão científica, já que é importante para conferir credibilidade às hipóteses levantadas e também às proposições feitas. Já sua qualificação como pesquisa aplicada¹⁹ corresponde ao caráter participativo que adotamos, já que, enquanto professora-pesquisadora, tece análises interpretativistas do material didático avaliado. Além disso, busquei gerar conhecimentos para a aplicação prática a fim de solucionar a lacuna apontada no segundo capítulo deste estudo entre a recomendação do trabalho com a língua em sala de aula e a metodologia usada nos LD.

Para seu desenvolvimento, foram seguidas as seguintes etapas: a) revisão da literatura a respeito do objeto de estudo; b) apresentação dos pressupostos teóricos que embasam a perspectiva da semântica enunciativa; c) análise de livros didáticos de língua portuguesa dos anos finais do ensino fundamental a fim de verificar como a temporalidade verbal é trabalhada nesse nível da educação básica; d) análise dos aspetos enunciativos expressos pela forma verbal classificada como futuro do pretérito em enunciados que circulam socialmente; e) proposição de estratégias de ensino que considerem a perspectiva enunciativa da língua para que os alunos compreendam o uso dos tempos verbais como parte constituinte da produção de sentido e, assim, fornecer-lhes condições de perceberem os aspectos enunciativos-discursivos da linguagem conforme estabelece a BNCC.

Como já exposto, esse documento prescreve que o conhecimento metalinguístico deve ser revertido para situações significativas de uso da língua. Segundo Dias (2021, p. 8, no prelo), “uma visão epilinguística da língua mostra como ela funciona. Por outro lado, uma visão metalinguística da língua nos mostra como a língua se estrutura em categorias (número, gênero, classes de palavras etc.) e funções (sujeito, objeto etc.)”.

¹⁹ MOITA-LOPES, L. P. **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

Assim, acreditamos que, ao invés de uma metodologia em que o eixo análise linguística/semiótica é trabalhado por meio de definições, exemplos-ilha, classificações, isto é, metalinguagem com fim em si mesma, as atividades epilinguísticas são um recurso para atingir as habilidades previstas na BNCC. O trabalho do professor é o de conduzir a apropriação da língua pelo aluno de modo que ele tenha autonomia para mobilizar conhecimentos e habilidades linguísticas para resolver as demandas das mais diversas situações de comunicação que se apresentam na vida cotidiana. Essa competência linguística não pode ser confundida com a capacidade de descrever a língua e suas normas, que é o que é feito quando se trabalha com atividades de cunho metalinguístico.

3.1 ATIVIDADES EPILINGUÍSTICAS

Uma das formas de realizar o trabalho em sala de aula na perspectiva da Semântica da Enunciação é por meio de atividades epilinguísticas. Esse termo foi formulado pelo linguista francês Culioli, na década de 1960, e definido como uma atividade metalinguística não consciente que possibilita aos alunos desenvolverem suas habilidades em práticas situadas e oportuniza situações de reflexão sobre a língua e as linguagens, de modo que eles percebam as diferentes formas de dizer, os diversos efeitos de sentido gerados pelas escolhas de linguagens feitas. Além disso, esse tipo de atividade leva os alunos a diversificarem os recursos expressivos com que falam e escrevem e a operarem sobre sua própria linguagem, praticando a diversidade dos fatos gramaticais de sua língua.

No Brasil, na década de 1980, Franchi foi o primeiro pesquisador a se debruçar sobre a temática e a utilizar esse termo. O autor oferece uma proposta de mudança metodológica para o trabalho com a gramática e propõe que um ensino eficaz da língua portuguesa deve ser realizado por níveis ou graus de dificuldade e abstração. De acordo com ele, atividades linguísticas devem ser trabalhadas num primeiro nível, seguidas de atividades epilinguísticas e finalizadas por atividades de natureza metalinguística.

As primeiras, as atividades linguísticas, são as operações feitas por meio linguagem aprendidas de forma natural. São inerentes à comunicação no meio familiar, na comunidade dos alunos e reproduzidas na escola como “o exercício pleno, circunstanciado, intencionado e com intenções significativas da própria linguagem” (FRANCHI, 2006, p. 95).

As atividades epilinguísticas são aquelas que levam os alunos a diversificar os recursos expressivos com que fala e escreve e a operar sobre sua própria linguagem, praticando a diversidade dos fatos gramaticais de sua língua. De acordo com esse autor,

É aí que começa uma prática ou a intensificação de uma prática que começa na aquisição da linguagem, quando a criança se exercita na construção de objetos linguísticos mais complexos e faz hipóteses de trabalho relativas à estrutura de sua língua. Chamamos de atividade epilinguística a essa prática que opera sobre a própria linguagem, compara as expressões, transforma-as, experimenta novos modos de construção canônicos ou não, brinca com a linguagem, investe as formas linguísticas de novas significações (FRANCHI, 2006, p. 97).

Desse modo, as atividades epilinguísticas são as próprias operações de linguagem, que trabalham o material da expressão linguística por meio das escolhas do falante dentre as formas fornecidas pela língua. Portanto, trata-se de uma atividade de linguagem não consciente e que possibilita o estudo das línguas de forma articulada com a linguagem, já que dá ênfase a um trabalho interno de montagem e desmontagem de arranjos, significados ou valores.

As atividades de natureza metalinguística, por sua vez, referem-se à denominação, à classificação e à sistematização dos fatos linguísticos à luz de uma teoria gramatical. Estas são realizadas pelos alunos para provarem seu conhecimento sistemático e classificatório dos fatos de uma língua. Cabe ao professor trabalhar de maneira progressiva essas atividades para que o aluno por si só possa chegar a conclusões sobre uma teoria gramatical.

Ainda segundo Franchi (2006, p. 95), o papel das escolas em relação a isso é o de “criarem condições para o exercício do “saber linguístico” das crianças dessa “gramática” que interiorizaram no intercâmbio verbal com adultos e seus colegas”. As escolas devem partir dos conhecimentos linguísticos que os alunos já possuem ao chegarem às salas de aula, fornecerem a eles condições de desenvolverem os mais variados recursos expressivos para que possam se comunicar em quaisquer situações sociais de uso da língua e, depois, sistematizá-los.

Sendo assim, para colocar em prática atividades epilinguísticas, o ensino pautado em redes enunciativas, procedimento desenvolvido por Dias (2006) e aperfeiçoado em Dias (2018), apresenta-se como uma ferramenta eficaz para ajudar os alunos a visualizarem como as construções linguísticas são produzidas com vistas a determinados direcionamentos enunciativos e com isso desenvolverem suas habilidades linguísticas e discursivas.

3.2 REDES ENUNCIATIVAS

Diante do exposto, propomos como recurso metodológico as redes enunciativas desenvolvido e definido por Dias (2021, p. 18, no prelo) como “técnica de demonstração das relações de sentido de um enunciado, observando-se semelhanças e diferenças entre construções linguísticas”. Segundo ele, esse procedimento permite compreender as relações entre as unidades articuladas na produção de um enunciado, explicitando os aspectos não visíveis em sua produção. Desse modo, temos condições de entender o funcionamento da língua na produção de sentido. O autor explica que

A técnica das redes enunciativas não é aplicada para exercitar estruturas, nem para produzir testes de gramaticalidade ou algo nessa direção. Ela se presta a estabelecer pontos de observação enunciativa, tendo em vistas as dimensões do sentido. Dessa maneira, ela permite demonstrar que uma estruturação formal pode ser enunciativamente permeada por dimensões diferentes da significação (DIAS, 2018, p. 35).

Portanto, é um recurso didático que vai ao encontro do que recomenda a BNCC para o trabalho com a língua em sala de aula.

Acreditamos que a utilização das redes enunciativas no ensino pode ser bastante produtiva para o aluno desenvolver um olhar sobre as articulações da linguagem, no sentido de buscar a compreensão do nosso lugar na história. Com isso, buscamos trabalhar na escola o epilinguístico ao invés do metalinguístico (DIAS, 2020, p. 635).

A metodologia das redes enunciativas consiste no agrupamento e contraste de construções linguísticas com estruturas semelhantes e palavras iguais para colocar em evidência o domínio de mobilidade que sustenta a enunciação. “A constituição de redes enunciativas é, assim, uma forma de interlocução de pontos de vista sociais incorporados nos enunciados” (Dias, 2020, p. 623). Elas podem ser construídas com base em enunciados captados no uso social mesclados com enunciados criados pelo pesquisador, já que este é um usuário da língua.

A constituição de uma rede enunciativa envolve a formação de contrastes entre a construção linguística em estudos e outras construções com estruturas semelhantes e palavras iguais, no sentido de permitir a percepção dos domínios de mobilização que a enunciação sustenta. Essas construções outras, trazidas para a rede enunciativa, são construídas pelo próprio pesquisador e/ou podem também ser buscadas em usos efetivos como no Google e nos bancos de dados que abrigam usos orais e escritos da nossa língua. O ideal é a combinação dos dois tipos (DIAS, 2018, p. 35).

Como afirmamos no primeiro capítulo, ao enunciarmos, tomamos o sentido socio-histórico das palavras e revelamos os pontos de vista sobre o mundo. As redes enunciativas, ao permitirem o agrupamento de enunciados com palavras cujos sentidos são sociais, flagram a constituição

do sentido e revelam a posição do locutor sobre o dito. Por isso, acreditamos que elas são um recurso didático eficiente para revelar as relações entre o que é visível e o que não é visível na constituição do enunciado e ajudar o aluno a perceber como as formas linguísticas são articuladas para direcionar o sentido, pois “os exemplos não aparecem aleatoriamente no texto, mas são “convocados” para construir um conjunto de exemplos que formam uma unidade” (DIAS, 2006, p. 52).

Isso é possível porque as redes enunciativas permitem que o referencial histórico, a parte não visível que sustenta o enunciado, seja explicitado. Elas mostram como o enunciado produz sentido no presente do dizer à medida que se conecta com outros enunciados memoráveis de outros dizeres. Portanto, esses enunciados anteriores são parte do referencial histórico que ancora e atualiza o enunciado, tornando-o pertinente nas práticas de linguagem sociais, isto é, “a pertinência enunciativa constitui-se como ancoragem do histórico na atualidade das demandas do dizer (DIAS, 2018, p. 197). Ainda de acordo com o autor, é a pertinência do enunciado em um espaço de enunciação que “movimenta as formações articulatórias que constituem a unidade do enunciado, a sua constituição formal (ibidem, p. 103-104).

3.2.1 Exemplos de redes enunciativas

Tomemos para exemplo a constituição de redes enunciativas elaboradas por Dias (2021, no prelo). Primeiramente, para explorar os conhecimentos linguísticos e enunciativos de um texto usado em uma atividade proposta por um livro didático, o autor elaborou três redes enunciativas em que evidencia como as relações entre os termos sintáticos do enunciado permitem estabelecer as relações enunciativas entre eles e entender como se dá a produção de sentido.

Figura 25 – Texto-base 1 para rede enunciativa.

1. Leia esta tira:



(Quino. *O irmãozinho da Mafalda*. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 38.)

Na tira, Mafalda tenta explicar para Miguelito, por meio de um exemplo, o que é sujeito e predicado, um assunto gramatical que ele não entende.

- Que resposta Mafalda esperava de Miguelito? Que ele dissesse que esse lixo é o sujeito da frase “Esse lixo enfeia a rua”.
- Por que a resposta de Miguelito é engraçada? Porque ele entende sujeito como alguém responsável por alguma coisa. Assim, na frase da Mafalda, o sujeito é o prefeito porque ele seria o responsável pelo lixo que enfeia a rua.

Fonte: Dias, 2021, p. 5, no prelo.

Como se vê, a atividade proposta pelo livro didático não propõe um percurso didático para discutir a respeito do que é materialidade linguística e do que é enunciativo na fala dos personagens para ajudar o aluno a perceber os critérios de natureza semântica e de natureza sintática que, ao serem articulados, provocam o humor do texto. Nesse sentido, a construção das redes enunciativas feitas por Dias (2021, no prelo) permite visualizar essa relação e entender a produção de sentido. Para essa demonstração, o autor usou três redes:

Figura 26 – Rede enunciativa 1 - Texto-base 1.

Esse lixo	enfeia a rua
A prefeitura	enfeia a rua com esse lixo
Os funcionários da prefeitura	enfeiam a rua não recolhendo o lixo
O prefeito	enfeia a rua não mandando recolher esse lixo
Os moradores	enfeiam a rua jogando esse lixo em qualquer lugar

Fonte: Dias, 2021, p. 6, no prelo.

Figura 27 – Rede enunciativa 2 - Texto-base 1.

Esse lixo enfeia	a rua
	as casas desta rua
	a visão dos turistas que visitam a cidade
	os meus sapatos quando saio de casa
	a administração do prefeito

Fonte: Dias, 2021, p. 6, no prelo.

Figura 28 – Rede enunciativa 3 - Texto-base 1.

Esse lixo	enfeia	a rua
	desvaloriza	as casas da rua
	motivou	uma reivindicação dos moradores da rua
	provoca	doenças nas pessoas da rua
	suja	os pneus do meu carro

Fonte: Dias, 2021, p. 7, no prelo.

A rede enunciativa 1 demonstra os efeitos enunciativos da relação entre o sujeito e o predicado. Na primeira coluna, Dias (2021) estabeleceu as possíveis entidades responsáveis pela feiura da

rua, isto é, possíveis sujeitos da oração, e na segunda coluna foram alocadas as partes do enunciado denominadas predicado pelas GT. Ao apresentar essas possibilidades de preencher o lugar do sujeito, dentre elas o prefeito mencionado pelo personagem Miguelito da tirinha, Dias (2021, no prelo) torna visível para o aluno como o produtor do texto articula as formas linguísticas para mostrar a responsabilidade do sujeito prefeito pela sujeira da rua.

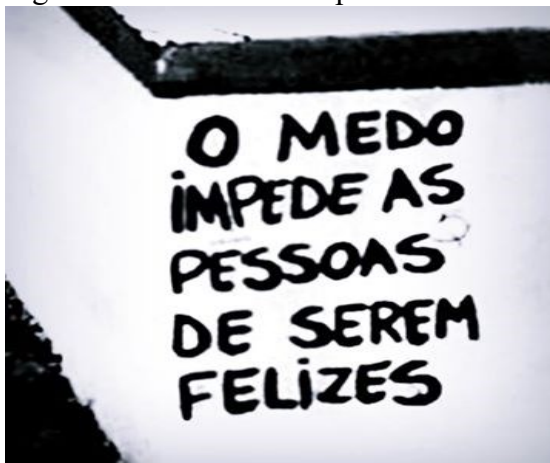
A rede enunciativa da figura 26 tem como foco o complemento do verbo “enfeiar”, o objeto direto. Na segunda coluna, foram estabelecidos diferentes complementos ancorados por referenciais históricos. Ao compará-los, é possível demonstrar aos alunos os diferentes efeitos de seus usos, pois revelam visões sociais individuais (... enfeia meus sapatos), econômicas (... enfeia a visão dos turistas), políticas (... enfeia a administração do prefeito).

Já a rede enunciativa após a figura 27 centra-se na relação entre o verbo e o complemento. Fazendo variações entre esses termos, Dias (2021) demonstra como é possível explorar as diversas visões quanto à pertinência enunciativa da articulação entre os termos do enunciado. Assim, de acordo com o autor

Com essas redes, podemos voltar à inquietação de Miguelito quanto ao fato do enunciado o lixo enfeia rua apresentar omissão quanto à responsabilidade pelo descaso na rua, e de ser, portanto, um enunciado que esconde a “origem” do problema da rua. Dessa maneira, podemos ajustar e incorporar o sujeito da responsabilidade, que na perspectiva dele é o prefeito, ao sujeito gramatical (o prefeito enfeia a rua não mandando recolher esse lixo) (DIAS, 2021, p. 7).

Outro exemplo de rede enunciativa apresentado pelo autor foi elaborado com base no seguinte texto a partir do qual ele propôs as quatro redes em sequência evidenciando a relação entre a sensação de medo e o sentimento da felicidade das pessoas.

Figura 29 – Texto-base 2 para rede enunciativa.



Fonte: Dias, 2021, p. 15, no prelo.

Figura 30 – Rede enunciativa 1 - Texto-base 2.

O medo	impede	as pessoas	de serem felizes
A queda de uma árvore	impede	os carros	de transitar nesta rua
O juiz	proibiu	os presos	de fazer churrasco na prisão
⁸ A ingestão de valor baixo de proteínas	impede	a recuperação plena do corpo após os exercícios	
⁹ Ações de inteligência, prevenção e controle	impediram	Mais de 50 mortes de detentos das unidades prisionais de Mato Grosso	
Quedas de barreira	dificultam	liberação de estradas	

Fonte: Dias, 2021, p. 15, no prelo.

Na primeira rede do segundo texto, Dias (2021) dividiu o enunciado em quatro partes: “o medo”, “impede”, “as pessoas”, “de serem felizes”, e demonstrou a regularidade das formas da língua, explicitando como essas partes são comumente articuladas na linguagem cotidiana. Além de se relacionarem, essas formas linguísticas alojam informações. É preciso compreender então como acontece a produção de sentido a partir das informações dadas por cada parte. Para isso, o autor produziu mais três redes enunciativas para evidenciar a relação do referencial histórico entre medo e felicidade que perpassa a sociedade. “Dessa maneira, nas quatro redes enunciativas que criamos, as regularidades linguísticas, apresentadas como lugares de informação, são determinantes para que possamos compreender de onde vem a relação entre o medo e o estado de felicidade” (DIAS, 2021, p. 17, no prelo).

Para compreender de onde vem a relação entre o medo e a felicidade, o autor elaborou a segunda e a terceira redes com base em enunciados coletados na internet em que fica evidente como a sociedade relaciona o sentimento de felicidade a um impedimento ou a uma permissão, sendo que estes ocupam o lugar sintático de sujeito.

Figura 31– Rede enunciativa 2 - Texto-base 2.

Rede enunciativa da felicidade subordinada ao impedimento

X	TE/ME	IMPEDE	SER FELIZ
O que	te	impede	de ser feliz?
10 coisas (que)	te	impedem	de ser feliz
... tudo o que	te	impede	de ser feliz
... nada que	me	impeça	de ser feliz

Fonte: Dias, 2021, p. 15, no prelo.

Figura 32 – Rede enunciativa 3 - Texto-base 2.

Rede enunciativa da felicidade dependente de permissão

X	TE	PERMITE	SER FELIZ
... tudo aquilo que	te	permite	ser feliz
... alguém que	te	permite	ser feliz
O estilo de vida que	te	permite	ser feliz
O que	te	permite	ser feliz?

Fonte: Dias, 2021, p. 15, no prelo.

Após explicitar essas relações, o autor construiu a quarta rede demonstrando como o medo, enquanto sujeito dos enunciados, pode ser um desses impedimentos para a felicidade das pessoas.

Figura 33 – Rede enunciativa 4 - Texto-base 2.

Rede enunciativa do medo provocador

O MEDO	X	Y
O medo	provoca	Ansiedade
O medo	quebra	a nossa confiança
O medo	derruba	as bolsas de toda a América Latina
O medo	conduz	à violência

Fonte: Dias, 2021, p. 15, no prelo.

Ao explicitar essas relações, por meio das redes enunciativas, o autor convocou os referenciais históricos sociais que proporcionam relações de sentido nos enunciados e tornam o enunciado “O medo impede as pessoas de serem felizes” pertinente socialmente, configurando-se como uma mensagem de alerta para as pessoas que buscam a felicidade.

O que nós fizemos com as redes apresentadas foi explicitar os referenciais sociais que circulam cotidianamente: de um lado, a dependência externa ao indivíduo para o ser feliz (a informação sobre esses determinantes da felicidade encontra-se no lugar do sujeito), de outro lado, o medo como fonte ou causa de atos ou estados negativos (a informação sobre atos ou estados negativos encontra-se no lugar de objeto, subordinado pelo sujeito e pelo verbo) (DIAS, 2021, p. 17, no prelo).

Com esse recurso, foi possível explicitar o que não está visível no enunciado e que afeta o seu sentido. O enunciado faz-se significativo para nós porque ele atualiza relações anteriores, conforme demonstrado nas redes enunciativas.

3.3 AS REDES ENUNCIATIVAS E A BNCC

Diante do exposto anteriormente, acreditamos que essa metodologia fornece condições de contemplar o eixo Análise linguística/semiótica conforme orienta a BNCC, inclusive a temporalidade verbal prevista como objeto de estudo nos anos finais do ensino fundamental, já que esse recurso permite revelar as possibilidades reais de práticas sociais no exercício da linguagem de forma que o aluno entenda a materialidade linguística como elemento construtor dos modos de enunciação.

As redes enunciativas possibilitam evidenciar as relações entre as formas verbais usadas e os efeitos de sentido obtidos a partir de seus usos. Logo, viabilizam que o estudo dos tempos verbais se transforme em uma atividade epilinguística reveladora dos pontos de vista que o sujeito locutor traz para seu discurso bem como dos direcionamentos dados a ele. “Uma análise enunciativa não é uma análise textual, mas contribui para uma análise de textos e uma análise discursiva. A diferença está na observação das articulações linguísticas, praticada na abordagem enunciativa” (DIAS, 2021, p. 14, no prelo).

Diante dessa proposição, os próximos dois capítulos se destinam a mostrar como a rede enunciativa pode ser usada em sala de aula. Vamos ver como os valores expressos pelas formas verbais do futuro do pretérito podem ser evidenciados em sala de aula por meio de redes enunciativas, a partir de textos que circulam socialmente. Essa proposta está alinhada com as diretrizes de ensino estabelecidas pela BNCC, uma vez que toma o texto como centro do trabalho, abordando-o na perspectiva enunciativa-discursiva da linguagem.

Além disso, no capítulo 5, vamos reelaborar algumas das atividades dos livros didáticos mostradas no segundo capítulo desta tese, aplicando a técnica das redes enunciativas, mostrando como o material que o professor já tem disponível em sala de aula pode ser adaptado à metodologia proposta. Acreditamos que, assim, poderemos obter resultados mais efetivos no processo de ensino e de aprendizagem no que se refere ao eixo de análise linguística e, conseqüentemente, aos demais eixos como leitura e produção de texto, já que, ao compreender o processo de produção de sentido da língua, o aluno poderá usá-lo de forma consciente em suas produções.

CAPÍTULO 4

FUTURO DO PRETÉRITO SIMPLES E COMPOSTO: SITUAÇÕES SOCIAIS DE USO E ANÁLISE DOS PLANOS TEMPORAIS SEGUNDO METODOLOGIA DAS REDES ENUNCIATIVAS

Neste capítulo, usando a metodologia das redes enunciativas proposta por Dias (2018), analisaremos os planos temporais expressos pelas formas verbais classificadas tradicionalmente como futuro do pretérito, em seu formato simples e composto, em situações sociais de uso, explicitando os aspectos semântico-enunciativos expressos por elas e pela relação que estabelecem com outras formas linguísticas.

Para isso, como já explicado na introdução, usaremos como *corpus* enunciados coletados em ambiente virtual, sendo as redes sociais e os portais de notícias as principais fontes, pois as publicações dessas mídias atingem grande circulação social, já que podem ser acessadas por milhões de pessoas no Brasil²⁰ e em todo o mundo. Também, vamos utilizar enunciados criados por nós, pois, conforme Dias (2018), o ideal para a construção de redes enunciativas é a combinação de enunciados criados pelo próprio pesquisador com enunciados que circulam socialmente.

Todos os enunciados analisados têm em comum a presença da forma verbal futuro do pretérito, exceto aqueles em que há ocorrências de uso informal da língua nas quais esse tempo verbal é substituído pelo pretérito imperfeito do indicativo, porém, expressa a mesma temporalidade. Sentenças como “Eu devia ter te falado antes.” ao invés de “Eu deveria ter te falado antes.” são comumente encontradas nas falas cotidianas e exemplificam bem esse tipo de uso informal da língua em que ocorre a referida substituição.

²⁰ De acordo com pesquisa feita pelo IBGE sobre uso da Tecnologia da Informação e Comunicação – TIC no Brasil em 2019, 74,7% dos brasileiros acima de 10 anos tinham acesso à internet e a Internet era utilizada em 82,7% dos domicílios brasileiros.

Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101794_informativo.pdf Acesso em: 07 jul. 2021.

Segundo o Relatório Digital 2021, as dez redes sociais mais usadas no Brasil em 2021 são: Youtube (96.4%), WhatsApp (91.7%), Facebook (89.8%), Instagram (86.3%), Facebook Messenger (68.5%), Twitter (51.6%), TikTok (47.9%), Pinterest (47.1%), LinkedIn (42.6%) e Telegram (29.4%).”

Disponível em: <https://resultadosdigitais.com.br/blog/redes-sociais-mais-usadas-no-brasil/> Acesso em: 20 jun. 2021.

4.1 SITUAÇÕES SOCIAIS DE USO DO FUTURO DO PRETÉRITO

O tempo futuro do pretérito, conforme a nomenclatura, indica que temos a marcação de um futuro em relação a um passado, por isso é utilizado para se referir a algo que poderia ter acontecido posteriormente a uma situação no passado. É importante ressaltar ainda a presença do tempo presente em todos os tempos verbais, pois, como apresentado nos fundamentos de temporalidade, ele é o centro dêitico de um enunciado.

Apesar de ser considerado um dos tempos verbais do modo indicativo e de estar, na maioria das vezes, associado à noção de tempo, nem sempre a forma verbal classificada como futuro do pretérito tem como principal finalidade enunciativa marcar o tempo, mas expressar um valor modal. Essas modalidades revelam graus de certeza ou incerteza diante da declaração feita e apresenta nuances semânticas de desejos, possibilidades, necessidades, especulações, enfim, a forma verbal no futuro do pretérito, em muitas situações de uso, revela a visão do locutor sobre o conteúdo de seu enunciado. Isso corrobora o que diz Bally ao afirmar que há necessariamente uma expressão de modalidade no enunciado, isto é, um *modus*, na relação com um *dictum*, manifestado pelo locutor em relação à declaração feita.

Dito isso, vamos tomar então alguns enunciados que circularam socialmente com a presença da forma verbal no futuro do pretérito e avaliar a matiz semântica expressa por esse verbo. Em uma situação comunicativa como a que encontramos abaixo, é possível perceber claramente a presença de três planos temporais e perceber o entendimento tradicional do futuro do pretérito.

Figura 34 – Enunciado “Como eu achava que estaria aos 27 anos. Como eu estou.”



No enunciado acima, vemos que, antes de ter 27 anos, o locutor acreditava que ao atingir essa idade seria uma pessoa bem sucedida profissionalmente e financeiramente conforme denota a primeira imagem. Portanto, a forma verbal “estaria” marca um tempo futuro em relação ao passado “achava” e ambas são anteriores ao momento presente “estou”, pois a segunda imagem mostra que o locutor chegou aos 27 anos de idade e sua vida não está de acordo com o planejado, gerando o efeito de humor do texto.

Apesar de o exemplo acima representar bem a ideia de futuro do pretérito tal qual como é designado pelas GT e materiais didáticos, isto é, como a forma verbal que “expressa uma ação futura que ocorreria no passado” (OLIVEIRA e ARAÚJO, 2018, p. 238), ao observarmos seu uso nas práticas sociais de uso da língua, percebemos duas questões. A primeira é que nem sempre a forma verbal classificada como futuro do pretérito expressa tempo ou o faz de forma secundária. A outra questão é que, em muitos enunciados, a temporalidade expressa não se enquadra na definição tradicional e nem se encaixa no esquema (MR – MF – ME) proposto pelos teóricos Reichenbach (1947) e Corôa (2005) para representar esse tempo. É preciso, portanto, observar o domínio de mobilidade do enunciado em que o chamado futuro do pretérito está inserido, explicitando suas relações linguísticas, para fazermos uma análise correta da temporalidade verbal.

Por isso, propomos a rede enunciativa, pois essa ferramenta oferece condições de perceber os aspectos enunciativos das formas verbais usadas. Em nossa proposta de rede enunciativa, para expor os planos temporais expressos pelas formas verbais do futuro do pretérito, ao invés da palavra *momento* vamos usar a palavra *plano*, já que a primeira está fortemente associada à ideia de tempo cronológico e, como já mostramos, o verbo nem sempre expressa essa circunstância.

Para a análise dos enunciados, foram construídos quadros com três colunas e três linhas explicitando os planos, as perspectivas e as formas linguísticas que elucidam o referencial histórico do enunciado, de modo que ele contraia pertinência enunciativa, possibilitando a produção de sentido pelo leitor. Na primeira coluna, encontram-se numerados os três planos do enunciado. Na segunda, estão as três perspectivas que envolvem os enunciados que fazem uso de forma verbal no futuro do pretérito. São elas: a perspectiva de base, que evidencia o evento anterior (pretérito) que sustenta o uso da forma verbal no futuro do pretérito; a perspectiva central, que aloja o uso da forma verbal no futuro do pretérito; a pertinência enunciativa, o plano

em que o enunciado produz relações com a memória de outros dizeres e é aceito socialmente por ser considerado apropriado, coerente e há o entendimento do enunciado. É nesse plano que se evidencia a relação que o enunciado mantém os determinantes da enunciação no presente do enunciar. Por fim, na terceira coluna, se explícitas, estão as formas verbais que constituem os planos temporais dos enunciados.

Em nossa proposição, o enunciado apresentado no texto acima, figura 34, é assim analisado:

Quadro 9 - Plano temporal do enunciado **“Como eu achava que estaria aos 27 anos. Como eu estou.”**

“Como eu achava que estaria aos 27 anos. Como estou.”		
TEMPO	PLANO TEMPORAL (perspectivas)	Forma verbal
PLANO 1	PERSPECTIVA DE BASE: Projeção do locutor antes de ter 27 anos.	achava
PLANO 2	PERSPECTIVA CENTRAL: Estar bem sucedida aos 27 anos.	estaria
PLANO 3	PERTINÊNCIA ENUNCIATIVA: Constatação de uma comparação entre passado e o presente e a geração de humor no texto.	estou

Fonte: produção própria.

O plano 1 instaura a cena imaginada no passado pelo locutor que faz uma projeção da vida dele aos 27 anos. Logo, é a perspectiva de base que sustenta o plano 2. Este, por sua vez, é a perspectiva central que toma como apoio o centro do enunciado “estaria (bem sucedido) aos 27 anos”. O uso da forma verbal no futuro do pretérito se justifica, portanto, por se referir a um evento futuro em relação a um evento passado. O plano 3 apresenta o tempo presente em que o locutor atinge a idade de 27 anos e constata que a projeção dele para vida nessa idade não se concretizou. Ainda, esse é o tempo em que o enunciado é captado por um leitor, torna-se pertinente socialmente e acontece a produção de sentido. É no plano 3 que o leitor, ao ler o texto articulando as linguagens verbal e não verbal, entende o efeito de humor gerado pela brincadeira do locutor com a própria frustração por não ter alcançado uma meta. As formas verbais usadas nesse enunciado são importantes recursos coesivos que indicam a passagem do tempo e articulam as partes do enunciado, permitindo a produção de sentido.

Além dessa situação de uso, em nossa pesquisa, encontramos outras diversas situações comunicativas em que aparece o tempo verbal classificado como futuro do pretérito, na sua forma simples ou na perifrástica. Para fins de nosso estudo, vamos analisar os planos temporais de cinco dessas situações, a saber:

1ª situação – O futuro do pretérito simples em período simples.

2ª situação – O futuro do pretérito simples associado ao pretérito mais-que-perfeito do modo subjuntivo

3ª situação - futuro do pretérito simples associado ao pretérito imperfeito do modo subjuntivo (futuro do futuro)

4ª situação - futuro do pretérito composto associado ao pretérito mais-que-perfeito do modo subjuntivo

5ª situação - futuro do pretérito composto associado ao pretérito imperfeito do modo subjuntivo

Para cada uma delas, vamos elaborar uma rede enunciativa com cinco exemplares que, como já dito, foram coletados do ambiente virtual e também criados por nós. Para uma maior clareza de nossa análise, primeiro, serão elencados os cinco enunciados que representam cada situação de uso. Em seguida, serão apresentados os quadros com os planos temporais de cada um dos cinco enunciados e, posteriormente, apresentadas as análises de cada quadro com os planos temporais das situação de uso social do futuro do pretérito.

4.1.1 1ª REDE - FUTURO DO PRETÉRITO SIMPLES EM PERÍODO SIMPLES.

Na primeira situação, temos os enunciados cujos verbos no futuro do pretérito simples aparecem em períodos simples. Por isso, estamos nos referindo a essa forma verbal como “independente”. Nesses casos, por não estar associado a outra forma verbal, o plano de base, plano 1, não é materializado por uma forma verbal. Vamos analisar cinco enunciados nesse formato, seus planos temporais e a rede que se forma a partir deles.

Figura 35 – Enunciado 1 – 1ª rede enunciativa – “Você indicaria o meu trabalho?”



Fonte: Disponível em: <https://www.facebook.com/cantinhodofeltrobythaina/photos/voc%C3%AA-indicaria-meu-trabalho-%C3%A0-algu%C3%A9m-ter-um-feedback-positivo971997819272/> Acesso em: 04 jan. 2021.

Enunciado 2 – 1ª rede enunciativa – “Por você eu dançaria tango no teto”

Por você

Por você eu dançaria tango no teto
 Eu limparia os trilhos do metrô
 Eu iria a pé do Rio a Salvador
 Eu aceitaria a vida como ela é
 Viajaria a prazo pro inferno
 Eu tomaria banho gelado no inverno

Por você eu deixaria de beber
 Por você eu ficaria rico num mês
 Eu dormiria de meia pra virar burguês
 Eu mudaria até o meu nome
 Eu viveria em greve de fome
 Desejaria todo dia
 A mesma mulher

Por você, por você
 Por você, por você

Por você conseguiria até ficar alegre
 Pintaria todo o céu de vermelho
 Eu teria mais herdeiros que um coelho
 Eu aceitaria...

Fonte: Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/barao-vermelho/por-voce.html> Acesso em: 13 jan. 2121.

Figura 36 – Enunciado 3 – 1ª rede enunciativa: “Você tomaria café nesta casa humilde?”



Fonte: <https://www.facebook.com/receitassaborosasediferentes/photos/a.264575910793809/724519041466158/>
Acesso em: 14 maio 2021.

Figura 37 – Enunciado 4 – 1ª rede enunciativa: “Você tomaria a vacina contra o Covid-19?”



Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CJv1jfh4eE/> Acesso em: 14 maio 2021.

Enunciado 5 – 1ª rede enunciativa: “Por favor, eu gostaria de uma informação.”

Quadro 10 – 1ª Rede enunciativa: plano temporal do enunciado 1.

“Você indicaria meu trabalho?”		
TEMPO	PLANO TEMPORAL (perspectivas)	Forma verbal
PLANO 1	PERSPECTIVA DE BASE: Um trabalho foi feito pelo locutor	—
PLANO 2	PERSPECTIVA CENTRAL: Indicação do trabalho feito	indicaria
PLANO 3	PERTINENCIA ENUNCIATIVA: Alguém sondando a satisfação dos clientes em relação ao trabalho dele.	—

Fonte: produção própria.

Quadro 11 – 1ª Rede enunciativa: plano temporal do enunciado 2.

“Por você eu dançaria tango no teto”		
TEMPO	PLANO TEMPORAL (perspectivas)	Forma verbal
PLANO 1	PERSPECTIVA DE BASE: O locutor tem afeto por alguém	—
PLANO 2	PERSPECTIVA CENTRAL: Dançar	Dançaria
PLANO 3	PERTINENCIA ENUNCIATIVA: Alguém que afirma fazer algo difícil pelo ser amado.	—

Fonte: produção própria.

Quadro 12 – 1ª Rede enunciativa: plano temporal do enunciado 3.

“Você tomaria café nesta casa humilde?”		
TEMPO	PLANO TEMPORAL (perspectivas)	Forma verbal
PLANO 1	PERSPECTIVA DE BASE: Um café foi feito em uma casa humilde	—
PLANO 2	PERSPECTIVA CENTRAL: Alguém tomar o café	tomaria
PLANO 3	PERTINENCIA ENUNCIATIVA: Alguém sondando a reação do leitor.	—

Fonte: produção própria.

Quadro 13 – 1ª Rede enunciativa: plano temporal do enunciado 4.

“Você tomaria a vacina contra a Covid-19?”		
TEMPO	PLANO TEMPORAL (perspectivas)	Forma verbal
PLANO 1	PERSPECTIVA DE BASE: Ter acesso a uma vacina contra a Covid-19	—
PLANO 2	PERSPECTIVA CENTRAL: Alguém tomar a vacina contra a Covid-19	tomaria
PLANO 3	PERTINENCIA ENUNCIATIVA: Alguém sondando a atitude do leitor.	—

Fonte: produção própria.

Quadro 14 – 1ª Rede enunciativa: plano temporal do enunciado 5.

“Por favor, eu gostaria de uma informação.”		
TEMPO	PLANO TEMPORAL (perspectivas)	Forma verbal
PLANO 1	PERSPECTIVA DE BASE: Precisar de/desconhecer uma informação	—
PLANO 2	PERSPECTIVA CENTRAL: Querer/Gostar de ter uma informação	gostaria
PLANO 3	PERTINENCIA ENUNCIATIVA: Alguém solicitando uma informação.	—

Fonte: produção própria.

Por essa rede enunciativa, evidenciam-se os planos temporais do futuro do pretérito quando ele aparece independente em uma frase. Como o próprio nome diz, a forma verbal que o representa refere-se a um evento futuro em relação a outro. Esse outro evento não está visível no enunciado, mas, na metodologia que estamos propondo, ele é evidenciado no plano 1, a perspectiva de base que sustenta o plano 2, o evento central do enunciado. Por isso representado por uma forma verbal no tempo futuro do pretérito. O plano 3, por sua vez, é efetivamente o tempo em que o locutor faz a pergunta, no caso dos enunciados 1, 3 e 4, ou a afirmativa, no enunciado 2, ou ainda a solicitação no enunciado 5.

No enunciado “Você indicaria o meu trabalho?”, muito encontrado em páginas de profissionais que oferecem serviços virtualmente, há um questionamento do locutor sobre uma possibilidade que pode se dar no presente ou no futuro. Tanto que é possível agregar ao enunciado expressões adverbiais de tempo presente: “Você indicaria meu trabalho neste momento/ agora/ hoje?” ou

que expressem futuridade: “Você indicaria meu trabalho na feira da próxima semana”. Nesse enunciado, a noção de tempo figura em segundo plano. O uso do tempo futuro do pretérito revela, na verdade, uma forma sutil do locutor sondar o grau de satisfação dos clientes em relação ao trabalho dele.

Assim, no plano 1, apesar de não ser materializado por uma forma verbal, temos o tempo de um trabalho que foi realizado, que é a perspectiva de base que dá suporte ao plano 2: a indicação do trabalho. Se há a possibilidade de indicação do trabalho do locutor, é porque, anteriormente, foi feito um trabalho por ele. Logo, é possível compreender porque a forma verbal “indicaria” é futuro em relação a um passado. O plano 3 é o tempo do questionamento do locutor ao cliente na expectativa de ter um *feedback* de seu trabalho. Por isso é o tempo em que o enunciado se torna pertinente para o leitor do texto, já que, ao lê-lo, ele compreende os planos anteriores explicitados pelo recurso da rede enunciativa. É importante ressaltar que o plano 3, portanto, pode ser entendido como anterior ou como simultâneo ao plano 2, pois, como mencionado, a indicação do trabalho realizado pode se dar agora ou no futuro.

Na letra da canção “Por você”, o locutor enumera uma série de ações representadas por formas verbais no futuro do pretérito e podem ser entendidas como ações futuras que ele está disposto a realizar caso conquistem/agradem a pessoa que ele ama. Tomemos o verso “*Por você eu dançaria tango no teto*” para análise. O plano 1, ter afeto por alguém, expõe a perspectiva de base que justifica o plano 2, o evento central do enunciado, dançar tango no teto para agradar esse alguém. O plano 3 é o plano em que o sentido é produzido e o enunciado contrai pertinência enunciativa ao ser lido/ouvido, pois é comum na sociedade as pessoas se prestarem a fazer algo impossível ou, pelo menos, muito difícil em prol do ser amado. São ações que podem ser concomitantes ou futuras em relação ao plano 3. Ao se fazer esse percurso que torna visível para o aluno o referencial histórico do enunciado, ele compreende as bases que o sustentam e, no caso da temporalidade verbal, entender qual o evento passado subsidia o evento futuro “dançaria”.

No enunciado 3, “Você tomaria café nesta humilde casa?”, o uso da forma verbal “tomaria” apresenta caráter mais modal que temporal, uma vez que o locutor a usou como uma forma indireta para sondar a atitude de seus seguidores na rede social diante de uma situação hipotética. O plano 1 revela a realidade potencial: ter a oportunidade de tomar um café feito em uma casa humilde, pois, para o interlocutor se dispor ou não a tomar esse café, é preciso que,

antes disso, seja lhe dada a oportunidade de fazê-lo. O plano 2 evidencia o centro de interesse do enunciado, a sondagem feita. A evidência de um plano anterior a ele justifica o uso da forma verbal no futuro do pretérito. O plano 2 pode ser simultâneo ou posterior ao plano 3, já que o evento “tomar ou não o café feito na casa humilde” pode ocorrer no momento em que o leitor tem contato com o enunciado ou futuramente. No plano 3, o enunciado adquire a pertinência enunciativa ao provocar reações nos usuários da rede social em que ele fora postado. Ao entrar em contato com o enunciado, esses usuários refletiram sobre a pergunta feita pelo locutor e interagiram com ele. É no plano 3 que acontece a produção de sentido.

A mesma situação ocorre no enunciado 4, “Você tomaria a vacina contra o Covid-19?”, que circulou nas redes sociais em uma época em que havia grande discussão em torno de tomar ou não vacinas, principalmente a vacina contra o Covid-19 que, até a data da postagem, era escassa no país. No plano 1, temos uma situação imaginária: ter acesso à vacina contra o Covid-19. Assim, instaura-se a perspectiva de base que sustenta o plano 2, pois, para tomar a vacina, que é o evento central do enunciado, primeiro é preciso ter acesso a ela. Por isso, foi usada a forma verbal “tomaria” no futuro do pretérito. Por sua vez, o plano 3 é efetivamente o instante em que os seguidores do locutor têm contato com a pergunta feita e se dispõem a respondê-la. Logo, é o plano 3 que o enunciado se constitui pertinente socialmente. Assim como no enunciado anterior, o plano 2 pode ser concomitante ou posterior ao plano 3, pois “tomar a vacina” pode ser compreendido como um evento que se daria no instante do contato com a pergunta ou futuramente.

O uso social da forma verbal no futuro do pretérito no enunciado 5, “Por favor, eu gostaria de uma informação.”, é comumente encontrado na língua em situações em que alguém deseja obter uma informação. Em enunciados como este, a temporalidade verbal está relegada a segundo plano, pois o uso da forma verbal no futuro do pretérito é uma forma de demonstrar polidez do locutor ao solicitar uma informação. A modalidade se faz muito mais presente que a temporalidade. Ainda assim, podemos estabelecer um quadro com os planos que justificam a materialização da forma verbal no futuro do pretérito. O desconhecimento e a necessidade de uma informação no plano 1 são o fundamento para a solicitação dessa informação configurada no plano central, o plano 2, na forma verbal “gostaria” no futuro do pretérito. Por fim, o plano 3 é o momento em que a solicitação se torna pertinente socialmente ao se circular como uma forma educada de pedir uma informação. É o momento em que o enunciatário, ao ser abordado, entende que o locutor está lhe pedindo uma informação de forma polida.

Se tomarmos esse enunciado isoladamente ou qualquer outro nesse mesmo formato para explicar o tempo futuro do pretérito em uma sala de aula, como muitos materiais didáticos fazem, certamente haverá dificuldades dos alunos em compreender a relação temporal de futuro em relação a um passado. Também, o esquema em que se considera o MR – MF – ME não atende às perspectivas do enunciado, porque o evento “indicar o trabalho de alguém”, por exemplo, visto no primeiro enunciado, pode ser concomitante ou posterior ao plano em que a pergunta é feita. A metodologia de análise por meio das redes enunciativas conforme estamos propondo, por sua vez, consegue evidenciar a parte não visível do enunciado que sustenta o uso do futuro do pretérito, tornando claras as suas perspectivas, permitindo conhecer todo domínio de mobilidade que as ancora.

Na próxima rede, vamos analisar enunciados que fazem uso social da forma verbal no futuro do pretérito associado a outra forma verbal.

4.1.2 2ª REDE - FUTURO DO PRETÉRITO SIMPLES + PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO DO MODO SUBJUNTIVO

No segundo tipo de construção linguística em que encontramos o futuro do pretérito, a forma verbal que o representa está em seu formato simples e aparece associada a uma outra oração cuja forma verbal está conjugada no pretérito mais-que-perfeito do modo subjuntivo. Assim, diferentemente da situação anterior, as perspectivas de base que justificam o uso do futuro do pretérito estão explícitas. Vamos observar mais cinco enunciados que exemplificam essa situação e analisá-los por meio da rede enunciativa que expõe os planos temporais presentes neles.

Figura 38 – Enunciado 1 – 2ª Rede enunciativa – **“Hoje eu completaria 1 ano sem beber se eu tivesse parado de beber 1 ano atrás.”**



Fonte: Disponível em: <https://www.facebook.com/recadosdeumbar/photos/a.217711158297723/2689199431148871/?type=3> Acesso em: 13 set. 2020.

Figura 39 – Enunciado 2 – 2ª Rede enunciativa – “Se não tivesse acontecido a pandemia, onde você estaria agora?”



Fonte: Disponível em: <https://www.facebook.com/oscanela/photos/a.1517528344934907/3020263477994712> Acesso em: 23 out. 2020.

Figura 40 – Enunciado 3 – 2ª Rede enunciativa. “Se tivesse colocado uma mãe pra cuidar disso, já estava todo mundo vacinado, de banho tomado, agasalhado e pronto para sair.”



Fonte: Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CO5dXzRriDN/> Acesso em: 16 maio 2021.

Enunciado 4 – 2ª Rede enunciativa – “Eu iria para o clube hoje se não tivesse chovido.”

Enunciado 5 – 2ª Rede enunciativa – “O que você compraria se tivesse ganhado na loteria?”

Quadro 15 – 2ª Rede enunciativa: plano temporal do enunciado 1.

“Hoje eu completaria 1 ano sem beber se eu tivesse parado de beber 1 ano atrás”		
TEMPO	PLANO TEMPORAL (perspectivas)	Forma verbal
PLANO 1	PERSPECTIVA DE BASE: Parar de beber 1 ano atrás	(se) tivesse parado
PLANO 2	PERSPECTIVA CENTRAL: Completar 1 ano sem beber	completaria
PLANO 3	PERTINÊNCIA ENUNCIATIVA: Alguém falando sobre uma suposição	—

Fonte: produção própria.

Quadro 16 – 2ª Rede enunciativa: plano temporal do enunciado 2.

“Se não tivesse acontecido a pandemia, onde você estaria agora”		
TEMPO	PLANO TEMPORAL (perspectivas)	Forma verbal
PLANO 1	PERSPECTIVA DE BASE: Não acontecer uma pandemia	(se não) tivesse acontecido
PLANO 2	PERSPECTIVA CENTRAL: Estar em algum lugar	estaria
PLANO 3	PERTINENCIA ENUNCIATIVA: Alguém falando sobre uma suposição e o leitor imaginando onde estaria	—

Fonte: produção própria.

Quadro 17 – 2ª Rede enunciativa: plano temporal do enunciado 3.

“Se tivesse colocado uma mãe para cuidar disso, já estava [estaria] todo mundo vacinado, de banho tomado, agasalhado e pronto para sair.”		
TEMPO	PLANO TEMPORAL (perspectivas)	Forma verbal
PLANO 1	PERSPECTIVA DE BASE: Colocar uma mãe para cuidar disso (vacinação contra Covid-19)	(se) tivesse colocado
PLANO 2	PERSPECTIVA CENTRAL: Todos estariam vacinados, de banho tomado, agasalhados e prontos para sair.	Estava/estaria
PLANO 3	PERTINENCIA ENUNCIATIVA: Alguém falando sobre uma suposição	—

Fonte: produção própria.

Quadro 18 – 2ª Rede enunciativa: plano temporal do enunciado 4.

“Eu iria para o clube hoje se não tivesse chovido.”		
TEMPO	PLANO TEMPORAL (perspectivas)	Forma verbal
PLANO 1	PERSPECTIVA DE BASE: Choveu	(se) tivesse chovido
PLANO 2	PERSPECTIVA CENTRAL: Ir para o clube	iria
PLANO 3	PERTINENCIA ENUNCIATIVA: Alguém falando sobre um plano.	—

Fonte: produção própria.

Quadro 19 – 2ª Rede enunciativa: plano temporal do enunciado 5.

“O que você compraria se tivesse ganhado na loteria?”		
TEMPO	PLANO TEMPORAL (perspectivas)	Forma verbal
PLANO 1	PERSPECTIVA DE BASE: Ganhar na loteria	(se) tivesse ganhado
PLANO 2	PERSPECTIVA CENTRAL: Comprar algo	compraria
PLANO 3	PERTINÊNCIA ENUNCIATIVA: Alguém falando sobre uma possibilidade.	—

Fonte: produção própria.

Nesses enunciados, a associação a um tempo do subjuntivo reforça o caráter modal do futuro do pretérito, já que este se apresenta como uma realidade projetada e condicionada por uma situação de base imaginária. No entanto, seu caráter temporal também é percebido, pois, ao analisarmos os planos temporais dos enunciados, vemos que as formas verbais que representam o futuro do pretérito se referem a eventos posteriores a um outro plano que é a perspectiva de base que sustenta o plano 2 em que se encontra o evento central. O plano 3 representa o tempo em que o leitor tem contato com o enunciado que resulta no acontecimento de produção de sentido.

No primeiro enunciado, “Hoje eu completaria 1 ano sem beber se eu tivesse parado de beber 1 ano atrás”, é preciso ressaltar que, além do verbo, temos duas expressões adverbiais referenciando o tempo: “hoje” e “1 ano atrás”. O domínio de mobilização desse enunciado inicia-se com uma situação hipotética apresentada no plano 1: “se eu tivesse parado de beber 1 ano atrás”. Esta é a perspectiva de base, pois, para que um determinado evento complete 1 ano “hoje”, é necessário que esse evento tenha iniciado 1 ano atrás. O plano 2, “completar 1 ano hoje sem beber”, ancorado pela condição anterior, constitui a perspectiva central, ou seja, o centro de interesse do enunciado. O plano em que o leitor tem contato com o texto e reconhece o humor gerado pelo uso dos tempos verbais que indicam uma possibilidade, que não ocorreu visto que o locutor não cumpriu a condição necessária para tanto um ano atrás, configura-se como o plano 3 em que o enunciado contrai a pertinência enunciativa.

Visto dessa forma, além de compreender a relação temporal do futuro do pretérito, o aluno tem condições de reconhecer os aspectos enunciativos da língua gerados pelo uso dos tempos

verbais conforme preceitua a BNCC. Logo, percebemos que o esquema proposto por Reichenbach (1947) e Corôa (2005), a saber, (MR – MF – ME) novamente não comporta essa situação de comunicação, pois a forma verbal “completaria” que representa o ME não é posterior ao MF e sim concomitante a ele, situação que é ratificada pelo uso do advérbio “hoje”. Os eventos referidos têm início e fim bem delimitados temporalmente: começariam há um ano e terminariam hoje. Eles não se estendem para além do MF.

No segundo enunciado, “Se não tivesse acontecido a pandemia, onde você estaria agora?”, novamente lidamos com a modalidade dos verbos do futuro, pois se trata de uma situação hipotética dependente de uma condição, mas também expressa temporalidade, pois o momento do evento “estar em algum lugar” é futuro em relação ao não acontecimento da pandemia. Logo, trata-se de um evento futuro em relação ao passado e simultâneo ao tempo presente denotado pelo uso do advérbio “agora”. Assim como no exemplo anterior, no plano 1, temos a apresentação de uma situação imaginária que embasa o plano 2. A hipótese de não acontecer uma pandemia é anterior e propulsora do evento estar em algum lugar. Isso explica o uso da forma verbal “estaria” no futuro do pretérito. O plano 3 envolve o momento em que o leitor, ao ter contato com o enunciado, mesmo sabendo que a pandemia é uma realidade, passa a imaginar o lugar que estaria naquele exato momento caso ela não tivesse acontecido. Por isso, os planos 2 e 3 são simultâneos. Mais uma vez, não cabe encaixar o enunciado no esquema MR – MF – ME proposto por Reichenbach (1947) e Corôa (2005), já que o ME “estar em algum lugar” não é posterior ao MF e sim simultâneo a ele.

O terceiro enunciado é uma projeção feita em espaço urbano em homenagem ao Dia das Mães, mas também como forma de crítica à morosidade na vacinação da população brasileira contra o Covid-19. Nele, encontramos uma situação que se diferencia das anteriores, pois, como foi usada a linguagem informal, não se encontra a forma verbal no futuro do pretérito “estaria” e sim no pretérito imperfeito do indicativo “estava”, situação que é muito comum na linguagem cotidiana. Essa substituição dos tempos do futuro pelos tempos do passado é um recurso usado para prescindir de lidar com a instabilidade que os tempos do futuro mantêm com a modalidade e criar o efeito de sentido de certeza do que se está afirmando, pois não podemos nos referir objetivamente a algo que ainda vai acontecer.

No entanto, os planos temporais que se encadeiam nesse terceiro enunciado não são diferentes do que seriam se o texto obedecesse à norma padrão da língua. A perspectiva central no plano

2, isto é, todos estarem vacinados, de banho tomado, agasalhados e prontos para sair, continua tendo por base a condição de colocar uma mãe para administrar a vacinação no país. Como a condição estabelecida no plano 1 não se cumpriu, ou seja, não foi colocada uma mãe para administrar vacinação contra o Covid-19, a perspectiva central também não se concretizou. Isso é constatado no plano 3, em que o enunciado é projetado na lateral do prédio e adquire pertinência social, pois os leitores entendem que não são todos os brasileiros que estão vacinados, com banho tomado, agasalhados e prontos para sair porque não foi colocada uma mãe para dar celeridade ao processo de vacinação. Portanto, é no plano 3 que acontece a produção de sentido e o enunciado se configura como pertinente socialmente. Logo, não há concomitância entre os planos neste enunciado. O plano 1 é anterior ao plano 2 e os dois eventos previstos nesses planos são anteriores ao plano 3.

Como mostramos nos capítulos anteriores, a BNCC recomenda que as questões de análise linguística devem utilizar-se do texto para que haja uma aquisição significativa da linguagem por parte dos alunos. Também dissemos que a prática pedagógica de ensino de tempos verbais baseada em um modelo estrutural não propicia ao aluno condições de compreender os aspectos semânticos-enunciativos da língua, resultando em dificuldades de compreensão dos sentidos do texto. A exposição dos planos temporais do enunciado, por sua vez, conforme estamos mostrando por meio da metodologia das redes enunciativas, além de se configurar como uma atividade epilinguística que promove a reflexão sobre escolhas lexicais e os efeitos de sentido advindos dessas escolhas, auxilia no desenvolvimento das habilidades leitoras, pois ajuda o aluno a visualizar o domínio de mobilidade que constrói o sentido do texto, ampliando, assim, suas capacidades de uso da língua, seja na leitura seja na escrita, em práticas situadas de linguagem.

Ao mostrar para o aluno que o uso da forma verbal na norma padrão ou na não padrão não altera a temporalidade dos eventos, mas que acarreta mudança no efeito de sentido gerado pela troca da forma verbal no futuro por uma no passado, ou seja, da possibilidade para a certeza, cumpre-se o que recomenda a BNCC para o eixo de análise linguística, pois, evidencia-se para o alunos como os recursos linguísticos são organizados para cumprir o plano de consistência textual. Mais do que compreender o sentido, o aluno compreende as estratégias usadas para sua construção.

O quarto enunciado da segunda rede, “Eu iria ao clube hoje se não tivesse chovido”, novamente, temos o plano 1 como perspectiva de base do plano 2, já que o evento “chover” configura-se como condição para não ir ao clube. Logo, o uso da forma verbal “iria” no futuro do pretérito justifica-se por expressar uma temporalidade futura em relação a um outro evento anterior a ela. No plano 3, o enunciado adquire pertinência social ao ser considerado coerente, visto que não é uma atitude usual ir a clubes em dias de chuva. Em relação a esse plano, o plano 2 pode ser concomitante ou posterior a ele, pois, caso não tivesse chovido, a ida ao clube poderia ser feita no momento em que o enunciado circula ou em outro momento futuro.

No quinto enunciado, “O que você compraria se tivesse ganhado na loteria?”, o plano 2 também é sustentado pelo plano 1, a perspectiva de base, pois, para comprar algo, é necessário primeiramente ter o dinheiro ganhado na loteria. O uso da forma verbal no futuro do pretérito nessa situação, além da temporalidade referenciar um evento que ocorreria após um outro evento, expressa forte carga modal, pois refere-se a uma situação hipotética ao falar de uma realidade potencial. O plano 3 é a instância em que, ao ter contato com a pergunta feita, o interlocutor passa a imaginar as respostas para ela. Logo, é o plano da pertinência enunciativa. Assim como no enunciado anterior, o plano 3 pode ser simultâneo ou anterior ao plano 2, pois o evento “comprar algo” poderia acontecer no instante da pergunta ou futuramente.

Diferentemente de esquemas e de quadros com paradigmas de conjugação dos verbos, a técnica das redes enunciativas permite visualizar as relações não visíveis entre as formas linguísticas que justificam o uso do futuro do pretérito.

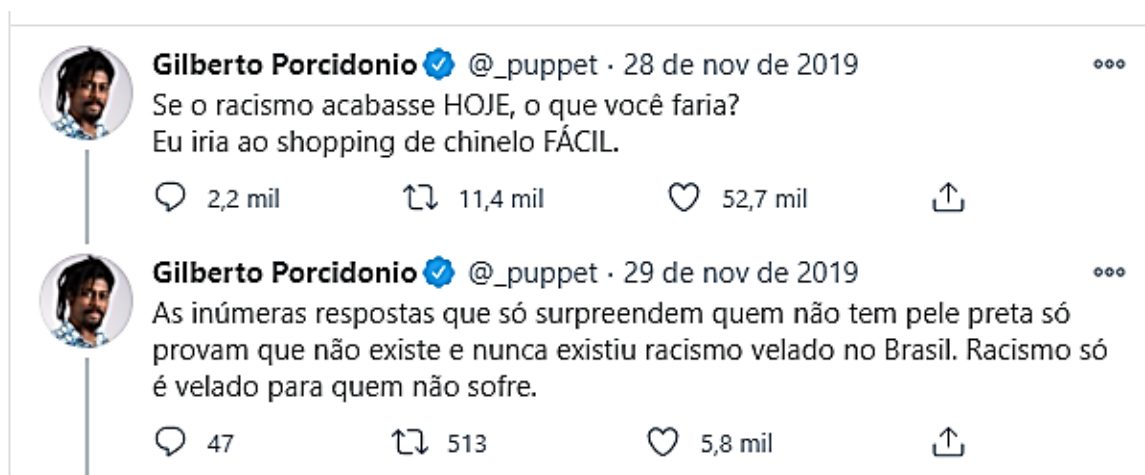
A terceira rede enunciativa situa outros usos do tempo futuro do pretérito e apresenta planos temporais diferentes das redes anteriores.

4.1.3 3ª REDE - FUTURO DO PRETÉRITO SIMPLES (FUTURO DO FUTURO) + PRETÉRITO IMPERFEITO DO MODO SUBJUNTIVO

Essa situação envolve os casos de uso social do tempo futuro do pretérito simples em que ele aparece associado ao pretérito imperfeito do subjuntivo. Nesse caso, a temporalidade expressa pela forma verbal chamada futuro do pretérito não representa uma futuridade em relação a um passado, mas sim um futuro em relação a um outro fato que pode ser concomitante ao presente

ou futuro também. Este último é o que estamos chamado de futuro do futuro. Os cinco enunciados a seguir são representativos dessas situações.

Figura 41 – Enunciado 1 – 3ª Rede enunciativa – “Se o racismo acabasse HOJE, o que você faria?”



Fonte: Disponível em: https://twitter.com/_puppet/status/1200239653732978688 Acesso em: 14 set. 2020.

Figura 42 – Enunciado 2 – 3ª Rede enunciativa – “Se você ganhasse na loteria amanhã, qual seria a primeira coisa que você faria com o dinheiro?”

Se você ganhasse na loteria amanhã, qual seria a primeira coisa que você faria com o dinheiro?

Fonte: Disponível em: <<https://elaele.com.br/q/32581-se-voce-ganhasse-loteria-amanha-qual-seria-primeira-coisa-que-voce-faria-dinheiro>> Acesso em: 15 jan. 2021.

Figura 43 - Enunciado 3 – 3ª Rede enunciativa – “A humanidade seria muito melhor se as pessoas fossem mais tolerantes com as outras!”



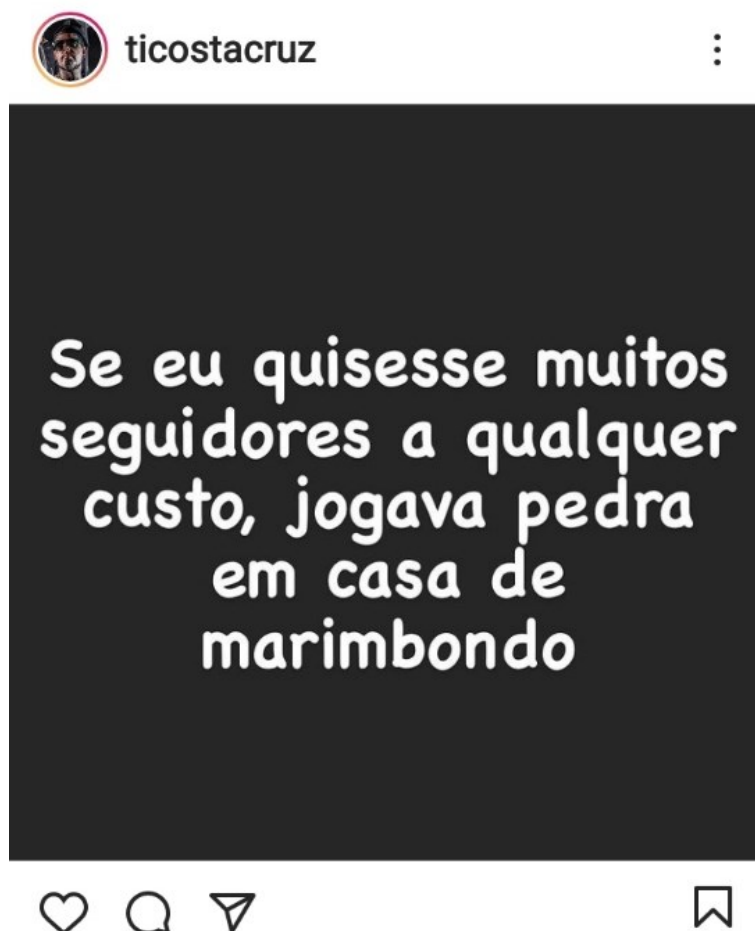
Fonte: Disponível em: https://www.instagram.com/p/CGhWkA_nO9b/ Acesso em: 19 out. 2020.

Figura 44 – Enunciado 4 – 3ª Rede enunciativa – “Se eu tivesse um sorriso desse eu chorava rindo”.



Fonte: Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CI9PXAchodbpKkMU7jhFG2kBxhZXcZnsDVXCLY0/> Acesso em: 18 dez. 2020.

Figura 45 – Enunciado 5 – 3ª Rede enunciativa – “Se eu quisesse muitos seguidores a qualquer custo, jogava pedra em casa de marimbondo.



Fonte: Disponível em: <https://www.instagram.com/ticostacruz/?hl=pt-br> Acesso em: 22 dez. 2020.

Quadro 20 – 3ª Rede enunciativa: plano temporal do enunciado 1.

“Se o racismo acabasse HOJE, o que você faria?”		
TEMPO	PLANO TEMPORAL (perspectivas)	Forma verbal
PLANO 1	PERSPECTIVA DE BASE: O racismo acaba hoje	acabasse
PLANO 2	PERSPECTIVA CENTRAL: Fazer algo diante do fim do racismo	faria
PLANO 3	PERTINENCIA ENUNCIATIVA: Questionamento sobre o racismo social que impede as pessoas alvos desse racismo de fazerem coisas simples como andar de chinelo em espaços públicos.	—

Fonte: produção própria.

Quadro 21 – 3ª Rede enunciativa: plano temporal do enunciado 2.

“Se você ganhasse na loteria amanhã, qual seria a primeira coisa que você faria com o dinheiro?”		
TEMPO	PLANO TEMPORAL (perspectivas)	Forma verbal
PLANO 1	PERSPECTIVA DE BASE: Ganhar na loteria	Acabasse
PLANO 2	PERSPECTIVA CENTRAL: Fazer algo	faria
PLANO 3	PERTINÊNCIA ENUNCIATIVA: A reflexão provocada pela pergunta sobre o que faria com o dinheiro ganhado na loteria.	—

Fonte: produção própria.

Quadro 22 – 3ª Rede enunciativa: plano temporal do enunciado 3.

“A humanidade seria muito melhor se as pessoas fossem mais tolerantes com as outras!”		
TEMPO	PLANO TEMPORAL (perspectivas)	Forma verbal
PLANO 1	PERSPECTIVA DE BASE: As pessoas serem mais tolerantes	fossem
PLANO 2	PERSPECTIVA CENTRAL: A humanidade ser melhor	seria
PLANO 3	PERTINÊNCIA ENUNCIATIVA: A reflexão sobre a hipocrisia gerada pela contradição entre o discurso e a atitude do personagem Hagar.	—

Fonte: produção própria.

Quadro 23 – 3ª Rede enunciativa: plano temporal do enunciado 4.

“Se eu tivesse um sorriso desse eu chorava (choraria) rindo”		
TEMPO	PLANO TEMPORAL (perspectivas)	Forma verbal
PLANO 1	PERSPECTIVA DE BASE: Ter um sorriso bonito	tivesse
PLANO 2	PERSPECTIVA CENTRAL: Chorar rindo	Chorava (choraria)
PLANO 3	PERTINÊNCIA ENUNCIATIVA: O leitor tem contato com o texto e reage a ele.	—

Fonte: produção própria.

Quadro 24 – 3ª Rede enunciativa: plano temporal do enunciado 5.

“Se eu quisesse muitos seguidores a qualquer custo, jogava (jogaria) pedra em casa de marimbondo.”		
TEMPO	PLANO TEMPORAL (perspectivas)	Forma verbal
PLANO 1	PERSPECTIVA DE BASE: Querer muitos seguidores a qualquer custo	quisesse
PLANO 2	PERSPECTIVA CENTRAL: Jogar pedra na casa de marimbondo	jogava (jogaria)
PLANO 3	PERTINÊNCIA ENUNCIATIVA: O leitor tem contato com o texto e reage a ele.	—

Fonte: produção própria.

Os enunciados da terceira rede enunciativa são exemplares de situações em que o evento da perspectiva central, o plano 2, está representado por uma forma verbal no futuro do pretérito simples (enunciados 1, 2 e 3) ou no pretérito imperfeito do modo indicativo, no caso dos enunciados escritos na norma não padrão da língua (enunciados 4 e 5) e aparece associado a uma condição, evidenciada na perspectiva de base, o plano 1, cuja forma verbal representativa está conjugada no pretérito imperfeito do modo subjuntivo. Logo, em todas elas é possível perceber o futuro em relação a um passado, pois o evento do plano 2 é sempre posterior ao plano 1.

No entanto, ocorrem variações nas relações temporais entre os planos 1 e 3, pois, no primeiro e no segundo enunciados, aparecem expressões marcadoras de tempo, os advérbios ou locuções adverbiais, determinando a ordenação da relação entre esses dois planos. Já no terceiro, no quarto e no quinto enunciados tais circunstâncias adverbiais não são expressas, permitindo que o evento do plano 1 seja passível de ser compreendido como simultâneo ou posterior ao plano 3.

Essas variações entre os planos 1 e 3, por sua vez, acarretam mudanças na temporalidade expressa pela forma verbal conjugada no futuro do pretérito no plano 2, uma vez que ela pode ser compreendida como futura em relação a um evento passado, porém simultâneo ao presente, ou futura em relação a outro evento futuro. Neste último caso, em que o plano 3, o tempo da pertinência enunciativa, se coloca como anterior ao plano 1, a temporalidade expressa pela forma verbal no futuro do pretérito, na verdade, é de futuro do futuro. Assim, vamos analisar os planos temporais de cada um dos cinco enunciados que compõem a terceira rede enunciativa

e observar como essas variações interferem na relação entre os planos temporais dos enunciados e, conseqüentemente, na produção do sentido.

No primeiro enunciado, “Se o racismo acabasse HOJE, o que você faria?”, o plano 1, o término do racismo, não se refere a um fato passado, mas a uma possibilidade atual, já que o advérbio “hoje” coloca-o em situação simultânea ao plano 3, ou seja, ao plano em que o leitor tem contato com o enunciado, compreende-o como uma crítica social ao racismo que impede as pessoas de fazerem coisas simples e passa a refletir sobre a questão, ou seja, é o plano em que o enunciado adquire pertinência enunciativa. Logo, os planos 1 e 3 são simultâneos. Independentemente disso, o plano 1 continua sendo a perspectiva de base que sustenta o uso do futuro do pretérito “faria” na perspectiva central no plano 2: fazer algo diante do fim do racismo.

Ao expor esse plano temporal usado para criar o domínio de mobilização desse enunciado em que fica evidente que a possibilidade de fazer algo está condicionada a uma situação anterior hipotética, o fim do racismo, fica claro também como o locutor articula as formas linguísticas, no caso as formas verbais, para veicular um discurso de denúncia do preconceito racial. Desse modo, a metodologia das redes colabora para que os aspectos enunciativo-discursivos da linguagem sejam de fato trabalhados em sala de aula, o que resulta no desenvolvimento de habilidades leitoras como a produção de inferências e no reconhecimento dos efeitos de sentido gerados pelos recursos linguísticos.

No enunciado 2, “Se você ganhasse na loteria amanhã, qual seria a primeira coisa que você faria com o dinheiro?”, apesar de ele apresentar o uso do futuro do pretérito associado ao pretérito imperfeito do subjuntivo, não temos o mesmo plano temporal do enunciado anterior. Nesse enunciado, os três planos temporais são assíncronos e ocorrem na seguinte ordem: plano 3, plano 1, plano 2. A presença do advérbio “amanhã” indica que a pergunta feita foi elaborada no dia anterior ao do sorteio da loteria. Portanto, o plano 3 é onde se aloja a pertinência enunciativa, pois é quando o leitor tem contato com o enunciado, atualiza-o e temos o acontecimento da produção de sentido, pois o enunciado provoca reações nos leitores já que passam a imaginar o que fariam com o dinheiro caso ganhassem na loteria no dia seguinte. No plano 1, ganhar na loteria, instaura-se a perspectiva de base do plano 2, fazer algo com o dinheiro. Logo, a forma verbal “faria”, denominada como futuro do pretérito, na verdade, é um futuro do futuro, pois se refere a um evento posterior em relação a uma outra situação que também é posterior ao plano do 3.

No enunciado 3, “A humanidade seria muito melhor se as pessoas fossem mais tolerantes com as outras!”, também encontramos o uso do futuro do pretérito associado ao pretérito imperfeito do subjuntivo. Porém, diferentemente dos dois últimos enunciados analisados, não há uma expressão adverbial de tempo que determine sua posição de seus planos temporais. Isso acarreta diferenças na expressão da temporalidade deste enunciado em relação aos anteriores e, conseqüentemente, em sua produção de sentido. Enquanto no primeiro enunciado o plano 1 e o plano 3 são coincidentes e, no segundo enunciado, todos os planos são assíncronos, neste terceiro enunciado, os planos 1 e 3 podem ou não ser simultâneos. O plano 1, em que as pessoas se tornam mais tolerantes, pode ser concomitante ou futuro em relação ao plano 3, pois o evento previsto pode ocorrer no agora, amanhã ou daqui a um ano. Caso o plano 1 seja posterior ao plano 3 e anterior ao plano 2, novamente temos o caso em que a forma verbal que é classificada como futuro do pretérito designa, na verdade, um futuro do futuro. Independentemente disso, o plano 1 é base para a perspectiva central, o plano 2, pois depende da condição estabelecida anteriormente para se concretizar, isto é, para a humanidade ser melhor é necessário que antes disso as pessoas sejam mais tolerantes.

Ao estabelecermos esses planos temporais visíveis e não visíveis por meio das redes enunciativas, fica clara a organização da temporalidade textual que contribui para criar o humor gerado pela incoerência do personagem Hagar que, embora reconheça a necessidade de se ter primeiramente um aumento da tolerância das pessoas para a humanidade se tornar melhor, tem uma atitude intolerante com o colega. É por isso que nossa proposta vai ao encontro dos preceitos da BNCC, pois, ao estabelecer pontos de observação da materialidade linguística do texto, colabora para que o aluno reconheça as formas linguísticas como recursos enunciativos que constroem os textos manifestando sentidos, valores, ideologias. Desse modo, é importante trabalhar os recursos linguísticos a partir de textos para considerar toda a situação de comunicação e traçar um percurso metodológico que de fato facilite para o aluno reconhecer os aspectos enunciativos da linguagem e desenvolver suas habilidades de leitura e produção textual.

Na linguagem cotidiana, essa situação de comunicação em que o futuro do pretérito aparece vinculado a uma condição estabelecida pelo pretérito imperfeito do subjuntivo, encontramos frequentemente enunciados em que o futuro do pretérito é substituído pelo pretérito imperfeito do modo indicativo. O quarto e o quinto enunciados, “Se eu tivesse um sorriso desse eu chorava

rindo” e “Se eu quisesse muitos seguidores a todo custo, jogava pedra em casa de marimbondo”, são exemplos desse tipo de ocorrência. Apesar dessa troca entre os tempos verbais, ambos os enunciados possuem as mesmas perspectivas temporais do terceiro enunciado analisado nesta terceira rede. Nos dois enunciados, os planos 1 e 3 podem ser coincidentes ou o plano 1 pode ser posterior ao plano 3.

No quarto enunciado, “Se eu tivesse um sorriso desse, eu choraria rindo”, o plano 3 é a instância em que o texto contrai pertinência enunciativa, pois o leitor, ao ter contato com a postagem, articula as linguagens verbal e não verbal, compreende que o locutor se refere à condição de ter um sorriso considerado esteticamente perfeito, plano 1, para ele mostrar o sorriso a todo momento, inclusive em situações de tristeza, plano 2. O plano 1, “Se eu tivesse um sorriso desse”, pode ser compreendido como um evento concomitante ao plano 3: “Se eu tivesse um sorriso desse *agora/nesse momento*” ou futuro em relação a ele: “Se eu tivesse um sorriso desse *quando terminar meu tratamento dentário*”. Se a perspectiva de base, plano 1, for posterior em relação ao plano 3, a temporalidade verbal expressa na perspectiva central, plano 2, será de futuro do futuro.

A mesma situação ocorre no quinto enunciado. “Se eu quisesse muitos seguidores a qualquer custo”, parte do enunciado que constitui o plano 1, pode ser entendida como uma postura concomitante ou que se estende para além do plano 3: “Se eu quisesse muitos seguidores ‘*agora*’ a qualquer custo...” ou “Se eu quisesse muitos seguidores a qualquer custo ‘*na próxima semana*’”. Ao ter contato com a postagem, o plano 3, o leitor compreende que o locutor não está disposto a praticar qualquer tipo de ação para conseguir ampliar o número de seguidores na rede social dele, seja no instante presente e ou futuramente. Se o plano 1 for posterior em relação ao plano 3, a temporalidade verbal expressa no plano 2 será de futuro do futuro.

De qualquer modo, a constituição desta rede mostra que, independentemente da forma verbal usada, seja na norma padrão seja na não padrão, nessas duas situações comunicativas, o plano 2 será posterior ao plano 1, ou seja, é futuro em relação ao evento mencionado no plano 1. A questão que se coloca é o porquê dessa troca da forma verbal no futuro pretérito, que é a forma padronizada pelas GT, pelo pretérito imperfeito do indicativo no uso cotidiano da língua. Esse fato não muda a temporalidade do enunciado conforme demonstramos nas análises do quarto e do quinto enunciados, mas interfere nos efeitos de sentido gerados pelo uso de um ou de outro tempo.

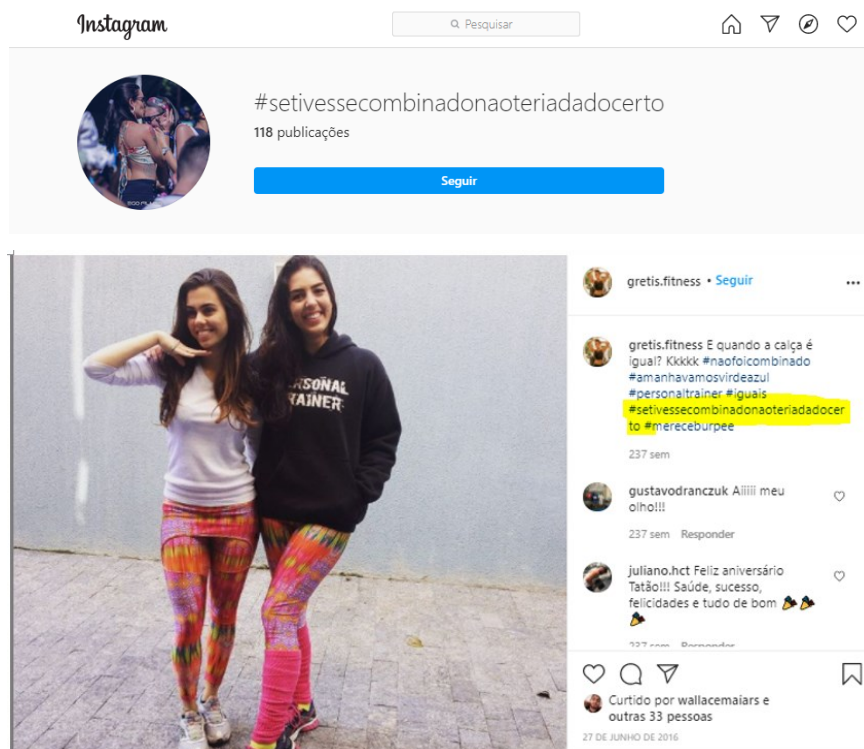
As formas do futuro, como já se sabe, por não fazerem parte de nossas experiências como as formas do passado, são atravessadas pela modalidade, pela dúvida, pelas possibilidades. O uso de um verbo no pretérito imperfeito, por fazer parte do passado, desfaz essa instabilidade provocada pelas formas do futuro. O uso de uma forma verbal no passado gera o efeito de certeza do locutor em relação ao que ele afirma. Importante ressaltar que, independente da variedade linguística usada, a temporalidade do enunciado se mantém. O que muda é o efeito de sentido gerado pela escolha lexical de uma ou de outra forma verbal. As redes enunciativas fornecem visibilidade da produção do sentido e o estudo dos recursos linguísticos e discursivos se tornem mais perceptíveis ao aluno. Assim, é possível aproximar o estudo dos tempos verbais da linguagem cotidiana que muitos dos alunos trazem em suas vivências e desfazer preconceitos linguísticos, tornando o estudo da língua uma atividade que contribui para uma formação com base em princípios éticos e democráticos.

Passemos para a exposição e análise da quarta situação de uso do futuro do pretérito em que ele aparece em seu formato composto.

4.1.4 4ª REDE - FUTURO DO PRETÉRITO COMPOSTO + PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO DO MODO SUBJUNTIVO

Nessa seção, analisaremos as situações de uso em que a forma verbal classificada como futuro do pretérito composto aparece associada ao pretérito mais-que-perfeito do modo subjuntivo. Veremos que a temporalidade expressa pela forma composta pode ser diferente da que é gerada pela forma simples na mesma situação, isto é, quando associada ao pretérito mais-que-perfeito do modo subjuntivo.

Figura 46 – Enunciado 1 – 4ª Rede enunciativa – “Se tivesse combinado não teria dado certo”.



Fonte: Disponível em: <https://www.instagram.com/explore/tags/setivessecombinadonaoteriadadocerto/?hl=pt-br>
Acesso em: 16 jan. 2021.

Figura 47 – Enunciado 2 – 4ª Rede enunciativa – “O que você teria comprado se tivesse ganhado na Mega-Sena da Virada?”

R7 HORA 7 | Saca só o que você poderia comprar se fosse milionário!

Saca só o que você poderia comprar se fosse milionário!

Se você tivesse ganhado os R\$ 200 milhões da Mega-Sena da Virada ia comprar o que?

HORA 7 | Do R7
08/01/2014 - 10H00 (ATUALIZADO EM 08/01/2014 - 10H50)

COMPARTILHE: [f](#) [t](#) [w](#) [m](#)

A- A+

O que você teria comprado se tivesse ganhado a Mega-Sena da Virada? Ou se simplesmente ficasse muito rico do nada? Esquisitices descobriu alguns itens perfeitos pra você mostrar todo o seu bom gosto e, é claro, seu dinheiro.

- R\$ 600 mil em uma camiseta? Ela é feita de quê? Ouro?
- Sim. Três quilos de ouro maciço, por quê?

Reprodução/Ebaums World

Fonte: Disponível em: <https://noticias.r7.com/hora-7/fotos/saca-so-o-que-voce-poderia-comprar-se-fose-milionario-16062018#!foto/1> 04/01/2021 Acesso em: 11 jan. 2021.

Figura 48 – Enunciado 3 – 4ª Rede enunciativa – “Se tivesse tomado a vacina teria se salvado”.

Fonte: Disponível em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2021/06/05/empresario-morre-aos-37-anos-em-sc-apos-complicacoes-da-covid-se-tivesse-tomado-a-vacina-teria-se-salvado-diz-mae.ghtml> Acesso em: 06 jun. 2021.

Enunciado 4 – 4ª Rede enunciativa – “Você teria ido para a Europa se ele tivesse te convidado”.

Enunciado 5 – 4ª Rede enunciativa – “Eu teria pedido uma casa nova caso tivessem oferecido ajuda”.

Quadro 25 – 4ª Rede enunciativa: plano temporal do enunciado 1.

“Se tivesse combinado não teria dado certo”		
TEMPO	PLANO TEMPORAL (perspectivas)	FORMA VERBAL
PLANO 1	PERSPECTIVA DE BASE: Não combinar algo	Tivesse combinado
PLANO 2	PERSPECTIVA CENTRAL: Dar certo	Teria dado
PLANO 3	PERTINÊNCIA ENUNCIATIVA: Alguém falando sobre uma suposição	—

Fonte: produção própria.

Quadro 26 – 4ª Rede enunciativa: plano temporal do enunciado 2.

“O que você teria comprado se tivesse ganhado na Mega-Sena da Virada?”		
TEMPO	PLANO TEMPORAL (perspectivas)	FORMA VERBAL
PLANO 1	PERSPECTIVA DE BASE: Ganhar na Mega-sena da Virada	Tivesse ganhado
PLANO 2	PERSPECTIVA CENTRAL: Comprar algo	Teria comprado
PLANO 3	PERTINÊNCIA ENUNCIATIVA: Alguém falando sobre uma suposição/leitor imaginando o que compraria	—

Fonte: produção própria.

Quadro 27 – 4ª Rede enunciativa: plano temporal do enunciado 3.

“Se tivesse tomado a vacina teria se salvado.”		
TEMPO	PLANO TEMPORAL (perspectivas)	FORMA VERBAL
PLANO 1	PERSPECTIVA DE BASE: Tomar a vacina	Tivesse tomado
PLANO 2	PERSPECTIVA CENTRAL: Salvar-se	Teria se salvado
PLANO 3	PERTINÊNCIA ENUNCIATIVA: A mãe faz a afirmativa.	—

Fonte: produção própria.

Quadro 28 – 4ª Rede enunciativa: plano temporal do enunciado 4.

“Você teria ido para a Europa se ele tivesse te convidado.”		
TEMPO	PLANO TEMPORAL (perspectivas)	FORMA VERBAL
PLANO 1	PERSPECTIVA DE BASE: Receber um convite para ir para a Europa	Tivesse convidado
PLANO 2	PERSPECTIVA CENTRAL: Ir para a Europa.	Teria ido
PLANO 3	PERTINÊNCIA ENUNCIATIVA: Alguém falando sobre uma suposição	—

Fonte: produção própria.

Quadro 29 – 4ª Rede enunciativa: plano temporal do enunciado 5.

“Eu teria pedido uma casa nova caso tivessem oferecido ajuda.”		
TEMPO	PLANO TEMPORAL (perspectivas)	FORMA VERBAL
PLANO 1	PERSPECTIVA DE BASE: Oferecer ajuda	Tivessem oferecido
PLANO 2	PERSPECTIVA CENTRAL: Pedir uma casa nova	Teria pedido
PLANO 3	PERTINENCIA ENUNCIATIVA: Alguém falando sobre uma suposição	—

Fonte: produção própria.

Nos enunciados que compõem a quarta rede, nos quais o futuro do pretérito composto aparece associado ao pretérito mais-que-perfeito do modo subjuntivo, não há simultaneidade entre os planos temporais. Eles apresentam a seguinte ordenação temporal: plano 1, plano 2, plano 3, isto é, os eventos de base aconteceram antes dos eventos da perspectiva central e ambos ocorreram antes no tempo da enunciação.

No primeiro enunciado desta rede, “Se tivesse combinado não teria dado tão certo!!”, o plano 1 refere-se a uma situação que não foi combinada previamente (usar calças idênticas para ir à academia) por uma aluna e a *personal trainer* dela, mas o plano 2 revela que, mesmo não havendo o combinado prévio, a coincidência aconteceu no plano 2 que é anterior ao plano 3, o momento em que o leitor tem contato com a postagem e compreende a coincidência entre a vestimenta das duas pessoas na foto. Portanto, é no plano 3 que acontece a produção de sentido e o enunciado adquire pertinência social.

No segundo enunciado constituinte da quarta rede, essa mesma ordenação temporal torna-se ainda mais evidente. Em “O que você teria comprado se tivesse ganhado na Mega-sena da Virada?”, o evento “ganhar na loteria”, que representa o plano 1, precede o evento “comprar”, plano 2, já que, para comprar algo nesse caso é necessário primeiro ganhar na Mega-sena da Virada”. Ambos os eventos são anteriores ao momento da pergunta, plano 3, em que o enunciado adquire a pertinência enunciativa e acontece produção de sentido, pois o leitor, ao ter contato com a pergunta feita no enunciado, passa a imaginar o que teria comprado caso tivesse ganhado o dinheiro da Mega-sena da Virada.

Ao compararmos a temporalidade expressa por este enunciado com o quinto enunciado da segunda rede analisada neste capítulo, “O que você compraria se tivesse ganhado na loteria?”, é possível perceber como a forma simples ou a composta do futuro do pretérito é determinante para a construção do sentido dos textos. Em seu formato simples, o evento designado por ele pode ser simultâneo ou posterior ao momento da pergunta, ou seja, plano 2 pode ser concomitante ou posterior ao plano 3. Já em sua forma perifrástica, o evento designado pelo futuro do pretérito é anterior ao momento em que a pergunta é feita, ou seja, o plano 2 é anterior ao plano 3.

Por isso, as temporalidades expressas pelas formas simples ou compostas do futuro do pretérito não devem ser consideradas como equivalentes. Essa situação deve ser apresentada aos alunos para que compreendam os efeitos de sentido que as escolhas lexicais podem suscitar. Apesar disso, as coleções didáticas analisadas em nosso estudo não fazem essa diferenciação e, como vimos, limitam a estabelecer modelos com o paradigma de conjugação de verbos em forma simples ou composta. Desse modo, a aprendizagem do aluno no que tange às habilidades elencadas no quadro 7, no segundo capítulo desta tese, não é favorecida. Mais uma vez, o recurso das redes enunciativas mostra-se eficaz nesse sentido, uma vez que permite ao aluno compreender a produção e os efeitos de sentido decorrentes dos usos linguísticos e, assim, utilizá-los de maneira proficiente, compreendendo a linguagem como uma construção humana, histórica e social.

No terceiro enunciado, encontramos a seguinte fala de uma mãe cujo filho morreu vítima da Covid-19 aos 37 anos: “Se tivesse tomado a vacina teria se salvado.” No plano 1, temos como perspectiva de base o ato de tomar a vacina, que sustenta a perspectiva central, plano 2, salvar-se. Nesse caso, a salvação tem como pré-requisito a vacinação. O enunciado encontra pertinência enunciativa ao produzir sentido socialmente, no plano 3, pois, ao ter contato com o enunciado, o leitor entende que, como a condição estabelecida no plano 1 não foi cumprida, o evento central também não se realizou, isto é, o jovem de 37 anos não foi vacinado e, no momento em que o enunciado circula socialmente, esse jovem está morto, já que a vacinação é uma condição para não morrer em decorrência de complicações causadas pela Covid-19. Esse aspecto conclusivo do enunciado é gerado pelo uso da forma verbal composta do futuro do pretérito.

No quarto enunciado que integra a quarta rede, “Você teria ido para a Europa se ele tivesse te convidado.”, temos novamente a mesma temporalidade expressa pelos enunciados anteriores. No plano 1, temos como perspectiva de base o convite que se torna condição para a concretização do plano 2, a ida para a Europa. Ambos os planos são anteriores ao plano 3, momento em que o enunciado contrai pertinência enunciativa, pois, ao ter contato com ele, o leitor entende que o evento previsto no plano 2 não se cumpriu uma vez que a condição prévia do plano 1 não foi concretizada.

Fechando essa quarta rede enunciativa em que a forma verbal no futuro do pretérito composto aparece associada ao pretérito mais-que-perfeito do modo subjuntivo, temos o quinto enunciado, “Eu teria pedido uma casa nova caso tivessem oferecido ajuda.”. Novamente, a mesma sequência temporal se estabelece. No plano 1, temos como perspectiva de base o oferecimento de ajuda para que o plano 2, pedir uma casa nova, se consolidasse. Os dois planos são anteriores ao plano 3, em que ocorre a produção de sentido e o leitor entende que o locutor não pediu a casa nova porque não lhe ofereceram ajuda, ou seja, o evento previsto no plano 2 não se realizou porque a condição prévia não se cumpriu.

O uso da forma verbal no futuro do pretérito nos cinco enunciados analisados justifica-se então em função de o evento ocorrido na perspectiva central estar condicionado por uma situação anterior a ele. Ambos os eventos são anteriores ao plano 3, pois o ponto de vista pelo qual esses planos são perspectivados é de eventos acabados, concluídos.

Ainda no âmbito do futuro do pretérito composto, vamos analisar a temporalidade expressa por seu uso social em outra situação.

4.1.5 5ª REDE - FUTURO DO PRETÉRITO COMPOSTO + PRETÉRITO IMPERFEITO DO MODO SUBJUNTIVO

Os cinco enunciados seguintes apresentam a forma composta do futuro do pretérito associada ao pretérito imperfeito do modo subjuntivo e constituirão a nossa quinta rede. Nesse tipo de construção, notamos que o plano temporal que se estabelece é diferente do que ocorre quando a forma simples é associada ao pretérito imperfeito do modo subjuntivo conforme visto na terceira rede enunciativa analisada neste capítulo. Nos cinco enunciados a seguir, temos três

planos não coincidentes, sendo que o plano 1 é anterior ao plano 2 e ambos anteriores ao plano 3 assim como ocorre na quarta rede analisada anteriormente.

Figura 49 –Enunciado 1 – 5ª Rede enunciativa – “Se soubesse o que iria encontrar, não teria assumido o clube.”



'Se soubesse o que iria encontrar, não teria assumido o clube', diz presidente do conselho gestor do Cruzeiro

Saulo Fróes afirmou que os demais membros do conselho também não aceitariam a empreitada de conduzir a Raposa devido a caos que o clube se encontrava

Fonte: Disponível em: <https://www.lance.com.br/cruzeiro/soubesse-que-iria-encontrar-nao-teria-assumido-clube-diz-presidente-conselho-gestor.html> Acesso em: 14 jan. 2021.

Enunciado 2 – 5ª Rede enunciativa – “Se a moça do café não demorasse tanto /pra me dar o troco / Se eu não parasse bem na hora do almoço/Pra cortar o cabelo / Eu não teria te encontrado / Eu não teria me apaixonado”

Dia, Lugar e Hora

Se a moça do café não demorasse tanto
Pra me dar o troco
[...]
Se eu não tivesse atravessado
Aquela hora no sinal vermelho
Se eu não parasse bem na hora do almoço
Pra cortar o cabelo
E ó que eu nem sou vaidoso

Eu não teria te encontrado
Eu não teria me apaixonado

Mas aconteceu
Foi mais forte que eu e você
Aí eu disse
Quer que eu faça um café?
Ou faça minha vida
Se encaixar na sua?
Aqui mesmo na rua
Era pra ser agora
Quando é pra acontecer
Tem dia, lugar e tem hora
[...]

Fonte: Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/luan-santana/dia-lugar-e-hora/> Acesso em: 15 jan. 2021.

Figura 50 – Enunciado 3 – 5ª Rede enunciativa “...Spider teria vencido Daniel Cormier se houvesse mais tempo de combate”.

globo.com | g1 | ge | gshow | vídeos

MENU **COMBATE**

11/07/2016 07h01 - Atualizado em 11/07/2016 14h56

Amigo revela prêmio de Anderson em início de carreira: lata de refrigerante

Katel Kubis, que emocionou o ex-campeão do UFC na coletiva de imprensa, acredita que Spider teria vencido Daniel Cormier se houvesse mais tempo de combate

Por Evelyn Rodrigues, Marcelo Barone e Marcelo Russo
Las Vegas, EUA

FACEBOOK TWITTER g+ P

Fonte: Disponível em: <http://sportv.globo.com/site/combate/noticia/2016/07/amigo-revela-premio-de-anderson-em-inicio-de-carreira-lata-de-refrigerante.html> Acesso em: 16 jun. 2021.

Enunciado 4 – 5ª Rede enunciativa – “Se eu estivesse lá, nada disso teria acontecido”.

Enunciado 5 – 5ª Rede enunciativa – “Se não me qualificasse, não teria conseguido o emprego”.

Quadro 30 – 5ª Rede enunciativa: plano temporal do enunciado 1.

“Se soubesse o que iria encontrar, não teria assumido o clube”		
TEMPO	PLANO TEMPORAL (perspectivas)	Forma verbal
PLANO 1	PERSPECTIVA DE BASE: Saber o que encontrar	soubesse
PLANO 2	PERSPECTIVA CENTRAL: Ter assumido algo	Teria assumido
PLANO 3	PERTINÊNCIA ENUNCIATIVA: Alguém falando sobre uma condição e a compreensão de que a situação do clube está ruim.	—

Fonte: produção própria.

Quadro 31 – 5ª Rede enunciativa: plano temporal do enunciado 2.

“Se a moça do café não demorasse tanto pra me dar o troco Se eu não parasse bem na hora do almoço/Pra cortar o cabelo Eu não teria te encontrado Eu não teria me apaixonado”		
TEMPO	PLANO TEMPORAL (perspectivas)	FORMA VERBAL
PLANO 1	PERSPECTIVA DE BASE: Demorar para receber o troco Parar para cortar o cabelo	demorasse parasse
PLANO 2	PERSPECTIVA CENTRAL: Encontrar o ser amado Apaixonar-se	Teria encontrado Teria apaixonado
PLANO 3	PERTINENCIA ENUNCIATIVA: Entendimento de que o encadeamento de vários eventos levaram o locutor a encontrar o ser amado.	—

Fonte: produção própria.

Quadro 32 – 5ª Rede enunciativa: plano temporal do enunciado 3.

“...Spider teria vencido Daniel Cormier se houvesse mais tempo de combate.”		
TEMPO	PLANO TEMPORAL (perspectivas)	Forma verbal
PLANO 1	PERSPECTIVA DE BASE: Haver mais tempo de combate.	Houvesse
PLANO 2	PERSPECTIVA CENTRAL: Vencer Daniel Cormier	Teria vencido
PLANO 3	PERTINENCIA ENUNCIATIVA: Alguém falando sobre suposição.	—

Fonte: produção própria.

Quadro 33 – 5ª Rede enunciativa: plano temporal do enunciado 4.

“Se eu estivesse lá, nada disso teria acontecido.”		
TEMPO	PLANO TEMPORAL (perspectivas)	Forma verbal
PLANO 1	PERSPECTIVA DE BASE: Estar lá	Treinássemos
PLANO 2	PERSPECTIVA CENTRAL: Acontecer algo	Teria vencido
PLANO 3	PERTINENCIA ENUNCIATIVA: Alguém falando sobre suposição e a compreensão de que algo aconteceu.	—

Fonte: produção própria.

Quadro 34 – 5ª Rede enunciativa: plano temporal do enunciado 5.

“Se não me qualificasse, não teria conseguido o emprego.”		
TEMPO	PLANO TEMPORAL (perspectivas)	Forma verbal
PLANO 1	PERSPECTIVA DE BASE: Qualificar-se	Qualificasse
PLANO 2	PERSPECTIVA CENTRAL: Conseguir o emprego	Teria conseguido
PLANO 3	PERTINÊNCIA ENUNCIATIVA: Alguém falando sobre suposição e a compreensão de que o locutor conseguiu o emprego.	—

Fonte: produção própria.

Nos cinco enunciados aqui apresentados, não há concomitância entre os planos temporais. Assim como na rede anterior, o plano 1 é anterior ao plano 2 que, por sua vez, é anterior ao plano 3.

No primeiro enunciado, “Se soubesse o que iria encontrar, não teria assumido o clube”, no plano 1, temos como perspectiva de base a condição “saber o que encontraria”, isto é, saber da real situação do clube, para não assumir um cargo de presidente do conselho gestor, a perspectiva central no plano 2. No plano 3, as duas perspectivas já aconteceram. A pertinência enunciativa acontece no instante em que o leitor, ao ter contato com o texto, entende que o locutor assumiu o cargo de presidente do clube porque não teve conhecimento antes da situação em que ele se encontrava. Desse modo, a forma verbal do futuro do pretérito “teria assumido” foi usada porque, além da carga temporal de referir-se a uma situação posterior a um passado, apresenta aspecto conclusivo, perfectivo.

No segundo enunciado, “Se a moça do café não demorasse tanto/ Pra me dar o troco / Se eu não parasse bem na hora do almoço / Pra cortar o cabelo/ Eu não teria te encontrado / Eu não teria me apaixonado”, no plano 1, o locutor estabelece como perspectiva de base diversos eventos anteriores ao plano 2, que foram condição essencial para concretizar a perspectiva central do enunciado: encontrar o ser amado e se apaixonar por ele. A afirmação dos enunciados na atualidade constitui o plano 3, pois é o tempo em que eles adquirem pertinência enunciativa, ou seja, o leitor/ouvinte, ao entrar em contato com o texto, entende que as condições enumeradas no plano 1 foram cumpridas e que, portanto, o eu lírico encontrou o ser amado e, na atualidade, eles estão juntos e apaixonados.

Uma observação importante é que, na linguagem cotidiana, frequentemente encontramos esse tipo de construção linguística em que o futuro do pretérito composto é substituído pelo pretérito mais-que-perfeito composto do modo indicativo. Enunciados como os do segundo exemplo são pronunciados constantemente como *“Eu não tinha te encontrado/ eu não tinha me apaixonado”*. Mesmo assim, apesar do não uso da norma padrão da língua, o plano temporal descrito acima se mantém. O que muda é o efeito de sentido obtido pelo uso de um ou de outro tempo verbal, pois, como já dito, o uso das formas verbais no passado desfaz instabilidade gerada pelos tempos do futuro confere efeito de certeza ao enunciado.

O terceiro enunciado que compõe a quinta rede enunciativa, “[...] Spider teria vencido Daniel Cormier se houvesse mais tempo de combate”, diz respeito ao torneio esportivo de luta em que o lutador Daniel Cormier venceu Anderson Silva, lutador brasileiro também chamado de Spider. No plano 1, temos como perspectiva de base a condição de haver mais tempo para o combate entre os dois lutadores para que o lutador Spider conseguisse vencer a luta, o evento previsto no plano 2. No plano 3, em que o leitor tem contato com o enunciado, há o entendimento de que o lutador Spider foi derrotado porque não houve mais tempo para o combate, pois o aspecto conclusivo dado pelo uso da forma composta do futuro do pretérito deixa claro que os eventos previstos nos plano 1 e 2 estão concluídos.

No quarto enunciado, “Se eu estivesse lá, nada disso teria acontecido”, temos no plano 1 a perspectiva de base “estar em algum lugar” como forma de evitar a perspectiva central do plano 2, o acontecimento de algo. Ao circular socialmente, os dois eventos previstos nos planos 1 e 2 são compreendidos como eventos passados, pois, devido ao uso da forma verbal composta no futuro do pretérito, entende-se que algo que não deveria acontecer sucedeu-se porque o locutor não estava no lugar para impedir esse acontecimento. Portanto, é no plano 3 que o enunciado adquire pertinência social.

Por fim, o quinto enunciado, “Se não me qualificasse, não teria conseguido o emprego”, colabora para evidenciar mais uma vez que, ao se associar ao pretérito imperfeito do subjuntivo, o futuro do pretérito composto expressa uma temporalidade cujos planos não coincidem e apresenta aspecto conclusivo. No plano 1, temos como perspectiva de base a condição de se qualificar para conseguir o evento central previsto no plano 2, o emprego. No plano 3, o enunciado adquire pertinência social, pois o leitor entende que a perspectiva central se

concretizou porque a condição prévia foi cumprida, isto é, o locutor conseguiu o emprego porque se qualificou. Logo, no plano 3, os eventos “qualificar-se” e “conseguir emprego” já estão concluídos.

4.2 SÍNTESE DA ANÁLISE DAS SITUAÇÕES DE USO SOCIAL DO FUTURO DO PRETÉRITO

Neste quarto capítulo, apresentamos cinco das situações sociais de comunicação em que aparecem formas verbais classificadas como futuro do pretérito em sua forma simples ou composta. Analisamos, pela técnica das redes enunciativas, os planos temporais desses enunciados formados por meio da articulação entre as formas linguísticas que os compõem bem como os aspectos enunciativos gerados por essas articulações.

Não temos a pretensão de esgotar a análise de todas as situações de uso do chamado futuro do pretérito, tampouco queremos estabelecer fórmulas ou esquemas em que se enquadrem os planos temporais desse tempo verbal, a exemplo de Reichenbach (1947) e Corôa (2005), pois, como mostramos, essa prática não contempla todas as possibilidades de expressão que as formas verbais do futuro do pretérito podem gerar ao se associarem com outros tempos verbais e ou com outras expressões indicativas de tempo.

No entanto, para uma melhor clareza e organização da análise apresentada, no quadro a seguir, estão expostos os planos temporais encontrados nas situações sociais de uso apresentadas em cada uma das cinco redes analisadas neste capítulo. Os planos 1, 2 e 3 estão designados respectivamente por P1, P2 e P3 e a relação de anterioridade, concomitância e posterioridade entre eles está representada pela direção das setas, sendo:

- ← Anterioridade
- ↔ Concomitância
- Posterioridade

Quadro 35 – Quadro resumo dos planos temporais expressos pelas formas verbais no futuro do pretérito nos enunciados analisados nas cinco redes.

Rede	Situação de comunicação	Planos temporais possíveis
1ª Rede Enunciativa	1ª situação - futuro do pretérito simples independente	P1 \Rightarrow P2 \Leftrightarrow P3 P1 \Rightarrow P3 \Rightarrow P2
2ª Rede Enunciativa	2ª situação - futuro do pretérito simples + pretérito mais-que-perfeito do modo subjuntivo	P1 \Rightarrow P2 \Rightarrow P3 P1 \Rightarrow P2 \Leftrightarrow P3 P1 \Rightarrow P3 \Rightarrow P2
3ª Rede Enunciativa	3ª situação - futuro do pretérito simples (futuro do futuro) + pretérito imperfeito do modo subjuntivo	P1 \Rightarrow P3 \Rightarrow P2 P1 \Leftrightarrow P3 \Rightarrow P2 P3 \Rightarrow P1 \Rightarrow P2 (Futuro do futuro)
4ª Rede Enunciativa	4ª situação - futuro do pretérito composto + pretérito mais-que-perfeito do modo subjuntivo	P1 \Rightarrow P2 \Rightarrow P3
5ª Rede Enunciativa	5ª situação - futuro do pretérito composto + pretérito imperfeito do modo subjuntivo	P1 \Rightarrow P2 \Rightarrow P3

Fonte: produção própria.

Também, não temos pretensões de estabelecer um conceito definitivo para o tempo verbal denominado futuro do pretérito, mas sabemos que, após apresentar as várias possibilidades discursivo-enunciativas que suas formas verbais podem suscitar, é importante estabelecer um conceito prototípico para esse tempo verbal nessa nova perspectiva de análise que estamos propondo, visto que isso colabora para que o professor da educação básica possa sistematizar o objeto de estudo na sala de aula. Desse modo, ao observarmos todos os valores expressos pelas formas verbais no futuro do pretérito bem como as possibilidades de encadeamento dos planos expressos por elas, podemos propor que o tempo verbal futuro do pretérito seja conceituado como aquele que se refere a um evento futuro em relação a outro evento ou ainda como aquele que se refere a um evento futuro que depende de uma condição prévia para acontecer, pois, em todas as análises que fizemos, o plano 2 que aloja a forma verbal no futuro do pretérito é posterior ao plano 1 ou perspectiva de base.

Ainda, neste capítulo, mostramos que a técnica das redes enunciativas configura-se como uma atividade epilinguística que permite a comparação entre expressões, visualizando a articulação

das formas linguísticas para criar determinados direcionamentos enunciativos. Assim, essa metodologia de trabalho consegue atender ao que recomenda a BNCC ao dizer que as práticas de ensino devem contribuir para a reflexão sobre a língua, permitindo ao aluno reconhecer “as diferentes formas de dizer “a mesma coisa” e análise dos efeitos de sentido que essas formas podem trazer/ suscitar” (BRASIL, 2018, p. 79).

Como mostramos nos capítulos iniciais, as GT e LD não mencionam ou não estabelecem com clareza as diferenças semânticas entre o uso das formas simples e compostas dos verbos, colocando-os, muitas das vezes, como formas com sentidos equivalentes. No entanto, ao analisarmos os planos temporais de enunciados que utilizam as formas verbais do futuro do pretérito simples e as que utilizam a forma composta, percebemos diferenças na expressão da temporalidade que afetam a produção dos sentidos que são essenciais para uma interpretação adequada dos textos.

Ao compararmos os planos temporais dos enunciados analisados na terceira e na quinta redes, por exemplo, em que foi feito o uso da forma simples e da composta do futuro do pretérito associadas com o pretérito imperfeito do modo subjuntivo, percebemos que houve mudanças na marcação da temporalidade dos enunciados bem como nos efeitos de sentido gerados pela escolha de uma ou de outra forma verbal. Portanto, considerar os enunciados em seus espaços de origem é fundamental para contemplar os aspectos enunciativos das formas linguísticas, pois permitem ao aluno visualizar como as formas linguísticas sociais são articuladas e qualificadas para direcionar valores, ideologias.

A metodologia das redes enunciativas elucida a construção desse processo ao evidenciar os referenciais históricos que constroem as pertinências enunciativas, explicitando a conexão entre as partes do texto, relacionando-as e produzindo uma unidade de sentido, isto é, o domínio de mobilização do enunciado.

No próximo capítulo, vamos reelaborar algumas das atividades dos LD apresentadas no segundo capítulo desta tese segundo a metodologia das redes enunciativas com o intuito de contribuir com uma prática de ensino que viabilize o trabalho com a temporalidade verbal conforme os preceitos da perspectiva enunciativo-discursiva de linguagem.

CAPÍTULO 5

ENSINO DA TEMPORALIDADE VERBAL NA SALA DE AULA COM BASE NOS PRINCÍPIOS DA SEMÂNTICA DA ENUNCIÇÃO

Por ser um estudo no âmbito da Linguística Aplicada, nesta seção, vamos nos dedicar à criação de possibilidades de trabalho com a temporalidade verbal em sala de aula na perspectiva da Semântica da Enunciação. Reiteramos que uma proposta de ensino nesse sentido pode contribuir muito para que o aluno reflita e entenda como acontece a produção de sentido em uma situação de comunicação, percebendo como a materialidade linguística usada é articulada para determinar a significação. Assim, essa metodologia de ensino, mais uma vez, vai ao encontro do que estabelece a BNCC como “competências gerais²¹”, já que leva o aluno, por meio do desenvolvimento do pensamento crítico, à compreensão da língua como uma atividade humana, histórica, social e inclusiva, contribuindo para sua formação ética.

Para isso, neste capítulo, vamos propor a redefinição do ensino da temporalidade verbal expressa pelas formas verbais designadas como futuro do pretérito a partir dos conceitos, exemplos e atividades apresentados pelos LD analisados anteriormente. O objetivo dessa prática é mostrar que o professor pode adaptar o material de que já dispõe para trabalhar o ensino da língua de forma que contemple seus aspectos enunciativos. Tendo isso em vista, vamos propor mudanças na forma de apresentar a conceituação e exemplificação dadas pelos LD que, conforme vimos, são baseadas na GT e os exemplos são o que Dias (2006) definiu como exemplos-ilha. Depois, vamos alinhar algumas das atividades propostas por esse material com a perspectiva enunciativa e reelaborá-las de modo que contemplem os aspectos enunciativos da linguagem.

Esse procedimento será feito com atividades das três coleções didáticas apresentadas no capítulo 2. Quando necessário, elas serão ampliadas com atividades criadas por nós a fim de traçar um percurso didático que viabilize o entendimento da temporalidade verbal na

²¹ A BNCC considera como competência a mobilização de conhecimentos, habilidades e valores para resolução das demandas que se apresentam na vida cotidiana. A Base possui dez Competências Gerais que são transdisciplinares e norteiam a elaboração dos currículos escolares da Educação Básica do Brasil. Essas competências gerais estão enumeradas nas páginas 11 e 12 do documento que se encontra disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#introducao#competencias-gerais-da-base-nacional-comum-curricular> Acesso em: 28 jul. 2021.

perspectiva enunciativo-discursiva de linguagem. Como se trata de uma nova proposta teórico-metodológica de apoio ao processo de ensino e de aprendizagem, é importante ressaltar que, a princípio, todas as atividades propostas sejam dirigidas pelo professor para ajudar os alunos com o raciocínio necessário ao desenvolvimento das habilidades esperadas.

Por uma questão de organização, as páginas dos LD com as atividades reelaboradas serão disponibilizadas ao longo do capítulo. Para diferenciar as análises, orientações e comentários feitos da proposição de atividades, estas serão apresentadas com espaçamento simples entre linhas e as sugestões de respostas serão dadas na cor verde.

5.1 REELABORAÇÃO DE ATIVIDADES DA COLEÇÃO DE LD1: TECENDO LINGUAGENS

Figura 51 – Atividade reelaborada da coleção de LD1.

REFLEXÃO SOBRE O USO DA LÍNGUA

Verbos – Indicativo – futuro do presente e futuro do pretérito

1. Leia o trecho a seguir, extraído da reportagem “O que é que as moquecas têm? Veja as diferenças entre a baiana e a capixaba”, e observe os termos destacados.

Dá para usar outros tipos de panela, o tempo de cocção **é** o mesmo e o sabor não **vai mudar** muito.

a) As formas verbais *dá* e *é* expressam a ideia de passado, presente ou futuro?

b) A locução verbal “vai mudar” pode ser substituída por qual forma verbal?
Expressam a ideia de presente.

c) Que tempo essa forma verbal expressa?
Mudará.

2. Leia as duas frases abaixo:
Expressa a ideia de futuro.

Se usar outro tipo de panela, **o sabor não mudará muito.**

Se usasse outro tipo de panela, **o sabor não mudaria muito.**

Responda:

a) Em qual dessas frases o verbo *mudar* indica uma ação que poderia ter acontecido posteriormente a uma situação no passado? *Na segunda frase.*

b) E em qual das duas frases esse verbo expressa uma ação futura em relação ao momento presente? *Na primeira frase.*

REFLEXÃO SOBRE O USO DA LÍNGUA

Habilidade
(EF06LP04)

Atividade

1. Ao corrigir essa atividade, retome com os alunos os tempos trabalhados no modo indicativo até o momento (presente, pretérito perfeito, pretérito imperfeito e pretérito mais-que-perfeito), enfatizando que os verbos no modo indicativo expressam certeza em relação ao que se diz.

Fonte: OLIVEIRA; ARAÚJO, 2018, v. 6º ano, p. 237.

Apesar de ter sido feita uma adaptação de um trecho do texto trabalhado no capítulo em que a classe dos verbos é tratada, alterando o texto original, o exemplo dado pode ser usado para que o aluno entenda o raciocínio de futuro em relação a um passado. Assim, antes de responder às questões da atividade 2, o professor pode retomar o texto para trabalhar com o enunciado em

seu espaço de origem e a explicação pode ser feita por meio de um quadro em que os planos temporais expressos pelas formas verbais do enunciado fiquem claramente dispostos.

5.1.1 1ª ATIVIDADE DO LD1 REELABORADA

- 1) Após reler o texto, vamos analisar alguns trechos do texto do qual o enunciado em análise foi adaptado.

Figura 52 – Trechos de páginas do LD1.

https://www.gazetadopovo.com.br/bomgourmet/moqueca-capixaba-moqueca-baiana-diferencas/

O que é que as moquecas têm? Veja as diferenças entre a baiana e a capixaba

A resposta depende do estado em que se estiver. Para os baianos, leite de coco e azeite de dendê. No Espírito Santo, óleo de urucum e caldo de peixe bem temperado

Por Flávia Schiochet – Publicado em 11/06/2017 às 09h

A decisão para a **fixa** de quem mantém a receita da verdadeira moqueca passa por uma posição geográfica: estando na Bahia, faça como os baianos. Se for ao Espírito Santo, concorde com os capixabas. Apesar de serem ensopados de peixe cozidos rapidamente em panela de barro e finalizados com coentro, a composição das moquecas muda bastante.

A escolha da panela é importante: **a de barro mantém o calor** e o caldo continua borbulhante depois de sair do fogo. A origem da caçarola é indígena e o ofício das panelas de Gciabeiras Velha, bairro de Vitória, é reconhecido como patrimônio imaterial do Brasil.

Caso não dê para ir até o Espírito Santo comprar suas panelas, o chef Ivan indica Paranaguá e Florianópolis. **Dá para usar outros tipos de panela, o tempo de cocção é o mesmo e o sabor não vai mudar muito**, explica o chef [...]. "Mas sem panela de barro não pode chamar de moqueca", brinca.

Para evitar que a panela de barro rache, o chef Ivan Lopes indica fazer a **cura** com óleo e água todos os meses ou a cada seis meses, caso a panela não seja usada frequentemente. O mesmo processo vale para o primeiro uso: besunta-se com óleo vegetal toda a superfície interna da panela, até as bordas, e coloca-se de dois a três dedos de água. Deixe no fogo até a água secar e a panela "queimar".

SCHIOCHET, Flávia. O que é que as moquecas têm? Veja as diferenças entre a baiana e a capixaba. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 11 jun. 2017. Disponível em: <http://bit.ly/2DzDf2R>. Acesso em: 27 set. 2018.

Fonte: OLIVEIRA; ARAÚJO, 2018, v. 6º ano, p. 232-233 (destaque nosso).

Discussões prévias (orais):

- a) Qual é o tema do texto?

O tema do texto é variedade na produção de moquecas de acordo com a região do Brasil.

- b) Qual o tipo de panela, em se tratando de material, é recomendado para o cozimento da moqueca?

A panela feita de barro.

- c) Qual a vantagem de se usar a panela de barro?

A panela de barro mantém o calor após sair do fogo e o caldo da moqueca continua a borbulhar.

- d) É obrigatório o uso panela de barro para produção da moqueca? Copie um trecho do texto que comprove sua resposta.

Não. De acordo com o texto, é possível usar outros tipos de panela: “Dá para usar outros tipos de panela, o tempo de cocção é o mesmo e o sabor não vai mudar muito”.

Feitas essas considerações iniciais, pode-se passar para atividades escritas a fim de que os alunos visualizem melhor a análise da temporalidade expressa pelas formas verbais do enunciado.

- 2) Vamos analisar o enunciado trazido pelo livro.

“Se usasse outro tipo de panela, o sabor não mudaria muito.”

- a) Em que condição o sabor da moqueca não muda muito?

Se usar outro tipo de panela que não seja a de barro.

- b) A percepção da pouca mudança no sabor da moqueca aconteceria antes, durante ou após o uso de uma panela de outro material? Comente a resposta.

Após o uso de uma panela de outro material sem ser o de barro, já que é necessário a moqueca ser cozida primeiro em uma panela para, depois, degustar o seu sabor.

- c) Agora, vamos expor e analisar o plano temporal do enunciado, completando o quadro a seguir.

Quadro 36 – Plano temporal do enunciado com o futuro do pretérito “mudaria”.

“Se usasse outro tipo de panela, o sabor não mudaria muito.”		
TEMPO	PLANO TEMPORAL (perspectivas)	Forma verbal
PLANO 1	PERSPECTIVA DE BASE: Usar outro tipo de panela sem ser a de barro	usasse
PLANO 2	PERSPECTIVA CENTRAL: Não mudar muito o sabor da moqueca	mudaria
PLANO 3	PERTINÊNCIA ENUNCIATIVA: Alguém fazendo uma suposição	—

Fonte: produção própria.

- d) Em relação ao plano 1, o evento previsto no plano 2 é:

() anterior () concomitante (X) posterior

- e) Qual a forma verbal usada no evento previsto no plano 2? **Mudaria**

Como explicado no capítulo 4 desta tese, neste enunciado, pode ocorrer uma coincidência entre os planos 1 e 3 ou o plano 3 pode ser anterior ao primeiro, pois não há uma marcação temporal que permita situar seguramente quando ocorre a perspectiva de base. O fato é que o plano 2 é posterior ao plano 1, configurando um futuro em relação a um pretérito. Ao iniciar o estudo da temporalidade verbal expressa pelas formas do futuro do pretérito dessa forma, o aluno tem condições de entender, ainda que de forma embrionária, a sequência temporal do enunciado e como o tempo futuro do pretérito colabora nessa ordenação temporal.

Na sistematização do conteúdo, ao expor a conceituação e a exemplificação, os autores empregaram o verbo “mudar” para elucidar esse tempo verbal, porque ele foi usado em uma reportagem trabalhada anteriormente no livro. Embora no texto original não tenham sido esses os tempos verbais usados e sim o presente, o professor pode voltar à reportagem e retomar o trecho em análise, chamando a atenção dos alunos para a marcação temporal usada, já que, como mencionamos anteriormente, ela foi ignorada pelas autoras do livro ao trabalhar o tempo verbal.

5.1.2 2ª ATIVIDADE DO LD1 REELABORADA

Figura 53 – Conteúdo do LD1 reelaborado.

• **Futuro do pretérito:** expressa uma ação futura que ocorreria no passado, como pode ser visto no exemplo abaixo.
A panela de barro **manteria** o calor e o caldo **continuaría** borbulhante.

Veja a conjugação do verbo *mudar* no futuro do presente e no futuro do pretérito do modo indicativo.

FUTURO DO PRESENTE	FUTURO DO PRETÉRITO
Eu mudarei	Eu mudaria
Tu mudarás	Tu mudarias
Ele mudará	Ele mudaria
Nós mudaremos	Nós mudaríamos
Vós mudareis	Vós mudaríeis
Eles mudarão	Eles mudariam

Saiba mais sobre esse assunto consultando o **Apêndice**.

Questões propostas

Para entendermos os fundamentos do tempo chamado futuro do pretérito, vamos retomar o texto e reler o trecho que foi adaptado no exemplo dado:

“A escolha da panela é importante: a de barro mantém o calor e o caldo continua borbulhante depois de sair do fogo.”

1) No enunciado, há uma série de informações localizadas em diferentes planos no tempo. Numere esses planos de acordo com a ordem cronológica de acontecimentos.

- (1) escolha uma panela de barro
- (3) o barro manter o calor
- (2) tirar a panela do fogo
- (4) o caldo continuar borbulhante

2) Agora, vamos retomar o exemplo dado pelo livro:

“A panela de barro manteria o calor e o caldo continuaria borbulhante”.

a) De acordo com o texto, a partir de qual momento os dois eventos mencionados no enunciado aconteceriam? Considere o enunciado original.

A partir do momento que a panela sair do fogo.

b) Qual expressão transmite essa informação?

... depois de sair do fogo.

3) Vamos agora completar o quadro abaixo com o enunciado em estudo.

Quadro 37 – Plano temporal do enunciado com o futuro do pretérito “manteria” e “continuaria”.

“A panela de barro manteria o calor e o caldo continuaria borbulhante [depois de sair do fogo].”		
TEMPO	PLANO TEMPORAL (perspectivas)	Forma verbal
PLANO 1	PERSPECTIVA DE BASE: Usar uma panela feita de barro	_____
PLANO 2	PERSPECTIVA CENTRAL: manter o calor da moqueca o caldo continuar a borbulhar	Manteria Continuaria
PLANO 3	PERTINÊNCIA ENUNCIATIVA: O entendimento de que a panela de barro oferece vantagens em relação a outras.	_____

Fonte: autoria própria.

Após expor e analisar o quadro acima, pode-se propor questões que levem o aluno a refletir e a entender o uso do futuro do pretérito e os efeitos de sentido gerados pelo seu uso. Caso o

professor perceba que apenas o quadro acima não é o suficiente para a compreensão da temporalidade expressa pelas formas verbais no futuro do pretérito, ele pode criar outros exemplos e traçar uma rede enunciativa para reforçar o ensino e a aprendizagem.

- 4) Quais formas verbais aparecem no plano 2?

As formas verbais “manteria” e “continuará”.

- 5) O valor expresso por essas formas verbais indica o evento previsto no plano 2 como algo certo ou como uma hipótese? Explique.

Expressa valor hipotético, pois depende de uma condição para se realizar.

- 6) Comparando o enunciado original com o adaptado, qual o efeito de sentido provocado pelo uso do futuro do pretérito?

“A escolha da panela é importante: a de barro mantém o calor e o caldo continua borbulhante depois de sair do fogo.”

“A panela de barro manteria o calor e o caldo continuaria borbulhante [depois de sair do fogo]”.

O uso do futuro do pretérito no lugar do presente desfaz a ideia de certeza do acontecimento expressa no enunciado original e passa a expressar uma possibilidade, pois o evento a que se refere está condicionado a uma situação anterior (a escolha da panela de barro) para que possa acontecer.

- 7) Por que foram usados verbos conjugados no futuro do pretérito no evento central do enunciado?

Foi usado o futuro do pretérito porque para o calor se manter e o caldo continuar a borbulhar depois da moqueca sair do fogo, há uma condição de base: que a panela escolhida para a cocção tenha sido a feita de barro. Caso essa condição não se cumpra, a moqueca não continuará aquecida e o caldo não continuará borbulhante. Portanto, o futuro do pretérito imprime a ideia de suposição, de hipótese.

- 8) Observando os planos temporais estabelecidos, neste enunciado e no anterior, como você explica o tempo futuro do pretérito?

O futuro do pretérito se refere a eventos que podem ocorrer desde que uma outra situação se realize anteriormente.

O objetivo desta última questão não é conceber uma definição completa e definitiva do futuro do pretérito, mas sondar as primeiras concepções dos alunos sobre esse tempo. Reforçamos que não somos contrários a nomenclaturas ou conceituações. O que não apoiamos é o ensino de

definições gramaticais sem considerar o real funcionamento da língua e sem dar condições ao aluno de refletir, de entender e de usar as formas linguísticas.

5.1.3 3ª ATIVIDADE DO LD1 REELABORADA

Figura 54 – Atividade do LD1 reelaborada.

2. O texto seguinte é uma estrofe de uma cantiga de roda popular. Leia-a atentamente.

Se esta rua, se esta rua fosse minha
Eu mandava, eu mandava ladrilhar
Com pedrinhas, com pedrinhas de brilhante
Para o meu, para o meu amor passar.

Domínio público.

- a) Observe a forma verbal *mandava*. Em que tempo e modo ela está?
Pretérito imperfeito do indicativo.
- b) Que tempo e modo seriam os mais indicados nesse contexto?
Futuro do pretérito do modo indicativo: *mandaria*.
- c) Levante uma hipótese: Por que houve a troca do tempo verbal na cantiga?

c) Sugestão de resposta:
Por se tratar de uma cantiga popular, não sabemos quem a compôs, mas é possível que essa pessoa não tivesse acesso à norma-padrão ou não estivesse preocupado com ela e trocou o futuro do pretérito pelo pretérito imperfeito, provavelmente porque as duas formas verbais referem-se ao passado. Discuta com os alunos as hipóteses que apresentarem e, ao fazer a correção dessa atividade, retome com eles o conceito de flexão verbal, ressaltando que os verbos flexionam em pessoa, número, tempo e modo.

Fonte: OLIVEIRA; ARAÚJO, 2018, v. 6º ano, p. 240.

Questões propostas

1) De acordo com o texto, qual a condição para mandar ladrilhar a rua?

A rua ser minha (de minha propriedade).

2) Em relação ao momento dessa afirmação, essa condição pode se dar:

() antes (X) durante (X) após

3) Vamos analisar os planos temporais do enunciado acima.

Quadro 38 – Plano temporal do enunciado com o futuro do pretérito “mandava/mandaria”.

“[...] se esta rua fosse minha, eu mandava ladrilhar...”		
TEMPO	PLANO TEMPORAL (perspectivas)	Forma verbal
PLANO 1 Agora Amanhã	PERSPECTIVA DE BASE: A rua ser minha	Fosse
PLANO 2	PERSPECTIVA CENTRAL: Mandar ladrilhar	mandava
PLANO 3 Agora	PERTINÊNCIA ENUNCIATIVA: Alguém fazendo uma suposição	—

Fonte: autoria própria.

- 4) A forma verbal usada, “mandava”, representa uma ação que aconteceria antes, durante ou após o locutor ser o proprietário da rua?

Após o locutor ser proprietário da rua.

- 5) A forma verbal “mandava”, conforme você já estudou, está conjugada no tempo pretérito imperfeito, um dos tempos do passado. De acordo com a norma padrão da língua, essa forma verbal é adequada para representar um fato futuro em relação a outro? Explique.

Não. No enunciado em questão, para representar um fato futuro, o tempo verbal adequado de acordo com a norma padrão seria o futuro do pretérito, já que se refere a um evento que está condicionado a um outro evento anterior.

- 6) Qual seria a forma verbal adequada para essa situação de acordo com a norma padrão da língua.

A forma verbal adequada seria “mandaria”.

- 7) Agora, vamos analisar os planos temporais de outro enunciado de estrutura semelhante ao anterior.

Figura 55 – Texto para atividade sobre temporalidade verbal.



Fonte: Disponível em: <https://twitter.com/tallesfont/status/1355555682372747266> Acesso em: 02 fev. 2021.

Quadro 39 – Plano temporal do enunciado com o futuro do pretérito “acordava/acordaria”.

“Se eu fosse num cinema desse eu só acordava no outro dia.”		
TEMPO	PLANO TEMPORAL (perspectivas)	Forma verbal
PLANO 1 Agora/Hoje Amanhã	PERSPECTIVA DE BASE: Ir a um cinema confortável	fosse
PLANO 2 Um dia após	PERSPECTIVA CENTRAL: Acordar no outro dia	acordava
PLANO 3 Agora/Hoje	PERTINENCIA ENUNCIATIVA: Locutor cogitando uma possibilidade e elogiando o conforto propiciado pelo cinema.	—

Fonte: autoria própria.

8) No texto, a ação de acordar é posterior ou anterior a ação de ir ao cinema?

É uma ação posterior à ida ao cinema.

9) Qual forma verbal representa essa plano temporal?

A forma verbal “acordava”.

10) Esse verbo está conjugado no passado, no presente ou futuro?

No passado (pretérito imperfeito do modo indicativo).

11) De acordo com a norma padrão, esse é o tempo verbal adequado para a situação comunicativa? Explique.

Não, pois não se refere a um evento ocorrido antes da ação de ir ao cinema confortável e sim a um evento após a ida a esse cinema.

12) Nessa situação, qual é o tempo verbal que está de acordo com norma padrão? Comente.

De acordo com a norma padrão, a forma adequada seria “acordaria”, pois se refere a um evento posterior em relação a um evento passado.

13) Reescreva o enunciado usando o tempo verbal adequado de acordo com a norma padrão.

Se eu fosse num cinema desse eu só acordaria no outro dia.

Comparando os dois enunciados:

MODALIDADE	LÍNGUA NÃO PADRÃO	LÍNGUA PADRÃO
Enunciado 1	Se esta rua fosse minha, eu mandava ladrilhar	Se esta rua fosse minha, eu mandaria ladrilhar
Enunciado 2	Se eu fosse num cinema desse eu só acordava no outro dia.	Se eu fosse num cinema desse eu só acordaria no outro dia.

- 14) Analise os quadros a seguir com os planos temporais dos dois enunciados na norma padrão da língua.

Quadro 40 – Plano temporal do enunciado com o futuro do pretérito “mandaria”.

“[...] se esta rua fosse minha, eu mandaria ladrilhar...”		
TEMPO	PLANO TEMPORAL (perspectivas)	Forma verbal
PLANO 1 Agora Amanhã	PERSPECTIVA DE BASE: A rua ser minha	fosse
PLANO 2	PERSPECTIVA CENTRAL: Mandar ladrilhar	mandaria
PLANO 3 Agora	PERTINÊNCIA ENUNCIATIVA: Alguém fazendo uma suposição no presente	—

Fonte: autoria própria.

Quadro 41 – Plano temporal do enunciado com o futuro do pretérito “acordaria”.

“Se eu fosse num cinema desse eu só acordaria no outro dia.”		
TEMPO	PLANO TEMPORAL (perspectivas)	Forma verbal
PLANO 1 Agora Hoje Amanhã	PERSPECTIVA DE BASE: Ir a um cinema confortável	fosse
PLANO 2 No outro dia	PERSPECTIVA CENTRAL: Acordar no outro dia	acordaria
PLANO 3 Agora/hoje	PERTINÊNCIA ENUNCIATIVA: Alguém fazendo uma suposição no presente	—

Fonte: autoria própria.

- 15) Volte aos quadros em que foi feita a análise dos planos temporais dos enunciados na norma não padrão. Houve mudança nos planos temporais dos dois enunciados dependendo da modalidade linguística usada? Explique.

Não houve mudanças nos planos temporais. Nos dois enunciados, tanto na modalidade padrão quanto na não padrão, os verbos “mandar” e “acordar” referem-se a eventos posteriores a outro evento.

- 16) Comparando os enunciados, em qual das modalidades linguísticas, o enunciado se apresenta como uma possibilidade e em qual se apresenta como um fato certo?

Na língua padrão, o enunciado soa como um evento possível, incerto, que poderia acontecer se tivesse condição para isso. Na modalidade não padrão, como o verbo foi usado no passado, o enunciado apresenta-se como algo certo de que aconteceria se fosse cumprida a condição para isso.

17) Qual o efeito de sentido gerado pelo uso de uma ou de outra forma verbal?

Com os verbos no passado, no pretérito imperfeito, o locutor passa mais credibilidade ao seu discurso, pois expressa a ideia de certeza em relação ao que faria se tiver as condições para isso. No enunciado 1, o uso da forma verbal no passado, revela a certeza de que o locutor ladrilharia a rua caso ela pertencesse a ele. Da mesma forma, no enunciado 2, não deixa dúvidas de que o locutor dormiria durante a exibição do filme e só acordaria no dia seguinte diante do conforto oferecido pelo cinema. Já com os verbos no futuro do pretérito, essas certezas se desfazem e se tornam uma possibilidade.

5.1.4 4ª ATIVIDADE DO LD1 REELABORADA

Figura 56 – Conteúdo do LD1 reelaborado.

Formas nominais

Infinitivo impessoal

louv-ar	vend-er	part-ir	p-ôr
---------	---------	---------	------

Infinitivo pessoal

louv-ar eu	vend-er eu	part-ir eu	p-ôr eu
louv-ares tu	vend-eres tu	part-ires tu	p-ores tu
louv-ar ele	vend-er ele	part-ir ele	p-ôr ele
louv-armos nós	vend-ermos nós	part-irmos nós	p-ormos nós
louv-ardes vós	vend-erdes vós	part-irdes vós	p-ordes vós
louv-arem eles	vend-erem eles	part-irem eles	p-orem eles

Gerúndio

louv-ando	vend-endo	part-indo	p-ondo
-----------	-----------	-----------	--------

Particípio

louv-ado	vend-ido	part-ido	p-osto
----------	----------	----------	--------

Emprego das formas nominais

Formas nominais do verbo: infinitivo, gerúndio e particípio.

Essas formas verbais indicam simplesmente o fato, de maneira vaga, imprecisa, impessoal.

Chamam-se formas nominais porque podem desempenhar as funções que são próprias dos nomes (substantivos e adjetivos).

Exemplos: O **jantar**, água **fervendo** (fervente), vaso **quebrado**.

Particípio

Recebe esse nome por participar do verbo e ter a função de adjetivo também.

1. Indica um fato concluído, uma ação relacionada com o passado.
Exemplos: Livro **rasgado**, folha **partida**.
2. É usado na conjugação dos tempos compostos dos verbos.
Exemplos: Tinha **estudado**, havia **imprimido**, tinha sido **alertado**.
3. Entra na formação da voz passiva dos verbos.
Exemplos: O professor elogiou a turma.
A turma foi **elogiada** pelo professor. (voz passiva)

Ao invés de dar exemplo da formação dos tempos compostos apenas no pretérito mais-que-perfeito, é uma oportunidade para chamar a atenção para o uso do futuro do pretérito composto e mostrar como ocorrem mudanças na temporalidade verbal de um enunciado e, conseqüentemente, na produção do sentido, de acordo com uso da forma simples e composta do verbo que, muitas das vezes, são tratadas como formas equivalentes.

O professor pode usar um enunciado que representa uma situação real de uso do futuro do pretérito composto e mostrar como a temporalidade expressa pela forma composta desse tempo colabora para a produção de sentido.

Atividade proposta


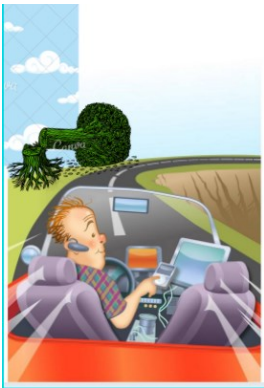

- 1) Leia o texto a seguir.

Figura 57 – Texto para análise da temporalidade verbal.



Fonte: Disponível em: <https://ciclovivo.com.br/inovacao/negocios/10-campanhas-de-outdoors-sustentaveis-pelo-mundo/> Acesso em: 01 fev. 2021.

- 2) Há três planos temporais no texto acima representados nos desenhos a seguir. Numere-os de acordo com ordem que se sucedem.

		
<p>(1) Possibilidade do outdoor ser uma árvore caída.</p>	<p>(2) Viajantes distraídos não notam a árvore caída.</p>	<p>(3) Viajantes passando pela rodovia e lendo o outdoor.</p>

- 3) Agora, complete o quadro a seguir com base nos planos temporais que você assinalou na atividade anterior.

Quadro 42 – Plano temporal do enunciado com o futuro do pretérito “teria notado”.

“Se fosse uma árvore, você nem teria notado.”		
TEMPO	PLANO TEMPORAL (perspectivas)	Forma verbal
PLANO 1	PERSPECTIVA DE BASE: O outdoor ser uma árvore caída.	fosse
PLANO 2	PERSPECTIVA CENTRAL: Não notar a árvore caída	[nem]teria notado
PLANO 3	PERTINÊNCIA ENUNCIATIVA: Os viajantes passam pela rodovia e leem o outdoor.	—

Fonte: autoria própria.

- 4) Qual a relação entre as linguagens verbal e não verbal na comparação feita no texto?

É uma relação de complementação, pois o sentido da parte verbal é complementado com o visual. As linguagens se articulam para estabelecer uma comparação entre a atenção que gera um outdoor afixado fora do padrão (imitando uma árvore caída) e com uma árvore natural.

- 5) Qual a condição para o leitor não notar o outdoor afixado de forma incomum?

A condição é que o outdoor seja uma árvore caída.

- 6) Observando os planos temporais, pode se dizer que, ao ter contato com o enunciado, o leitor já havia notado o outdoor “caído”? Explique.

Sim. Ele só teve contato com o enunciado porque reparou o outdoor caído.

- 7) Qual forma verbal comprova sua resposta anterior?

A forma verbal “(nem) teria notado”, pois apresenta aspecto concluído, acabado, o que quer dizer que o evento de “notar” o outdoor caído já aconteceu quando o viajante tem contato com o texto verbal.

- 8) Agora, compare os dois enunciados a seguir:

1º - Se fosse uma árvore, você nem **teria notado**.

2º - Se fosse uma árvore, você nem **notaria**.

Como se vê, o primeiro é o enunciado original que usa a forma composta do verbo e no segundo foi usada a forma simples do verbo, ambos conjugados no futuro do pretérito.

- a) Em qual desses enunciados torna-se pertinente acrescentar a expressão “caso passasse por aqui amanhã”? Explique.

1º - Se fosse uma árvore, você nem **teria notado** caso passasse por aqui amanhã.

2º - Se fosse uma árvore, você nem **notaria** caso passasse por aqui amanhã.

No 1º enunciado não é possível acrescentar uma expressão que indica futuro, porque a forma verbal “teria notado” tem aspecto acabado, concluído, isto é, indica que o ato de notar o outdoor caído semelhante a uma árvore já aconteceu. No 2º enunciado é possível adicionar uma expressão que coloca o ato “notar o outdoor caído imitando uma árvore” como um ato futuro, porque a forma simples no verbo desfaz o efeito de ação concluída no passado, colocando-a como uma possibilidade que pode ser futura em relação ao momento da fala.

- b) Diante disso, pode-se afirmar que o uso da forma simples ou da forma composta gera o mesmo efeito de sentido?

No enunciado em questão, a forma simples e a forma composta do verbo não apresentam o mesmo efeito de sentido. A forma composta apresenta aspecto concluído, passado. A simples apresenta caráter hipotético e sua temporalidade pode se estender para além do plano 3.

- c) Sabendo que os anúncios publicitários objetivam promover um produto, uma marca ou uma ideia, por que o locutor optou pela forma composta do verbo para veicular a mensagem?

Como o objetivo é convencer o leitor a aderir à ideia de preservação da natureza e associar o nome do banco à imagem de responsabilidade ambiental, o uso da forma verbal composta, que apresenta aspecto acabado, gera mais impacto no leitor e tem maior poder de convencimento, pois não deixa espaço para ele questionar a afirmação feita. Se fosse a forma simples, que indica uma possibilidade de não notar a árvore, o leitor poderia questionar se, de fato, ele não notaria a árvore caída. Assim, a mensagem não teria o mesmo impacto sobre ele.

5.2 REELABORAÇÃO DE ATIVIDADES DO LD 2: SE LIGA NA LÍNGUA: LEITURA, PRODUÇÃO DE TEXTO E LINGUAGEM

Tendo em vista a crítica apresentada no capítulo 2 sobre a forma de apresentar o conteúdo feita na página 140 do livro didático destinado ao 7º ano de escolaridade pela coleção em questão, a saber, conceituações tradicionais seguidas de exemplos-ilha criados pelos autores, primeiramente, vamos propor a reelaboração da metodologia usada para apresentar o conteúdo, o tempo verbal futuro do pretérito. Como dissemos, defendemos que, antes de apresentar uma conceituação já pronta com exemplos isolados, deve-se traçar um caminho metodológico para que o aluno compreenda a temporalidade expressa pelo tempo futuro do pretérito e os efeitos de sentido advindos de seu uso.

Como a BNCC recomenda que o texto deve ser tomado como unidade básica de trabalho, sugerimos que os textos do início do capítulo, em que são trabalhadas a leitura e produção textual, sejam explorados também para o trabalho como a categoria verbal, aliando o eixo de análise linguística ao da leitura, para mostrar como as formas linguísticas participam da construção dos sentidos do texto. Sendo assim, o texto do gênero verbete de dicionário usado na página 126 pode ser tomado como base para trabalhar o tempo verbal, em específico, o futuro do pretérito.

5.2.1 1ª ATIVIDADE REELABORADA DO LD2

Releia o texto abaixo.

Figura 58 – Página 126 do LD2.

1 Leia este verbete de um dicionário de mitologia grega e romana.

Narciso (G. *Nárkissos*). Um belo rapaz indiferente ao amor, filho do deus do rio Céfiso e da **ninfa** Liríope. Por ocasião do nascimento de Narciso, seus pais perguntaram ao adivinho Tirésias (v.) qual seria o destino do menino. A resposta foi que ele teria uma longa vida se não visse a própria face. Muitas moças e ninfas apaixonaram-se por Narciso quando ele chegou à idade adulta, mas o belo jovem não se interessou por nenhuma delas. A ninfa Eco (v.), uma das apaixonadas, não se conformando com a indiferença de Narciso, afastou-se amargurada para um lugar deserto, onde definhou até que somente restaram dela os gemidos. As moças desprezadas pediram aos deuses para vingá-las. Nêmesis [uma das muitas filhas de Nix, a Noite] (v.) apiedou-se delas e induziu Narciso, depois de uma caçada num dia muito quente, a debruçar-se numa fonte para beber água. Nessa posição ele viu seu rosto refletido na água e se apaixonou por sua própria imagem. Descuidando-se de tudo mais ele permaneceu imóvel na contemplação **ininterrupta** de sua face refletida e assim morreu. [...]

No local de sua morte apareceu uma flor que recebeu seu nome, dotada também de uma beleza singular.

[...]

MÁRIDA GAMA KURY *Dicionário de mitologia grega e romana*. Rio de Janeiro: Phalás, 1990. p. 278.

Ninfa: divindade da mitologia greco-romana que habita florestas, rios e montanhas.

Ininterrupta: contínua, constante.



Fonte: ORMUNDO; SINISCALCHI, 2018, v. 7º ano, p. 126.

- 1) Quando o adivinho Tirésias foi consultado sobre o destino de Narciso? Comprove com um trecho do texto.

Quando Narciso nasceu. “Por ocasião do nascimento de Narciso, seus pais perguntaram ao adivinho Tirésias (v.) qual seria o destino do menino.”

- 2) Qual foi a resposta do adivinho Tirésias?

“A resposta foi que ele teria uma longa vida se não visse a própria face.”

- 3) O que seria considerado ter uma vida longa?

No senso comum, ter uma vida longa significa viver até a fase da velhice.

- 4) A resposta do adivinho Tirésias indica que:
 Certamente Narciso teria uma vida longa.
 Possivelmente Narciso teria uma vida longa.
- Justifique sua escolha na questão anterior.
 O adivinho estabelece uma condição para que Narciso tenha uma longa vida que, naquele momento em que Narciso ainda era um bebê, não se poderia dar certeza de que seria cumprida.
- 5) Vamos analisar o enunciado preenchendo quadro a seguir observando seus planos temporais.

Quadro 43 – Plano temporal do enunciado com o futuro do pretérito “teria”.

“[...] ele teria uma longa vida se não visse a própria face.”		
TEMPO	PLANO TEMPORAL (perspectivas)	Forma verbal
PLANO 1	PERSPECTIVA DE BASE: Não ver a própria face	visse
PLANO 2	PERSPECTIVA CENTRAL: Ter uma vida longa	teria
PLANO 3	PERTINÊNCIA ENUNCIATIVA: O leitor, em contato com o texto, entende que há uma condição para que o evento central se realize.	—

Fonte: autoria própria.

- a) De acordo com o quadro, qual a condição é pré-requisito para Narciso ter uma vida longa?

A condição para Narciso ter vida longa é que ele não veja a própria face.

- b) No momento em que essa condição é estabelecida, isto é, no momento em que o adivinho Tirésias faz a previsão, é possível assegurar que Narciso terá vida longa? Por quê?

Não, pois Narciso tinha acabado de nascer quando o adivinho Tirésias fez a previsão e não havia como prever se a condição seria cumprida ou não.

- c) Qual forma verbal foi usada para apontar essa possibilidade de vida longa para Narciso?

A forma verbal é “teria”.

- 6) Releia os trechos do texto:

“Muitas moças e ninfas se apaixonaram por Narciso **quando ele chegou à idade adulta**, mas o belo jovem não se apaixonou por nenhuma delas.”

“Nêmesis [...] induziu Narciso, depois de uma caçada num dia muito quente, a debruçar-se numa fonte para beber água. Nessa posição, ele viu seu rosto refletido na água e se apaixonou por sua própria imagem. Descuidando-se de tudo mais ele permaneceu imóvel na contemplação ininterrupta de sua face refletida e **morreu**.”

- a) De acordo com o desfecho da história, a condição prévia estabelecida pelo adivinho Tirésias para que Narciso tivesse vida longa foi cumprida? Explique.

Não, pois, quando chegou à idade adulta, Narciso viu o rosto dele refletido nas águas, apaixonou-se por si mesmo e ficou contemplando a própria face, definhando-se até morrer. Portanto, não teve vida longa já que não chegou à fase da velhice.

- 7) Compare as formas verbais destacadas nos dois trechos:

I - A resposta foi que ele *teria* uma longa vida se não visse a própria face.

II - Descuidando-se de tudo mais ele permaneceu imóvel na contemplação ininterrupta de sua face refletida e *morreu*.

- a) Em qual deles a forma verbal expressa uma possibilidade?

No trecho I.

- b) Em que fase da história ela aparece?

No conflito/complicação.

- c) Em qual deles a forma verbal expressa um evento passado com aspecto concluído?

No trecho II.

- d) Em que fase da história ela aparece?

No desfecho

- e) Como o uso das formas verbais colabora para a construção do sentido global do texto?

A forma verbal “teria” que se refere a uma situação possível aparece na parte inicial do texto, já que é em torno dessa possibilidade que se desenrola o texto. A forma verbal “morreu” refere-se a um fato certo, no final do texto, portanto, foi usada uma forma verbal de aspecto concluído.

- 8) A forma verbal “teria” pertence a um tempo verbal denominado futuro do pretérito. Com base nas atividades anteriores, como você explica esse tempo?

Feito esse percurso didático, pode-se sistematizar o conteúdo e expor a definição do tempo futuro do pretérito da forma verbal “teria”, pois, nesse ponto, aluno já tem condições de entender o tempo verbal futuro do pretérito como aquele que se refere a um evento futuro em relação a outro evento ou ainda como aquele que descreve um evento futuro improvável, já que depende de uma condição prévia.

Desse modo, antes de expor o conceito gramatical dos tempos verbais e usar exemplos-ilha para “ilustrar” as definições dadas, é feito um trabalho de questionamento das noções semânticas expressas pelas formas verbais a fim de que o aluno compreenda como a língua fornece as formas de significação que direcionam os sentidos do texto.

5.2.2 2ª ATIVIDADE REELABORADA DO LD2

Figura 59 – Página 144 do LD2.

Tempos verbais NA PRÁTICA

1 Leia uma tirinha com o personagem Calvin.



BILL WATTERSON. *O mundo é mágico: as aventuras de Calvin e Haroldo*. 2. ed. Trad. Luciano Vieira Machado. São Paulo: Conrad do Brasil, 2010. p. 94.

- a) Como a palavra *ancoragem* foi pronunciada por Haroldo?
- b) Como essa pronúncia é indicada ao leitor?
- c) Por que Haroldo falou desse jeito?
- d) A primeira fala de Calvin revela que ele: vai construir uma jangada, não tem certeza se vai construir uma jangada ou desistiu de construir uma jangada?
- e) Reescreva a fala trocando *mas não* por *se*. Faça as alterações necessárias.
- f) Reescreva a mesma fala, agora trocando *construiria* por *construirei* e *mas não* por *quando*. *Eu construirei uma jangada para este lago quando tiver onde ancorá-la.*
- g) Em qual das formulações a construção da jangada é indicada como algo possível: na fala de Calvin, na que usa *se* ou na que usa *quando*? *Na que usa quando.*

1b. As sílabas aparecem em destaque, com letras mais escuras e inclinadas.

1c. Para provocar Calvin, produzindo um jogo de palavras a fim de sugerir que o menino não é corajoso, ou seja, é desprovido de coragem ("sem ancoragem").

1d. Desistiu de construir uma jangada.

1e. Eu construiria uma jangada para este lago se tivesse onde ancorá-la.

2 Leia o trecho de notícia a seguir.

Fonte: ORMUNDO; SINISCALCHI, 2018, v. 7º ano, p. 141.

1) Releia o 1º quadrinho:

“Eu construiria uma jangada para este lago, mas não tenho onde ancorá-la.”

a) Diante da fala de Calvin no primeiro quadrinho, pode-se deduzir que:

- () Ele já construiu uma jangada.
- () Ele construirá uma jangada.
- (X) Ele está disposto a construir uma jangada.

b) Explique sua escolha na questão anterior.

A fala de Calvin indica que ele estava disposto a construir a jangada, mas não teve as condições apropriadas para isso.

c) Qual seria a condição pré-requisito para a construção desse objeto?

Ter um local onde ancorar a jangada.

- 2) Reescreva a frase do 1º quadrinho estabelecendo a ideia de condição entre elas. Para isso, troque a palavra *mas* por *se*. Faça as alterações necessárias para manter a coesão e a coerência textuais.

Eu construiria uma jangada para este lago, se tivesse onde ancorá-la.

- 3) Vamos analisar os dois enunciados preenchendo o quadro a seguir com seus planos temporais.

Quadro 44 – Plano temporal do enunciado com o futuro do pretérito “construiria”.

“Eu construiria uma jangada para este lago, mas não tenho onde ancorá-la.” “Eu construiria uma jangada para este lago, se tivesse onde ancorá-la.”		
TEMPO	PLANO TEMPORAL (perspectivas)	Forma verbal
PLANO 1	PERSPECTIVA DE BASE: Ter onde ancorar a jangada	(não) tenho tivesse
PLANO 2	PERSPECTIVA CENTRAL: Construir uma jangada	construiria
PLANO 3	PERTINÊNCIA ENUNCIATIVA: Leitor tem contato com o enunciado e entende que Calvin não construiu a jangada porque não tem a condição para isso.	—

Fonte: autoria própria.

- a) De acordo com o quadro, numere os eventos de acordo com a ordem em que aparecem no texto:

- (1) ter condições de construir uma jangada.
 (2) construir uma jangada.
 (3) Leitor entende que Calvin não tem condições necessárias para a construção da jangada.

- b) Quais foram as formas verbais usadas no primeiro e no segundo planos?

No plano 1, foram usadas as formas “tenho” e “tivesse”. No plano 2, foi usada a forma verbal “construiria”.

- c) Por que foi usada a forma verbal no futuro do pretérito no evento previsto no plano 2?

Porque se refere a um evento futuro em relação a outro evento cujo acontecimento é improvável já que depende de uma condição.

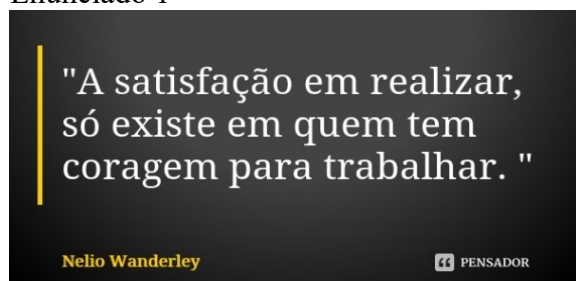
- 4) Releia o 2º quadrinho.

- a) Qual palavra aparece destacada? **Ancoragem**
- b) Como a palavra “ancoragem” foi pronunciada por Haroldo? **Ele deu ênfase na pronúncia das três últimas sílabas.**
- c) Como essa pronúncia é indicada ao leitor? **As três últimas sílabas aparecem destacadas em negrito.**

Socialmente, a expressão “ter coragem” é usada no sentido de ter persistência em fazer algo apesar do medo de fazê-lo. Já a “falta de coragem” é empregada quando alguém se sente amedrontado em fazer algo. Mas também essas expressões são usadas relacionadas a ânimo para fazer algo, a ter uma atitude em oposição à preguiça. Por isso, antes de perguntar “Por que Haroldo falou desse jeito?”, como feito na letra c da atividade proposta pelo LD, a construção de uma rede enunciativa em que se evidencie a relação entre “coragem”, “ânimo” e “preguiça” é recomendável para que o aluno possa visualizar o referencial histórico dessa associação e entender como a preguiça e a falta de ânimo impedem a realização de tarefas. Para isso, o professor deve promover uma discussão, levando o aluno a perceber que, no dia a dia, há uma relação entre as expressões “falta de coragem” ou “sem coragem” e o sentimento de falta de ânimo, falta de atitude e de preguiça. Assim, o aluno poderá compreender o porquê da brincadeira feita pelo personagem Haroldo com a pronúncia da palavra “ancoragem” e como esse recurso participa efetivamente na construção do sentido global do texto.

- 5) Observe os enunciados a seguir captados na internet, em buscas do Google. Em todos eles, há a palavra “coragem”. Analise o sentido em que ela foi usada.

Enunciado 1



Fonte: Disponível em:
<https://www.pensador.com/frase/MjQ1NTk3NA/>
Acesso em 25 ago. 2021.

Enunciado 2



Fonte: Disponível em:
<https://mensagem.online/139385-na-terra-da-preguica-que-tem-coragem-e-tolo>
Acesso em: 25 ago. 2021.

Enunciado 3



Fonte: Disponível em:
<http://espaconinfofitness.blogspot.com/2011/06/treinar-no-frio-tem-suas-vantagens.html> Acesso: em 25 ago. 2021.

Enunciado 4



Fonte: Disponível em:
<https://www.mensagensdebomdia.com.br/bom-dia-preguica> Acesso em: 25 ago. 2021.

Enunciado 5



Fonte: Disponível em:
<https://kdimagens.com/imagem/vontade-todos-temos-mas-coragem-e-para-poucos-700> Acesso em: 25 ago. 2021.

Enunciado 6



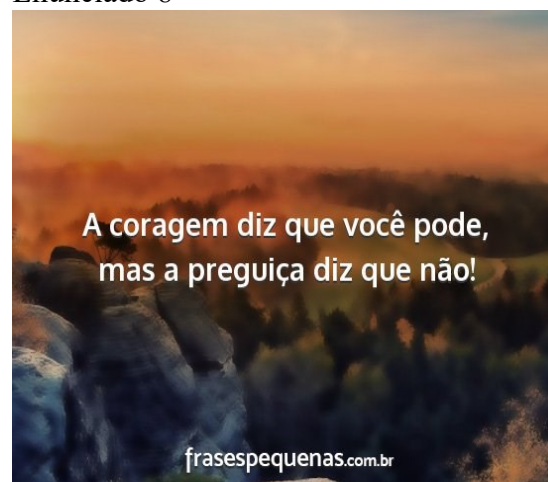
Fonte: Disponível em:
<https://www.pensador.com/frase/MTc4MjQ1Nw> Acesso em: 25 ago. 2021.

Enunciado 7



Fonte: Disponível em:
<https://br.pinterest.com/pin/761249143242332404/>
 Acesso em: 25 ago. 2021.

Enunciado 8



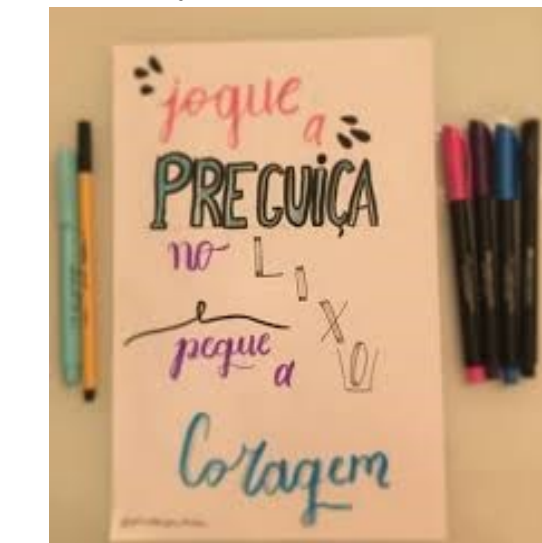
Fonte: Disponível em:
<https://www.frasespequenas.com.br/frase-6591>
 Acesso em: 25 ago. 2021.

Enunciado 9



Fonte: Disponível em:
<https://m.facebook.com/maisbrasil/photos/> Acesso em: 25 ago. 2021.

Enunciado 10



Fonte: Disponível em: <https://gramhir.com/explore-hashtag/amoisso%f0%9f%98%8d%f0%9f%98%98>
 Acesso em: 25 ago. 2021.

6) Qual das palavras a seguir representa sentido oposto à palavra “coragem” nos enunciados acima?

- (A) Ânimo
- (B) Ousadia
- (C) Preguiça
- (D) Determinação

7) Releia a tirinha completa e responda:

a) Haroldo parece acreditar que Calvin não constrói a jangada devido à falta de condição estabelecida pelo menino como pré-requisito no quadrinho? Explique.

Não. Ele acredita que Calvin não constrói a jangada por falta de coragem, ou seja, por desânimo, por preguiça. É possível perceber isso devido à ênfase que ele dá à pronúncia das sílabas “coragem” na palavra “ancoragem” e pela postura corporal e expressões faciais do personagem.

8) Compare o enunciado do 1º quadrinho com o enunciado a seguir, conforme pedido na questão f da atividade.

Eu construirei uma jangada para este lago, quando tiver onde ancorá-la.

a) Dessa forma, a fala de Calvin indica que:

- () Ele já construiu uma jangada.
- (X) Ele construirá uma jangada.
- (X) Ele está disposto a construir uma jangada.

b) Seria possível Haroldo fazer a mesma brincadeira com a palavra “ancoragem” se Calvin tivesse falado dessa forma no 1º quadrinho? Explique.

Sim. Apesar de, nessa formulação, a construção da jangada ser indicada como algo ainda possível de se realizar futuramente, o uso da forma verbal no futuro do presente não desfaz a incerteza sobre a construção da jangada. Ela continua sendo gerada pelo uso da oração seguinte no modo subjuntivo (quando tiver onde ancorá-la), que faz com que a criação da jangada continue dependente do cumprimento de uma condição prévia: ter onde ancorá-la.

c) Compare agora o enunciado original da tirinha com a reformulação proposta na questão f:

Eu *construiria* uma jangada para este lago, *mas não tenho* onde ancorá-la.

Eu *construirei* uma jangada para este lago, *quando tiver* onde ancorá-la.

• Em qual das formulações a construção da jangada é indicada como algo ainda possível? Explique.

No segundo enunciado, em que se usa o futuro do presente do indicativo e o futuro do modo subjuntivo, pois ainda há chances de, futuramente, a condição prévia necessária à construção da jangada se cumprir. No enunciado original essa possibilidade não existe, pois a oração “mas não tenho onde ancorá-la” indica que não há condições de a perspectiva de base se cumprir.

- d) De que modo o uso do futuro do pretérito contribuiu para a construção do humor do texto?

A forma verbal “construiria” expressa hipótese, já que o evento a que se refere depende da ocorrência de uma outra situação para se concretizar. Como Calvin formula sua fala eliminando a possibilidade de cumprimento dessa condição prévia, isso permite ao personagem Haroldo concluir que, na verdade, Calvin está com preguiça de construir a jangada e está com desculpas para não fazê-la.

5.2.3 3ª ATIVIDADE REELABORADA DO LD2

Figura 60 – Página 139 do LD2.

- 5** Leia o início de uma crônica escrita em 1970 pelo jornalista acriano Armando Nogueira (1927-2010), por ocasião do 20º aniversário do estádio do Maracanã, no Rio de Janeiro.

Menino-que-chega

Paulinho (seis anos) está na maior felicidade deste mundo: pela primeira vez na vida ele vai hoje ao Maracanã. Vai hoje, com o pai, ver o futebol de estádio grande.

Festejemos em Paulinho um sopro de vida que remoça o Maracanã, no ano de seus vinte anos. Esse é o glorioso destino do estádio: cada menino que chega é grama nova que floresce no campo.

Cada menino que chega, alento fresco no grito doce-afrito da multidão.

Se Paulinho pudesse me ouvir, eu contaria a ele, hoje, a história dos vinte anos do Maracanã. Repetiria o que já andei contando em breve escrito, sobre essa gigantesca panela de pressão – para usar uma feliz imagem de meu velho amigo **Nilton Santos**.

[...]

ARMANDO NOGUEIRA et al. *O mundo é uma bola: crônicas, futebol & humor*. São Paulo: Ática, 2006. p. 8. (Quero Ler: Crônicas).

5a. Um novo visitante do Maracanã, que se tornará um frequentador.

- a) Nesse contexto, o que seria um “menino-que-chega”?
- b) O trecho “ele vai hoje ao Maracanã” expressa a noção de presente, de passado ou de futuro? *De futuro.*
- c) Que flexão do mesmo verbo poderia traduzir a noção de tempo expressa no trecho? *Irá.*
- d) Em que modo está a forma verbal *festejemos*? Justifique seu uso.
- e) Releia o trecho “Se Paulinho pudesse me ouvir, eu **contaria** a ele [...]”. Em que tempo está a forma verbal destacada? *No futuro do pretérito do indicativo.*
- f) O uso do tempo indicado no item e, associado à forma verbal *pudesse*, sugere que a ação é improvável. Reescreva o trecho em outro tempo verbal para indicar que a ação é possível e informe que tempo é esse. *Se Paulinho puder me ouvir, eu contarei a ele. O tempo é o futuro do presente.*



VICENTE MENDONÇA

Nilton Santos: um dos principais jogadores do Brasil nas Copas do Mundo de 1958 e 1962.

Biblioteca cultural

Armando Nogueira foi um dos cronistas esportivos mais populares do país. Você pode conhecer algumas crônicas, inclusive a engraçada “O justo”, pesquisando em fontes confiáveis na internet.

5d. No modo imperativo, usado porque o verbo traduz um convite, um apelo.

Como já analisado, a questão da letra e) exige do aluno a mera classificação da forma verbal “contaria”. Por isso, sugerimos que, antes de chegar à classificação, seja traçado um percurso didático que o leve a refletir sobre os efeitos de sentido gerados pelo uso do futuro do pretérito. Para tanto, propomos as seguintes atividades:

1) Dentre os dois trechos abaixo, qual deles expressa a ideia de fato certo?

I - (X) [...] pela primeira vez na vida, ele vai hoje ao Maracanã.

II - () Se Paulinho pudesse me ouvir, eu contaria a ele, hoje, a história dos vinte anos do Maracanã.

2) No enunciado II, o narrador expressa:

- () Uma ordem
 () Um fato certo
 (X) Uma possibilidade

3) O que o narrador gostaria de fazer?

O narrador gostaria de contar a Paulinho a história dos vinte anos do Maracanã.

4) Qual a condição para que esse desejo se realize.

A condição é que Paulinho possa ouvir o que o narrador quer lhe contar.

5) Analise e preencha o quadro seguinte.

Quadro 45 – Plano temporal do enunciado com o futuro do pretérito “contaria”.

“Se Paulinho pudesse me ouvir, eu contaria a ele, hoje, a história dos vinte anos do Maracanã.”		
TEMPO	PLANO TEMPORAL (perspectivas)	Forma verbal
PLANO 1	PERSPECTIVA DE BASE: Paulinho poder ouvir o narrador	pudesse
PLANO 2	PERSPECTIVA CENTRAL: Narrador contar para Paulinho a história do Maracanã.	Contaria
PLANO 3	PERTINÊNCIA ENUNCIATIVA: Leitor tem contato com o enunciado e entende que o narrador não contou a história do Maracanã a Paulinho porque este não pode ouvi-lo.	—

Fonte: autoria própria.

a) Qual forma verbal expressa o desejo do narrador? **Contaria**

b) Agora, analise os próximos três enunciados a seguir e preencha os quadros abaixo deles expondo os planos temporais de cada um.

Enunciado 1:



Fonte: Disponível em: <https://pt.slideshare.net/finamud/ebd-o-que-voc-faria-se-fosse-invisivel> Acesso em: 11 jan. 2022.

Quadro 46 – Plano temporal do enunciado com o futuro do pretérito “faria”.

O que você faria se fosse invisível?		
TEMPO	PLANO TEMPORAL (perspectivas)	Forma verbal
PLANO 1	PERSPECTIVA DE BASE: Ser invisível	fosse
PLANO 2	PERSPECTIVA CENTRAL: Fazer algo	faria
PLANO 3	PERTINÊNCIA ENUNCIATIVA: Alguém falando sobre uma possibilidade e leitor imaginando o que faria.	—

Fonte: autoria própria.

Enunciado 2:



Fonte: Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CT-jAHHDFkc/> Acesso em: 11 jan. 2022.

Quadro 47 – Plano temporal do enunciado com o futuro do pretérito “estaria”.

Se cada pessoa que fala sobre meu cabelo plantasse uma árvore não estaria tão calor assim.		
TEMPO	PLANO TEMPORAL (perspectivas)	Forma verbal
PLANO 1	PERSPECTIVA DE BASE: Cada pessoa que fala sobre o cabelo da personagem plantar uma árvore	Fala Plantasse
PLANO 2	PERSPECTIVA CENTRAL: Não estar fazendo tanto calor.	estaria
PLANO 3	PERTINÊNCIA ENUNCIATIVA: Há muitas pessoas falando sobre o cabelo exótico da personagem. Essas pessoas não plantam árvores. Está fazendo muito calor.	—

Fonte: autoria própria.

Enunciado 3:



Fonte: Disponível em: <https://br.ifunny.co/picture/qual-das-opcoes-voce-escolheria-22-ter-um-super-poder-Dt3E8vvy7ç~> Acesso em: 11 jan. 2022.

Quadro 48 – Plano temporal do enunciado com o futuro do pretérito “escolheria”.

Qual das opções você escolheria?		
TEMPO	PLANO TEMPORAL (perspectivas)	Forma verbal
PLANO 1	PERSPECTIVA DE BASE: Ter a chance de fazer uma escolha	—
PLANO 2	PERSPECTIVA CENTRAL: Escolher uma das opções apresentadas	escolheria
PLANO 3	PERTINÊNCIA ENUNCIATIVA: Alguém falando sobre uma possibilidade e leitor imaginando o que faria.	—

Fonte: autoria própria.

- c) Compare a forma verbal que compõe o plano 2 de cada quadro de enunciado. O que elas expressam?

Elas expressam possibilidades.

- d) Em relação ao plano 1, o evento previsto no plano 2 é:

() anterior () concomitante (X) posterior

- e) Em que tempo verbal ele se encontra? Justifique seu uso.

Está no futuro do pretérito. Seu uso se justifica porque se refere a um evento hipotético porque depende da realização de um evento anterior a ele para ocorrer.

- f) Com base no quadro, explique por que essa forma verbal é denominada futuro do pretérito.

O verbo é chamado de futuro do pretérito porque ele se refere a um evento (contar) que é futuro a outro evento (ouvir) passado. Portanto, é futuro em relação ao pretérito.

5.3 REELABORAÇÃO DE ATIVIDADES DO LD 3: GERAÇÃO ALPHA LÍNGUA PORTUGUESA

Conforme exposto no capítulo 2, na terceira coleção didática analisada, não encontramos atividades direcionadas para o trabalho com o tempo futuro do pretérito. Como nosso propósito nesta seção é aproveitar atividades do próprio livro didático para fornecer aporte metodológico ao professor com o trabalho em sala de aula, vamos tomar alguns textos usados no próprio material didático para iniciar uma sequência didática no intuito de trabalhar a temporalidade expressa pelo futuro do pretérito com vistas aos princípios semântico-enunciativos.

Assim, para introduzir o estudo da temporalidade expressa pelo futuro do pretérito, usaremos a tirinha e a notícia trabalhadas respectivamente nas páginas 244 e 245 do livro didático destinado ao 6º ano de escolaridade que foram usadas para trabalhar os tempos do modo subjuntivo. Em seguida, serão propostas atividades criadas por nós com o intuito mostrar como os aspectos enunciativos da língua podem ser apresentados em sala de aula, oportunizando reflexões sobre as formas verbais de modo que o aluno perceba os efeitos de sentido suscitados por elas.

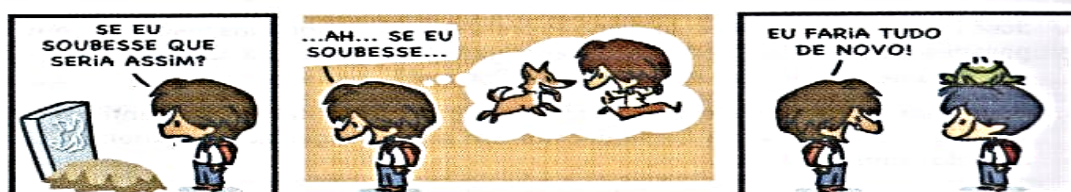
Como os tempos do modo subjuntivo não são o foco de nosso estudo, vamos expor apenas as atividades que serviram de base para o trabalho com o tempo futuro do pretérito do modo subjuntivo.

5.3.1 1ª ATIVIDADE DO LD3 REELABORADA

Leia a tirinha de Armandinho.

Figuras 61 e 62 – trechos das páginas 244 e 245 do LD3.

2. Leia a tira a seguir.



Alexandre Beck. Armandinho. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folhinha/2014/09/1523326-o-que-o-astronauta-crianca-comer-vejanas-tiras-da-folhinha.shtml>>. Acesso em: 13 ago. 2018.

- Qual é a situação apresentada na tira?
- Que mudança há na expressão facial do garoto ao longo da tira?
- Pela expressão facial do garoto e por outras informações indicadas pela linguagem não verbal, é possível perceber que a oração “Se eu soubesse” faz referência a sensações diferentes em cada um dos quadrinhos. Quais são elas?
- A frase do último quadrinho confirma qual ideia apresentada anteriormente?
- Em “Se eu soubesse”, o verbo está no modo subjuntivo. Considerando o que você já sabe sobre o uso desse modo verbal, por que ele foi usado na tira?

3. Leia, a seguir, o trecho de uma notícia veiculada em uma publicação esportiva.

“Seria uma injustiça grande se a gente perdesse o campeonato hoje”, diz Cristóvão

O gol salvador de Bernardo aos 45 minutos do segundo tempo fez justiça ao trabalho do Vasco durante o Campeonato Brasileiro, na opinião do técnico Cristóvão Borges. Para o treinador cruzmaltino, sua equipe mereceu chegar à última rodada da competição com chances de ser campeã, por tudo que passou durante a temporada.

“Seria uma injustiça muito grande se a gente tivesse perdido o campeonato hoje. Pelo que a gente tem feito, no mínimo deveria ter a chance de decidir na última rodada”, afirmou Cristóvão, que mostra confiança na briga pela taça. [...]

Portal ESPN.com.br, 27 nov. 2011. Disponível em: <http://espn.uol.com.br/noticia/228686_video-seria-umainjustica-grande-se-a-gente-perdesse-o-campeonato-hoje-diz-cristovao>. Acesso em: 10 ago. 2018.

- Na fala reproduzida no título da notícia, a forma verbal *perdesse* indica um fato que ocorreu com o time no passado? Em que modo verbal ela está?
- Por que, para o treinador, seria uma injustiça se esse fato tivesse acontecido?

RESPOSTAS E COMENTÁRIOS

- O fato não chegou a ocorrer. Ela está no modo verbal subjuntivo.
 - De acordo com Cristóvão Borges, considerando o desempenho do time, seria injusto ele não participar da última rodada do Campeonato Brasileiro de Futebol.

ATIVIDADE COMPLEMENTAR

Selecione trechos de textos da esfera jornalística e, com base neles, proponha um trabalho sobre o uso do modo subjuntivo. Para isso, oriente os alunos a observar o emprego desse

Fonte: COSTA; MARCHETTI, 2018, v. 6º ano, p. 245.

As questões de interpretação trazidas pelo livro podem ser mantidas, pois auxiliam o aluno a traçar um raciocínio articulando o verbal e o não verbal para a compreensão textual. Às questões de interpretação da tirinha, podem ser acrescentadas perguntas como “A que se refere o termo “assim” e o termo “tudo” no 1º e no 3º quadrinho respectivamente?” a fim de ajudar os alunos a desenvolverem o entendimento do sentido global do texto.

Para introduzir o estudo do tempo verbal futuro do pretérito do indicativo utilizando textos do próprio livro didático, de modo que o aluno compreenda os aspectos enunciativos gerados pelo uso desse tempo e de sua associação com outros tempos verbais, pode-se traçar o percurso didático proposto abaixo.

5.3.2 ATIVIDADE PARA INTRODUIR E CONCEITUAR O TEMPO FUTURO DO PRETÉRITO.

- 1) No quadro a seguir, há enunciados divididos em duas colunas. Além de trechos do texto verbal da tirinha e da notícia, também há outros exemplos criados.

COLUNA 1	COLUNA 2
1. Se eu <u>soubesse</u> que seria assim?	Eu <u>faria</u> tudo de novo!
2. Se a gente <u>perdesse</u> o campeonato hoje	<u>seria</u> uma grande injustiça.
3. Se eu o <u>encontrasse</u> agora	eu lhe <u>daria</u> um abraço.
4. Se <u>descobrissemos</u> a verdade	nós <u>ficaríamos</u> felizes.
5. Se ele <u>pedisse</u> desculpas	você lhe <u>perdoaria</u> ?

- a) Destaque as formas verbais de cada uma das orações nas duas colunas. (grifados e com cor diferente).
- b) Em qual das colunas, as orações expressam condição para realização de um evento?
As orações da coluna 1.
- c) Em qual das colunas, as orações expressam possibilidade de realização de um evento?
As orações da coluna 2.
- d) Por que os eventos previstos na 2ª coluna expressam uma possibilidade?
Porque eles dependem da ocorrência de uma situação anterior para se concretizarem.

- 2) Volte ao quadro e analise as orações da coluna 2.

- a) Em todas elas expressa uma ação? Comente sua resposta?

Não. As formas verbais “seria” e “ficaríamos” não expressam ação, mas sim, um estado.

- b) Em todas elas há um evento que depende de uma condição para se realizar? Comente.

Sim. Todos os eventos previstos na segunda oração estão condicionados à realização de um evento anterior.

- c) Em todas as orações, o evento que depende da condição para se realizar é futuro em relação a essa condição? Explique.

Sim. Para se concretizarem, os eventos previstos na 2ª coluna dependem da realização dos eventos previstos na 1ª coluna.

- 3) Releia os textos e analise dois enunciados retirados da tirinha e da notícia.

I – Se eu soubesse que seria assim? Eu faria tudo de novo!

II – Seria uma grande injustiça se a gente perdesse o campeonato hoje.

Se o professor julgar necessário, pode criar os quadros expondo os planos temporais de todos os cinco enunciados usados na primeira atividade.

- a) Agora vamos preencher os quadros, observando o encadeamento dos planos temporais dos enunciados.

Quadro 49 – Plano temporal do enunciado com o futuro do pretérito “faria tudo de novo”.

“Se eu soubesse que seria assim? Eu faria tudo de novo!”		
TEMPO	PLANO TEMPORAL (perspectivas)	Forma verbal
PLANO 1	PERSPECTIVA DE BASE: Saber como algo seria (o cachorro morreria e provocaria sofrimento)	soubesse
PLANO 2	PERSPECTIVA CENTRAL: Fazer tudo novamente: (ter o cachorro e viver bons momentos com ele)	faria
PLANO 3	PERTINÊNCIA ENUNCIATIVA: Entender que, para o locutor, apesar da dor pela morte do cachorro dele, valeu a pena tudo que viveram.	—

Fonte: autoria própria.

Quadro 50 – Plano temporal do enunciado com o futuro do pretérito “seria uma injustiça”.

“Seria uma injustiça grande se a gente perdesse o campeonato hoje.”		
TEMPO	PLANO TEMPORAL (perspectivas)	Forma verbal
PLANO 1	PERSPECTIVA DE BASE: O Vasco perder o Campeonato Brasileiro	perdesse
PLANO 2	PERSPECTIVA CENTRAL: O Vasco ser injustiçado.	seria
PLANO 3	PERTINÊNCIA ENUNCIATIVA: Entender que o Vasco não perdeu o campeonato e, portanto, não houve a injustiça.	—

Fonte: autoria própria.

- d) Pode-se dizer que os eventos previstos no plano 2 são futuros em relação aos eventos previstos no plano 1? Explique.

Sim, pois a realização dos eventos previstos no plano 2 somente é possível se, primeiramente, acontecerem os eventos previstos no plano 1.

- e) Em relação ao plano 3, pode-se dizer que o plano 2 é posterior/futuro?
No primeiro enunciado, o evento previsto no plano 2 pode ser anterior, simultâneo ou posterior ao plano 3, pois o locutor “faria tudo de novo” antes, durante ou após sofrer a dor pela perda de seu cachorro de estimação.

No segundo enunciado, o evento previsto no plano 2 é anterior ao plano 3, pois neste há o entendimento de que não houve a injustiça, pois o Vasco não perdeu o campeonato.

- 4) Releia todos os enunciados do quadro na primeira atividade. Analise também os planos temporais dos enunciados retomados nos quadros da terceira atividade.

Todas as formas verbais da 2ª coluna/plano 2 são classificadas como pertencentes ao tempo futuro do pretérito. No livro didático, encontramos a seguinte definição desse tempo verbal:

“**Futuro do pretérito**: expressa a ideia de uma ação futura que ocorreria desde que certa condição fosse cumprida” (p. 223)

- a) Você acredita que as orações na 2ª coluna/plano 2 representam essa definição? Explique.
Não. Como vimos, os eventos da 2ª oração dos enunciados 2 e 4 não expressam ação e sim um estado. Também, é preciso esclarecer a ideia de futuro a que se refere a definição, pois nem sempre o evento previsto na 2ª oração/plano 2 é futuro em relação ao plano 3.

- 4) Diante das análises feitas, como podemos definir o tempo verbal futuro do pretérito?

Designa formas verbais que se referem a eventos cuja realização está condicionada à ocorrência de um outro evento anterior.

5.3.3 ATIVIDADE PARA COMPARAR OS EFEITOS DE SENTIDO GERADOS PELO USO DA FORMA VERBAL SIMPLES OU COMPOSTA DO FUTURO DO PRETÉRITO

- 1) A seguir, há três pares de enunciados. Compare-os. Depois, observe o quadro.

1º) I – Se eu soubesse que seria assim? Eu *faria* tudo de novo.
II – Se eu soubesse que seria assim? Eu *teria feito* tudo de novo.

2º) I – Se tivesse mais tempo, ele *venceria* o jogo.
II – Se tivesse mais tempo, ele *teria vencido* o jogo.

3º) I – Se pensasse bem, não *pediria* demissão.
II – Se pensasse bem, não *teria pedido* demissão.

Enunciados	Condição	Possibilidade	Formas verbais
1º	Saber como algo seria	Fazer tudo de novo	Faria Teria feito
2º	Ter mais tempo	Vencer o jogo	Venceria Teria vencido
3º	Pensar bem	Não pedir demissão	Pediria Teria pedido

- a) Qual a diferença na forma como foram escritos os enunciados I e II de cada par de períodos acima?

O enunciado I usa a forma verbal simples e o enunciado II usa a forma composta do verbo (locução ou perífrase verbal).

- b) Em qual dos enunciados a possibilidade prevista na 2ª oração não ainda não se encerrou/ainda pode acontecer? Comente.

No enunciado I em que o verbo está na forma simples. O evento previsto na 2ª oração pode ser ainda possível de se realizar, pois apresenta aspecto inacabado, inconcluso.

- c) O que muda em relação ao efeito de sentido quando ocorre a troca da forma simples pela composta do futuro do pretérito?

Quando o enunciado usa a forma composta do verbo, o evento previsto na 2ª oração passa o aspecto de evento acabado, concluído.

5.3.4 ATIVIDADE PARA DIFERENCIAR OS EFEITOS DE SENTIDO GERADOS PELO USO DO FUTURO DO PRETÉRITO SOZINHO DE SUA ASSOCIAÇÃO COM TEMPOS DO MODO SUBJUNTIVO

- 1) Analise as manchetes a seguir.

Manchete 1:

ELA

Príncipe Philip teria morrido na cama, ao lado da rainha Elizabeth II, diz jornal

Rumores sobre a gravidade do estado do duque correram entre os funcionários do Palácio de Buckingham na noite da última quinta-feira

O Globo
10/04/2021 - 08:07 / Atualizado em 11/04/2021 - 07:58

f t w | Newsletters

Rainha Elizabeth II e príncipe Philip em celebração dos 70 anos de casamento Foto: Divulgação

Fonte: Disponível em: <https://oglobo.globo.com/ela/principe-philip-teria-morrido-na-cama-ao-lado-da-rainha-elizabeth-ii-diz-jornal-24964841> Acesso em: 22 dez. 2021.

Manchete 2:



Fonte: Disponível em: <https://www.jornalcidademg.com.br/bombeiros-confirmam-ate-o-momento-5-mortos-e-20-desaparecidos-apos-deslizamento-de-rocha-em-furnas/> Acesso em: 13 jan. 2022.

Manchete 3:



Fonte: Disponível em: <https://quatorodas.abril.com.br/noticias/voce-sabia-brasileiro-teria-inventado-o-cambio-automatico/> Acesso em: 13 jan. 2022.

a) Analise os enunciados:

1. “Príncipe Philip teria morrido na cama, ao lado da rainha Elisabeth II”,
2. “As fortes chuvas na região teriam propiciado o deslizamento [...]”
3. “Brasileiro teria inventado o câmbio automático”

b) Ao ler os enunciados acima, as informações veiculadas devem ser entendidas como:

- () fatos certos já ocorridos.
- () fatos que estão prestes a acontecer.
- (X) fatos hipotéticos/ suposições/ especulações.

c) Compare os enunciados abaixo com os originais. Caso as manchetes fossem redigidas da forma como estão abaixo, o efeito de sentido seria o mesmo dos enunciados acima?

1. **Príncipe Philip morre na cama, ao lado da rainha Elisabeth II**
2. **As fortes chuvas na região propiciam o deslizamento [...]**
3. **Brasileiro inventa o câmbio automático**

Não. Dessa forma, a informação veiculada passa a ideia de certeza, de fatos concretizados.

d) Quais são os termos dos enunciados originais responsáveis por conferir um valor hipotético às manchetes?

As formas verbais “teria morrido”, “teria inventado” e “teriam propiciado” são responsáveis pela ideia de hipótese veiculada pelos enunciados, pois apresentam valor de possibilidade.

e) Por que os jornais optaram pelo uso de formas verbais que expressam ideia de hipótese e não de certeza?²²

As notícias informam situações não confirmadas. Caso noticiem esses eventos como algo certo e eles não se confirmem, os jornais perdem a credibilidade como veículo de comunicação.

2) Leia a notícia sobre a morte do Príncipe Philip na íntegra veiculada pelo jornal “O Globo”.

☰ O GLOBO ELA

 BUSCAR 🔍 ACESSE NO f t i

ELA

Príncipe Philip teria morrido na cama, ao lado da rainha Elizabeth II, diz jornal

Rumores sobre a gravidade do estado do duque correram entre os funcionários do Palácio de Buckingham na noite da última quinta-feira

O Globo
10/04/2021 - 08:07 / Atualizado em 11/04/2021 - 07:58

f
t
i
|
Newsletters
✉



Rainha Elizabeth II e príncipe Philip em celebração dos 70 anos de casamento Foto: Divulgação

²² Acreditamos que não era objetivo do jornal divulgar a morte do príncipe Philip como acontecimento duvidoso. A dúvida recairia apenas sobre as circunstâncias de sua morte. No entanto, o uso da forma composta do futuro do pretérito provoca dúvida também em relação à morte do príncipe.

Fontes próximas à realeza britânica disseram ao jornal Daily Mail que a rainha Elizabeth II estava ao lado do príncipe Philip na cama quando ele veio a falecer, na manhã da última sexta-feira.



O duque de Edinburgo, que recentemente passou um mês sendo tratado de uma infecção e um problema cardíaco pré-existente, teria morrido repentina e inesperadamente, mas "pacificamente" na companhia de sua esposa. O Telegraph relatou que o duque queria morrer "em sua própria cama" e "em seus próprios termos".

"Ele passou a maior parte das quatro semanas no hospital tentando voltar para casa. Eles operaram seu coração na tentativa de lhe dar um pouco mais de tempo, talvez com o centésimo aniversário em mente. Mas ele realmente não se importou com isso", disse a fonte ao jornal, que acrescenta: "Não há como alguém como ele querer morrer no hospital".

Fonte: Disponível em: <https://oglobo.globo.com/ela/principe-philip-teria-morrido-na-cama-ao-lado-da-rainha-elizabeth-ii-diz-jornal-24964841> Acesso em: 22 dez. 2021.

- a) Como vimos, somente pela leitura da manchete, não há certeza de que o Príncipe Philip morreu de fato, pois a expressão “teria morrido” gera ideia de suposição, especulação sobre a morte dele. Ao ler o texto da notícia, é possível desfazer a dúvida? Explique.

Sim. No texto da notícia, a morte do Príncipe Philip é colocada como um fato que já ocorreu conforme pode ser verificado no 1º parágrafo (lide). Consta que o príncipe Philip ‘veio a falecer na manhã da última sexta-feira’, ou seja, dia 09/04/2021, já que a notícia é do dia 10/04/2021, um sábado.

- b) Se não há dúvidas em relação à morte do Príncipe Philip, por que o jornal noticiou o fato gerando dúvidas sobre ele?

Porque o jornal O Globo publicou a notícia com base em informações publicadas por outro jornal, conforme declarado no lide, cujas fontes de informações não são as oficiais.

Na verdade, sobre a morte do Príncipe Philip, o jornal não tem dúvidas. A dúvida seria sobre a presença ou não da Rainha Elisabeth II ao lado dele durante sua morte.

- c) Reescreva a manchete de modo que a morte do Príncipe Philip seja noticiada como um fato certo.

Príncipe Philip morreu na cama ao lado da Rainha Elisabeth II.

- d) Reescreva a manchete de modo que apenas a presença da Rainha no leito de morte do Príncipe seja colocada como um fato duvidoso.

A Rainha Elisabeth II estaria na cama ao lado do Príncipe Philip quando ele morreu.

- 3) Além do jornal “O Globo”, diversos outros portais de notícias informaram sobre a morte do Príncipe Philip. Leia as manchetes veiculadas por quatro deles.

Manchete 1: Portal paraiba.com.br:

The screenshot shows the top navigation bar of Paraiba.com.br with categories: POLÍTICA, POLICIAL, PARÁIBA, BRASIL, ENTRETENIMENTO E VARIEDADES, ESPORTES, and a search icon. Below the navigation bar, the word "PACIFICAMENTE" is written in red. The main headline reads: "Príncipe Philip teria morrido na cama, ao lado da rainha Elizabeth II, diz jornal". Below the headline, it says "Mundo-Entretenimento e variedades". There is a timestamp: "11 abril, 2021 10:51 am" and an "Editor" icon. At the bottom of the article preview, there are four social media sharing icons: Facebook, Twitter, WhatsApp, and Telegram.

Fonte: Disponível em: <https://paraiba.com.br/2021/04/11/principe-philip-teria-morrido-na-cama-ao-lado-da-rainha-elizabeth-ii-diz-jornal/> Acesso em: 29 set. 2021.

Manchete 2: Portal O Sul:

The screenshot shows the top of the O Sul website. On the left, there is a logo for "OSUL 20 ANOS" and a weather widget for Porto Alegre showing a cloud icon and "17°". On the right, there is a blue banner for a newsletter: "CADASTRE-SE E RECEBA NOSSA NEWSLETTER" with the text "Receba gratuitamente as principais notícias do dia no seu E-mail ou WhatsApp." and a "CADASTRE-SE AQUI" button. Below the navigation bar, there is a menu with categories: CORONAVÍRUS, NOTÍCIAS, OPINIÃO, ESPORTES, VARIEDADES, EDIÇÃO DE HOJE, REDE PAMPA, ANUNCIE, and a search icon. The main headline reads: "A Rainha Elizabeth II estava ao lado de Philip na cama quando o príncipe morreu". Below the headline, it says "Por Redação O Sul | 10 de abril de 2021". At the bottom of the article preview, there is a "COMPARTILHE ESTA NOTÍCIA:" section with social media icons for WhatsApp, Facebook, Twitter, LinkedIn, Pinterest, and Email. On the right side of the article preview, there is a blue box for a newsletter: "CONHEÇA A NOVA NEWSLETTER DO JORNAL O SUL" with the text "TODAS AS MANHÃS, RECEBA NO SEU WHATSAPP OU E-MAIL AS PRINCIPAIS NOTÍCIAS DO MOMENTO!" and a "CLIQUE AQUI E CADASTRE-SE" button. Below this, there are three bullet points: "✓ GRATUITA", "✓ DESCOMPLICADA", and "✓ FÁCIL DE RECEBER".

Fonte: Disponível em: <https://www.osul.com.br/a-rainha-elizabeth-ii-estava-ao-lado-de-philip-na-cama-quando-o-principe-morreu/> Acesso em: 29 set. 2021.

Manchete 3: Portal AH (Aventuras na História):



AH MATÉRIAS NOTÍCIAS WEBSTORIES CURIOSIDADES BIOGRAFIAS CORONAVÍRUS ASSINE ANUNCIE

JORNAL REVELA QUE PHILIP ESTARIA NA CAMA, AO LADO DE ELIZABETH, NO MOMENTO DA MORTE

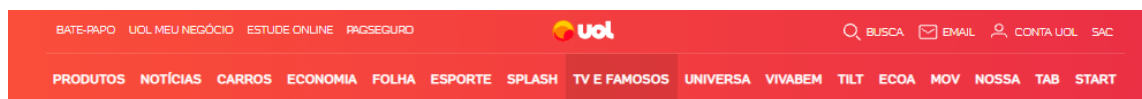
O companheiro da monarca faleceu na última sexta-feira, 9, aos 99 anos

REDAÇÃO PUBLICADO EM 11/04/2021, ÀS 13H26

[G](#) [f](#) [T](#) [+](#) 7

Fonte: Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/historia-hoje/jornal-revela-que-philip-estaria-na-cama-ao-lado-de-elizabeth-no-momento-da-morte.phtml> Acesso em: 29 set. 2021.

Manchete 4: Portal UOL



BATE-PAPO UOL MEU NEGÓCIO ESTUDE ONLINE PAGSEGURO **uol** BUSCA EMAIL CONTA UOL SAC

PRODUTOS NOTÍCIAS CARROS ECONOMIA FOLHA ESPORTE SPLASH TV E FAMOSOS UNIVERSA VIVABEM TILT ECOA MOV NOSSA TAB START

FAMOSOS

Elizabeth 2ª estava ao lado da cama de Philip quando ele morreu, diz site

Fonte: Disponível em: <https://tvefamosos.uol.com.br/noticias/redacao/2021/04/10/elizabeth-principe-philip-morreu.htm> Acesso em: 29 set. 2021.

- a) Em qual(is) das manchetes a morte do Príncipe Philip é noticiada como um fato certo? Explique.

Nas manchetes 2, 3 e 4, a morte do Príncipe Philip é dada como certa, já que a forma verbal “morreu” usada nas manchetes 2 e 4 indica um fato passado certo e conclusivo. Na manchete 3, fala-se do momento da morte explicitamente. Já na manchete 1, não há certeza de que o Príncipe Philip morreu de fato, pois a expressão “teria morrido” gera ideia de suposição, especulação sobre a morte dele.

- b) Qual(is) das manchetes informa(m) com certeza que a Rainha Elisabeth II estava na cama ao lado do Príncipe Philip quando ele morreu? Comente.

Nas manchetes 2 e 4, há a afirmação de que a Rainha Elisabeth II estava ao lado da cama onde estava o Príncipe Philip quando ele morreu, pois a forma verbal “estava” usada nas manchetes expressa ideia de certeza.

Na manchete 1, como a morte do Príncipe Philip não é dada como certa, também a presença da rainha em seu leito de morte pode ser entendida como uma especulação.

Na manchete 3, o uso da forma verbal “estaria”, expressa uma hipótese. Portanto, a presença da rainha durante a morte do Príncipe Philip não é assegurada.

- c) Como as formas verbais usadas em cada uma das manchetes colaboram para gerar diferentes efeitos de sentido?

Nas manchetes 2, e 4, o uso da forma verbal “morreu” no passado, pretérito perfeito, apresenta aspecto conclusivo, o que indica que a morte do príncipe é um fato certo. Já nos enunciados 1 e 3, em que foram usadas formas verbais no futuro do pretérito, que geram efeito de especulação, possibilidade, a morte do príncipe e as circunstâncias são dadas como incertas.

- d) Caso o enunciado fosse:

Se os médicos não agissem rapidamente, Príncipe Philip teria morrido na cama, ao lado da rainha Elisabeth II.

- a) A morte do Príncipe Philip seria entendida como:

- algo que não ocorreu.
 algo que está prestes a acontecer.
 uma possibilidade/especulação.

- b) Explique sua opção no item anterior.

A condição para o Príncipe Philip não morrer, os médicos agirem rapidamente, foi cumprida. Portanto, ele não morreu.

- 4) Leia a manchete de outra notícia publicada por ocasião dos 20 anos do ataque terrorista às torres gêmeas nos Estados Unidos.

euronews.

Europa Mundo Economia Desporto Viagens Cultura Vídeo | ≡ Programas ▾

Home > Notícias > Mundo > "Se tivesse saído 10 segundos depois teria morrido"

EUA

"Se tivesse saído 10 segundos depois teria morrido"

COMENTÁRIOS

De euronews • Últimas notícias: 10/09/2021

Fonte: Disponível em: <https://pt.euronews.com/2021/09/10/se-tivesse-saído-10-segundos-depois-teria-morrído>
 Acesso em 29 set. 2021.

a) Pela manchete: “Se tivesse saído dez segundos depois teria morrido”, entende-se que

- () alguém morreu.
 (X) alguém quase morreu.
 () alguém está prestes a morrer.

b) Explique sua opção no item anterior

Pela manchete, entende-se que alguém passou por um grande risco de morte, mas conseguiu sair antes de morrer. A condição para ocorrer a morte, sair dez segundos depois, não foi cumprida. Portanto, esse alguém não morreu.

Agora, leia a parte inicial da notícia. Para lê-la na íntegra, acesse o link disponibilizado na fonte.

PARTILHE ESTA NOTÍCIA

Duas décadas depois do 11 de setembro de 2001, o dia que mudou o mundo, os sobreviventes do ataque ao World Trade Center, em Nova Iorque, têm ainda muito presente os momentos pavorosos que viveram.

Bruno Dellinger, um francês cujo escritório se situava na Torre Norte recorda os momentos que antecederam o impacto do primeiro avião às 08:46 horas.

"Vivíamos no céu, no World Trade Center, numa imensa calma, ao contrário do resto da cidade. Contemplei a vista. Gradualmente, dois dos meus empregados chegaram, depois verifiquei os meus e-mails quando de repente ouvi o som estridente dos motores a jato, um ruído inaudito que estava para além da compreensão. Depois houve o impacto imediato na fachada onde ficava o meu escritório, cerca de vinte andares acima. Experimentei, em primeira mão, o colapso das fachadas, o edifício a balançar de uma forma muito, muito preocupante (...) Podia sentir-se que estávamos à beira do colapso. Durou um tempo muito longo, dois, três minutos.

Sem o ter visto, Bruno pensou de imediato que se tratava de um avião, recordando que, no passado, uma aeronave tinha embatido, acidentalmente, o *Empire State Building*. Não querendo entrar em pânico, no início ficou na sua secretária, mas logo percebeu que tinha de sair do edifício. E rápido.

"Passei por um grupo de pessoas que estavam numa escadaria diferente daquela em que eu estava, que morreu. Saí depois de uma descida que durou 50 minutos, muito complicada num calor terrível" (...) "Eu deveria ter morrido em 50 ocasiões durante esse dia. Se tivesse saído dez segundos depois, teria morrido de facto".

[...]

Fonte: Disponível em: <https://pt.euronews.com/2021/09/10/se-tivesse-saido-10-segundos-depois-teria-morrido>
 Acesso em: 13 out. 2021.

c) Ao ler o texto da notícia, suas respostas dadas nas questões a e b foram confirmadas?

Sim. Bruno Dellinger, o autor da frase da manchete, relata que conseguiu sair dos prédios que sofreram o ataque terrorista a tempo de se salvar.

- 5) Analise este outro texto em que também foi usada a forma composta do futuro do pretérito:



Fonte: Disponível em: <https://www.bombounowa.com/imagens/se-tivesse-comido-bacon-isso-nao-teria-acontecido/> Acesso em: 27 dez. 2021.

- 6) Agora, vamos analisar os planos temporais dos três enunciados observados em atividades anteriores, preenchendo os quadros a seguir:
1. **Se os médicos não agissem rapidamente, Príncipe Philip teria morrido na cama, ao lado da rainha Elisabeth II.**
 2. **Se tivesse saído dez segundos depois teria morrido.**
 3. **Se tivesse comido bacon nada disso teria acontecido.**

Quadro 51 – Plano temporal do enunciado com o futuro do pretérito “teria morrido na cama”.

“Se os médicos não agissem rapidamente, Príncipe Philip teria morrido na cama, ao lado da rainha Elisabeth II.”		
TEMPO	PLANO TEMPORAL (perspectivas)	Forma verbal
PLANO 1	PERSPECTIVA DE BASE: A ação rápida dos médicos	agissem
PLANO 2	PERSPECTIVA CENTRAL: Morte do Príncipe Philip	Teria morrido
PLANO 3	PERTINÊNCIA ENUNCIATIVA: Entender que a morte não aconteceu devido à rápida ação dos médicos.	—

Fonte: autoria própria.

Quadro 52 – Plano temporal do enunciado com o futuro do pretérito “teria morrido”.

“Se tivesse saído dez segundos depois, teria morrido.”		
TEMPO	PLANO TEMPORAL (perspectivas)	Forma verbal
PLANO 1	PERSPECTIVA DE BASE: Sair dez segundos depois	Tivesse saído
PLANO 2	PERSPECTIVA CENTRAL: morrer	Teria morrido
PLANO 3	PERTINÊNCIA ENUNCIATIVA: Entender que o locutor se salvou da morte.	—

Fonte: autoria própria.

Quadro 53 – Plano temporal do enunciado com o futuro do pretérito “teria acontecido”.

“Se tivesse comido bacon nada disso teria acontecido!”		
TEMPO	PLANO TEMPORAL (perspectivas)	Forma verbal
PLANO 1	PERSPECTIVA DE BASE: Comer bacon ao invés de maçã	Tivesse comido
PLANO 2	PERSPECTIVA CENTRAL: Branca de Neve morreu.	Teria acontecido
PLANO 3	PERTINÊNCIA ENUNCIATIVA: Humor gerado pelo discurso a favor do consumo de bacon que não é considerado um alimento saudável.	—

Fonte: autoria própria.

Após analisar e comparar os quadros com os planos temporais de cada um dos enunciados, responda:

a) O que revela o plano 1 de cada enunciado?

A condição, perspectiva de base, para que o evento previsto no plano 2 se realize.

b) O que consta no plano 2?

O evento principal do enunciado.

c) Qual a posição do plano 2 e relação ao plano 1?

() anterior () simultâneo (X) posterior

d) Quais as formas verbais presentes no plano 2?

Teria morrido, teria morrido e teria acontecido

e) Nos enunciados dos qual fazem parte, essas formas verbais indicam:

(X) um evento concluído
() um evento em processo
() um evento futuro

- f) Reveja as análises feitas na primeira atividade. Qual o efeito de sentido provocado pelo uso da forma composta do futuro do pretérito composto sozinho ou associado a um outro tempo?

Quando usado de forma independente na frase, ele apresenta aspecto inconclusivo, inacabado, conferindo valor hipotético ao evento. Já quando associado a outra oração, apresenta-se com aspecto conclusivo, acabado e indica um fato como certo.

5.3.5 ATIVIDADE PARA TRABALHAR O FUTURO DO FUTURO

- 1) [Leia o texto a seguir.](#)




EDIÇÃO DO MÊS | TODAS AS EDIÇÕES | VÍDEOS | CIÊNCIA | CULTURA | HISTÓRIA | SAÚDE | LIVROS





Tecnologia

A morte do Sol

Daqui a 7,5 bilhões de anos o Sol vai se apagar. Mas, antes disso, vai crescer, brilhar muito mais e quase derreter o sistema solar.

Por **Da Redação** Atualizado em 31 out 2016, 18h32 - Publicado em 31 mar 1997, 22h00

 Thereza Venturoli

    Ano 1 500 001 997 d.C. Um Sol gigantesco se levanta sobre o horizonte leste da Terra. Se você pudesse acordar nessa manhã, daqui a 1,5 bilhão de anos, não encontraria nada do mundo que conhece hoje. Nossa estrela está 10% mais brilhante e parece ocupar um pedaço enorme do céu, que por sinal não é mais azul. A atmosfera, opaca, úmida e abafada, é dominada por uma luz cor-de-laranja e amarela. Sobre o solo árido não há água, nenhuma planta ou animal. Enorme, brilhante e abrasador, o Sol está começando a morrer. E os primeiros sintomas da sua longa agonia já eliminaram a vida da Terra. Essa é a previsão da equipe de astrônomos liderada por Juliana Sackmann, do Instituto de Tecnologia da Califórnia. Alguns cálculos que definem o cenário que você vai conhecer a seguir foram feitos pelos pesquisadores especialmente para a SUPER.

Fonte: Disponível em: <https://super.abril.com.br/tecnologia/a-morte-do-sol/> Acesso em: 20 out. 2021.

Releia o trecho abaixo:

“Ano 1 500 001 997 d.C. Um Sol gigantesco se levanta sobre o horizonte leste da Terra. Se você pudesse acordar nessa manhã, daqui a 1,5 bilhão de anos, não encontraria nada do mundo que conhece hoje.”

- a) Qual termo do enunciado indica que o ato de “acordar em uma determinada manhã” é um evento futuro?

Daqui a 1,5 bilhão de anos.

- b) O que aconteceria se pudessemos acordar daqui a 1,5 bilhão de anos?

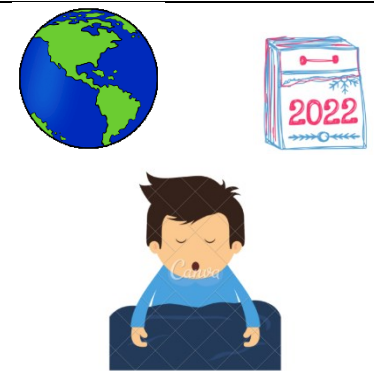

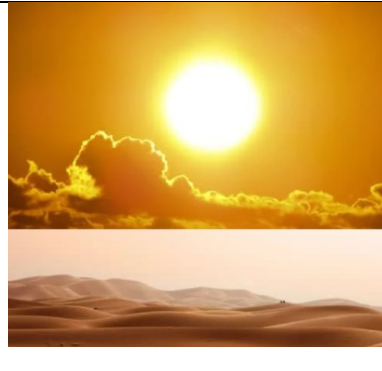
Não encontraríamos nada do mundo que conhecemos hoje.

- c) O evento “não encontrar nada do mundo que conhecemos hoje” é anterior, concomitante ou posterior ao evento “acordar daqui a 1,5 bilhão de anos”? Por quê?

É posterior, pois é preciso acordar primeiro uma determinada manhã daqui a 1,5 bilhão de anos para depois tentar encontrar algo do que conhecemos hoje.

- d) Nesse mesmo enunciado, temos três planos temporais representados nos desenhos abaixo. Numere-os na ordem que se sucedem. Em seguida, escreva o plano que cada desenho representa.

Enunciado: “Ano 1 500 001 997 d.C. Um Sol gigantesco se levanta sobre o horizonte leste da Terra. Se você pudesse acordar nessa manhã, daqui a 1,5 bilhão de anos, não encontraria nada do mundo que conhece hoje.”

(1)	(2)	(3)
		
O mundo que conhecemos hoje.	Acordar no ano 1 500 001 997 d.C. Daqui a 1,5 bilhão de anos.	Não encontrar nada do mundo que conhecemos hoje.

- e) Com base nas respostas anteriores, preencha o quadro abaixo.

Quadro 54 – Plano temporal do enunciado com o futuro do pretérito “não encontraria”.

Se você pudesse acordar nessa manhã, daqui a 1,5 bilhão de anos, não encontraria nada do mundo que conhece hoje.

TEMPO	PLANO TEMPORAL (perspectivas)	Forma verbal
PLANO 1	PERSPECTIVA DE BASE: Poder acordar daqui a 1,5 bilhão de anos	Pudesse acordar
PLANO 2	PERSPECTIVA CENTRAL: Não encontrar nada do mundo atual	encontraria
PLANO 3	PERTINÊNCIA ENUNCIATIVA: Alguém falando de uma possibilidade	—

Fonte: autoria própria.

- f) Comparando os planos temporais do quadro com os desenhos que os representam, em qual a ordem cronológica sucedem os planos?

A ordem dos planos é: 1º) plano 3 → 2º) plano 1 → 3º) plano 2

- g) Qual forma verbal representa o plano 2?

Encontraria

- h) Essa forma verbal representa um evento posterior a outro evento. Qual é ele?

Acordar daqui a 1,5 bilhão de anos.

- i) Esse outro evento é anterior, concomitante ou posterior ao tempo atual? Explique.

É posterior, pois é um evento que aconteceria daqui a 1,5 bilhão de anos.

- j) Então, pode-se dizer que a forma verbal “encontraria” pode ser denominada “futuro do pretérito”? Comente.

Não. A forma verbal “encontraria” se refere a um evento posterior a outro evento posterior ao “mundo de hoje”. Portanto, ela não se refere a um evento futuro em relação a um pretérito, mas sim a um evento futuro em relação a outro evento futuro.

- 2) Analise os três enunciados a seguir:

Enunciado I:



se você acordasse 100 anos no futuro,
o que seria a primeira coisa que você
procuraria no google?

@pensadorsincero f Pensador Sincero

pensadorsincero • Seguindo

pensadorsincero e aí, gente?
14 sem

thiago.o_silva Se o site da Mia Kalhifa ainda está on
13 sem Responder

val_veigas Keith Richards tá vivo?
13 sem Responder

viviane_zambon #impeachmentbolsonaro
13 sem Responder

italarochelle Meu próprio, vê se tava em algum DIÁRIO
OFICIAL DA UNIÃO 🤔🤔
13 sem Responder

38.636 curtidas
2 DE JULHO

Ativar o Windows
Acesse Configurações para ativar o Windows

Adicione um comentário...

Fonte: Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CQ1Pq9MsVXv/> Acesso em: 17 out. 2021.

Enunciado II:

Se você ganhasse na loteria amanhã, qual seria a primeira coisa que você faria com o dinheiro?

^
2
v



Tiffany



Disponível em: <https://elaele.com.br/q/32581-se-voce-ganhasse-loteria-amanha-qual-seria-primeira-coisa-que-voce-faria-dinheiro> Acesso em: 17 out. 2021.

Enunciado III:

Se ele quisesse casar futuramente, certamente casaríamos em uma praia.

- a) Os três enunciados acima foram representados visualmente em três planos. Numere-os de acordo com a ordem cronológica em que ocorrem.

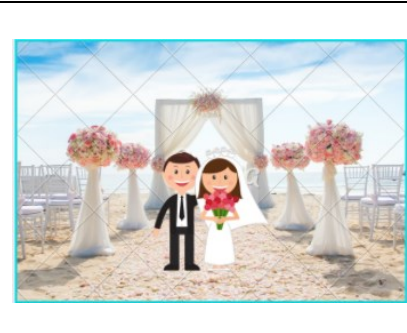

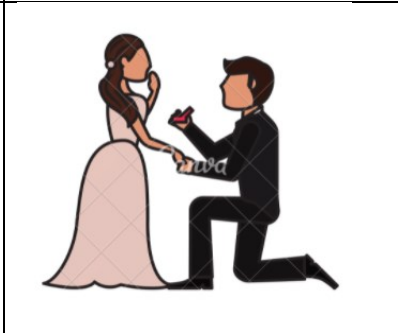
Enunciado 1: “Se você acordasse 100 anos no futuro, o que seria a primeira coisa que você procuraria no Google?”

(1)	(3)	(2)
<p>2021</p>	<p>2121 20h10</p>	<p>2121 20h</p>

Enunciado 2: Se você ganhasse na loteria amanhã, qual seria a primeira coisa que faria com o dinheiro?

(2)	(3)	(1)
 <p>Amanhã</p>	 <p>Depois de amanhã</p>	 <p>Hoje</p>

Enunciado 3: Se ele quisesse casar futuramente, certamente casaríamos em uma praia.

(3)	(1)	(2)
 <p>Atualmente</p>		

b) Preencha os quadros a seguir expondo a ordenação temporal dos enunciados acima.

Quadro 55 – Plano temporal do enunciado com o futuro do pretérito “procuraria”.

“Se você acordasse 100 anos no futuro, o que seria a primeira coisa que você procuraria no Google?”		
TEMPO	PLANO TEMPORAL (perspectivas)	Forma verbal
PLANO 1	PERSPECTIVA DE BASE: Acordar 100 anos no futuro	acordasse
PLANO 2	PERSPECTIVA CENTRAL: Procurar por algo no Google	procuraria
PLANO 3	PERTINÊNCIA ENUNCIATIVA: Entender a sondagem feita e refletir sobre a pergunta.	—

Fonte: autoria própria.

Quadro 56 – Plano temporal do enunciado com o futuro do pretérito “faria com o dinheiro”.

Se você ganhasse na loteria amanhã, qual seria a primeira coisa que faria com o dinheiro?		
TEMPO	PLANO TEMPORAL (perspectivas)	Forma verbal
PLANO 1	PERSPECTIVA DE BASE: Ganhar na loteria amanhã	ganhasse
PLANO 2	PERSPECTIVA CENTRAL: Fazer algo com o dinheiro	faria
PLANO 3	PERTINÊNCIA ENUNCIATIVA: Entender a sondagem feita e refletir sobre a pergunta.	—

Fonte: autoria própria.

Quadro 57 – Plano temporal do enunciado com o futuro do pretérito “casaríamos”.

Se ele quisesse casar futuramente, certamente casaríamos em uma praia.		
TEMPO	PLANO TEMPORAL (perspectivas)	Forma verbal
PLANO 1	PERSPECTIVA DE BASE: Ele querer casar	quisesse
PLANO 2	PERSPECTIVA CENTRAL: Casar em uma praia	casaria
PLANO 3	PERTINÊNCIA ENUNCIATIVA: Exposição de um desejo	—

Fonte: autoria própria.

- c) Os três enunciados apresentam cronologicamente a mesma ordenação dos planos temporais. Comparando a enumeração que você fez das cenas com os quadros, qual ordem em que os planos 1, 2 e 3 aparecem nos enunciados?

Na ordem cronológica, a ordenação entre os planos é a seguinte:

planos 3 → planos 1 → planos 2

- d) Analise as formas verbais que compõem o plano 2. Pode-se dizer que elas se referem a eventos posteriores a outro evento também posterior a outro evento. Você acha que a nomenclatura futuro do pretérito se aplica a essas formas verbais?

Essa questão objetiva levantar uma discussão em sala de aula. O professor deve conduzir o raciocínio dos alunos, levando-os a perceber que, apesar de se referirem a um evento posterior a outro evento como em outros enunciados, a temporalidade expressa pelas formas verbais no chamado futuro do pretérito, nesses enunciados em específico, na verdade, se referem a eventos futuros em relação a outros eventos também futuros. Por isso, a designação “futuro do futuro” seria mais apropriada.

As sugestões de redefinição e complementação do trabalho das atividades trazidas pelas três coleções didáticas analisadas no segundo capítulo desta tese procuram redimensionar o estudo do objeto linguístico na perspectiva da Semântica da Enunciação a partir de situações de uso real da língua, entendida como um processo dinâmico por meio do qual agimos no mundo.

Ao invés de definições pautadas nas GT, exemplos isolados e atividades de identificação e classificação desse tempo verbal, são propostas atividades que demonstram como a materialidade linguística de um enunciado é permeada por diferentes dimensões de sentido. As redes enunciativas fornecem aos alunos a capacidade de visualizar o que não está visível no enunciado e de entender como ele representa uma reação do locutor em relação a um determinado assunto, ampliando suas capacidades de uso da língua em práticas situadas de linguagem.

Acreditamos que, com base nesses princípios e por meio das redes enunciativas, o nosso objeto de estudo, a temporalidade expressa pela forma verbal futuro do pretérito, passa a ser estudado e compreendido como um recurso semântico-enunciativo da língua e vai ao encontro do que recomenda a BNCC em relação ao estudo da língua. A metodologia que propomos contribui muito para que o aluno perceba as relações linguísticas enquanto constituintes de uma unidade de sentido, levando-o ao desenvolvimento de habilidades necessárias para uso significativo da linguagem em atividades de leitura, escuta e produção de textos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa pesquisa teve por objetivo fornecer suporte tanto teórico quanto metodológico para o trabalho docente em sala de aula nos anos finais do nível fundamental da educação básica, em específico, o ensino da temporalidade verbal. Conforme constatado, há uma lacuna entre o que prescreve a BNCC para o trabalho com a análise linguística e o modo como os materiais didáticos, em geral, abordam o objeto de estudo. O ensino da língua, que deveria conduzir o aluno ao desenvolvimento de habilidades e competências para o seu uso social em quaisquer situações de comunicação, acaba se confundindo, em grande parte, com descrição de normas gramaticais.

Focalizamos nosso estudo no tempo verbal denominado “futuro do pretérito” por considerarmos este um tempo verbal complexo em função dos diversos valores que suas formas verbais podem expressar devido à instabilidade e às incertezas inerentes ao tempo futuro, gerando diferentes efeitos de sentido. Mostramos que, além de estar estreitamente relacionado à modalização, expressando noção de possibilidade, necessidade, capacidade, polidez, quando expressa ideia de tempo, os eventos a que se referem nem sempre ocorrem de forma esquemática e sequencial como geralmente descrito pelas teorias do tempo ou conforme prescrevem as GT e os materiais didáticos.

Sustentados pelos princípios da Semântica da Enunciação, consideramos ter atingido o objetivo central de nosso estudo bem como os objetivos específicos, apresentando uma proposta de análise e de ensino inovadora capaz de cobrir ou amenizar o distanciamento entre teoria, diretrizes e práticas de ensino, contribuindo tanto com a parte teórica quanto com a parte metodológica. Em termos teóricos, apresentamos a análise das formas verbais do futuro do pretérito, seja na forma simples ou na composta, em situações reais de funcionamento da língua, por meio de planos temporais. Em nossa proposta, é possível visualizar os vários aspectos enunciativos expressos por elas e entender o modo como colaboram com a produção de sentido do enunciado e, conseqüentemente, na construção do sentido global do texto, inclusive de textos multissemióticos.

Essa alternativa de análise projeta elementos de eficácia maiores do que a proposta nos manuais didáticos e outras que analisam as formas verbais do futuro do pretérito, centrando-as na ideia de temporalidade e encaixando-as em compartimentos sequenciais de anterioridade e de

posterioridade. Ao trabalhar com a ideia dos três planos, mostramos que a temporalidade expressa pelas formas do futuro do pretérito pode também ocorrer de forma paralela, concomitante a outras perspectivas temporais. Ainda, é possível evidenciar, mesmo que não esteja explícita no enunciado, a perspectiva de base que sustenta a forma verbal no futuro do pretérito.

Além disso, a análise por meio dos planos permite demonstrar que, em muitas situações de comunicação, a noção aspectual e modal expressa pelas formas do futuro do pretérito ultrapassa a noção de temporalidade que, muitas das vezes, tem valor secundário ou nem é expressa. Assim, é possível mostrar que a temporalidade é constituída enunciativamente e englobar os vários aspectos enunciativos advindos das formas verbais do futuro do pretérito. Dessa forma, oferecemos condições de se analisar de modo mais claro e coerente os enunciados que fazem uso das formas verbais do futuro do pretérito e de entender como elas contribuem para a produção do sentido.

Na prática, usando a técnica das redes enunciativas proposta por Dias (2021), colocamos à disposição uma metodologia passível de ser aplicada em sala de aula, inclusive com a adaptação de atividades trazidas pelos LD, que viabiliza o ensino de modo a desenvolver reflexões sobre o uso das formas verbais e perceber os diferentes efeitos enunciativos gerados por elas, levando o aluno a compreendê-las como recursos para enunciar produzindo direcionamentos no discurso. Como as redes enunciativas permitem demonstrar as relações de sentido de um enunciado, elas contribuem para que o aluno desenvolva um olhar sobre as articulações da linguagem, reconhecendo-as no texto como formas de direcionar os sentidos. Logo, consideramos também ter respondido a pergunta que nossa pesquisa buscou responder, já que apontamos caminhos para que o tempo verbal possa ser discutido em sala de aula de modo que os aspectos enunciativos das formas verbais sejam compreendidos como participantes da construção de sentidos do texto.

Essas constatações corroboram nossas hipóteses levantadas no início desta pesquisa, pois nossa proposta de ensino permite que os alunos compreendam o processo de construção do sentido e ampliem seus recursos expressivos, operando sobre sua própria linguagem e praticando a diversidade dos fatos gramaticais de sua língua. Por reunir um agrupamento de enunciados, estabelecendo comparações entre eles, as redes enunciativas flagram a constituição do sentido e permitem perceber os domínios de mobilização que a enunciação sustenta. Assim, promovem

uma aprendizagem mais significativa e condizente com o que orienta a BNCC, pois possibilitam o desenvolvimento de um olhar sobre as articulações da linguagem, viabilizando o trabalho epilinguístico antes do metalinguístico.

Desse modo, o texto deixa de ser um pretexto para trabalhar normas gramaticais e passa a ser um meio de desenvolver a competência linguística dos alunos, já que essa metodologia de ensino proporciona a integração do eixo de análise linguística com os de leitura e de produção de textos. Ao tornar visível para os alunos a articulação e o funcionamento da linguagem, eles têm condições de compreender como o micro, as formas linguísticas que integram os enunciados, colaboram na construção do macro, o texto. Apesar de serem uma unidade de linguagem e permitirem ser estudados separadamente por manterem uma consistência interna, conforme afirma Guimarães (2018), os enunciados se associam e integram unidades maiores, os textos. Portanto, o estudo sobre as formas da língua na perspectiva que estamos propondo acarreta o desenvolvimento de habilidades de leitura e de produção de textos, pois o aluno passa a entender que os sentidos do texto nascem de diversas relações sociais, já que seus enunciados se reportam a enunciados anteriores e desencadeiam outros. Assim, começa a fazer uso da língua de forma reflexiva e consciente.

Por isso, em consonância com a BNCC, entendemos que o estudo da materialidade da língua deve ser feito no texto e que este é a unidade de trabalho do ensino de língua, pois não se pode dissociar texto, léxico e gramática. Reiteramos que não somos contrários ao estudo gramatical, pois os enunciados mantêm uma consistência interna regida pelas regularidades da língua. Logo, estas precisam ser tomadas como objeto de ensino. Assim como Franchi (2006), entendemos que o ensino da língua deve partir de atividades linguísticas, seguido de atividades epilinguísticas e ser finalizado com atividades de natureza metalinguística. No entanto, o estudo sobre as questões linguísticas não pode se restringir apenas à parte descritiva-normativa da língua, com uma abordagem que privilegie a metalinguagem.

É preciso estudar a estrutura da língua com vistas à compreensão da construção de sentidos, pois, como afirma Dias (2021, p. 5, no prelo), “Estudar a produção do sentido pela enunciação nos conduz ao conhecimento da formação dos discursos e do sujeito responsável por eles, como também aos estudos do funcionamento da sociedade”. Para tanto, o ensino da língua deve se pautar em atividades epilinguísticas, pois são elas que proporcionam ao aluno essa reflexão e autonomia sobre os usos da língua. A abordagem de ensino que estamos propondo, além de

colaborar nesse sentido, promove uma reflexão sistemática sobre o metalinguístico e aponta para a necessidade de se revisá-lo, pois, como mostramos, a temporalidade vai além do que as formas verbais podem expressar e a nomenclatura “futuro do pretérito” não condiz com situações em que as formas verbais assim designadas expressam, na verdade, a temporalidade de futuro do futuro.

Sem pretensões de esgotar o assunto, apresentamos nesta tese uma perspectiva de análise voltada para as formas verbais do futuro do pretérito e seu ensino nos anos finais do ensino fundamental, mas essa forma de trabalhar o ensino da língua pode ser adaptada para o estudo de outros tempos verbais, de outras categorias gramaticais e para outros níveis da educação básica. Logo, nossa pesquisa pode suscitar novas discussões e novos estudos nesse campo de investigação. O importante é que o ensino de língua portuguesa seja direcionado de forma que contemple os aspectos enunciativos da língua de forma a desenvolver as competências linguísticas dos alunos.

Esse é o caminho não só para desenvolver conhecimentos específicos na área de linguagem, mas também para possibilitar uma formação integral dos alunos com o desenvolvimento de suas competências socioemocionais, visto que, nessa perspectiva, é possível reconhecer a língua como um fenômeno social, político, cultural, histórico, variável, a serviço da comunidade que a usa. Dessa forma, além de ampliar as possibilidades dos alunos de participação na vida social, eles são instrumentalizados para fazê-lo de forma crítica, ética e democrática, o que contribui para a erradicação de discursos de ódio, de preconceito, gerando uma sociedade justa e igualitária.

REFERÊNCIAS

- ABRAÇADO, J. **O tempo, o tempo linguístico e o tempo verbal: propriedades e relações**. São Paulo: Contexto, 2020.
- BALLY, C. **Linguistique général et linguistique française**. 4. ed. Berne: Éditions A., 1965.
- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 39. ed. revista, ampliada e atualizada conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.
- BENVENISTE, Emile. O aparelho formal da enunciação. In: _____ **Problemas de linguística geral II**. 2. ed. Campinas: Pontes, 2006, p. 81-90.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Introdução. Ensino Fundamental 3º e 4º ciclos. Brasília: MEC/ Secretaria de Educação Fundamental, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Curricular Comum**. Ensino Fundamental. MEC/ Secretaria de Educação Básica: Brasília-DF, 2018.
- CAREL, M.; DUCROT, O. Atualização da Polifonia. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo** - v. 6 - n. 1 - p. 9-21 - jan./jun. 2010. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/1385/862> Acesso em: 23 jul. 2020.
- CASTILHO, A. T. de. Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 12, 2001. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3311>. Acesso em: 30 mar. 2019.
- CASTILHO, A. T. de. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Editora Contexto, 2010.
- CORÔA, M. L. M. S. **O tempo nos verbos do português**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- COSTA, C. L. *et al.* **Geração Alpha Língua Portuguesa**. 2. ed. São Paulo: Edições SM, 2018.
- CUNHA, C. F.; CINTRA, L. F. L. **Gramática contemporânea da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- CULIOLI, A. **Pour une linguistique de l'énonciation. Formalisation et opérations de repérage**. Paris: Ophrys, 1999.
- DIAS, L. F. **Aspectos de uma gramática explicativa: a ocupação do lugar de objeto direto**. In: Textura. Canoas: ULBRA, 2002.
- DIAS, L. F. Problemas e desafios na constituição do campo de estudos da transitividade verbal. In: SARAIVA, M. E. F.; MARINHO, J. H. C. (org.) **Estudos da língua em uso – relações inter e intra-sentenciais**. Belo Horizonte: UFMG, 2005, p. 101-122.
- DIAS, L. F. Novas perspectivas no ensino de gramáticas na escola: o estatuto do exemplo em questão. In: OLIVEIRA, S.E. de & SANTOS, J. F. dos. **Mosaico de linguagens**. Campinas: Pontes/CELLIP, 2006, p. 43-53.

DIAS, L. F. O Ensino de Sintaxe em Livros Didáticos. In: LIMA, M. A. F; COSTA, C. S. S. M; ALVES FILHO, F. (org.) **Relações Linguísticas e Literárias Aplicadas ao Ensino**. Teresina: EDUFPI, 2010, p. 191-208.

DIAS, L. F. **Enunciação e Relações Linguísticas**. Belo Horizonte: Pontes, 2018.

DIAS, L. F. **Redes enunciativas no ensino da língua portuguesa**. Vertentes & Interfaces II: Estudos Linguísticos e Aplicados. Fólio – Revista de Letras Vitória da Conquista v. 12, n. 1 jan./jun. 2020.

DIAS, L. F. Fundamentos: produção de sentidos. In: **O português brasileiro no cotidiano: enunciação e ensino**. 2021 (no prelo)

DUCROT, O. Esboço de uma teoria polifônica da enunciação. In: ____ **O Dizer e o Dito**. Campinas: Pontes, 1987, p. 161-220.

FIORIN, J. L. **As astúcias da Enunciação – as categorias de pessoa, espaço e tempo**. 2. ed. São Paulo: Ática, 2016.

FRANCHI, C. Indicações para uma renovação dos estudos gramaticais. In: **Mas o que é mesmo “gramática”?** São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

GUIMARÃES, E. **Semântica do Acontecimento**. Campinas: Pontes, 2002.

GUIMARÃES, Eduardo. **Análise de texto: procedimentos, análises, ensino**. Campinas: RG Editora, 2011.

GUIMARÃES, E. **Semântica do Acontecimento: um estudo enunciativo da designação**. 4. ed. Campinas-SP: Pontes, 2017.

GUIMARÃES, E. **Semântica: enunciação e sentido**. Campinas, SP: Pontes Editora, 2018.

MATEUS, M. H. M. *et al.* **Gramática da Língua Portuguesa**. 5. ed. revista e aumentada. Caminho Lisboa, 2003.

NEVES, M. H. M. **A Gramática do Português Revelada em Textos**. São Paulo: Unesp, 2018.

OLIVEIRA, T. A.; ARAÚJO, L. A. M. **Tecendo Linguagens**. 5. ed. São Paulo: FTD, 2018.

ORMUNDO, C; SINISCALCHI, W. **Se Liga na Língua: Leitura, Produção de Texto e Linguagem**. São Paulo: Moderna, 2018.

PERINI, M. A. **Gramática descritiva do português**. São Paulo: Ática, 2005.

PERINI, M. A. **Gramática descritiva do português**. São Paulo: Ática, 2016.

REICHENBACH, H. **Elements of symbolic logic**. New York: Macmillan, 1947.